



ANAIS DO VI SERGEL

REALIZAÇÃO



**Abdelhak Razky
Marilucia Barros de Oliveira
Alcides Fernandes de Lima
(Orgs.)**

ANAIS DO VI SERGEL
(Seminário Regional de Geossociolinguística)

**“Pesquisa Variacionista, Educação e Informática: ampliando as fronteiras
da formação em Letras na Amazônia”**

1ª edição

Versão Eletrônica

Belém/UFPA
UFPA / Faculdade de Letras
2017

1ª edição

Versão eletrônica (2017)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Seminário Regional de Geossociolinguística (6. 2017: Belém, PA). Pesquisa variacionista, educação e informática: ampliando as fronteiras da formação em Letras na Amazônia – ANAIS do VI Seminário Regional de Geossociolinguística / Abdelhak RAZKY; Marilucia Barros de OLIVEIRA; Alcides Fernandes de LIMA (organizadores). Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2017.

203 p.

1ª Versão eletrônica

Modo de acesso: <<http://geolinterm.com.br/sergel/>>

Seminário realizado na Cidade Universitária Professor José da Silveira Netto da Universidade Federal do Pará, no período de 28 a 30 de outubro de 2015.

ISBN - 978-85-64233-17-1

1. Dialetoлогия. 2. Sociolinguística. 3. Socioterminologia. 4. Ensino de línguas. 5. Educação indígena.



Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr. Carlos Edilson de Almeida Maneschky – Reitor

Programação de Pós-Graduação em Letras - PPGL

Profª. Dra. Tânia Pantoja Sarmiento – Coordenadora

Prof. Dr. Sidney Facundes – Vice coordenador

Coordenação Geral

Abdelhak Razky

Marilucia Barros de Oliveira

Alcides Fernandes de Lima

Comissão Organizadora

Carlene Ferreira Nunes Salvador

Eliane Oliveira da Costa

Rosângela de Oliveira Teixeira

Sandra Regina Feteiro

Brayna Conceição dos S. Cardoso

Fábio Xavier da Silva Araújo (†)

Rejane Umbelina G. S. Oliveira

Simone Negrão de Freitas

Comissão Científica

Prof. Dr. Abdelhak Razky (UFPA)

Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)

Profª. Drª. Alzerinda de Oliveira Braga (UFPA)

Profª. Drª. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UNB)

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes (UECE)

Prof. Dr. Arlon Francisco Carvalho Martins (SEDUC-PA)

Prof. Dr. Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA)

Profª. Drª. Eliete de Jesus Bararuá Solano (UEPA)

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

Profª. Drª. Maria Risoleta Silva Julião (UFPA)

Profª. Drª. Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)

Profª. Drª. Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

Profª. Drª. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA)

Apoio

Celiane Sousa Costa

Denise Ramos Cardoso

Fernanda Analena F. B. da Costa

Flávia Helena da Silva Paz

Josué Leonardo S. S. Lisboa

Josevaldo Alves Ferreira

Maria Doraci G. Rodrigues

Maria Eneida Pires Fernandes

Regis José da Cunha Guedes

Romário Duarte Sanches

Maria Ivanete de Santana Félix

Amanda Carolyne P. Silva

Ana Paula Tavares Magno

Davi Pereira de Souza

Diego Coimbra dos Santos

Francelize Melo Monteiro

Gabriela de Andrade Batista

Rodrigo Castro Rodrigues

Jaqueline de Andrade Reis

Desenvolvedores:

Fábio Xavier da Silva Araújo (†)

Rodolfo Rodrigues da Cruz

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
USO DA MÁQUINA FOTOGRÁFICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS.....	5
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA E EM GUINÉ-BISSAU.....	15
O JORNAL ESCOLAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO.....	26
DICIONÁRIO ESCOLAR: ASPECTOS DIATÓPICOS.....	37
A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LINGUA MATERNA: UMA ABORDAGEM DO LIVRO DIDÁTICO DE LINGUA PORTUGUES.....	51
ESTUDOS FRASEOLÓGICOS E SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	74
TERMINOLOGIA DO CUPUAÇU.....	85
A REDUÇÃO DE /E/ E /O/ ÁTONOS PRETÔNICOS: FREQUÊNCIA DESTE FENÔMENO NOS DIFERENTES NÍVEIS ESCOLARES.....	98
O USO DA TERMINOLOGIA "HIPERTEXTO" EM SALA DE AULA: UM PRESSUPOSTO PARA INSERÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL.....	109
A VARIAÇÃO LEXICAL EM BRAGANÇA E VISEU SOB A PERSPECTIVA DO ALiPA.....	117
OS NEOLOGISMOS DAS REDES SOCIAIS CONTRIBUINDO NA COMPREENSÃO DO LÉXICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	129
WHATSAPP: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO DO INTERNETÊS.....	136
DA CORTE PORTUGUESA À TERRA DO AÇAÍ: O "S" CHIADO NA FALA PARAENSE.....	148
TENDÊNCIAS DO PENSAMENTO LINGUÍSTICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES À CIÊNCIA DA LINGUAGEM.....	168
A LINGUAGEM REGIONAL-POPULAR NA CANÇÃO "INFÂNCIA FELIZ".....	170
A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS TEXTOS ORAIS E ESCRITOS DE ALUNOS CAMPESINOS.....	182
O PORTUGUÊS EM CONTATO COM LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ EM ÁREAS INDÍGENAS DO ESTADO DO PARÁ.....	194

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que publicamos os textos dos participantes do VI Seminário Regional de Geossociolinguística (VI SERGEL). O SERGEL é um evento organizado anualmente pelo grupo de pesquisa do Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia – GeoLinTerm (www.geolinterm.com.br) –, projeto que está vinculado ao Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). O SERGEL se configura como um evento de caráter regional, mas com importante contribuição de participantes de várias regiões do Brasil e até do exterior. Seu objetivo principal é integrar pesquisa, ensino e extensão, aproximando a graduação e a pós-graduação no Curso de Letras, a fim de contribuir para a ciência e a educação na região amazônica.

A cada edição, o evento apresenta uma nova temática, sempre procurando abranger a pesquisa, o ensino e a extensão. Nesta sexta edição, o evento teve como temática a “**Pesquisa variacionista, educação e informática: ampliando as fronteiras da formação em Letras na Amazônia**”. A escolha dessa temática teve como foco promover um fórum ampliado de discussão e divulgação de pesquisas sobre a diversidade linguística e o ensino de língua, pondo em evidência a necessidade de domínio, pelos professores e profissionais da área de letras, de ferramentas computacionais que possibilitem uma melhor atuação desses profissionais, seja na pesquisa, seja em sala de aula.

Desde a primeira edição em 2009, o SERGEL conta com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará. Para a concretização do evento, contamos com o apoio financeiro da CAPES, FAPESPA e dos Cursos Livres (do ILC). A todos estes, registramos nossos sinceros agradecimentos.

Agradecemos a todos os envolvidos na organização a efetiva do Evento. Em particular, destacamos a dedicação e a competência da secretaria do Evento, formada por alunos (da graduação e da pós-graduação) que trabalharam com toda dedicação para a realização do VI SERGEL. Nosso agradecimento especial a: Carlene Ferreira Nunes Salvador, Eliane Costa, Fábio Xavier da Silva Araújo (†), Rosangela de Oliveira Teixeira e Jaqueline Reis.

Comissão Organizadora.

USO DA MÁQUINA FOTOGRÁFICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

Aline Silva Fontinele (UFPA)¹
alinefontinele2253@hotmail.com

RESUMO: Atribui-se o uso da fotografia no processo de ensino e aprendizagem uma ferramenta considerável a essa construção pessoal e/ou científica, uma vez que a fotografia se torna um instrumento fidedigno do que é real. A referida pesquisa aborda o uso da máquina fotográfica no processo de ensino e aprendizagem nas séries iniciais, tendo como parâmetros as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas para que o alunado adquira habilidade do registro diário como mecanismo na aquisição da escrita. Dentro desse contexto, apresenta-se a questão que norteou e direcionou este trabalho: Como a imagem fotográfica influencia e/ ou contribui na modificação dos gêneros textuais no ensino fundamental? O objetivo desse trabalho foi investigar se a imagem fotográfica influencia e/ou contribui na modificação dos gêneros textuais nas séries iniciais, no intuito de desenvolver habilidades dentro do processo de ensino e aprendizagem, através do uso do registro escrito e visual. Para coleta de dados solicitou-se aos alunos do 5º ano/9 da Escola Estadual de Ensino Fundamental José de Anchieta, Bragança-PA, o registro visual e escrito de ambientes que favoreceram tais produções. A análise dos registros fotográficos e escritos permitiu-nos perceber que aplicabilidade destes gêneros em sala de aula proporciona um ensino-aprendizagem promissor aos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas escolares. Imagem fotográfica. Ensino-aprendizagem.

Introdução

A referida pesquisa aborda o uso da máquina fotográfica no processo de ensino e aprendizagem nas séries iniciais, tendo como parâmetros as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas para que o alunado adquira habilidade do registro diário como mecanismo na aquisição da escrita. Assim, atribui-se o uso da fotografia no processo de ensino e aprendizagem uma ferramenta considerável a essa construção pessoal e/ou científica, uma vez que a fotografia se torna um instrumento fidedigno do que é real.

Para Dubois (1993, p. 25) "a foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra". Por isso, considera-se que o registro fotográfico e o registro escrito contribuem para a formação de um pensamento conciso e preciso dos fatos que o circunda além de fomentar o indivíduo à praticidade do uso da língua materna em diferentes situações e de diversas maneiras que exija a sua expressão oral, escrita e visual. Segundo Bakhtin (2003):

¹ Graduanda em Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, no Instituto de Educação Matemática e Científica - IEMCI, pela Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: alinefontinele2253@hotmail.com

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

Dito que a heterogeneidade discursiva é uma fonte inesgotável de possibilidades na ação humana (escrita e oral) pela abrangência que cada discurso apresenta linguisticamente. Assim, os elementos dos gêneros do discurso são essenciais para a construção de textos que circulam na sociedade, uma vez que, os gêneros encontram-se produzidos e disponíveis historicamente em nossa cultura de maneira relativamente estáveis, e sua escolha perpassa pela atividade humana em relação ao uso da língua (BAKTHIN, 2003). Por isso, surge a necessidade de se compreender e dominar esse vasto campo de gênero discursivo.

Os gêneros por si só já apresentam um valor considerável a formação do indivíduo. Se a escola adotar o estudo dos gêneros textuais, com tamanha veracidade, torna-se possível ao indivíduo agregar ao seu conhecimento a variedade dos enunciados, dos textos orais e escritos, do modo como estes se apresentam e circulam entre os falantes e leitores para assim alcançar a principal ação que é a comunicação entre si.

Assim, para a realização do estudo escolheu-se a Escola Estadual de Ensino Fundamental José de Anchieta, localizada a travessa João XXIII, 150, centro, na cidade de Bragança, Estado do Pará. A escola atende crianças do centro e em sua grande maioria das áreas periféricas da cidade, o que nos possibilita ingressar no âmbito escolar um novo olhar para o uso de ferramentas (celulares com câmeras fotográficas) que de certa maneira incomoda muitos professores e que são cada vez mais frequentes em salas de aula.

De caráter social, educacional e técnico, a pesquisa-ação possibilita-nos (pesquisador) condições de investigações com olhar crítico e reflexivo sobre a problemática. Nela os envolvidos (pesquisador e pesquisados) desenvolveram práticas significativas no processo do ensino-aprendizagem.

Portanto, os sujeitos envolvidos no processo são os alunos, do 5º ano/9, da referida escola, professores, supervisores pedagógicos, diretores e família que participam da formação e/ou ensino-aprendizagem de uma comunidade. Assim, é de suma importância que as pessoas envolvidas deem, de fato, o devido valor ao conhecimento e a experiência trazida por cada indivíduo ao âmbito escolar, para que o desenvolvimento intelectual de todos seja construído dentro de um contexto social.

Considerando "a criança como sujeito capaz de aprender a ler, compreender, produzir e interpretar textos, agir e transformá-los, em diferentes atos de comunicação e de

aprendizagem significativa” (TRESCASTRO, 2015, p, 124) que a coleta de dados ocorreu a partir da solicitação aos alunos e familiares (por se tratar de manuseio de equipamentos fora do ambiente escolar) o registro diário (visual e escrito) de ambientes que favoreçam o desenvolvimento das práticas sociais, além da formação social do indivíduo por contemplar espaços históricos ao quais essas crianças são pertencentes.

A pesquisa aborda dois gêneros (fotografia e diário) considerados importantes para a formação acadêmica e pessoal do indivíduo, por isso tem como em sua base a associação da teoria e da prática para fazermos uma leitura acerca da aplicabilidade desses dois instrumentos, referentes na pesquisa, no processo de ensino e aprendizagem no recinto escolar.

Nessa perspectiva a pesquisa parte do questionamento de como a imagem fotográfica influencia e/ou contribui na modificação dos gêneros textuais no ensino fundamental e, tem como objetivo investigar o uso deste gênero “fotografia” dentro do processo de ensino e aprendizagem, através do registro visual e escrito para o desenvolvimento das habilidades das práticas sociais. Para a continuidade do trabalho fez-se necessário contemplar o ensino do gênero “diário” nas aulas de Língua Portuguesa para direcionar e aplicá-lo em outras ações pedagógicas e áreas afins.

Escola: espaço favorável à construção do conhecimento e formação de cidadãos

Por muitos anos na história da educação, apresentamos escolas cujas funções eram tão somente instruir o alunado com seus conteúdos que precisavam ser assimilados e com modelos que deveria ser imitados por todos com as devidas orientações dos professores no intuito de atender as necessidades da sociedade.

Assim, tínhamos o professor como centro do conhecimento e com este o papel de transmitir os saberes acumulados de geração a geração e, aos alunos cabia à recepção passiva de todo o processo educacional (VAGULA, 2014, p. 5). Ou seja, o espaço escolar contribuía para uma educação direcionada a força de trabalho, da qual preparava o aluno para produção e não para os questionamentos, os pensamentos críticos e reflexivos.

Deste modo o cenário de ensino não apresentava nenhum atributo para o estímulo e nem para uma aprendizagem significativa aos educandos, o que se via e/ou tinha eram pessoas sendo formadas passivamente diante dos acontecimentos da sociedade daquela época. Isto é, aprendiam-se as práticas sociais, porém eram ensinamentos desvinculados da realidade do sujeito.

A escola formava indivíduo dentro de um modelo mecanizado, idealizado, mas tem-se a necessidade de romper com essa tendência tradicional e reformular a educação. Agora, faz-se jus estabelecer vínculos entre escola, família e sociedade e assim conferir parâmetros que priorizam o desenvolvimento de habilidades não só individuais, mas coletivamente dos alunos em prol da dialogicidade, da comunicação.

Freire (1996, p. 86) no diz que: "A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto". Ou seja, o importante nisso tudo é que os figurantes da educação entendam que suas ações, suas posturas, suas curiosidades serão preponderantes a sua construção do conhecimento. E, nesse momento, de permuta entre as tendências educacionais e onde todos são determinantes para a formação de um indivíduo político-histórico-cultural-social, torna-se importante que a escola permita ao aluno tecer sua própria identidade.

Em virtude dessa mudança Lerner (2002) nos diz que:

Para que haja uma transformação verdadeira do ensino da leitura e da escrita, a escola precisa favorecer a aprendizagem significativa, abandonando as atividades mecânicas, e sem sentido, que levam o aluno a compreender a escrita como uma atividade pura e unicamente escolar.

A aprendizagem parte da experiência social. Essa mediação entre linguagem e ação, ou seja, esta interrelação contribui para a formação do indivíduo participativo, crítico e capaz de intervir pragmaticamente ante a sociedade.

Isto implica dizer que o sistema de ensino e aprendizagem exige da escola professores e alunos criadores, questionadores, inquietos, críticos e reflexivos em razão de uma aprendizagem contextualizada e significativa aos sujeitos.

Por isso, a escola como espaço de construção de conhecimento e de formação de cidadãos aptos a exercer suas práticas sociais, necessita disponibilizar a comunidade estudantil um ambiente propício à discussão e a formulação de mecanismos que levem à produção, a compreensão, a interpretação e a memorização dos processos escritos e orais por meio de instrumentos visuais e outros.

Sabe-se que as atividades pedagógicas direcionadas ao convívio diário do discente leva a reflexão do uso dos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade com o objetivo comunicativo.

Os gêneros por si só já apresentam um valor considerável a formação do indivíduo. Se a escola adotar o estudo dos gêneros textuais, com tamanha veracidade, torna-se possível ao indivíduo agregar ao seu conhecimento a variedade dos enunciados, dos textos

orais e escritos, do modo como estes se apresentam e circulam entre os falantes e leitores para assim alcançar a principal ação que é a comunicação entre si.

Portanto, considerar o processo de aquisição das faculdades educacionais, como: a interação, a funcionalidade, a contextualidade e a atuação destas no intuito de formar o cidadão apto a empregar tais habilidades é compreender que as práticas sociais estão a serviço das pessoas e, portanto, suas reais ações são concretizadas no ato comunicativo. Isto é, para sua concretude as práticas se constroem e/ou se transformam com a interrelação entre a teoria e a prática.

Nesta perspectiva, entende-se a cultura escolar como formadora de pessoas capazes de assimilar conhecimentos, de formar indivíduos com a capacidade de ensinar que as diferenças (sejam elas quais forem) podem ser trabalhadas em sala de aula, reelaborando, assim, a cultura escolar no dia-a-dia a partir da individualidade de cada um para se adaptarem ao tempo e ao espaço em que vivem.

Segundo Cagliari (1992, p. 174-175) "a escola deve acompanhar a evolução do mundo, mas ela é também uma guardiã da tradição. Do equilíbrio entre as duas coisas nasce a verdadeira formação que deve dar a seus alunos". Mas para isso pressupõem-se mudanças educacionais na forma de planejar, de ensinar, de avaliar e organizar o conhecimento, e para tais ações o professor tem o papel de instruir, de aprimorar o conhecimento dos seus alunos, futuros educandos reflexivos, críticos e ativos na sociedade.

Para Freire (1996, p. 77) um dos quesitos indispensáveis a mudança é saber que não somos objetos da história, mas sujeitos igualmente. E nesse mundo dos saberes (História, cultura e política) deve-se apreciá-los não somente para estarmos adaptados e sim para mudarmos.

Assegurados por documentos oficiais para adequar o ensino e a aprendizagem das práticas sociais, as escolas se beneficiam desses instrumentos escritos para promover uma educação voltada ao exercício da cidadania.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - 9394/96) define que socialização é uma das principais funções das instituições educativas, direcionadas para o Ensino Básico remetendo-nos a um contexto escolar onde as crianças devem ser inseridas numa sociedade em que está em constante transformação, permitindo-as viverem com qualidade e apropriem-se de conhecimentos necessários para se efetivar a socialização, ou seja, é preciso ofertar aos alunos uma estrutura psicológica e cognitiva.

Para que se tenha um ensino de qualidade é fundamental universalizar as diferenças buscando melhorias na qualidade da Educação através da integração da família junto à escola para colaborar na construção da identidade de cada discente, uma vez que a família é

o alicerce para essa construção e a escola a responsável por aprimorar o ensino e o aprendizado e a compreensão na convivência diária com o aluno.

Antunes (2009, p. 188) nos diz que: “à escola é concedida uma prioridade nessa tarefa, não se exclui, contudo, a intervenção de outras instituições sociais, como a família, os meios de comunicação, as associações comunitárias e tantas outras”.

Portanto, analisar cada grupo que compõe o ambiente escolar e oferecer, por meio de parcerias com órgãos competentes, cursos, oficinas e outras ações formadoras/educativas para que a escola adapte-se ao contexto social, para assim, também, estar em constante transformação, melhorando o conhecimento e o saber de cada pessoa é apresentar a sociedade uma escola aberta à diversidade de linguagens, conteúdos, formatos e expressões que integram a vida do indivíduo, em especial os ambientes de comunicação social e de construção de conhecimento, torna-se um espaço favorável ao ensino e aprendizagem.

A comunicação visual e sua importância no processo de ensino e aprendizagem nas séries iniciais

A história nos apresenta a comunicação sofrendo mudanças. Passamos pelo período em que as iconografias eram uma das principais fontes de informação entre os povos habitantes de uma região e suas futuras gerações. Porém os avanços tecnológicos contribuíram e ainda contribuem de forma marcante a formação da sociedade.

O ingresso da câmara fotográfica como registro documental da expressão cultural (monumentos, habitações, costumes, fatos sociais e outros) gerou um novo olhar, diante de situações conhecidas, anteriormente, pelas comunidades próximas e locais, no instante que estas imagens ganharam outra dimensão e as informações alcançaram outras regiões pela facilidade de serem reproduzidas e repassadas adiante (KOSSOY, 2012, p. 28-29).

Ainda segundo Kossoy (2012, p. 39) “a imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos”. Por essa óptica, o registro visual apresenta a sociedade uma parte da história com sua veracidade momentânea, ou seja, a imagem adquire uma característica específica diante dos fatos, mesmo que estes (cenários, personagens e etc.) pereçam em função do tempo.

Compreender o papel e o lugar da fotografia na sociedade é entender que as tecnologias estão adentrando os espaços sociais com tamanha velocidade e facilidade e com um público ainda muito jovem. É preciso que os educadores acrescentem valores históricos a

esta tecnologia no intuito de utilizá-la como instrumento de aquisição de conhecimento interdisciplinar. Assim, a escola deve priorizar o ato comunicativo, seja ele qual for, no sentido de permitir um estudo maior acerca das diversidades dos gêneros que circulam na sociedade.

De comum acordo com esta abertura a diversidade que o estudo do gênero – “diário” “pouco” trabalhado em aulas de Língua Portuguesa e em áreas afins (ciência, história e etc.) permite ao aluno adquirir o hábito do registro diário, seja ela pessoal e/ou científico.

Como fator primordial para essa concretude, está no modo de proceder dos docentes em inovar o cenário que conduzirá o aluno a adquirir esse olhar receptivo e crítico no processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias (fotografia) na construção desse conhecimento.

Procedimentos metodológicos e Análise dos resultados

A pesquisa de caráter social, educacional e técnico, apresenta uma pesquisa-ação possibilita-nos (pesquisador) condições de investigações com olhar crítico e reflexivo sobre a problemática. Nela os envolvidos (pesquisador e pesquisados) desenvolveram práticas significativas no processo do ensino-aprendizagem. Deste modo, os sujeitos envolvidos no processo são os alunos, do 5º ano/9, da referida escola, professores, supervisores pedagógicos, diretores e família que participam da formação e/ou ensino-aprendizagem de uma comunidade.

Sendo assim, é de suma importância que as pessoas envolvidas deem, de fato, o devido valor ao conhecimento e a experiência trazida por cada indivíduo ao âmbito escolar, para que o desenvolvimento intelectual de todos seja construído dentro de um contexto social.

Nessa perspectiva o trabalho teve início com as observações no ambiente escolar para conhecimento do espaço e dos sujeitos envolvidos. E, em outro momento, realizou-se uma roda de conversa sobre o uso do diário de bordo e a imagem fotográfica no processo de ensino e aprendizagem, com um olhar interdisciplinar para sua administração em atividades extraescolar.

Após, essa conversa dividiu-se a turma em equipes pequenas, e os alunos em conjunto com a pesquisadora elencaram os espaços que serviram de instrumentos para a pesquisa. Também organizaram o cronograma para a entrega do material e em seguida,

distribuiu-se o material (diário) aos alunos para a realização dos registros das atividades a serem desenvolvidas pelos estudantes.

Durante o processo surgiram algumas dúvidas como: o que devo e como devo escrever num diário, foram questionamentos pertinentes entre as equipes impulsionando, assim a professora a intervir com a organização de um plano de aula contemplando o gênero – diário.

De posse desse conhecimento as crianças seguiram normalmente com o trabalho extraescolar, e conforme programado foi atribuído tempo suficiente aos alunos para a produção, a seleção e a organização dos registros escritos e imagéticos que serviriam para a apresentação do material a pesquisadora.

Um dos aspectos importante deste trabalho foi o momento desta entrega de material, a qual a pesquisadora e a professora da turma organizaram (sem o conhecimento dos alunos) um momento de socialização das ações desenvolvidas nas atividades de cunho “pessoal” das crianças. Donde desta atividade surgiram outras ideias (das equipes) de pesquisas envolvendo outros instrumentos e gêneros que servirão de instrumentos para as aulas da professora da turma do 5º ano do Ensino Fundamental, como se pode ver nas Figuras 1 e 2.



Figura 1- Instrumentos utilizados pelos músicos da marujada.

Fontes: Pesquisa de campo, 2015.

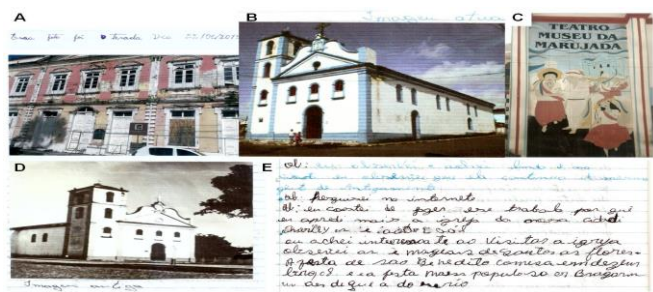


Figura 2 – Imagens selecionadas do diário de bordo da turma do 5º ano/9. A) Prédio antigo da Prefeitura de Bragança; B) Igreja de São Benedito (atual); C) Teatro Museu da Marujada; D) Igreja de São Benedito (antiga); E) Registro da equipe sobre suas expectativas na produção da atividade.

Portanto, a análise dos registros fotográficos e escritos permitiu perceber que a aplicabilidade destes gêneros em sala de aula proporciona um ensino-aprendizagem promissor aos educandos relacionados ao uso das práticas sociais em suas reais funções. Além de comprovar que a interdisciplinaridade presente nos estudos dos gêneros textuais alimenta o interesse dos sujeitos em socializar, seja ela (escrita ou oral), o que é significativo aprender e compartilhar para a formação do indivíduo.

Considerações Finais

A partir do desânimo e da não compreensão dos alunos em conceber o ensino de história, possibilitou delinear e executar uma proposta diferenciada que atendesse as necessidades de aprendizagem das práticas sociais tendo em vista a formação dos alunos do 5º ano/9 do ensino fundamental com uma perspectiva interdisciplinar e extraescolar, envolvendo um instrumento bastante frequente nas salas de aulas como os celulares com câmeras fotográficas os quais muitas vezes são causadores de indisciplinas por parte dos alunos.

A observação *in loco* serviu para a organização de uma conversa estruturada entre professor e alunos, assim como apresentar a forma do desenvolvimento do trabalho, durante a execução das atividades, que contemplou o uso da leitura através das imagens fotográficas e a escrita através dos registros coletivos em seus diários.

Da forma como foi conduzida a pesquisa possibilitou aos alunos a realização dos trabalhos de uma maneira “descompromissada” dos ensinamentos obrigatórios instituídos pelo conteúdo escolar, uma vez que as crianças absorveram as ações como uma diversão. Ou seja, naquele momento as crianças assumiram a característica de um investigador em busca de fatos existentes na história de sua cidade, ao mesmo tempo em que adquiriam conhecimento sócio-histórico-cultural sem ao menos questionar se o que estavam realizando fazia parte de um ensino instituído pelos parâmetros curriculares. Tem-se assim, entre os alunos o interesse, o estímulo em aprender e socializar o que descobriu ao realizar a tarefa.

Com base na pesquisa e análises, concluiu-se que o uso da imagem fotográfica, ao tomar como suporte o diário contribuiu e modificou o ensino dos gêneros textuais no ensino fundamental, além de atender as necessidades de se aplicar em sala de aula e/ou como trabalho extraescolar os aparelhos tecnológicos que nesta pesquisa ganhou uma significação educacional com a intervenção dos próprios alunos para a aquisição das práticas sociais.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: Outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo Martins Fontes, 1997. p. 278-288.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1992. p. 190.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 9.ed. Campinas: Papyrus, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LENER, Délia. **Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/70531973/10-LERNER-Delia-Ler-e-escrever-na-escola-O-real-o-possivel-e-o-necessario#scribd>>. Acesso em: 18 out. 2015.

TRESCASTRO, Lorena Bischoff. FRAGMENTOS DA LEITURA ESCOLAR: PRÁTICAS LEITORAS RESSIGNIFICADAS EM FOTOGRAFIAS. **Interdisciplinar**. Ano X, v. 22, jan./jun. 2015, n., p.123-138. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/3837/3239>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

VAGULA, Edilaine et al. **Didática**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.a., 2014. 184 p.

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA E EM GUINÉ-BISSAU

Ana Keyla Carmo Lopes²
(Universidade Federal do Ceará)
Maria Elias Soares
(Universidade Federal do Ceará)

RESUMO: Neste trabalho, investigaremos o processo de alfabetização em Língua Portuguesa em Angola e em Guiné-Bissau, os quais são integrantes dos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), com base em entrevistas retiradas do *corpus* do PROFALA. Para isso, seguiremos as concepções de Calvet (2007), nas quais o autor aponta que a política linguística trabalha com relevantes decisões referentes à inter-relação entre língua e sociedade; e o planejamento linguístico representa a implementação da política linguística em sociedade. Analisaremos uma amostra constituída por dezenove entrevistas de estudantes universitários de cada um dos países citados, especificamente, relacionados a duas perguntas, a saber: "Fale sobre o seu processo de alfabetização em Língua Portuguesa"; "Fale sobre o papel de sua língua materna nesse processo de alfabetização". Essas entrevistas compõem o *corpus* do projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), o qual adaptou o questionário do Atlas Linguístico Brasileiro (ALIB) para a realização das entrevistas.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de alfabetização. Língua Portuguesa. PALOPs.

Introdução

Através desta pesquisa, temos o interesse de ter acesso a informações sobre os países Angola e Guiné-Bissau integrantes dos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) no que diz respeito ao processo de alfabetização da língua portuguesa, de acordo com entrevistas retiradas do *corpus* do Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA).

Ressaltamos que, neste trabalho, no que diz respeito à noção de política linguística, seguimos as considerações de Calvet (2007), nas quais o autor ressalta que a política linguística (responsável pelas relevantes decisões referentes à inter-relação entre língua e sociedade) e o planejamento linguístico (responsável pela implementação da política linguística em sociedade) representam binômios indissociáveis que devem ser abordados de forma inseparável em um estudo relacionado à política linguística. Além disso, Calvet (2007) ressalta que esses conceitos são recentes.

Salientamos que a escolha do *corpus* proveniente do PROFALA foi motivada, principalmente, por este ser um espaço com alto grau de interatividade e por ser constituído por entrevistas significativas e produtivas referentes aos objetivos desta pesquisa.

² Bolsista CAPES/ PNPd.

Este trabalho possibilita aprimorar estudos referentes à língua portuguesa nos PALOPS, bem como permite evidenciar o fato de o português ter o *status* de sexta língua mais falada mundialmente, o que o faz assumir uma participação ativa e efetiva em instâncias internacionais e em operações humanitárias. Em outras palavras, a língua portuguesa contribui para relevantes organismos internacionais, por exemplo, através da comunicação por meio dessa língua nesses vários países, pode estabelecer-se a manutenção da paz entre eles e entre demais países que também têm o português como língua oficial.

Consideramos relevante estudar o processo de alfabetização dos países Angola e Guiné-Bissau, para verificarmos as similaridades e distinções da ocorrência desse processo nesses países, uma vez que, em Angola, segundo Salomão (2012), mais de 30% da sua população fala português como língua principal (60% em Luanda, capital de Angola); e, em Guiné-Bissau, apenas, 13% da população fala o português, conforme Embaló (2008).

Acreditamos que esta pesquisa possibilitará um aprimoramento sobre a temática em questão, uma vez que ela se propõe a investigar, de forma qualitativa, os pontos de vista de estudantes universitários referentes ao processo de alfabetização da língua portuguesa nos países em estudo.

Política Linguística

A política linguística (PL) aborda a relação entre o poder e as línguas, ou mais precisamente, trabalha com as grandes decisões políticas sobre as línguas e seus usos em meio social. Por exemplo, (pre)ocupa-se com quais línguas podem ou não podem ser utilizadas em determinados contextos, sejam eles oficiais ou não; bem como verifica como as línguas são promovidas ou proibidas, por meio de ações estabelecidas, principalmente, pelo Estado sobre seus falantes, o que designa uma política de *status*, e observa como as línguas são instrumentalizadas para determinadas situações de usos, o que representa uma política de *corpus* (CALVET, 2007).

Calvet (2007) aponta para o binômio: política linguística e planejamento linguístico. A política linguística é entendida como “determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade” (CALVET, 2007, p. 11) e planejamento linguístico é considerado como responsável pela implementação dessa política. Para o autor, esses termos são indissociáveis, uma vez que a política linguística não deve ser separada, ou abordada de forma estanque, de sua aplicação. Calvet (2007, p. 12) afirma que,

A política linguística é inseparável de sua aplicação [...]. O sintagma *language planning*, traduzido para o português por planejamento linguístico, apareceu em 1959 em um texto de Einar Haugen sobre os problemas linguísticos da Noruega. O autor procurava mostrar nesse trabalho a intervenção normativa do Estado (por meio de regras ortográficas, por exemplo) para construir uma identidade nacional depois de séculos de dominação dinamarquesa.

Em relação aos termos política linguística e planejamento linguístico, Rajagopalan (2013, p. 29) afirma:

O termo *política linguística* em português encobre tanto as decisões tomadas no nível mais geral e macro, como também as atividades que contribuem para implementá-las. O termo *planejamento linguístico* é utilizado para designar a política linguística na sua segunda acepção. Mas, não há um termo popularmente aceito em português que se refira exclusivamente à política linguística em sua primeira acepção. Essas duas fases são designadas em uma língua como o inglês com auxílio de palavras distintas, a saber, *language policy* e *language planning*.

Rajagopalan (2013), ao procurar especificar a(s) área(s) de abrangência da política linguística como disciplina, aponta que o linguista profissional deve ser entendido como um cidadão que deve e pode participar de ações de políticas linguísticas, porém ele não pode assumir para si o papel de tecnocrata dessas ações. Vejamos as seguintes palavras de Rajagopalan (2013, p. 19):

Sem sombra de dúvida, a militância faz parte daquilo que chamamos de política linguística; mas é importante frisar que ela faz apenas uma pequena parte, ainda que vital. O campo de política linguística encobre muito mais que a militância linguística. E, com certeza, não se restringe, ao ativismo político em prol desta ou daquela causa envolvendo a questão linguística.

Para Pinto (2010, p. 49),

A política de língua, ou seja, o conjunto de tentativas explícitas e implícitas de regulação das práticas linguísticas de uma comunidade pode radicar em iniciativas do respectivo Estado – nível macro -, de grupos ou organizações – nível meso – ou de um indivíduo – nível micro.

Conforme Mateus (2002), a política linguística refere-se, geralmente, ao uso e à difusão de uma língua, principalmente, levando em consideração dois contextos: 1) língua vista como veículo de escolarização de comunidades, as quais a usam como língua segunda;

2) língua entendida como referência sociopolítica e cultural nos espaços em que é língua estrangeira.

Política linguística pode ser compreendida como um conjunto de ações estabelecidas e concretizadas pelas autoridades governamentais de um grupo, pretendendo o benefício individual e coletivo dos cidadãos que falam determinada língua (MATEUS, 2009).

Destarte, a política linguística possibilita-nos um melhor entendimento das diversas línguas, variantes, dos diversos dialetos, entre outros, em ocorrência em determinado meio social.

Processo de alfabetização

O processo de alfabetização refere-se ao processo de aquisição da linguagem verbal escrita e oral, das múltiplas habilidades relacionadas à leitura e à escrita, levando em consideração as diversas perspectivas, por exemplo, psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística (SOARES, 1985; 2004).

Segundo Ferreiro (1996, p. 24), “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. Posteriormente, a autora afirma:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p. 23).

Como podemos verificar, de acordo com Ferreiro (1999), o processo de alfabetização pode realiza-se anterior o ingresso do indivíduo no ambiente escolar. Em outras palavras, o conhecimento de uma língua dá-se também no ambiente familiar, cabendo à escola, na maioria das vezes, o aperfeiçoamento e o aprimoramento de uma determinada língua.

Não há uma hierarquização no processo de alfabetização, pois o professor deve ser o mediador do conhecimento, segundo Freire (1982), e deve possibilitar que os estudantes tenham um posicionamento crítico sobre esse processo, uma vez que, antes de frequentar a escola, o estudante já tem uma bagagem sobre a sua própria língua e a sua própria identidade, ou seja, o estudante tem conhecimento de mundo, o qual deve ser levado em consideração no processo de alfabetização de determinada língua.

Assim, nesta pesquisa, verificamos como os estudantes universitários provenientes de Angola e Guiné-Bissau vivenciaram o processo de alfabetização da língua portuguesa nos países mencionados, como ressaltamos.

Metodologia

Analizamos uma amostra constituída por dezenove entrevistas de estudantes universitários dos países Angola e Guiné-Bissau, especificamente, relacionadas a duas perguntas do questionário metalinguístico, a saber: "Fale sobre o seu processo de alfabetização em Língua Portuguesa"; "Fale sobre o papel de sua língua materna nesse processo de alfabetização". Ressaltamos que o questionário metalinguístico é composto por 10 (dez) questões, nas quais selecionamos a duas citadas, porque elas estão relacionadas ao processo de alfabetização de língua portuguesa nesses países.

Essas entrevistas compõem o *corpus* do projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), da Universidade Federal do Ceará/UFC, o qual adaptou o questionário do Atlas Linguístico Brasileiro (ALIB) para a realização das entrevistas.

Em outras palavras, o *corpus* desta pesquisa será do banco de dados que está sendo constituído pelo PROFALA, mediante a aplicação do questionário do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). O questionário do ALIB é constituído por cinco questionários que focalizam aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais, morfossintáticos, pragmáticos e metalinguísticos da Língua Portuguesa. Este último foi adaptado para a realidade dos países dos informantes envolvidos na pesquisa. Na constituição do banco de dados, o PROFALA organizou a coleta de dados de acordo com as seguintes variáveis: país de origem, sexo e tempo de permanência no Brasil, idade e escolaridade. Isso resultará na coleta de vinte entrevistas de cada país participante da pesquisa, a saber: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Análise dos dados

Como salientamos, analisamos um *corpus* composto por dezenove entrevistas de estudantes universitários dos países Angola e Guiné-Bissau, especificamente, referentes a duas perguntas do questionário metalinguístico, a saber: "Fale sobre o seu processo de

alfabetização em Língua Portuguesa”; “Fale sobre o papel de sua língua materna nesse processo de alfabetização”. Passemos a essas análises, a seguir.

Angola

Segundo Salomão (2012), Angola é o terceiro país lusófono, no qual 30% da sua população fala português como língua principal, sendo 60% em Luanda, a capital de Angola. A variante do português usado, nesse país, é denominada “português angolano”.

No que diz respeito ao questionamento “Fale sobre o seu processo de alfabetização em Língua Portuguesa”, a maioria dos estudantes aponta que esse processo realizou-se, primeiramente, no ambiente familiar, e, posteriormente, esse processo foi aperfeiçoado e aprimorado no ambiente escolar, como podemos constatar nas seguintes entrevistas:

21ª ENTREVISTA – (S.J.S.E.) - Angola

Doc.: [...] você lembra como você aprendeu português ou não” como você começou aprender”

Inf.: eu aprendi português:: primeiro em Ca::sa

Doc.: então na sua casa já (se comunicava em português)

Inf.: cada vez com a família depois aprender regri::nhas

94ª ENTREVISTA – (F.G.T.H.) - Angola

Doc.: cer::to e fale um pouquinho sobre o seu proce::sso de alfabetização em língua portugue::sa(+) você já nasceu falando língua portugue::sa”

Inf.: sim

Doc.: ou a língua do seu pai” e aí você foi pra escola aprender a falar língua portuguesa” fale um pouquinho sobre

Inf.: eu nasci falando a língua portugue::sa já (+) aí:: depois entrei no:: na escola um do ensino primá::rio pra primeira segunda até terceira série a gente:: tem sempre uma cadeira de língua portugue::sa [...]

Em relação à questão “Fale sobre o papel de sua língua materna nesse processo de alfabetização”, os estudantes universitários ressaltam que a língua proveniente de seus pais não interferiu no processo de alfabetização do português, o qual é a língua oficial de Angola, como podemos ver nas seguintes entrevistas:

94ª ENTREVISTA – (F.G.T.H.) - Angola

Doc.: a língua dos seus pais:: (+)

Inf.: hunrum::

Doc.: interferiu nesse processo”

Inf.: na::o

Doc.: porque os seus pais eles eles falam língua portugue::sa

Inf.: sim

Doc.: mas e::les também misturam com o quimbundo é isso”

58ª ENTREVISTA – (A.N.G.) – Angola

Doc.: mas na escola como foi” os professores falavam português::

Inf.: sim lá em Angola o:: português é falado a língua oficial lá é português é a língua materna só que tem os dialetos

Doc.: e os dialetos exercem alguma função nesse aprendizado” os professores chegam a falar algum dialetos pra facilitar”

Inf.: é assim é:: algumas zonas de Angola umas outras regiões outras províncias que aqui chamam estados lá se chamam províncias algumas províncias de lá falam mais o dialeto do que o português então acabam por falar o dialeto na escola mas nem por isso eles deixam de falar o:: português se bem que há pessoas lá que falam o dialeto não falam português mas é raro

Conforme os estudantes universitários entrevistados, a língua portuguesa, em Angola, é falada no ambiente familiar e no ambiente escolar, mesmo havendo a ocorrência de outras línguas, por exemplo, Umbundu, Kikongo, Cômbe (pronuncia-se tChocué), Benguela, entre outras.

Guiné-Bissau

Segundo Embaló (2008), apenas 13% da população de Guiné-Bissau fala a língua portuguesa, sendo mais falado o crioulo guineense nesse país.

No que se refere à questão “Fale sobre o seu processo de alfabetização em Língua Portuguesa”, os estudantes universitários de Guiné-Bissau ressaltam que o contato inicial com a língua portuguesa realizou-se, principalmente, no ambiente escolar, uma vez que essa língua, embora oficial nesse país, é menos usual do que o crioulo guineense. Além disso, esses estudantes apontam que o português é mais usual em contextos formais e institucionalizados, por exemplo, é mais usado para assinar documentos, entre outras atividades. O crioulo guineense está mais presente no cotidiano desses estudantes do país em questão. Vejamos, a seguir, algumas entrevistas que comprovam essas informações:

93ª ENTREVISTA – (A.P.) - Guiné-Bissau

Doc.: certo e:: é:: como foi o seu processo de alfabetização em língua portuguesa” né assim você aprendeu português em casa ou você aprendeu português na escola”.

Inf.: não, eles ensinam só na escola.

Doc.: só na escola em casa você falava o crioulo”

Inf.: crioulo exatamente.

107ª ENTREVISTA – (R.J.S.)- Guiné-Bissau

Doc.: hunrum e:: fala um pouco né” do seu processo de alfabetização em língua portuguesa como foi que você aprendeu a:: a falar o português:: a escrever::

Inf.: eu aprendi na escola comecei a estudar comecei a aprender português na escola foi na escola mesmo

Em relação ao questionamento “Fale sobre o papel de sua língua materna nesse processo de alfabetização”, os estudantes universitários afirmam que a língua materna e o português (língua oficial) interagem, pois a língua materna pode se “apropriar” de “estruturas” da língua oficial, como podemos verificar nas seguintes entrevistas:

93ª ENTREVISTA – (A.P.) – Guiné-Bissau

Doc.: cer::to é::: e:: é:: fale sobre né” e:: quando você começou aprender o português na escola como é que ficou a sua língua materna o crioulo” você foi incorporando o português::

Inf.: é aquela coisa você vai mudando

Inf.: exatamente você começa incorporar você começa a/

Doc.: mudou o jeito

Doc.2: e assim nos ensinamentos nas séries fundamentais né” normalmente o professor recorre muito ao cri/ ao crioulo”

Inf.: eles chegam já dizendo ninguém pode falar crioulo você não pode falar crioulo

Doc.: ah não pode

Inf.: nem eu posso falar é por isso que você tem que aprender mesmo você fala errado ele fica não é assim assim aí você fica

Doc.: o português é tido como uma língua estrangeira na escola”

Inf.: oficial é língua oficial

Doc.: cer::to

107ª ENTREVISTA – (R.J.S.)- Guiné-Bissau

Doc.2: certo é:: como é que é a relação né da língua materna nas escolas” as aulas são dadas em português ou são dadas na língua materna ou são dadas em crioulo como é”

Inf.: as aulas são dadas em em matéria em português

Doc.2: hunrum

Inf.: mas o professor quando vai explicar ele fala em português tem hora que ele para explicar em crioulo pra depois entender (+) é assim

Doc.2: entendi

Há o uso predominante do crioulo guineense por esses estudantes, uma vez que eles falam a língua portuguesa, somente, em contextos formais que exigem o uso da língua oficial.

Quadro comparativo entre Angola e Guiné-Bissau

No quadro, a seguir, há uma comparação no que diz respeito aos dois questionamentos em questão realizados com os estudantes universitários provenientes de Angola e de Guiné-Bissau. Passemos à visualização desse quadro.

COMPARAÇÃO ENTRE ANGOLA E GUINÉ-BISSAU	“Fale sobre o seu processo de alfabetização em Língua Portuguesa”.	“Fale sobre o papel de sua língua materna nesse processo de alfabetização”.
ANGOLA	A maioria dos estudantes entrevistados aprendeu a língua portuguesa no ambiente familiar.	Os pais dos estudantes universitários entrevistados, na maioria das vezes, já falam a língua portuguesa, mas, alguns deles se comunicam também em Umbundu, Kikongo, Còkwe, Benguela, entre outras línguas, por exemplo.
GUINÉ-BISSAU	A maioria dos estudantes entrevistados aprendeu a língua portuguesa no ambiente escolar.	Há uma mistura do uso do crioulo guineense e da língua portuguesa. Por exemplo, às vezes, pensa-se em crioulo guineense e fala-se em português, porém o crioulo guineense é mais falado que a língua portuguesa.

Quadro 1: Quadro comparativo entre Angola e Guiné-Bissau

Considerações Finais

Na análise das dezenove entrevistas, verificamos que o processo de alfabetização da língua portuguesa dá-se, principalmente, no ambiente familiar, para os estudantes universitários provenientes de Angola, pois eles afirmam que já aprendem a língua portuguesa em casa com seus parentes e aperfeiçoam essa língua na escola. Como ressaltamos, na maioria das vezes, os parentes desses estudantes falam outras línguas, tais como Umbundu, Kikongo, entre outras.

Assim, a língua portuguesa faz parte do cotidiano desses estudantes provenientes de Angola, uma vez que, como mencionamos, com base Salomão (2012), mais de 30% da população em Angola fala o português, sendo 60%, em Luanda. Ou seja, a língua portuguesa é mais falada na zona urbana do que na zona rural desse país.

Já para os estudantes universitários provenientes de Guiné-Bissau, esse processo realiza-se, principalmente, no ambiente escolar, sendo a língua portuguesa falada, geralmente, em situações formais e institucionalizadas, uma vez que o crioulo guineense é mais falado do que essa língua, como apontamos, somente, 13% da população de Guiné-Bissau fala a língua portuguesa, segundo Embaló (2008).

Em suma, esta pesquisa mostrou-se relevante, pois nos possibilitou verificar o processo de alfabetização da língua portuguesa nos países Angola e Guiné-Bissau, evidenciando-nos dados similares e distintos entre eles, como podemos constatar na análise dos dados desta pesquisa. Sugerimos a continuidade e ampliação deste trabalho para a verificação de outras possíveis relações no que diz respeito à temática em questão nos referidos países.

Referências

CALVET, L. J. **As Políticas Linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

EMBALÓ, F. O Crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e fator de identidade nacional. **Papia**. São Paulo, v. 18, p. 101-107, 2008. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/2027/1848>. Acesso em: 15 nov. 2015.

FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MATEUS, M. H. M. **Uma política de língua para o português**. Conferência apresentada num colóquio sobre A Língua Portuguesa na Universidade de Santiago de Compostela, em Abril de 2002.

_____. **Uma política de língua para o português**. Mesa redonda sobre política linguística, 2009.

PINTO, P. F. **O essencial sobre política de língua**. 1. ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística: do que é que se trata afinal? In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A. da; TILIO, R.; ROCHA, C. H. (Orgs). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas-SP: Pontes/ALAB, 2013.

SALOMÃO, S. N. **A língua portuguesa em seus percursos multiculturais**. Roma: Edizioni Nuova Cultura, 2012.

SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 52, fev. 1985. p. 19-24.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 25, jan./abr. 2004. p. 5-16.

O JORNAL ESCOLAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Andréa Larisse Castro Moura³
Raimundo de Araujo Tocantins⁴

RESUMO: A escola representa muitas vezes a única oportunidade do jovem leitor estar em contato com o livro. É necessário propiciar de forma diversificada e interativa, um jeito de trazê-los ao mundo da leitura, contribuindo na sua forma de pensar, agir dentro de sua realidade. O estudo tem por objetivo analisar como se desenvolve a prática da leitura e escrita dos alunos por meio do desenvolvimento do seu pensamento crítico para a criação de textos, a partir do trabalho embasado em uma proposta didática, a qual estimula o uso de seus conhecimentos de mundo ao escrever as matérias. Na Metodologia optou-se por pesquisa do Tipo Bibliográfica, numa abordagem básica e qualitativa e de embasamento fundamentado em referências de autores principalmente como Freinet, Mikhail Bakhtin dentre outros, utilizando a concretização do ato através da leitura, discussão e escrita de textos. Os Resultados apontam que o jornal na escola possibilitará a realização de atos comunicativos, viabilizando esse aluno o contato direto com os diversos gêneros, incorporando a relação produtor – leitor de textos. Neste sentido infere-se que o trabalho com o jornal em sala de aula na prática, propiciará aos alunos um rico conhecimento cultural e social, tornando a prática da leitura e escrita uma atividade significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais. Jornal. Escrita.

Introdução

O uso de jornais e da mídia em geral na educação seja fato recente na sala de aula, historicamente, desde a década de 1930 algumas iniciativas já ocorriam nesse sentido. Segundo Pavani (2007), Em 1932, o jornal *New York Times*, nos EUA criou um programa pioneiro para uso de jornais na escola. No Brasil na mesma época pode-se citar o educador Anísio Teixeira, dentro do movimento, Escola Nova, acreditava que usar a mídia impressa na sala de aula podia trazer diversos benefícios aos alunos.

Tratar um jornal como um mero sistema de signos linguísticos reduz e limita o seu uso como proposta pedagógica. Sendo a cidadania o oposto da proposta acrítica, uma das formas de estimular a formação do cidadão crítico é justamente propor que o aluno participe ativamente na história. Pontual (1999) acredita que ler uma notícia ou matéria de jornal é também poder olhar um pouco para si mesmo e, por conseguinte, torna-se mais consciente do seu papel no mundo.

Do ponto de vista histórico, Conforme registra Adair (1995), “ainda nos EUA, já em 1932, surge no *New York Times* um programa de jornal para a educação: O *News Paper in*

³ Graduada do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa das Faculdades Integradas Ipiranga.

⁴ Orientador; Mestre; Docente das Faculdades Integradas Ipiranga.

Educacion Program, reconhecido como marco na história dessas iniciativas, através da distribuição sistemática de suas edições nas escolas”.

Ainda dentro das pesquisas de Adair (1995) em 1896, na França o jornal escolar foi iniciado pelo Educador Celestin Freinet que desenvolveu um método interessante baseado ou na experiência de vida e que concentrava a vivência da aprendizagem por parte das crianças. Em 1924, Freinet agregou a técnica da impressão (tipografia) na sua prática docente, com seus alunos produzindo e imprimindo seus próprios textos. O intuito desse jornal era mostrar que o aluno pensa e articula em seu mundo, adquirindo uma consciência crítica e autônoma, estimulando não só as crianças, mas os jovens e os adultos que também participaram ao longo dessa jornada, a decodificar na prática o funcionamento da comunicação.

Segundo Pavani (1995), no Brasil, o Correio Popular, na cidade de Campinas (SP) foi o pioneiro neste caminho que hoje é povoado por um número cada vez maior de contribuições. Era um projeto de incentivo ao uso do jornal na escola, em que disponibilizavam jornais para docentes com a finalidade de que utilizassem em sala de aula, todos os custos eram mantidos por uma empresa jornalística de São Paulo.

Este artigo tem como objetivo desenvolver a formação do pensamento crítico, através da leitura transportada para as páginas do jornal, tanto em forma de mural quanto impresso, através de pesquisas que contemplam a produção de diferentes formas de construções de jornais escolares, assim como toda a teoria que engloba esse processo. Reconhecendo as características dos gêneros que compõem um jornal, fazendo leituras e discussões de diversos temas em diferentes gêneros textuais, construindo diversos gêneros, dentro dos variados tipos de seções do jornal.

A pesquisa é composta de quatro seções. A seguir, na Fundamentação teórica, há uma subdivisão em alguns ramos nos quais são traçados alguns pressupostos teóricos sobre o que é o gênero textual de uma forma geral. Apresenta-se também o suporte jornal dentro da educação como auxílio no letramento, usado como base nesse estudo e ainda questões acerca do uso de diversos gêneros e suas funções dentro do jornal.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Gêneros Textuais

Para começar a falar do jornal escolar é necessário primeiramente conceituar de forma geral o que é um gênero. Segundo Marcuschi (2006, p. 25):

“Os gêneros devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”.

Em que considera os gêneros textuais presentes em textos materializados, que circulam dentro dos discursos, uma espécie de sequência implícita aos textos postos em circulação nas práticas sociais com referência a Bakhtin (1997).

Embora esses PCNs de Língua Portuguesa (1997) coloquem os gêneros da imprensa como um dos principais conteúdos dos currículos escolares sabe-se muito pouco sobre quais são e como são esses gêneros. Para exemplificar o conceito de gêneros textuais citam-se: telefonema, carta comercial, reportagem jornalística, aula expositiva, notícias, horóscopo, piada, conversa espontânea, e-mail, bate-papo por computador e assim por diante. Entretanto na hora de utilizar esses gêneros na prática, dentro da escola, quase sempre são apenas praticados na aula de redação, como simples produção textual, como afirma Bagno (2002, p. 56) em sua publicação:

No tocante à produção textual escrita, as escolas brasileiras, em sua maioria, até hoje se restringem à prática da “redação”, gênero textual que só existe na escola, não tendo, portanto nenhuma função sociocomunicativa relevante para a vida presente e futura do aprendiz.

Para modificar essa realidade, com base na teoria de Bakhtin, a escola deve trabalhar mais efetivamente com os gêneros do discurso, ora de forma explícita, ora não, fazendo a educação ser uma transmissora de conhecimento, de forma mais ou menos descontraída, mais ou menos burocratizada ou estereotipada como é refletido na posição Bakhtiniana (1997): Para entender um gênero específico em relação ao jornal (como suporte) é necessário se ter uma noção de quais são os demais gêneros possíveis a serem tomados como base das atividades de ensino-aprendizagem.

Bakhtin (1997) cita dentro de seus conceitos que a linguagem permeia toda a vida social, exercendo um papel central na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos. Dentro dessa linguagem temos o gênero que é uma extensão da descendência de tipos de textos para a criação de pesquisas contendo certas características em comum, servindo de classificação para a reunião de textos. Para o autor, os gêneros do discurso, são uma espécie de flexibilidade ou instabilidade equivalente àquela prevista em documentos oficial anteriores para o próprio funcionamento da linguagem. Essa denominação ‘**gêneros textuais**’ não é consensual e poderia ser também ‘**gêneros discursivos**’ ou ‘**gêneros do discurso**’, como prefere chamar.

A noção de gênero, em Bakhtin (1997), pressupõe um enunciado concreto que inclui conteúdo temático, forma composicional, estilo, entonação expressiva, apontando para uma dimensão extra verbal que inclui os modos de produção e circulação, bem como os valores constituídos socialmente. No que diz respeito à concepção de linguagem, ainda pela visão do referido autor, o texto veicula a concepção de língua enquanto instrumento, propondo uma ação pedagógica que tenha a finalidade de instrumentalizar o educando no intuito de levá-lo a conviver de forma lúdica e, ao mesmo tempo, crítica com situações de produção e leitura de textos como forma de inserção social.

Na citação de Bakhtin (1997, p.302): “[...] Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais. [...] Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”, ou seja, os gêneros estão sempre ligados a algum tema e a um estilo. Ainda complementando este pensamento, é imprescindível o retorno a Bakhtin (2006, p. 262):

“A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso.”.

Essa heterogeneidade dos gêneros do discurso vai desde o oral ao escrito (desde o diálogo cotidiano, ao relato familiar, a escrita de uma carta ou até mesmo declarações públicas dentro de um sentido amplo: declarações sociais ou políticas).

A teoria Bakhtiniana pretende demonstrar que o conceito de gênero envolve a essência da língua, a discursividade, considerando primordialmente a construção dos sentidos, tratando-se, dessa maneira, de gênero discursivo, o que vai além do gênero textual.

2.2 O Trabalho em Sala de Aula com os Gêneros Textuais

Espera-se com este trabalho, desenvolver entre os alunos a noção de *texto* como gênero textual, com o propósito de valorizar a reflexão e o senso crítico, focalizando o sentido e não apenas estruturas linguísticas. Para Marcuschi (2002), os gêneros se configuram em formas (escritas ou orais) que são historicamente situadas. Desse modo, o

trabalho com esses textos em sala de aula parece mais significativo, visto que não são simplesmente tipificações textuais sem nenhum valor.

Ainda dentro do pensamento de Marcuschi (2002), os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam algumas propriedades funcionais e organizacionais, características realizadas. Ou seja, o reconhecimento da função e do processo de organização de tais estruturas é essencial para uma efetiva produção textual por parte do aluno. Em aulas tradicionais, o foco das produções parece ser justamente a avaliação de aspectos pontuais da gramática, enquanto que o estudo do gênero textual é ignorado.

O Kleiman & Cavalcanti (2007, p 16) definem o uso dos gêneros textuais em sala de aula como:

“[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos com o professor, cada um segundo sua capacidade [...]”.

Isso significa que, seja qual for o objetivo do projeto, ele necessariamente será analisado e avaliado pelo professor conforme o seu potencial para mobilizar conhecimentos e recursos de uso da língua escrita.

Kleiman & Cavalcanti (2007) ainda defendem que a escola e os educadores devem trabalhar esse tipo de discurso midiático, para que os alunos tenham acesso a diversos tipos de leitura e assim consigam compreender o discurso de forma sintetizada. Para isso o caminho mais direto é o engajamento na atividade de linguagens significativas de natureza midiática (por exemplo, a produção de gêneros) para refletir e entender a construção desse discurso a partir de seus bastidores até a produção efetiva de uma notícia do jornal.

O trabalho com este grandioso suporte chamado jornal, permite o contato com a língua de forma viva e atual. O texto jornalístico é uma fonte que evidencia aspectos da realidade e recria o mundo conforme seu ponto de vista. Podemos perceber que em sua estrutura composicional, destaca-se: **Quem?, Quê?, Onde?, Como, Quando? e Por quê.** A escola deve usufruir dessas características para promover debates, pesquisas e, conseqüentemente, aprendizados, proporcionando uma nova compreensão da realidade.

2.3 A Utilização do Jornal como Recurso Pedagógico

De acordo com os autores pesquisados, percebemos que o trabalho com o jornal pode trazer subsídios para enriquecer o aprendizado em sala de aula, o seu uso de maneira

planejada pelo docente pode reconstruir uma concepção de mundo e aguçar o senso crítico no público envolvido, frente às informações recebidas. Lopes (1989, p. 12), sob o ponto de vista pedagógico, diz que: "O jornal-laboratório deve ultrapassar a noção de ensaio experimental para se tornar uma iniciativa factível de serviço comunitário, prestando informação ou veiculando opiniões úteis para o comportamento do público leitor". Podemos compreender, de acordo com as ideias acima mencionadas, que através deste recurso pedagógico, é possível estimular a leitura e a escrita e, desta forma, trabalhar a criatividade, para que o educando construa novas concepções em sala de aula. Conseqüentemente, isso fará com que ele se sinta responsável por este meio de comunicação dentro da escola.

O jornal na escola possibilita a realização de atos comunicativos, viabilizando esse aluno, o contato direto com os diversos gêneros textuais, e ao mesmo tempo, incorporando a relação produtor – leitor de textos, além de proporcionar um trabalho interdisciplinar, já que na elaboração do roteiro poderá ser distribuídas editoriais de outras áreas, além da Língua Portuguesa, usa-se um caderno sobre educação e preservação do meio ambiente mesclando conhecimentos de Biologia e Geografia, a Contação de histórias sobre as criações das cidades brasileiras, é um interessante tema para aulas de História e assim por diante.

Reforçando essa ideia, entre os benefícios de sua utilização na escola, o jornal se revela benéfico por possibilitar o contato com informações contextualizadas, deixando as aulas mais dinâmicas e relevantes para a formação crítica dos alunos. Nesse pensamento, Faria (2003, p.11) aponta que "(...) levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola. (...) Jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo". Dessa forma, os jornais se tornam boas alternativas para a ligação entre a escola e o dia a dia de alunos.

Faria (2003), centra sua preocupação principalmente na afirmação de que levar o jornal para a sala de aula é "Trazer o mundo para dentro da escola". Mas é preciso examinar com cuidado essa questão, uma vez que ao usar o jornal, o professor trabalha com a linguagem e, portanto, como um recorte da realidade ou mundo.

Erbolato (1991) assinala que o jornal impresso veio contribuir com a sociedade à medida que pode fornecer educação, cultura e informação durante anos, pela permanência e sobrevivências das páginas impressas de jornais e revistas. Explorar este universo implica desvendar e compreender a **Arquitetura informal** do jornal, ou seja, é identificar o papel de cada recurso que pode ser usado para a comunicação: Fotos, legendas, tabelas, manchetes etc., como elementos complementares e facilitadores do processo de escrita e leitura.

2.4 O Uso do Jornal Auxiliando o Letramento

A maioria dos projetos pedagógicos que envolvem o uso ou produção de jornal no ensino fundamental e médio tem seguido uma razão instrumental-utilitária. O jornal é um meio para consecução de objetos definidos, seja ela a alfabetização, o estímulo a leitura e a escrita ou até mesmo o acesso a informações variadas.

Para entender o auxílio que o jornal traz ao letramento, cita-se a teoria acerca do Letramento que segundo Marques de Melo (1999) é entendido como um processo pelo qual os indivíduos se socializam através do pertencimento a um grupo e em troca participa na construção de práticas sociais dessas comunidades.

Lopes Rossi (2002) em suas pesquisas quanto ao uso dos gêneros textuais na sala de aula, mencionam a necessidade de se trabalhar os gêneros textuais, a fim de transformar o processo de leitura em prática social, e assim estabelecer o processo de letramento. Já que o letramento pode ser definido por Soares (1998) como um estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive. Propor-se educar **para** e **com** os meios de comunicação requer atenção nas análises, portanto, permanentes.

Ao produzir um jornal direcionado e cuidadosamente elaborado de forma especial para sua comunidade escolar, o professor estará incentivando esses **Alunos – Editores** ao hábito da leitura, a utilização da informação no seu dia a dia, a interpretação dos textos apurados e escritos com esses objetivos e, dessa forma, ajudará a ampliar o conhecimento de assuntos de real interesse para a vida dessa faixa estudantil, reforçado por Faria (2006, p, 12):

“A leitura de jornal oferece, ainda, um contato direto com o texto escrito autêntico (e não com textos preparados apenas para serem usados na escola). Desenvolve e firma a capacidade leitora dos alunos; estimula a expressão escrita dos estudantes, que aprendem com o jornal a linguagem da comunicação para transmitir suas próprias mensagens e informações”.

Teoricamente Bazerman (2005), enfatizam que o letramento não é um comportamento restrito a leitura e a escrita realizada na escola, mas trata-se de um conjunto de práticas construídas na vida diária em que há o acesso a conhecimentos e informações, escritas ou não, de uma determinada cultura. Além disso, reconstruir o processo de leitura, tanto de mundo como da escrita, transforma o educando em sujeito do mundo, capaz de modificá-lo positivamente. Confirmado no texto de Marcondes, Menezes e Toshimitsu (2003, p.151):

“Ler vários jornais propicia não apenas compreender a linguagem empregada, mas confrontar as informações. O objetivo é contrapor um jornal ao outro e sensibilizar o aluno para não acreditar deliberadamente em qualquer informação, sobretudo em dados, buscando ir além a suas leituras e fazendo perguntas sobre o que você leu: se é verdade integral ou parcial (...). o professor deve acompanhar as leituras dos alunos para verificar a veracidade dos confrontos”.

As autoras Marcondes, Menezes e Toshimitsu (2003) ressaltam ainda que antes de fazer uma correção gramatical ou sintática, é importante garantir que o aluno produza textos que circulem também socialmente.

3 Metodologia

Para que essa pesquisa fosse desenvolvida, foi realizada uma pesquisa do Tipo Bibliográfica baseando-se em um estudo sobre os gêneros textuais, especialmente o jornal com todas as suas características, seu funcionamento, suas edições que de acordo com Minayo (1982) é aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais.

Uma vez que este trabalho é de suma importância para entender as concepções que o autor define acerca de estimular o incentivo à capacidade argumentativa e crítica do aluno perante as notícias, com a finalidade de posteriormente solicitar que o futuro escritor – aluno, concorde ou discorde de textos ou notícias através de argumentos convincentes.

Esta pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, com todo aporte teórico foi de suma importância para entender as ideias defendidas pelo autor no que se refere a estimular o incentivo à capacidade argumentativa e crítica perante o aluno, com a finalidade de instigar este aluno, a concordar ou discordar de textos ou notícias através de argumentos convincentes, já que os mesmos têm um vasto conhecimento de mundo, em que falta somente a lapidação dessas ideias organizadas no papel. Por esse entendimento, Soares (1998) vislumbra a possibilidade de que os educandos e educadores, ao vivenciarem todas as etapas de produção do jornal escolar, assumam e levem para a vida a postura do repórter que observa, reflete e expressa o mundo.

Para que a pesquisa do Jornal Escolar tenha sucesso é necessário avaliar primeiramente como o autor discute como será a criação, assim como a manutenção deste jornal quando possivelmente estiver em prática, será importante sensibilizar professores e alunos, escolher coordenador, nomear líderes por turma para a equipe de jornalismo. Esta metodologia serve para propor uma reflexão e discussão de assuntos de interesse de um público jovem que se estimulado, evoluirá altamente seu pensamento crítico. Dinamizar o

conteúdo fará com que os alunos se mostrem mais interessados na busca pelo saber, tendo a finalidade de promover a interdisciplinaridade de modo que alunos e professores possam envolver-se com o mesmo objetivo.

4 Resultados e Discussões

Para realização deste artigo foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o que são os gêneros textuais, a importância do suporte jornal na sala de aula como interação. Formando alunos capazes de escrever textos voltados para a sua sociedade com pensamentos mais críticos, corroborando com as afirmações sobre o uso dos jornais segundo Herr (2001) que aponta a formação de leitores capazes de dialogar com diferentes textos e a respectivos suportes textuais, produzido pelo aluno com o auxílio do professor, faz o aluno apropriar-se criticamente de diferentes modos de produção do discurso, contribuindo para que esses leitores se constituam também como autores.

Percebe-se que a publicação do jornal é uma ferramenta para a escola disseminar, no espaço da comunidade, os conhecimentos trabalhados em sala de aula. Assim, o uso do jornal impresso na prática, contribuirá de forma positiva para a formação do aluno com um novo olhar crítico. Ensinando assim o mesmo, a entender a importância de seus conhecimentos dentro da sociedade. Assim confirmado através da concepção de Santos e Pinto (1992, p. 5):

O jornal estudantil não é um fim em si mesmo, mas um dos meios possíveis para o desenvolvimento de uma dinâmica geral na escola. Os jornais, por sua própria natureza, abordam um amplo leque de assuntos e, para isso, também apresentam uma grande diversidade de textos, sendo um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade.

As evidências neste trabalho indicam que o jornal preencherá essa lacuna de informações entre situação que o aluno vivencia (realidade factual) e o fato histórico que o livro relata.

Considerações Finais

A utilização do recurso jornal em sala de aula como recurso pedagógico, poderá contribuir de forma concreta na melhoria da leitura e escrita, a interpretação de assuntos tratados sob uma visão reflexiva. Reitera-se ainda a confirmação de que a sua prática dentro

da sala de aula consegue desempenhar um papel relevante, quanto ao estímulo da leitura e melhor escrita, além da criação do interesse dentro do gênero textual Jornal.

A falta de hábito pela leitura e construção de textos sem objetivo, junto com a falta de um veículo de comunicação local para divulgar na escola, que envolvessem leituras interessantes e textos diversos produzidos pelos discentes, surgiu à preocupação e a necessidade de valorizar as produções escolares totalmente estruturadas como um Jornal, ensinando aos alunos os vários gêneros textuais e tipos existentes, trabalhando suas particularidades e com o intuito de desenvolver a formação do pensamento crítico, através da leitura transportada pela escrita para as páginas desse meio de comunicação tanto em forma de mural quanto impresso. Espera-se que quando colocado em prática, aconteça uma integração entre a escola e a comunidade escolar. Em que esses alunos possam ter mais interesse na leitura e conseqüentemente a melhora da escrita, buscando dominar as tipologias textuais presentes neste tipo de mídia.

Esta pesquisa tem como meta, a criação de um projeto que futuramente será levado em prática na sala de aula com o intuito de desenvolver a construção desse projeto dentro do gênero textual: O Jornal, estudando suas características, riquezas de detalhes e o possível envolvimento dos leitores com esse tipo de mídia. Visando reverter à postura passiva dos leitores (alunos) de apenas receberem as notícias, estimulando-os de todas as formas a usarem sua opinião e conhecimento a favor de um pensamento crítico.

Todo o conceito estudado durante a pesquisa detecta a necessidade de criação de meios que favoreçam a criatividade na produção artigos de opinião sobre problemas da comunidade escolar e assuntos relevantes quanto à família, trabalho e outras formas de incentivos para jovens e adultos conseguirem também finalizarem seus estudos mesmo diante de inúmeras dificuldades que estes passam como exemplo suas rotinas diárias: trabalho em tempo integral – estudos noturnos – obrigação com sua família. O trabalho com o jornal representa de certa forma, o momento histórico-social e por isso, deverá ser estimulado em projetos de sala de aula, não se devendo fechar em opiniões, mas com a possibilidade de levar o aluno a reflexão e o questionamento.

Referências

ADAIR, Flavia. **O jornal como instrumento pedagógico. Programa Folha Educação: uma proposta de leitura de jornal em sala de aula.** In: Comunicação & Educação. SP: USP, jan/abr, 1995.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal** — 2'cd. — São Paulo. Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)

- BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais: tipificações e interação**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no Jornal Diário**. 5 ed. São Paulo: 1991.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal em sala de aula**. 10 ed. São Paulo. Contexto, 2006.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREINET, Celéstin. **O Jornal Escolar**. Lisboa: Estampa 1977.
- HERR, Nicole. **Aprendendo a ler com o jornal**. Belo Horizonte: Dimensão, 2001.
- KLEIMAN & CAVALCANTI (org.). **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.
- LOPES-ROSSI, MAG (org.) **Gêneros discursivos no ensino da leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.
- MARCONDES, Beatriz. MENEZES, Gilda. TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. Rio de Janeiro: Editora Ensino Contexto, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: DIONISIO, Ângela et al. **Gêneros Textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARQUES DE MELO, José. **Os meios de comunicação de massa e os hábitos de leitura**. In: MONTEIRO, Eduardo & FELDMAN, Márcia. "Mídia-Educação e cidadania na era da informação". In: Revista Pátio nº9 Porto Alegre: Artmed, mai/jul 1999.
- PAVANI, Cecília. JUNQUER, Ângela. CORTEZ, Elizena. **Jornal: uma abertura para a educação**. Campinas, SP. Papyrus, 2007.
- PONTUAL, Joana Cavalcante. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.
- ROJO, R.H.; CAVALCANTE, J.C.; PIO D.A. **Práticas de linguagens no ensino fundamental: circulação e apropriação de gêneros do discurso e a construção do conhecimento**. Intercambio São Paulo, v.10, p.125-136, 2001.
- TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade**. São Paulo, SP. Editora: Erica 2001
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é um privilégio**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. 250p.

DICIONÁRIO ESCOLAR: ASPECTOS DIATÓPICOS

Brayna Conceição dos Santos Cardoso⁵

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados de um estudo sobre a variação diatópica no dicionário escolar. Como pressupostos teóricos, buscamos aporte na Lexicologia, Lexicografia e Geografia Linguística. O objetivo principal da pesquisa é analisar a questão da presença da variação diatópica em seis dicionários escolares de Língua Portuguesa correspondentes aos acervos 3 e 4, avaliados na última edição do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2012). A opção na análise da variação diatópica no dicionário escolar deve-se ao fato de imprimir uma visão que leva em consideração aspectos linguísticos, sociais e políticos de uso da língua. Para tanto, fizemos uso dos seguintes métodos: levantamento das marcas de uso que indicam variação diatópica nos dicionários escolares selecionados, com intuito de realizar análises que tomam como base os aspectos megaestruturais, macroestruturais e microestruturais dos dicionários, e elaboração de uma ficha de avaliação para registro de dados acerca do tratamento da variação diatópica em cada dicionário escolar analisado. A análise dos dados nos leva a concluir que a variação diatópica no dicionário escolar necessita de estudos que aproveitem os métodos da Geografia Linguística, visando a proporcionar maior fiabilidade às marcas de uso que os dicionários veiculam; construir um dicionário escolar baseado em usos; capacitar alunos e professores para explorarem o dicionário de forma produtiva no processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionário Escolar. Variação Diatópica. Metalexigrafia.

Introdução

Este estudo analisa o tratamento da variação diatópica nos dicionários escolares dos tipos 3⁶ e 4⁷, avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Trata-se de um trabalho da área da Metalexigrafia, ramo da Lexicografia Teórica incumbida de refletir sobre a composição do dicionário escolar.

Considerando o dicionário escolar um importante instrumento para reconhecer a variação linguística no Português Brasileiro, este trabalho tem por interesse saber como a variação diatópica é tratada nos dicionários escolares dos tipos 3 e 4, avaliados no último edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2012).

Quanto a seleção dos tipos 3 e 4 do PNLD, estes foram escolhidos em detrimento ao nível de amadurecimento escolar dos consulentes, no que concerne a temática envolvida em nossos estudos. Dos nove dicionários aprovados para compor os acervos, escolhemos uma amostra representativa de quatro dicionários, sendo dois dicionários representantes do

⁵ Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

⁶ O tipo 3 corresponde aos dicionários escolares selecionados pelo PNLD, para os consulentes com nível de escolaridade que compreende o 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

⁷ O tipo 4 corresponde aos dicionários escolares selecionados pelo PNLD, para os consulentes com nível de escolaridade que compreende o 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

acervo 3 de uso recomendado para os ciclos finais do ensino fundamental e dois dicionários para representar o acervo 4, com uso voltado aos alunos do ensino médio. A saber, selecionamos os seguintes dicionários: Caldas Aulete Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2011), Aurélio Júnior Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2011), Dicionário Houaiss Conciso (2011) e Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011).

Tomando como base os aspectos que compõem a megaestrutura, a macroestrutura e a microestrutura dos dicionários, verificaremos por meio das marcas de uso, a forma como a variação diatópica é abordada nos dicionários escolares.

1 Lexicografia, Lexicologia, Geografia Linguística e Metalexigrafia

O quadro teórico desta pesquisa concentra-se nos estudos inerentes ao léxico tomando como base a Lexicologia, a Lexicografia, a Geografia Linguística e a Metalexigrafia. Tais ciências estudam o universo lexical, procedendo ao seu recorte de acordo com os modelos teóricos e métodos de análises específicos adotados.

As pesquisas realizadas no âmbito da Lexicologia e da Lexicografia detêm-se nos constantes processos de atualização da língua e na descrição linguística dos fenômenos que acarretam essas mudanças. Ao se descrever as línguas, se analisa e documenta o léxico de uma comunidade linguística proporcionando a manutenção do patrimônio linguístico e sociocultural desses falantes.

A Lexicologia estuda o léxico geral de uma língua natural, descreve as palavras de uma dada língua ocupando-se das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico, podendo apresentar-se tanto em discursos individuais quanto coletivos.

Para Lehmann; Martin-Berthet (1998), compete à Lexicologia estabelecer a lista de unidades que constituem o léxico e descrever as relações entre essas unidades, uma vez que o léxico não é simplesmente o repositório das unidades lexicais e de suas idiosincrasias, mas antes um componente da gramática que, apesar de suas particularidades, apresenta regularidades próprias e estruturação específicas.

A Lexicografia trata dos problemas teóricos e práticos que dão subsídio para a elaboração de dicionários. Hernández (1989) apresenta os dois ramos em que a Lexicografia é dividida, a Lexicografia Prática e a Lexicografia Teórica ou Metalexigrafia.

A Lexicografia Prática e a Lexicografia Teórica apresentam diferenças singulares. A Lexicografia Prática debruça-se sobre a confecção da obra, por meio da recolha de *corpus*, o modo de concepção e as tomadas de decisões de como descrever a língua. Já à Metalexigrafia, compete o domínio teórico, o qual leva em consideração o conteúdo dos dicionários; o estabelecimento das estruturas lexicográficas; a crítica aos dicionários, tomando como parâmetro a forma de proceder em seu uso.

A Geografia Linguística é compreendida como um ramo da Dialetologia, tendo por foco o estudo da variação linguística no espaço geográfico, por meio da confecção de atlas linguísticos objetiva recolher, sistematizar, analisar e interpretar traços linguísticos dos falares regionais sejam eles cultos ou populares, urbanos ou rurais, pertencentes a regiões desenvolvidas ou subdesenvolvidas. Aragão (2009, p. 72) afirma que “uma das bases da Geografia Linguística é o estudo das variações diatópicas, ou geográficas, no nível léxico”, pois nesse tipo de variação encontram-se as especificidades que demarcam os falares regionais.

A Metalexigrafia é uma ciência que apresenta o dicionário como seu objeto de estudo contemplando os seguintes campos de ação, proposto por Dapena (2002, *apud* PONTES, 2009, p. 20), são eles: história da lexicografia; teoria da organização do trabalho lexicográfico; princípios da lexicografia monolíngue e plurilíngue; estudo crítico dos dicionários; reflexões sobre a tipologia dos dicionários; teoria do texto lexicográfico e reflexões sobre a metodologia de elaboração do dicionário: recolha dos dados, processamento dos dados, uso de ferramentas para a sua produção.

2 Dicionário Escolar

O dicionário é uma obra estruturada por uma sequência vertical de itens, as entradas, as quais geralmente aparecem dispostas em ordem alfabética, e um conjunto de informações sobre a palavra-entrada formando o verbete.

Seguindo tal perspectiva, os dicionários configuram-se a partir de seu objetivo maior, ou seja, a descrição e o registro do léxico de uma língua, mas o dicionário também remete à cultura como quer Biderman (1984, p. 28):

O dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura. O lexicógrafo descreve ambas – língua e cultura – como um todo pancrônico, embora se situe numa perspectiva sincrônica. Um dicionário é constituído de entradas léxicas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um elemento da cultura. A entrada tem como seu eixo básico a

definição da palavra em epígrafe. Essa definição nada mais é do que uma perífrase metalinguística da palavra posta como entrada.

Para Arroyo (2000), “um dicionário é, por natureza, produto poliédrico, porque são múltiplos os pontos de vista sob os quais se pode descrevê-lo”, sendo concebidos como produto histórico, social, ideológico, temporal, pedagógico e linguístico.

Diante da variedade dos dicionários, percebemos que cada tipo de obra visa a um público-alvo determinado, seja em função da faixa etária ou do grau de conhecimento acerca da língua. Esses fatores refletem na composição de uma organização lexicográfica diferenciada, levando em consideração as necessidades dos usuários a que se destinam.

Quanto à sua organização estrutural, o dicionário escolar apresenta características externas, nas quais podemos elencar as indicações de autoria e edição; finalidades e usuários; *corpus* repertoriado. E características internas inerentes às técnicas lexicográficas empregadas no dicionário, tais como: redação das definições, marcação de palavras levando em conta o aspecto geográfico, estilo, área de conhecimento e as funções dos exemplos.

Segundo Pontes (2009), o dicionário encontra-se dividido em quatro estruturas básicas: a megaestrutura, a macroestrutura, a médioestrutura e a microestrutura.

A **megaestrutura** abrange a estrutura geral da obra, trata de todas as partes que compõem um dicionário, estão inseridas nessa organização, as páginas iniciais, o corpo do dicionário e as páginas finais.

A **macroestrutura** é o conjunto total de palavras-entradas de uma obra, ou seja, a quantidade de entradas que formam o dicionário. Fazem parte da macroestrutura os aspectos concernentes à seleção do léxico, ordenação das entradas, quantidade do conteúdo, entre outros aspectos concernentes as palavras-entradas.

A **médioestrutura** representa os vários meios de fazer referências no dicionário, elementos são utilizados para cumprir a função de precisar as remissivas adotadas, a exemplo temos: *cf.* (confronte/conferir), *v.* (ver/veja) e suas possíveis variações.

A **microestrutura** consiste em conjunto de paradigmas ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente após a palavra-entrada, dentro de cada verbete, apresenta dados em torno da palavra evidenciada. A microestrutura é formada basicamente pela cabeça do verbete, acepção, definição, informações sintáticas, rubrica, marca de uso, exemplo e abonação.

No que tange a variação linguística no dicionário escolar, sua importância é evidente pelo fato de impor uma visão de língua heterogênea e plural, baseada na concepção de uso.

Nos dicionários escolares as marcas de uso representam a variação linguística, as marcas de uso estão estritamente ligadas à variação que a língua sofre no espaço, tempo e em contextos de usos especializados. Para Pontes (2009, p. 154), as marcas de uso são

informações concretas que restringem ou condicionam o uso das unidades léxicas. Podem ocorrer abreviadas, posicionadas precedendo a definição, com a finalidade pedagógica importante, qual seja a de auxiliar o consulente, sobretudo na produção de seus textos e na aprendizagem de línguas estrangeiras.

A marca de uso é o recurso empregado na microestrutura do dicionário para especificar particularidades de uso da língua, de caráter não regular, distinguindo determinadas unidades léxicas de acordo com as condições em que são utilizadas.

3 Contexto e Instrumentos da Pesquisa

Este estudo tem o propósito de analisar a variação diatópica em uma amostra de seis dicionários escolares pertencentes aos acervos 3 e 4, avaliados no último edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2012). Por se tratar de um levantamento de dados exaustivos, uma vez que detectamos de forma sistemática a presença das marcas de uso que indicam a variação diatópica em cada dicionário, temos um *corpus* extenso baseado no fator presença da marca de uso no verbete, para procedermos às análises megaestruturais, macroestruturais e microestruturais.

A temática selecionada ocorreu em virtude da necessidade de estudos sobre a variação linguística nos dicionários escolares do ensino básico, especificamente do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio, visto que a variação linguística é estudada a partir desses níveis de ensino.

A justificativa para a composição desse *corpus* é atribuída ao fato de os dicionários terem passado por uma avaliação institucional sob a supervisão do MEC, o que conferiu à obra lexicográfica o caráter de dicionário escolar. E, ainda, pelo fato de pertencer aos acervos 3 e 4, níveis mais propensos à variação linguística, devido ao grau de amadurecimento escolar do usuário.

Para a pesquisa a amostra é composta por seis dicionários descritos no presente quadro.

Quadro 1 – Amostra dos dicionários analisados

Dicionário	Tipo	Série	Verbetes	Marca de Uso Diatópica
CAMC	3	6º ao 9º ano (EF)	31.000	2.226
DEAJ	3	6º ao 9º ano (EF)	30.373	1.892
DEABL	3	6º ao 9º ano (EF)	28.805	25
DHC	4	1º ao 3º ano (EM)	41.243	1.619
DEB	4	1º ao 3º ano (EM)	51.210	2.655
DUPC	4	1º ao 3º ano (EM)	58.237	208

Legenda: Caldas Aulete Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – CAMC; Aurélio Júnior Dicionário Escolar da Língua Portuguesa – DEAJ; Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras Língua Portuguesa – DEABL; Dicionário Houaiss Conciso – DHC; Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara – DEB; Dicionário Unesp do Português Contemporâneo – DUPC.

Nos dicionários analisados, o foco consiste em selecionar os verbetes que apresentam variação diatópica, por meio das marcas de uso, para proceder às análises nos aspectos megaestruturais, macroestruturais e microestruturais dos dicionários escolares.

4 Análise e Discussão dos Dados

Nesta seção temos como propósito analisar por meio dos dicionários o tratamento da variação diatópica nos aspectos megaestruturais, macroestruturais e microestruturais que compõem os dicionários, visto que são nessas estruturas que podemos encontrar as formas de tratamento e inserção da variação linguística em um dicionário.

4.1 Variação Diatópica na Megaestrutura

Na megaestrutura dos dicionários identificamos por meio dos textos iniciais e finais, como a variação linguística é abordada nos textos que norteiam o uso do dicionário e a forma como a variação diatópica é exposta.

Os seis dicionários analisados não mencionam como a variação linguística é abordada no dicionário escolar. No que concerne à variação diatópica todos os dicionários exibem apenas seções que indicam os regionalismos, as marcas de uso são especificadas por meio de siglas que denominam marcas indicadoras de regionalismos, regiões, estados, brasileirismos e transnacionais.

Nesse aspecto, os dicionários convergem quanto ao tratamento da variação diatópica, pois todos apresentam a mesma forma de evidenciar o enquadre geográfico, ou seja, designam os mesmos tipos de marcação. Há de se ressaltar, todavia, que as marcações não

apresentam uma uniformidade, pois comparando os dicionários nota-se que existem marcas presentes em uns que não se apresentam em outros.

4.2 A Variação Diatópica na Macroestrutura dos Dicionários

Na macroestrutura dos dicionários nos detemos em analisar os aspectos que compõem as entradas dos dicionários escolares. Para essa estrutura, o foco consiste em verificar os critérios de escolha dos itens lexicais na composição do verbete e os critérios para as lexias receberem a marca de uso diatópica.

No que se refere à escolha da palavra-entrada nos dicionários analisados, o lexicógrafo não define os motivos que o instigou a selecionar o item-entrada para compor o verbete, apenas o DUPC explicita que a escolha da palavra-entrada no dicionário deve-se ao fator ocorrência no *corpus*.

Quanto à aplicação da marca diatópica ao verbete, os dicionários DEAJ, DHC, DEB e DUPC não apresentam critérios para a marcação. No CAMC, a justificativa registrada pelo lexicógrafo para o item lexical receber a marcação deve-se ao fato de não pertencer a língua comum⁸ e no DEABL, a presença da marca diatópica justifica-se pela lexia expressar um uso específico em um determinado espaço geográfico. No que compete o recebimento da marca diatópica nos dicionários observamos que de um dicionário para o outro não há uniformidade de marcação, em alguns casos, as palavras com o mesmo valor semântico recebem marcas diatópicas distintas.

Salientamos que a escolha do repertório lexical é de extrema importância, pois se o consulente ao pesquisar um dicionário conhecer apenas uma entrada e o dicionário não fornecer as demais variantes, logo o consulente não encontrará o que pesquisa e por consequência não conhecerá o uso dessa lexia em outros espaços geográficos.

No entanto, o observado nessas obras didáticas é que o percurso da atividade lexicográfica no Brasil é marcado por repetições, Pontes (2009) afirma que as novas obras tomam como base as já existentes, compilando seus dados de forma a adaptá-los ou ampliá-los em alguns campos, apenas dando nuances de modificações. Contudo, as mudanças não são significativas, uma vez que não originam novas informações no material lexicográfico.

Desse modo surge a necessidade de *corpora* dicionarística adequada ao público alvo, pois é devido ao aproveitamento de mecanismos desta natureza, que é atribuída à

⁸ O dicionário emprega o termo língua comum como referência aos itens lexicais compartilhados por todos os falantes da variedade do português brasileiro, as lexias com uso apenas em determinada região não pertencem a língua comum (são consideradas como regionalismo).

macroestrutura dos dicionários uma maior garantia de representatividade dos usos efetivos do português brasileiro contemporâneo.

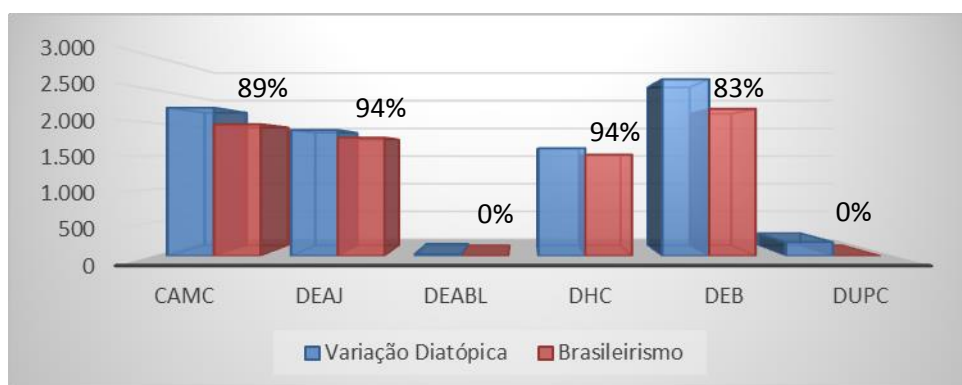
4.3 A Variação Diatópica na Microestrutura dos Dicionários

Nos aspectos microestruturais, nossa análise toma como base a proposta de Oliveira (1999), com algumas adaptações, a fim de verificar quantitativamente os grupos a que as marcas de uso pertencem, a fiabilidade dessas marcações e o grupo mais produtivo. Os grupos apresentam-se divididos em: Marca Diatópica Classificada por Brasileirismo, Marca Diatópica Classificada por Região, Marca Diatópica Classificada por Estado e Marca Diatópica Classificada, simultaneamente, por Brasileirismo, Região e Estado.

a) Marca Diatópica Classificada por Brasileirismo

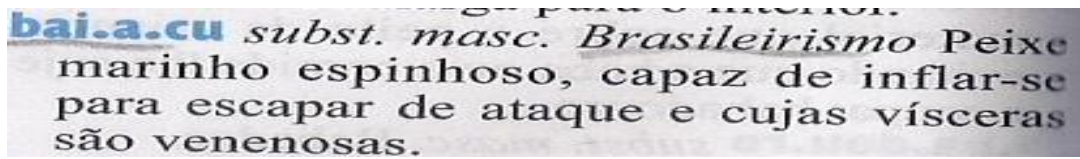
Nesse grupo as lexias aludem à marca Brasileirismo (B ou Bras.), as quais representam as palavras de emprego exclusivo no Brasil ou uma variante brasileira de uma palavra da língua. No gráfico abaixo mostramos a representação dessa marca nos seis dicionários analisados.

Gráfico 1 – Marca diatópica classificada por brasileirismo



De acordo com o que podemos observar no gráfico, a variação diatópica mais produtiva ocorre na marca indicadora de Brasileirismo. Abaixo, vejamos um exemplo de marca diatópica indicadora de brasileirismo no DEAJ.

Figura 1 - marca diatópica classificada por brasileirismo no DEAJ



Fonte: Ferreira (2011, p. 126)

Os dicionários DEABL e DUPC não apresentam marca diatópica indicadora de brasileirismo. Os registros indicadores de marca diatópica do DEABL são marcados como regionalismos; quanto ao DUPC, de acordo com os dados fornecidos na obra dicionarística, não há necessidade de utilizar a marca diatópica indicadora de brasileirismo, visto que as ocorrências que compõem o *corpus* pertencem, exclusivamente, a variedade linguística do português brasileiro.

O maior número de ocorrências concernente à variação diatópica apresenta-se neste grupo. Com base nos dados expostos, retomamos a consulta ao edital do PNLD 2012 o qual estipula como critério de exclusão a presença de qualquer variante do português que não seja o brasileiro, e também voltamos aos textos explicativos dos dicionários escolares, onde está expresso que devem representar apenas a modalidade do português brasileiro contemporâneo.

Tomando como base o critério estipulado pelo MEC, selecionar somente os dicionários da variedade do português brasileiro contemporâneo, entende-se que a marca de uso brasileirismo é desnecessária por tratar de itens lexicais específicos do país de referência. No entanto, quando ocorrer a produção de distintas variedades do português, conhecidas como marcas lexicográficas transnacionais, tratadas como angolicismo, africanismo, lusitanismo, cabo-verdianismo, nesse contexto os usos devem ser marcados.

b) Marca Diatópica Classificada por Região

Pertencem a esse grupo itens lexicais indicadores de regiões brasileiras. De acordo com o gráfico apresentado podemos observar a marca diatópica indicadora de região nos seis dicionários em análise.

Gráfico 2 – Marca diatópica classificada por região.

Da totalidade de marcas diatópicas, observa-se que a marca indicadora de região é pouco expressiva. A exceção ocorre no DUPC, pois totaliza trinta e quatro por cento de ocorrências dessa marca, devido não apresentar marca diatópica indicadora de brasileiroismo o índice nesse grupo mostrou-se produtivo. A marca diatópica indicadora de região analisada nos cinco dicionários que apresentam esse tipo de marcação refere às regiões: Nordeste, Amazônia, Norte e Sul, as outras regiões constantes nas tabelas apresentadas na análise megaestrutural não são detalhadas. A seguir podemos observar um exemplo dessa marca no DUPC:

Figura 2 – Marca diatópica classificada por região no DUPC

Fonte: Borba (2011, p. 951)

A marca de maior recorrência nos cinco dicionários que apresentam esse tipo de marcação é a Nordeste (NE), isso ocorre devido a questões de estigma social quanto ao léxico da região nordestina, visto que o padrão ideal da língua é ditado pela região sudeste, eixo centralizador das políticas do país.

c) Marca Diatópica Classificada por Estado

Este grupo é composto por lexias que representam os estados brasileiros. O gráfico demonstra a porcentagem da marca diatópica indicadora de estado nos seis dicionários analisados.

Gráfico 3 – Marca diatópica classificada por estado

Como forma de ilustrar a marca diatópica indicadora de estado observe o exemplo extraído do CAMC.

Figura 3 – Marca diatópica classificada por estado no CAMC

Aulete (2011, p. 223)

Nos dicionários analisados, podemos observar que o DEABL não apresenta marca diatópica indicadora de estado. No CAMC, DEAJ e DEB vimos que esse tipo de marcação é pouco produtivo, já o DUPC apresenta sua maior produtividade de ocorrências nesse grupo.

Os níveis de ocorrência pouco produtivas nos três dicionários citados deve-se ao fato de não ter um trabalho baseado em *corpora*, e por esse motivo não há fiabilidade quanto a marcação que o item lexical recebe. Por ter um trabalho baseado em *corpus*, o DUPC pode comprovar a fiabilidade das marcações, que atestam a marca indicadora de estado.

Comparando as marcações diatópicas nos dicionários observamos que um mesmo verbete pode ser registrado com marcas indicadoras de estado distintas. Este fator ocasiona certa confusão ao consulente, causando dúvidas quanto às questões de etimologia da palavra e de seu percurso geográfico.

Quanto ao total de marcas diatópicas indicadora de estado, visualizou-se na megaestrutura que os dicionários oferecem 27 marcas, deste número de marcas o número empregado na microestrutura não engloba o universo representativo dos estados que compõem o país.

d) Marca Diatópica Classificada, simultaneamente, por Brasileirismo, Região e Estado

Nesse grupo apresentam-se lexias que indicam, concomitantemente, o uso indicado no país, nas regiões e nos estados. Nesta seção, são representadas de forma simultânea todas as características observadas nos grupos anteriormente tratados. A seguir podemos visualizar a presença dessas marcas, conforme demonstra o gráfico.

Gráfico 4 – Marca diatópica classificada, simultaneamente, por brasileirismo, região e estado.

Para ilustrar essa marca abaixo expomos exemplo retirado do DHC.

Figura 4 – Marca diatópica classificada, simultaneamente, por brasileirismo, região e estado no DHC

Houaiss (2011, p. 465)

De acordo com os dados, a marca diatópica indicadora de brasileirismo, região e estado, também é pouco produtiva. No que tange a significação das palavras que apresentam a marca diatópica, elas ocorrem através de significados próprios e pelo processo de ressemantização, à medida que se atribui ao item lexical um significado diferente do usual na língua.

e) Marca Diatópica Classificada por Regionalismo

Nos seis dicionários analisados apenas o DEABL apresenta a marca diatópica indicadora de regionalismo, visto que é o único dicionário que não marca a variação diatópica dando destaque para as características peculiares as regiões e estados onde a ocorrência do item lexical é mais produtiva. A seguir expomos o gráfico que indica a produtividade desse grupo.

Gráfico 5 – Marca diatópica classificada por regionalismo

Por não se enquadrar em nenhum dos grupos expostos anteriormente, o DEABL apresenta um total de 25 ocorrências que indicam a variação diatópica nesse dicionário, o que totaliza 100% desse tipo de marca de uso. Essas lexias são marcadas como regionalismos (reg.) por não mostrar especificamente o espaço onde a palavra é mais utilizada.

Figura 5 – Marca diatópica classificada por regionalismo

Fonte: Bechara (2011b, p. 830)

Na análise das seis obras, observamos que nos dicionários CAMC, DEAJ, DHC e DEB a variação diatópica tem maior expressividade por meio da marca de uso brasileiro, como podemos perceber através dos dados. No entanto, marcar uma palavra como brasileiro em um dicionário que tem por função registrar o português brasileiro contemporâneo, causa a ausência de especificação do uso da lexia no espaço geográfico.

Para tanto, é necessário que o lexicógrafo tenha acesso aos trabalhos científicos de descrição e documentação lexical, produzidos nas academias do país. Também é pertinente que aproveitem os atlas linguísticos, a fim de que possam elaborar dicionários escolares baseados em *corpora* e, assim, marcar os usos que indicam a variação linguística com legitimidade. Desse modo, quando o consulente proceder à consulta nas variadas obras disponíveis pelo MEC, pertencentes aos acervos 3 e 4, ele encontre a marcação que indica adequadamente a procedência da marca.

Em relação ao tratamento da variação diatópica entre acervos, ou seja, comparando o tratamento da variação diatópica em um dicionário de nível 3 com um de nível 4, identifica-se o mesmo tipo de tratamento independente do nível escolar do usuário.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, analisamos seis dicionários, avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2012), três dicionários pertencentes ao acervo 3 e três pertencentes ao acervo 4, respectivamente: CAMC (2011), DEAJ (2011), DEABL (2011), DHC (2011), DEB (2011) e DUPC (2011).

O enfoque do trabalho consiste em analisar a variação diatópica nos aspectos megaestruturais, macroestruturais e microestruturais dos dicionários. No aspecto megaestrutural, identificamos a necessidade de um tópico que trate da variação linguística de modo geral na composição dos textos introdutórios, a fim de mostrar a forma como cada variação lexical deve ser exposta nos dicionários escolares, faz-se necessário também uma seção que explique a função das marcas de uso em cada dicionário escolar.

Já nos aspectos macroestruturais, avaliamos que a variação diatópica necessita de reformulações, pois os dicionários escolares carecem de um trabalho lexicográfico baseado em *corpora*, que confira a validade dos usos, referente às suas reais características geográficas.

Os aspectos microestruturais refletem a maneira como a macroestrutura é abordada, uma vez que, na maior parte dos dicionários analisados, as marcações não conferem um trabalho baseado em usos, devido a ausência de um *corpus* previamente selecionado. E por este fator, observou-se na análise que entre os tipos de variação diatópica, quais sejam: marca diatópica indicadora de brasileirismo; marca diatópica indicadora de região; marca diatópica indicadora de estado; marca diatópica indicadora de brasileirismo, região, estado (simultaneamente) e marca diatópica indicadora de regionalismo, a maior ocorrência de marcação é atribuída a marca diatópica indicadora de brasileirismo, o que confirma a necessidade de aliar os dados dos atlas linguísticos para o processo de validação dos itens lexicais presentes nos dicionários.

Para tanto, os estudos na área da Lexicografia, tanto teórica quanto prática, devem adquirir maior espaço no âmbito acadêmico, a fim de orientar o futuro professor e posteriormente, esse professor possa ensinar seu aluno a fazer uso do dicionário escolar de forma significativa.

Tomando como base as considerações expostas, pretendemos contribuir com o trabalho do lexicógrafo diante da variação lexical, de modo a refletir acerca dos critérios que o condicionam a marcar os usos diatópicos no dicionário escolar, para assim, produzir um material lexicográfico baseado em usos.

Referências

- ARAGÃO, M. S. S. **A parassinonímia em atlas linguísticos regionais brasileiros**. In.: Revista Signum: Estudos da Linguagem. Vol. 12/1. Londrina: UEL, 2009, p. 65-83.
- ARROYO, C. G. **La Lexicografía**. Bracelona: Grupo Santillana de Editores S.A., 2000.
- AULETE, C. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BECHARA, E. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011a.
- _____. (Org.). **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011b.
- BIDERMAN, M. T. C. **O dicionário padrão da língua**. São Paulo: Alfa, 1984, p. 27-43.
- BORBA, F. S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário escolar da língua portuguesa: Aurélio Júnior**. Curitiba: Positivo, 2011.
- HERNÁNDEZ, H. **Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española**. Tubigen: Niemeyer, 1989.
- HOUAISS, I. A. (Org.). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.
- LEHMANN, A.; MARTIN-BERTHET, F. **Introduction à la Lexicologie: sémantique et morphologie**. Paris: DUNOD, 1998.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. **O Português do Brasil: Brasileirismos e regionalismos**. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 1999.
- PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ABORDAGEM DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Bruno Salviano Barroso⁹
Gláucia Fabiola Vieira Bandeira¹⁰

RESUMO: O ensino-aprendizagem da língua portuguesa sofreu várias modificações ao longo do tempo. Desde questões históricas e sociais sobre o estudo da linguagem até o atual contexto em sala de aula observam-se diversas diretrizes presentes nos livros didáticos que aos poucos transformam o modo de propagação e abordagem da língua materna. Este artigo tem como objetivo discutir quais as abordagens da variação linguística estão presentes no livro didático do ensino médio “Novas Palavras” de Amaral et al. (2003). E a partir dos constructos teóricos referentes à Sociolinguística com os estudos de Bagno (2007, 2009), Bortoni- Ricardo (2009), Camacho (2003) e outros pressupostos teóricos sobre a variação, analisar o tratamento que o LD apresenta sobre o fenômeno e de que forma faz-se presente a diversidade de fatores socioculturais, visando aspectos históricos, geográficos e a implicação do ensino-aprendizagem dos alunos em sua adequação à língua, a partir de uma análise que contribua para o método de ensino-aprendizagem da língua e busque aproximar o LD cada vez mais da realidade sociocultural do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Ensino. Sociolinguística.

Introdução

São evidentes as grandes modificações que a língua portuguesa vem sofrendo ao longo do tempo. Questões históricas e sociais sobre o estudo da linguagem, o atual contexto em sala de aula, e o ensino da língua materna ao aluno aos poucos se reconstróem e modificam o modo de abordagem da língua e suas variantes nos livros didáticos de língua portuguesa.

Em uma ótica histórica desde as primeiras práticas na educação brasileira, percebe-se que a escola era considerada um espaço privilegiado e elitista, em que trabalhava-se a língua portuguesa como uma língua homogênea e invariável, levando em sua essência a ideologia de que os livros didáticos deveriam ser formulados apenas em uma língua uniforme, utilizando os meios linguísticos como um sistema estruturado e programado, excluindo assim, a abordagem comunicativa e interacionista do falante.

Após os anos 80, quando a democratização começou a se consolidar, outras práticas foram inseridas no ensino-aprendizagem. Trazendo assim, diversos benefícios que

⁹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Pará e integrante do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas - CUMA.

¹⁰ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Pará.

modificaram a ideia do que seria 'correto' na língua, transformando-a em uma língua mais próxima da sociedade e integrando a diversidade sociolinguística do falante em sala de aula.

Este artigo tem como objetivo discutir quais as abordagens da variação linguística estão presentes no livro didático do ensino médio "Novas Palavras" de Amaral et al. (2003). E a partir dos constructos teóricos referentes à Sociolinguística com os estudos de Bagno (2007, 2009), Bortoni- Ricardo (2009), Camacho (2003) e outros pressupostos teóricos sobre a variação, analisar o tratamento que o LD apresenta sobre o fenômeno e de que forma faz-se presente a diversidade de fatores socioculturais, visando aspectos históricos, geográficos e a implicação do ensino-aprendizagem dos alunos em sua adequação à língua.

Desta forma, é relevante a análise da variação linguística presente nos livros didáticos, observando de que forma são trabalhados em seu aspecto social e como esses âmbitos implicam no ensino-aprendizagem dos alunos e sua adequação à língua, na busca sobre um novo olhar sobre a contribuição do livro didático do ensino médio no ensino-aprendizagem da língua, que o torna mais próximo da realidade sociocultural e linguística do aluno.

A pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Segundo Cervo *et al* (2007, p.60), essa pesquisa "procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses". O intuito da pesquisa bibliográfica é então, fazer com que o pesquisador entre em contato com a maioria dos textos produzidos sobre um tema específico, para que com isso essa bibliografia possa auxiliar o pesquisador na análise e na realização de sua pesquisa.

Para a construção dessa pesquisa foram consultados livros, artigos científicos, monografias, teses e revistas acadêmicas relacionadas aos temas. A pesquisa apresenta características gerais do *corpus* que são constituídos por fragmentos referentes ao estudo da sociolinguística no livro "Novas Palavras – Português" referente aos estudos utilizados como conteúdo do ensino médio.

Fundamentação Teórica

Podemos verificar a existência de diversas variações na nossa língua materna. Em vários contextos, seja em um determinado dialeto, seja na escola ou em outros âmbitos sociais, e até em diferentes regiões, a variação linguística não pode passar despercebida, sendo parte constituinte de nossa língua e porque não dizer, de nossa história.

De acordo com Bagno (2007, p. 59), "O problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê", essa variação está intimamente ligada aos parâmetros histórico, geográfico e sociocultural de um determinado meio social. Além de afetar as diferentes classes sociais, tem grande evidência em salas de aula através da ocorrência de uma mistura entre cultura de letramento e a cultura de oralidade.

A linguagem é variável, desta forma existem algumas consequências que estão relacionadas ao ensino da língua materna. Fazendo uma análise mais aprofundada sobre a língua e seus falantes, Mussalim e Bentes (2004, p. 67) afirmam que "algumas formas de expressão podem estigmatizar socialmente seus falantes, enquanto outras podem valorizá-los socialmente."

A natureza discriminatória é a raiz do problema, pois em razão da forte estigmatização do aluno que fala/escreve de forma errada, o professor, procurando levar ao aluno o que seria o "corretamente" aceito de acordo com a gramática normativa, acaba contribuindo com a ideia de exclusão social em que o estudante está inserido. É neste ponto que a sociolinguística, ao assumir sua posição na Linguística Moderna, procura diminuir com o que seria a homogeneidade na língua, trabalhando com essas variedades existentes.

Em contraste a esse estudo, aparece a pedagogia da língua, o que segundo Mussalim e Bentes (2004, p. 68) "elege o correto e o incorreto, sua dicotomia predileta para discriminar e, ao mesmo tempo, selecionar." Essa pedagogia, procura trabalhar apenas com as chamadas motivações sociais, as diversas regras e estudos gramaticais com suas respectivas exclusões.

Observando essas práticas em sala de aula, é perceptível a grande importância de abordar a variação linguística de forma diferenciada, porém, apesar de sua relevância, muitos discentes encontram dificuldades quanto à preparação de conteúdos para ministrar aula ou utilizar um estudo mais aprofundado sobre o fenômeno, o que acaba contribuindo para a continuação da distinção do que seria o 'certo' e o 'errado', colaborando assim, para formas errôneas do estudo da língua e de sua variação.

É nesse ponto primordial que o livro didático pode ser utilizado como uma ferramenta complementar em sala de aula, contribuindo diretamente para uma pedagogia voltada para o ensino da variação. É importante um material que sirva de apoio tanto para as práticas de ensino do professor quanto para a aprendizagem do aluno, para que a utilização dos LD's possa contribuir por meio de pressupostos teóricos que busquem a reflexão para um combate às práticas do preconceito linguístico, abordando o estudo mais adequado da variação na língua portuguesa e construindo subsídios para uma análise mais aprofundada dos mecanismos linguísticos existentes.

E é nesse contexto, que surge também, o chamado preconceito linguístico, que em grande parte vem de uma sociedade que mantém aversão ao uso da língua considerados distintos da gramática normativa, imposta como única língua 'correta' dentro da sala de aula. A gramática normativa estabelece aos brasileiros, falarem o português de Portugal, quando a muito tempo já deixamos a condição de colônia.

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português". (BAGNO, 1999, p. 40)

Desta forma, a língua portuguesa brasileira, acaba sendo considerada uma unidade linguística do Brasil. E essa denominação, que não passa de um mito, é muito prejudicial à educação, pois excluindo o reconhecimento da diversidade linguística, a escola vai impor a norma-padrão como a única correta independente dos fatores sociais presentes, o que automaticamente exclui os falantes das variedades linguísticas consideradas desprestigiadas.

Bortoni – Ricardo (2009, p. 38) explicita que a melhor forma de trabalhar esses conteúdos em sala é "está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola" fazendo com que o professor possa encontrar caminhos que possam orientá-lo a conscientizar o alunado. Bagno (2009, p. 47) reforça que "Se milhões de brasileiros dizem o 'meu óculos novo' e não 'os meus óculos novos', é porque eles têm necessidade de modificar alguma regra da língua".

Sendo assim, é de fundamental importância observar que esses "erros" são apenas diferenças dos vários dialetos e mudanças fonéticas que se encontram ao longo da história da evolução de nossa língua. Um exemplo claro utilizado por Bagno (2009) é exemplo a palavra 'Limoeiro', onde o sufixo *eiro* é pronunciado quase sempre *êro* e a explicação válida para essa modificação vem dos ditongos *ei* e *ai* seguidos dos fonemas /R/ /N/ /J/ e /X/ que tendem a ser reduzidos, tornando-se vogais simples /E/ e /A/.

Outro caso comum em algumas regiões do país é o uso do pronome de tratamento *você*, que algumas vezes é utilizado como *ocê*, utilizando o estilo não monitorado pelos brasileiros e a forte influência da fala regional em determinados lugares do Brasil.

Para Schneuwly e Dolz (2007, p. 74), "uma ação de linguagem consiste em produzir, compreender, interpretar e memorizar conjuntos organizados de enunciados orais ou escritos, o que reflete nas relações interpessoais dentro da sala de aula." Na relação aluno e professor, o educador diante de uma situação considerada "erro de português"

muitas vezes não sabe como agir, e acaba reprimindo o aluno em vez de ajudá-lo a enriquecer o vocabulário e fazer com que exista uma consciência quanto às diferentes variações existentes.

O linguista suíço Ferdinand de Saussure, no início do século XX, propôs uma distinção entre língua e fala, buscando estabelecer a língua como um sistema abstrato, partilhado de uma comunidade de falantes que ganha realidade concreta na fala. Conclui-se então, que a competência comunicativa de um falante permite utilizar a fala de várias maneiras. Nenhum falante usa mal a sua língua materna, mas mudanças ocorrem devido à variação do meio social e dependem de vários fatores como a urbanização, o contexto rural e a monitoração estilística.

Riolfi et al. (2008, p.15) refletem no âmbito docente que "o professor precisa, como profissional da educação, criar dispositivos com fundamentação teórica para que consiga vislumbrar, para além das aparências, a assimilação, as falhas, os pontos que precisam de reforço etc." O livro didático, então, como fonte primordial de utilização que vislumbre uma prática pedagógica de auxílio ao aluno e ao professor, é fundamental durante essa mediação.

Discutir aprofundadamente a prática linguística em sala e o ensino da gramática tradicional dentro os conceitos de "certo" e "errado", sua estrutura de poder e dominação, já são realidade no atual contexto de estudos a cerca da língua materna:

Se existe, porém, uma grande resistência contra o redimensionamento do lugar do ensino da gramática na escola é porque todos sabemos que, ao longo do tempo, o conhecimento mecânico da doutrina gramatical se transformou num instrumento de discriminação e de exclusão social. "Saber português", na verdade, sempre significou "saber gramática", isto é, ser capaz de identificar — por meio de uma terminologia falha e incoerente — o "sujeito" e o "predicado" de uma frase, pouco importando o que essa frase queria dizer, os efeitos de sentido que podia provocar etc. Transformada num saber esotérico, reservado a uns poucos "iluminados", a "gramática" passou a ser reverenciada como algo misterioso e inacessível — daí surgiu a necessidade de "mestres" e "guias", capazes de levar o "ignorante" a atravessar o abismo que separa os que sabem dos que não sabem português (BAGNO, 2007, p. 183).

Desta forma, sendo a variação linguística o reflexo direto das particularidades de uso da linguagem de cada indivíduo e os LD's sendo utilizados de forma adequada, trazem para o cotidiano dos alunos um estudo que busca analisar o processo interacional e as diferenças linguísticas presentes na linguagem, e aos professores, fornecem as variações adequadas ao estilo escrito e oral, por meio dos princípios sociolinguísticos.

Diversidade de Fatores Socioculturais e a Presença de Aspectos Históricos e Geográficos

Considerando os pressupostos teóricos acima, e com base nos diversos tipos de variações relacionados ao ensino e aprendizagem, será analisado o livro didático *Novas Palavras* (2003) utilizado por alunos de Ensino Médio, no qual encontra-se um sub-tópico denominado “Noções de Variações Linguísticas” que inaugura a “Introdução à Gramática”, levando assim, logo de início à presença de uma abordagem diferenciada no ensino do livro didático trabalhado.

Por ser um livro contemporâneo, sua grande relevância está contida na utilização de conceitos e estruturas gerais da língua que contribuem de forma significativa para o estudo reflexivo das muitas variações existentes. Além disso, uma abordagem mais familiarizada com as variações dos alunos são utilizadas no livro através dos fatores socioculturais, geográficos e históricos de muitos lugares.

A diversidade linguística e a pluralidade cultural estão presentes dentro do estudo da sociolinguística tornando-se um facilitador da conscientização sobre a variação linguística presente no Brasil. Bortoni-Ricardo (2009) utiliza a terminologia *domínios sociais* para explicitar um espaço onde pessoas interagem assumindo determinados papéis sociais que são definidos através do próprio processo de interação humana.

Em todos os domínios sociais, há desta forma, regras que determinam ações que ali foram realizadas. São regras que podem estar vinculadas à documentos ou registros, ou ser parte da tradição cultural não documentada, porém, sempre haverá um outro caso de variação de linguagem nesses domínios.

Por não poder ser regida por normas fixas e imutáveis, através de suas transformações ao longo do tempo, a língua é totalmente mutável. Essas variações podem ser encontradas em diversas comunidades, como exemplo variedade paulista, carioca, nordestina, entre outras. São a partir dessas variedades que se constituem o que a sociolinguística chama de *repertório verbal*.

Na análise do estudo sociolinguístico, são sustentados estudos de variações que se dividem em variação geográfica (ou chamada diatópica) e em variação social (ou diastrática). A variação geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, que são observadas a partir das origens geográficas do falante. Já o estudo da variação social ou diastrática está relacionada à diversos fatores voltados tanto para a identidade de determinados falantes, como também para a organização sociocultural da comunidade linguística.

Bortoni-Ricardo (2009) ao refletir sobre a variedade regional da língua, propõe uma análise sobre as crenças de superioridade de uma variedade ou falar, sobre os demais. Na cultura brasileira, a variedade regional é antes de tudo, instrumento identitário de determinado grupo social.

Podemos verificar as questões de poder, onde falantes que detêm mais poder gozam de maiores prestígios e por consequência, transferem esse prestígio para a variedade linguística presente. Assim, um dialeto (ou variedade regional), “falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto” (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 34).

É importante observar que quando determinado dialeto é alçado à condição de língua nacional é em virtude de um processo sócio-histórico, adquirindo assim maior prestígio em consideração aos demais. Questões históricas no Brasil, já mostravam que ao longo dos séculos XVI e XVII as cidades voltadas para Europa que receberam grande contingente de europeus, como Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Olinda, se tornaram detentoras de mais prestígio que os falantes de comunidades interioranas.

Desta forma, conclui-se que fatores históricos, políticos e econômicos conferem determinados prestígios a certos dialetos ou variedades regionais. Assim sendo, combater o preconceito linguístico e observar a pluralidade cultural são fatores que precisam ser cultivados dentro do âmbito do ensino-aprendizagem em sala de aula.

Na página 328 do LD, é introduzido um conceito sobre a gramática, porém, ao contrário da maioria dos livros que abordam o tema, o verso intitulado *Pronominais* de autoria de Oswald de Andrade tenta quebrar com os conceitos arraigados pela gramática normativa do certo e do errado.

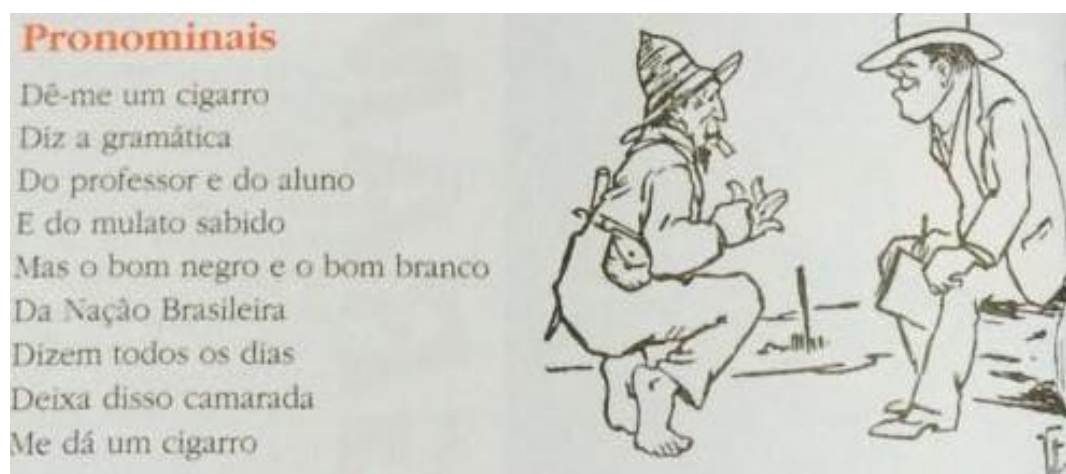


Imagem 1 – Pronominais (Oswald de Andrade.)

Fonte: LD de Língua Portuguesa, p. 328, 2003.

Há então, uma certa ruptura das normas formais com um texto que busca observar que a linguagem coloquial também deve ser utilizada na língua portuguesa como objeto de reflexão e de estudo. A crítica ao que era considerado 'rígido' nas relações 'professor e aluno' também é notória, no que tange ao ensino de gramática sem levar em considerações as diversas variantes na fala do brasileiro.

A utilização das palavras 'bom negro' e 'bom branco' também utilizam-se do sentido de uma pessoa que corresponde ao que é exigido, ou esperado quanto à sua adequação e natureza linguística.

Já no segundo recorte utilizado para análise, presente na página 331, o livro apresenta uma produção intitulada 'Só os óio' que figura uma estrutura referente às variações geográficas, muito presente no multiculturalismo do Brasil:

"Só os óio

Ao regressar de Mineiros, em Goiás, [...] perdemos a hora de atravessar o Rio dos Bois. Não houve rogos nem promessas que demovessem o balseiro de sua resolução. Eram mais de seis horas e não daria passagem. Tocamos rastos atrás cinco léguas e fomos pedir pouso em casa de um sertanejo pobre, casa de pau a pique [...]

Estávamos em julho e o frio era intenso. Ao pedir pouso o caipira me perguntou:

_ Você trôxe rede?
 _ Não
 _ Churchuádo?
 _ Também não.
 _ E cuberta?
 _ Também não trouxe.
 _ Aãã... Intãoee você, de durmi, só troxe os óio?"

Cornélio Pires. Patacoadas. Coleção Conversa Caipira. 2002

Fonte: LD de Língua Portuguesa, p. 331, 2003.

(Fragmento.)

A presença do sotaque caipira explicita a utilização de supressões de algumas palavras e reformulações de outras como *troxe*, *óio*, *durmi* e dão a noção das variantes geográficas presentes nas muitas regiões do país. Dependendo da extensão do território, estas variedades apresentam-se, frequentemente, como dialetos regionais. As variações geográficas na abordagem do LD, também mostram que sua utilização pode aparecer tanto em seu aspecto sonoro, no vocabulário ou até mesmo na estrutura de frases.



Cornélio Pires. Patacoadas. Coleção Conversa Caipira. 2002

Fonte: LD de Língua Portuguesa, p. 332, 2003.
(Fragmento.)

Por último, o LD utiliza-se do estudo sobre âmbito histórico da língua em um dado período histórico, observando suas construções em determinado momento da história e comparando com a atualidade. O texto utilizado é datado de 1536. À exemplo, as palavras da época presentes no texto foram: “Lingoagem, bos, sabê, ~q, etede, cousas”, entre outras. E que posteriormente, sofreram novas reconfigurações e hoje possuem novas construções.

Conclusão

Inúmeros são os avanços que se fazem presentes nos estudos sobre a variação nos livros didáticos. Na análise do LD apresentado, fatores positivos que elevam mais do que um olhar sobre o estudo normativo da língua, mas transmitem a busca por levar a diversidade linguística para dentro da sala de aula, mostrando ao discente que sua língua materna é parte constituinte dos estudos de linguagem.

Apesar de se pautarem em análises sólidas sobre o estudo da variação linguística, ainda é utilizam-se de atividades que precisam passar de uma superficialidade sobre o estudo da linguagem para algo mais profundo, levando o aluno a compreender sua língua em diversos contextos que o levem para uma reflexão partindo-se do principio de seu próprio meio sociocultural e de sua variedade linguística, utilizando do estudo de sua língua materna como organismo vivo e que a cada dia se transforma.

Referências

ANTONIO, Severino; AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro. **Novas Palavras – Português**. 2.Ed. São Paulo, 2003.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. Ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: A Sociolinguística na sala de aula**. 6. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística (In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

MEC. **Guia de livros didáticos PNLD 2008**. Língua portuguesa Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/livro_didatico/guias_pnld_2008_linguaportuguesa.pdf>. Acesso em: 07 de jan. de 2015.

RIOLFI, Claudia et al. **Ensino de Língua Portuguesa**. 1 Ed. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 1 Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

VARGAS, G. M. **Variação Linguística no livro didático**. Disponível em: <http://www.senallp.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23:a-variacao-linguistica-no-livro-didatico-gisele-vargasufpel&catid=1:2010&Itemid=14> Acesso em: 18 de jul. de 2015.

ESTUDOS FRASEOLÓGICOS E SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Carlene Nunes Salvador (UFPA/Fapespa)
Abdelhak Razky (UFPA/UnB)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica da teoria fraseológica. O estudo da fraseologia ou unidades fraseológicas da língua comum há tempos vem sendo realizado por meio da organização das expressões repetidas, oralmente ou escritas, em obras de relevo da literatura de diversas épocas. Contudo, o estudo dessas unidades nas línguas de especialidade só recentemente começa a ganhar espaço, devido ao avanço das ciências e à necessidade de se compreender as linguagens das áreas específicas que se desenvolvem, tendo em vista as novas tecnologias e a mobilidade linguística a que o homem está exposto. Neste sentido, apresentamos um apanhado histórico dos estudos fraseológicos desde a concepção de Bally (1951), passando pelos teóricos russos Kunin (1970) e pelas correntes: francesa Gross (1982); Gross (1986); Mejri (1997); Martin (1994), espanhola Casares (1950); Zuluaga (1980) e Corpas Pastor (1996), em Cuba com Carneado Moré (1985) e Tristán Pérez (1988), no Canadá, Pavel (1993); Blais (1993) e Gouadec (1994), em Portugal Desmet (1995); e brasileira NASCENTES (1986), Ortiz-Alvarez (2000) e Oto-Vale (2002). Em concordância com o estudo ora apresentado, aborda-se também a condição da Fraseologia como disciplina independente ou como uma subárea da Lexicologia, para tal apresenta-se a distinção entre fraseologia comum e fraseologia de especialidade, conceitos essenciais à compreensão dessa área de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia. Fraseologia da língua comum. Fraseologia da língua especializada

1 Introdução

Uma das formas de conhecimento da história do pensamento social no decorrer dos séculos está presente em um vasto número de expressões, as quais seriam portadoras das vivências de uma ou mais gerações e que funcionariam como instrumentos de conduta aptos para serem aplicados no cotidiano. Nesse contexto, os estudos fraseológicos possuem vasta literatura fruto de longa caminhada. Do modelo clássico, passando pelo estruturalismo, pelo gerativismo, até o modelo cognitivista, as unidades fraseológicas são concebidas e conceituadas conforme as concepções linguísticas de cada teórico da área. Dessa gama de investigações sobre a Fraseologia emanam as controvérsias relacionadas a sua área de atuação, seu objeto de estudo, e sua delimitação, além da abundante diferença terminológica, associada à linha de pensamento de seus autores.

Os estudos das fraseologias ou unidades fraseológicas da língua comum há tempo vêm sendo realizados por meio da organização das expressões repetidas, oralmente ou escritas, em obras de relevo da literatura de diversas épocas. Contudo, o estudo dessas unidades nas línguas de especialidade só recentemente começa a ganhar espaço, devido ao avanço das ciências e à necessidade de se compreender as linguagens das áreas específicas que se desenvolvem, tendo em vista as novas tecnologias e a mobilidade linguística a que o homem está exposto.

Neste sentido, as pesquisas no âmbito da linguagem especializada trazem uma grande contribuição para os usuários não especializados, quando facilitam a compreensão dos sentidos dos termos e das expressões que se desenvolvem e circulam em cada área específica do conhecimento. Assim, as ciências relativas ao domínio das grandes áreas como a informática, as engenharias, o direito, a ecologia, o desporto, enfim, de todos os ramos de cada ciência apresentam linguagens específicas que necessitam de estudos paralelos de base linguística para se acompanhar o entendimento dos sentidos que elas veiculam.

2 Para Início De Conversa...

Como disciplina científica, a Fraseologia conheceu grande desenvolvimento nos anos cinquenta, especialmente na antiga URSS com os trabalhos de V. Vinogradov. Nas últimas décadas, têm-se visto muitos estudos teóricos na Alemanha Thun (1975), na França, Greimas (1960); Pottier (1974); Martinet (1975); Glaser (1986); Danlos (1991); Gross (1982); Gross (1986); Mejri (1997); Martin (1994); Greciano (1999) e Schapira (1999), na Espanha, Casares (1950); Zuluaga (1980); Gurillo (1997); Corpas Pastor (1996) e Garcia-Page (2008), em Cuba com Carneado Moré (1985) e Tristán Pérez (1988), no Canadá, Pavel (1993); Blais (1993) e Gouadec (1994), em Portugal Desmet (1995); Ranch-Hod (1993); Athayde (2001); Jorge (2005) e Marçalo (2007). No Brasil, Nascentes (1986) apresenta um vasto compêndio das fraseologias do português. No âmbito das expressões idiomáticas têm-se os trabalhos de Tagnin (1988,1989); Lodovici (1987,1990); Xatara (1994,1998); Ortiz-Alvarez (2000) e Oto-Vale (2002). O pouco que há sobre a língua portuguesa enquanto estudo sistemático e objetivo da nossa fraseologia devem-se em parte, a esses autores.

2.1 A Fraseologia como Disciplina Independente

A questão da fraseologia como disciplina linguística é amplamente discutida. O problema já começa pelo termo técnico *fraseologia* que é pelo menos ambíguo: por um lado compreende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas, quer dizer o fraseolêxico de uma língua. Por outro lado, fraseologia refere-se à subdisciplina linguística, quer dizer à investigação fraseológica que tem por tarefa a pesquisa do fraseolêxico. Na tentativa de desfazer essa ambiguidade e evitar confusões entre os termos, preferimos, nesta tese, utilizar Fraseologia com letra inicial maiúscula para nos

referirmos ao campo de estudos e fraseologia com letra inicial minúscula para designar o conjunto de unidades fraseológicas que será abordado mais adiante.

A Fraseologia no sentido de investigação fraseológica constitui uma disciplina relativamente nova. Charles Bally em 1905 já utilizava o termo *phraséologie*. Foi este linguista quem atentou para a existência de expressões fixas e de combinações estáveis, em que associações e agrupamentos gerados podem ser passageiros ou passar a ter um caráter usual e formar unidades indissolúveis, ajudando assim, a delimitar o objeto de estudo da fraseologia, campo definido por ele como uma submacroárea da Lexicologia, o qual se dividiria em “Fraseologia popular”, que estuda os idiomatismos, os provérbios, as gírias, os ditados, e em “Fraseologia técnico-científica” que se ocupa do estudo das expressões terminológicas, cujo objetivo é o estudo das leis que condicionam a falta de liberdade das palavras e de seus significados.

Charles Bally é considerado por González Rey (2002:22) o “pai da fraseologia”. Discípulo de Saussure, Bally escreveu *Précis de Stylistique* (1905) e *Traité de Stylistique* (1909). Seus estudos impulsionaram outros trabalhos, que aprimorados, abriram novos caminhos e conceitos. A obra de Bally ultrapassou fronteiras e se introduziu na linguística soviética. Os estudos desenvolvidos pelos linguistas russos Polivanov e Vinogradov são um marco para o avanço dos estudos sobre os fraseologismos. Polivanov porque introduziu as ideias de Bally por volta dos anos 20 e Vinogradov por classificar as unidades fraseológicas e reivindicar à Fraseologia, o status de disciplina autônoma (1946). Com isso, a investigação russa começou a determinar precisamente o estado dos elementos do fraseolêxico dentro das locuções.

Assim, foram incluídas sugestões essenciais dadas para a investigação fraseológica pelo discípulo de Saussure. Compartilham dessa premissa o alemão Thun (1975), um dos principais seguidores de Bally, Zuluaga (1980), Carneado Moré (1985) e Tristá (1988), estudiosos que foram influenciados sobremaneira pelos estudos dos fraseólogos russos. Quanto à visão soviética de fraseologia, Klare (1986), afirma que:

“...a investigação soviética tende a compreender a fraseologia como disciplina lingüística autônoma e para excluí-la assim da lexicologia e estabelecê-la num grau equivalente ao lado da lexicologia como disciplina lingüística autônoma. Este ponto de vista parte do fato de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas etc.), contrariamente às palavras simples e compostas, dispõem também de especificidades e particularidades, restando à questão de estas especificidades serem suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da lexicologia.” (p. 356).

A despeito dos estudos realizados por Bally, o que se percebe é que a indefinição deste campo, quanto ao seu enquadramento, se disciplina linguística ou se subárea da lexicologia, ainda persiste.

Por outro lado, estudos sobre a Fraseologia como área específica começaram a tomar vulto nos anos 80. Welker (2004) cita os trabalhos de Makkai (1971), Rothkegel (1973) e Burger (1973) como os primeiros estudos realizados fora da antiga União Soviética.

Apesar da ampla divulgação dada aos estudos dos russos, Klare (1986) nos apresenta sua perspectiva divergente sobre o assunto:

“Ressaltamos mais uma vez insistentemente o facto de que os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumulados no léxico (cp. também B. Hansen/K. Hansen/A. Neubert/M. Schntke, «Englische Lexikologie», Lúpsia 1982, p. 12). Por isso a fraseología continua para nós uma subdisciplina da lexicología.”(KLARE, 1986)

Neste contexto, fica clara a posição do autor quanto ao status da fraseologia como subdisciplina da Lexicologia, baseado principalmente, na teoria de Pottier (1974) sobre as *lexias*. Compreende-se por elementos lexicais ou *lexemas*, na terminologia da escola de Bernard Pottier *les lexies* (em português: as *lexias*) formas e estruturas linguísticas de natureza diferente; as suas características comuns consistem no fato de que elas estão acumuladas no léxico, na parte da consciência linguística que abrange as unidades denominativas, e em que elas exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade. Estas condições não só são cumpridas por palavras simples (*lexias* simples), mas também pelas palavras compostas, as (*lexias* compostas), e pelas palavras complexas, as (*lexias* complexas). Das últimas fazem parte os fraseologismos possuindo, como unidades denominativas, equivalência de palavras. Deste modo, para Pottier (*idem*), as *lexias* simples, compostas e complexas constituem *lexemas* de estrutura formal diferente. Enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários componentes que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí resulta para o autor, um critério essencial para a classificação da Fraseologia no campo geral da Lexicologia como subdisciplina lexicológica.

Assim como Pottier, sobre a autonomia da Fraseologia, Coseriu (1977) postula que a Fraseologia é considerada um ramo da lexicologia por se preocupar com as combinações de palavras que podem ser analisadas no mesmo âmbito das palavras simples, e, sendo assim, não deve ser avaliada como uma disciplina independente.

Por outro lado, na visão de Rodriguez (2004), a Fraseologia se consolida verdadeiramente como uma disciplina linguística independente, formando-se, desse modo, toda uma escola russa de Fraseologia, diversificada em estudos descritivos sincrônicos, contrastivos e históricos, a partir de 1956, em Leningrado.

Gurillo (1997) defende que a Fraseologia deve ser considerada uma disciplina autônoma pelo fato de dispor de um objeto de estudo independente e também de um método científico e descritivo relativamente específico. Todavia, outros estudiosos colocam em questão o caráter autônomo da Fraseologia com o argumento de que as UFs não possuem uma classificação unitária do sistema léxico-semântico e que os fenômenos utilizados para explicar as UFs não são exclusivos, uma vez que princípios como a combinabilidade e a idiomatidade são relacionados a outros processos linguísticos, como afirma Školníková (2010).

Percebe-se, a partir dos estudos citados, que independentemente do status de disciplina ou de subdisciplina, a fraseologia tem despertado o interesse de muitos linguistas, provavelmente porque esses estudiosos tenham percebido o papel que as unidades fraseológicas desempenham no desenvolvimento da competência discursiva dos falantes de uma dada língua. Corroboramos as premissas dos linguistas russos ao considerar a Fraseologia como disciplina independente, por entendermos que ela possui método específico e possibilita a análise das unidades fraseológicas a partir do conjunto de seus constituintes e não apenas como palavras simples.

3 Fraseologia: Definição, Delimitação e Classificação

Sobre os fundamentos da Fraseologia, Roncolato (1996, p.13) destaca que Michel Bréal foi o primeiro a definir conceitualmente as expressões fraseológicas:

Em sua obra *Essai de Semantique* (1897), Michel Bréal fala de "formules", "locutions", e "groupes articules". Os "groupes articules" abrangem todo tipo de expressões fixas. Bréal reconheceu vários tipos de arcaísmos nas expressões fixas, o emprego de formas gramaticais que não se usam na língua atual e construções sintáticas próprias de estágios linguísticos anteriores. Outra descoberta deste pesquisador é o reconhecimento das expressões fixas como unidades compactas.

Tendo sido o primeiro a registrar conceitualmente e a discriminar as unidades fraseológicas, Bréal tornou-se o ponto de partida para os estudos da Fraseologia.

Também neste âmbito Saussure (1969) relata a ocorrência de um fenômeno linguístico caracterizado como "*frases feitas*" que pertencem à língua e se constituíram pelo uso, de forma que não podem ser alteradas. Desta forma, Saussure (1969, p.144) apresenta a seguinte reflexão:

"Há primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas. Esses termos não podem ser improvisados; são fornecidos pela tradição. Podem-se também citar as palavras que, embora prestando-se perfeitamente à análise, se caracterizam por alguma anomalia morfológica mantida unicamente pela força de uso." (SAUSSURE, 1969, p. 144)

Seguindo a perspectiva estruturalista, podemos citar Charles Bally que, em seu *Traité de Stylistique Française* (1951), afirma que "*a assimilação dos fatos da língua ocorre, principalmente, pelas associações e agrupamentos, que podem ser passageiros, ou passar a ter um caráter usual e formar unidades indissolúveis*". Bally (1951) propõe então dois tipos de unidades ou locuções fraseológicas, apresentando de modo precursor, os diferentes graus de fixação para essas unidades:

- a) *séries fraseológicas* ou *agrupamentos usuais*, quando o grau de coesão é relativo. Nesse caso, as palavras que compõem a expressão têm, isoladamente, autonomia, mas não no conjunto. Como exemplos, cita *amar loucamente* e *desejar ardentemente*;
- a) *unidades fraseológicas*, quando o grau de coesão é absoluto. Nesse caso, as palavras perdem sua significação e é o conjunto que adquire um novo significado, que não é o resultado da soma dos significados de cada um dos elementos. Exemplos desse tipo são as locuções adverbiais e verbais como *ainda há pouco*, *mais ou menos*, etc.

A obra de Bally extrapola as fronteiras dos estudos franceses e chega à Rússia, ganhando grande visibilidade e seguidores. No caso dos pesquisadores russos, são eles, provavelmente, os responsáveis pelo descobrimento das combinações estáveis, e apontavam para a consolidação dessas combinações na língua graças à repetição, à estabilidade na composição lexical, à ordem das palavras, estabelecendo a presença de combinações variáveis e invariáveis das palavras, "*a phraseological unit is a stable combination of words with a fully or partially figurative meaning*" Kunin (1970:210).

A partir da década de 50, muitos trabalhos nessa área passam a ser motivo de investigação pelos pesquisadores da época. Dentre esses autores, destacam-se: Júlio Casares, que ainda em 1950, lança o livro *Introducción a la Lexicografía Moderna*, uma referência constante para os estudos em Fraseologia. É o caso também de Algirdas Julien Greimas, que, em 1960, publica a obra *Cahiers de lexicologie*, em que há um capítulo “*Idiotismes, Proverbes, Dictons*” e Eugenio Coseriu, que, em 1977, publicou *Las Solidariedades Léxicas*.

Para Fiala (1988, p. 32), “*a fraseologia é constituída de combinações recorrentes, mais ou menos estabilizadas, de formas lexicais e gramaticais.*” Tais unidades aparecem como fixações, isto é, conjuntos mais ou menos longos de formas simples construídas em contextos restritivos, capazes, contudo, de algumas variações.

Na concepção de Fleischer (1997) a Fraseologia é o campo de estudos que trata de grupos de palavras e frase, que se unem de maneira mais ou menos fixa e cujo sentido é entendido pelo conjunto de seus componentes.

Neste sentido, Gülich (1997:144) também faz sua contribuição no sentido de definir a Fraseologia como “um tipo de conceito mais abrangente para diversos tipos de estruturas formuláicas”.

Para Tristá (1998) Fraseologia se constitui como uma vertente especial da Linguística e tem uma metodologia específica para o estudo de seu objeto, a pluriverbalidade, a estabilidade e o sentido figurado.

Ruiz Gurillo (2000) esclarece que a Fraseologia é uma ciência que se caracteriza por ser interdisciplinar, dialogando com diversas áreas do saber, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Linguística e a Linguística Aplicada.

No *Diccionario de la Real Academia Española* (2001) encontramos a seguinte definição de Fraseologia:

Conjunto de modos de expressão peculiares de uma língua, grupo, época, atividade ou indivíduo. 2) Conjunto de expressões intrincadas. Às vezes, palavreado. 3) Conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações fixas, modismos e refrões existentes em uma língua, no uso individual ou no de algum grupo¹¹.

Ortíz Alvarez (2002) entende a Fraseologia como:

¹¹ Texto original: “1. Conjunto de modos de expresión peculiares de una lengua, de un grupo, de una época actividad o individuo. 2. Conjunto de expresiones intrincadas, pretenciosas o falaces. Palabrería. 3. Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo”.

o conjunto de combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, e que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos. Nela se incluem todas as combinações onde os componentes possuem traços metafóricos geralmente estáveis (em alguns casos a estabilidade é parcial permitindo algumas alterações sem perder o significado total da expressão).

Neste sentido, as expressões fraseológicas são caracterizadas como populares em algumas línguas e culturas por não ser possível identificar o significado delas por meio do sentido literal das palavras que as compõem. Tendo sido pesquisada com base em diferentes enfoques, nos últimos anos, cresceu significativamente o interesse pelos estudos fraseológicos, o que permitiu a criação de uma teoria fraseológica que discute a diversidade de combinações, a classificação e a delimitação das unidades que a integram e cumprem a função de descrever as atividades cotidianas, na concepção da autora.

Por sua vez, Zuluaga (2002, p. 98) define Fraseologia como combinações, construções linguísticas compostas, no limite entre livres e fraseológicas, indicam que não se identificam, propriamente, como nenhuma dessas duas classes, se encaixariam melhor como um fenômeno de intersecção, apresentam características comuns tanto com uma quanto com outra.

Gonzalez Rey (2004, p. 115) entende por Fraseologia

“...o estudo científico da combinatória fixa das línguas, com um material classificado como heterogêneo (expressões idiomáticas, frases feitas, fórmulas rotineiras, colocações, refrões e outras parêmiias), mas com umas características comuns (pluriverbalidade, fixação dos componentes, idiomaticidade e, não raro, iconicidade da sequência fixada, repetição no discurso e institucionalidade, ou seja, reconhecimento pela comunidade de falantes.)” (GONZALEZ REY, 2004, p. 115)

Por sua vez, Ramos Nogueira (2008, pp. 43-44) acredita que *a Fraseologia é uma disciplina científica que se ocupa dos estudos do léxico, observando a contextualização das unidades fraseológicas que a compõem*. Essas construções são formadas por meio da combinação de dois ou mais elementos, com certo grau de fixação, cunhadas ao longo dos anos (colocações, locuções ou expressões idiomáticas e, ainda as parêmiias: refrões e provérbios e outros enunciados fraseológicos), cada uma com as suas características.

Evidenciando-se a profícua produção em torno dos estudos fraseológicos e a diversidade de nomenclaturas utilizadas em torno da sua definição e delimitação, o que pode ser comprovado pela breve revisão bibliográfica efetuada, é possível estabelecer que o consenso entre os teóricos encontra-se em função de um termo único para todos os seus elementos: as unidades fraseológicas.

3.1 Fraseologia da Língua Geral

A fraseologia da língua comum abrange o estudo de unidades bastante diversas: provérbios, ditados, expressões idiomáticas, colocações e locuções. Os fatores que permitem sua união sob o hiperônimo *fraseologia* são de caráter semântico, isto é, sua significação, estabelecida a partir do conjunto dos elementos que as formam, e o seu elevado grau de lexicalização. Portanto, consideramos que sob o rótulo fraseologia é possível abrigar unidades sintagmáticas que, embora diversas do ponto de vista estrutural, possuem, pelo menos, duas propriedades fundamentais comuns, quais sejam: são estruturas formadas por mais de uma palavra, mas com sentido único. Desse modo, consideramos ser possível manter certa unidade em relação ao objeto de estudo da fraseologia da língua comum, sem deixar de levar em conta as propriedades específicas de cada um de seus tipos.

A língua apresenta estruturas que só podem ser entendidas no seu conjunto. Atualmente, expressões do tipo *com certeza, a menos que, tomar parte em, pagar o pato, a cavalo dado não se olha os dentes* e muitas outras cristalizadas em português brasileiro (PB) são tratadas como fraseologias da língua comum.

Para alguns autores, a fraseologia limita-se às expressões idiomáticas próprias de uma língua; outros consideram que ela inclui os provérbios, os ditados, as locuções e as lexias compostas. Há ainda quem considere que tais unidades possuam estruturas extremamente variáveis, podendo incluir palavras, grupos de palavras, locuções, expressões, orações, segmentos de frases, frases, conjunto de frases e assim por diante. Observa-se, portanto, que há uma diversidade de unidades que são consideradas fraseológicas, do mesmo modo que há diversidade em relação a sua denominação, fatores que não influenciam a sua utilização, pois o mais importante é que os falantes nativos de uma língua sabem reconhecê-las e utilizá-las adequadamente.

Bevilacqua (1995, p. 846) postula que a fraseologia de língua comum apresenta as características de "*impossibilidade de alteração da ordem de seus componentes, de inserção*

de outros componentes e de substituição de determinado componente ou de determinada categoria gramatical', embora sejam permitidas alterações de tempo verbal.

Ainda conforme a mesma autora pode-se entender a fraseologia tanto de Língua Comum e de Especialidade quanto a combinação de elementos linguísticos de uma dada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que *"não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos"* (1995, p. 846).

3.2 Fraseologia da Língua Especializada (UFE)

A partir dos anos 90 cresceu sobremaneira o interesse pelo estudo da Fraseologia especializada e de seu objeto de estudo, as Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE). Parte desse interesse deu-se pela necessidade de produção de textos especializados, principalmente por parte dos mediadores linguísticos – redatores ou jornalistas – motivada pela divulgação cada vez maior de temas relacionados às ciências e às técnicas, bem como os ofícios. Essa motivação fez com que se começasse a pensar que outras unidades linguísticas, além dos termos, também transmitem conhecimento especializado e caracterizam o discurso de determinada temática específica.

O campo da fraseologia especializada, como observamos, é um campo que possui muitas perspectivas teóricas Hausmann (1990), Mel'cuk (1984, 1988, 1992) e Benson, Benson e Ilson (1996), sem que haja unanimidade entre os estudiosos da área, cujas definições e abordagens propostas variam de acordo com as finalidades de cada investigação. O que percebemos, é que de autor para autor, ainda que seja o mesmo objeto de estudo, cabem interpretações heterógenas e contrárias, com uma proliferação de denominações diferentes.

Pavel (1993) define as unidades fraseológicas especializadas (UFEs) considerando-as do ponto de vista da coocorrência, da frequência e da previsibilidade com que acontecem:

"par phraséologie spécialisée, nous entendons la combinatoire syntagmatique des unités terminologiques, prises comme noyaux de cooccurrences usuelles ou privilégiées dans les textes d'une spécialité. Ces solidarités lexicales présentent divers degrés de figement (combinaisons fixées, restreintes, libres), de commutabilité, de compactage, de fréquence, de spécialisation et de prévisibilité léxico-sémantique (...) Les unités phraséologiques sont du type Nom+Nom, Nom+Adjectif, Nom+Verbe, Verbe+Nom (Pavel, 1993, p.10)".

Considerações Finais

Dado a enorme dificuldade em definir a Fraseologia, depreende-se das diversas contribuições tratar-se de uma área que se ocupa dos estudos do léxico, especificamente as unidades fraseológicas, construções formadas por meio da combinação de dois ou mais elementos, com certo grau de fixação, cunhadas ao longo dos anos, cada uma com as suas características.

Tais questões se configuram como um dos dilemas vividos pela Fraseologia. A fim de esclarecer este questionamento, Montoro del Arco (2006) destaca duas possibilidades de entendimento para a Fraseologia. A primeira delas é considerá-la em um sentido amplo e compreende-la como corrente ou ramo de estudo dentro da Linguística, enquanto que a outra possibilidade se configura a partir de uma perspectiva restrita, considerando a Fraseologia como uma disciplina autônoma que estuda um determinado fenômeno linguístico, as unidades fraseológicas.

Neste trabalho, entendemos a fraseologia enquanto fenômeno que se exprime através das associações sintagmáticas recorrentes, sendo a cristalização, o evento responsável pelo qual as associações sintagmáticas se realizam. Trata-se de um processo universal próprio das línguas vivas que se inscreve no tempo, se realiza independentemente da vontade dos interlocutores, age como fator sistêmico sobre o funcionamento da língua em todos os níveis (léxico, morfológico, sintático, semântico, pragmático, partes do discurso). Neste sentido, coloca-se a sintagmática a serviço do léxico, fazendo de cada sintagma um candidato em potencial para tornar-se uma unidade polilexical (MEJRI,1996).

Referências

BALLY, C.. (1951). **Traité de stylistique française**. Paris: Klincksieck, v. 1.

BENSON, M.; BENSON, E.; ILSON, R. (1996). **The BBI combinatory dictionary of English**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

BEVILACQUA, C.R. (2004). Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descrição y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. Barcelona: Instituto Universitario de Lingüística Aplicada (IULA), Universidade Pompeu Fabra. [Tese de Doutorado].

BLAIS, E. (1993). "La phraséologie. Une hypothèse de travail". Terminologies Nouvelles, 10. Bruxelas: RINT, p. 50-56.

CABRÉ, M. T.; LORENTE, M.; ESTOPÀ, R. (1996). Terminología y fraseología. Actas del V Simposio de Terminología Iberoamericana. Ciudad de México: Colegio de México, p. 67-81.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**, Madrid: CSIC, 1992 [1950].

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

_____. **Diez años de investigación en fraseología: Análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos.** Madrid: Iberoamericana, 2010.

DESMET, I. (1995-1996). Pour une approche terminologique des sciences sociales et humaines. Les sciences sociales et humaines du travail en portugais et en français. Paris: Université Paris-Nord (Paris XIII), Vol. II. [Tese de doutorado].

GOUADEC, Daniel (1994): «Nature et traitement des entités phraséologiques», em Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs. Actes de la deuxième Université d'Automne en Terminologie. Paris: La Maison du Dictionnaire, p. 167-193.

HAUSMANN, F.J. (1990). "Le dictionnaire de collocations". HAUSMANN, F.J. et al. An International encyclopedia of lexicography. Vol. 1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, p. 1010-1019.

KLARE, Johannes. Lexicologia e fraseologia no português moderno. In: *Revista de Filologia Românica*, IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986.

L'HOMME, M-C. (2000). **Understanding Specialized Lexical Combinations.** En: *Terminology*, Vol. 6, n. 1, p. 89-110.

MEL'CUK, I. (1984, 1988, 1992). Dictionnaire Explicatif et combinatoire du français contemporain. Vol. 1, 2, 3, Montréal: Les Presses de la Université de Montréal.

MERJI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ALVAREZ, Maria L. O. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia.** Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. **Le figement lexical.** Cahiers de lexicologie, v. 82, p. 23-40, 2003.

_____. Délimitation des unités phraséologiques. In: ALVAREZ, Maria L. O. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia.** Campinas, SP: Pontes, 2012.

PAVEL, S. (1993). La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. Terminologies Nouvelles, 10. Bruxelles: RINT, p. 67-82.

POTTIER, B. **Estruturas linguísticas do Português.** São Paulo: Difel, 1975.

POTTIER, B. **Linguistique générale: théorie et description.** Paris, Klincksieck, 1974.

_____. **Estruturas linguísticas do Português.** São Paulo: Difel, 1975.

TRISTÁ, A. M. **Fraseología y Contexto**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales. 1988.

ZULUAGA OSPINA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a. M., Bern, Cirencester/UK: Lang, 1980.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cecília Maria Tavares Dias¹²

RESUMO: Este trabalho trata de uma experiência que está sendo realizada com uma turma de 8º Ano de uma escola pública de Tucuruí, município do sudeste paraense, sobre a variação lexical utilizada pelos moradores dessa localidade, a qual sofreu um grande fluxo migratório na década de 80, com a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Através da pesquisa-ação, professor e aluno aplicarão questões de base semântico-lexical do Atlas Linguístico do Brasil, com o fim de identificar as possíveis variações lexicais existentes nessa localidade. Dessa forma, pretende-se ressaltar a importância dos dialetos e registros e suas contribuições para a formação da identidade cultural de um povo, bem como será relevante para a renovação dos procedimentos nas aulas de língua portuguesa, voltados para o ensino do léxico, no sentido de valorizar a fala dos alunos e para a ampliação do vocabulário.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Identidade. Aprendizagem.

Introdução

A língua é um processo dinâmico, e como tal renova-se e muda constantemente devido a diversos fatores como a condição socioeconômica dos falantes, a diversidade cultural, a faixa etária, entre outros. Em razão dessas condições sociais, culturais e regionais, para ensinarmos a língua portuguesa na escola, é necessário o desenvolvimento de atividades que explorem e valorizem a linguagem dos alunos, ou seja, utilizemos metodologias que promovam o conhecimento das variedades lingüísticas dos diferentes contextos sociais, pois dada à heterogeneidade da língua, não mais concebemos um ensino em que se privilegie apenas a aprendizagem da variedade culta, em que impomos aos alunos regras descontextualizadas da gramática normativa, embora seja importante o ensino da norma padrão, uma vez que devemos preparar o aluno para que o ascenda socialmente. Assim, respeitando-se e valorizando os diversos falares, o fazer pedagógico precisa ser repensado de forma que a escola abra suas portas para um ensino em que os alunos conheçam a riqueza lexical de sua língua materna, que possui um vasto vocabulário, sendo constante o surgimento de novas palavras, assim como, muitas deixam de ser utilizadas, caindo-as em desuso. Devemos, portanto, estimular os alunos para o conhecimento do nosso léxico, oportunizando-os a reflexão de que há varias maneiras de se dizer a mesma coisa, como postula Bortoni – Ricardo (2005):

¹² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Nesse sentido, havemos de considerar que o campo lexical de uma língua pode apresentar papel relevante em termos de variação e mudança lingüística, pois há uma grande variedade regional e sociocultural do português, para tanto, é importante que a escola proporcione ao aluno o estudo da variação lexical, dada a necessidade de se explicar o uso alternante de certas formas léxicas que ocorrem tanto nas condições lingüísticas, quanto nas extralingüísticas.

Pretendemos com esse trabalho, conhecer a problemática que levou à elaboração desse projeto que trata da variação lexical de Tucuruí – PA, bem como os, objetivos, a justificativa, entre outros elementos.

Problemática

Como existem formas distintas de efetuarmos a língua, pois ela varia no espaço (variação diatópica), no tempo (variação diacrônica) e no indivíduo, é natural que ocorra o emprego de expressões linguísticas diferentes, num município onde se encontram pessoas advindas de várias regiões do Brasil, em busca de emprego na construção da UHT (Usina Hidrelétrica de Tucuruí), sobretudo, na década de 80. E como já havíamos realizado uma pesquisa (aplicando-se o questionário do ALiB – Projeto Atlas Linguístico do Brasil), nos anos 90, na zona rural do município, questionamos se a fala da zona urbana, que foi onde ficou concentrada a maioria das pessoas que vieram de fora, apresenta consideráveis traços linguísticos diferenciados da fala dos moradores da zona rural de Tucuruí, considerando-se os aspectos lexicais.

Objetivos

Este estudo tem como objetivos gerais: levar o aluno a compreender o fenômeno da variação linguística a partir da variação lexical na fala dos moradores de Tucuruí e estimular o interesse do aluno pelo conhecimento das variedades lexicais. Além desses, vários são os objetivos específicos, entre eles, proporcionar ao aluno a compreensão da importância das variações linguísticas do contexto social em que está inserido; conhecer a história social do

município de Tucuruí; identificar as variedades lexicais usadas pelos moradores. buscar as motivações significativas que levam os falantes a usar termos e expressões diferentes para os mesmos fenômenos; analisar as variações da língua em uso; refletir sobre as diferenças decorridas do uso da linguagem do ponto de vista urbana e rural; registrar a linguagem falada na cidade de Tucuruí e contribuir para o ensino de língua portuguesa de Tucuruí.

Justificativa

A ideia de desenvolver um projeto com o tema voltado para a variação lexical utilizada município de Tucuruí, surgiu após refletirmos sobre como o município vem caminhando ao longo da sua história, sobretudo, por ser um lugar que abrigou duas grandes obras (a Estrada de Ferro Tocantins e a Hidrelétrica de Tucuruí), empreendimentos de grandes portes para a economia do Estado que, portanto, abrigou pessoas de várias regiões do país, que por diversos aspectos, como a dimensão territorial, jamais apresentaria uma uniformidade na modalidade oral, o que pode ser comprovado pela presença de diferentes sotaques e dialetos no município. Para tanto, essa diversidade dos grupos sociais que utilizavam um vocabulário específico, que evidencia suas idiossincrasias e revela um pouco de sua cultura e história, contribuiu significativamente para a formação da linguagem da população desse município.

Em face do prestígio da norma culta e o fato de a maioria da população ser de família humilde, cuja variedade linguística não reflete o uso dessa norma, nos fez perceber que a fala do pessoal de fora se sobrepunha como superior à do local, com isso há algumas situações de discriminação e preconceito da forma como falam muitas pessoas, sobretudo, nas escolas, onde há muitos alunos advindos de regiões ribeirinhas. A esse respeito, postulam os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997) :

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma "certa" de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. [...] A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção

comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 26).

Sobre essa situação, a escola deve propiciar um ensino em que o aluno se sinta incluso nas diversas situações comunicativas, pois é preciso que fique claro a todos envolvidos no estudo da língua de que não há uma variedade linguística superior a outra. Sobre isso, afirma Bagno (2002) que parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32). Desse modo, contribuir para as aulas de língua portuguesa, pesquisando sobre a riqueza de falares em Tucuruí, pretendemos continuar com o estudo que desenvolvemos no trabalho de conclusão de curso da graduação em Letras, um estudo realizado a partir de aplicação do questionário piloto de base semântico-lexical em um ponto de inquérito (zona rural de Tucuruí), vinculado ao Projeto "Atlas Geossociolinguístico do Pará", coordenado pelo Professor Abdelhak Razky.

O referido trabalho foi embasado nos postulados teóricos da Sociolinguística e da Geografia Linguística e teve como alicerce um corpus constituído de quatro fitas de áudio, referente a quatro informantes, sendo dois de Breu Branco, um de Muru e um de Novo Repartimento (localidades, que já fizeram parte do município de Tucuruí). Seu objetivo foi o de testar a adequação do questionário piloto à realidade dos falantes paraenses e identificar as possíveis variações lexicais existentes nas localidades pesquisadas. Nesse sentido, pretendemos aplicar esse questionário que possui 256 questões, dividido em quinze campos semânticos: natureza e acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos; astros e tempo; flora; atividades agro-pastoris (agricultura, instrumentos agrícolas); fauna; corpo humano; cultura e convívio; ciclo da vida; religião e crenças; festas e divertimentos; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e vida urbana, para verificar a variação lexical na fala dos moradores, haja vista ao processo de intenso fluxo migratório por que passou esse município, e hoje, como se apresenta esse léxico, após o período do término da construção da hidrelétrica e a ida de muitos moradores para outros lugares. Para verificar a influência da migração, aplicaremos o questionário em alguns bairros estratégicos onde se fixaram mais imigrantes e naqueles onde permaneceram os moradores mais antigos.

Diante desse quadro, é possível chegar à seguinte pergunta: o que é que buscamos ao estudar a variação léxica no município? Primeiramente, podemos dizer, como apresenta Velasco (2003), que o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico se configura como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, as transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Sobre essa questão, Moreno Fernández (1998) expõe o fato de que a variação lexical objetiva explicar o uso alternante de umas formas léxicas em umas condições linguísticas e extralinguísticas determinadas: podem ser unidades de diferentes origens geolinguísticas que estiveram presentes em uma comunidade, de estilo mais ou menos formal, entre outras possibilidades.

Dessa forma, essa pesquisa-ação contribuirá, significativamente, para o ensino de língua portuguesa no referido município, uma vez que está envolvendo de forma expressiva a participação ativa dos alunos no desenvolvimento de todas as etapas do projeto de intervenção. O referido projeto está sendo construído, desenvolvido e aplicado numa turma de 8º Ano da Escola de Ensino Fundamental Maria Fernandes de Medeiros Alves, de acordo com o proposto na metodologia, e servirá para futuros estudos na área de linguagens e letramentos, com enfoque para o estudo da variação linguística, com ênfase para a Sociolinguística que é um ramo da Linguística que estuda a importância dos dialetos e registros e suas contribuições para a formação da identidade cultural de um povo, bem como será relevante para a renovação dos procedimentos em sala de aula, voltados para o ensino do léxico e para a ampliação do vocabulário.

Fundamentação Teórica

Os primeiros estudos para a construção de uma hidrelétrica que aproveitasse o potencial do rio Tocantins, iniciaram-se por volta de 1957 e seguiram durante a década de 1960. Com o início da Ditadura Militar, foi implantado, no sul do Estado do Pará, o Projeto Grande Carajás, visando ao desenvolvimento da Amazônia oriental por meio da atividade minero-metalúrgica e de projetos agropecuário-florestais. Por isso, para a consolidação desse projeto, o município de Tucuruí tornava-se ponto decisivo. Assim, a usina teve sua 1ª etapa concluída em 1984 (inaugurada pelo então presidente João Batista Figueiredo), com

uma potência instalada de 4000 MW. A segunda etapa foi concluída apenas em meados de 2007 elevando a capacidade para 8000 MW. Considerando todo esse avanço energético, a Usina Hidrelétrica de Tucuruí mudou radicalmente a base econômica, a população e as perspectivas da cidade, que pode ter sua história dividida em dois momentos muito distintos: o antes e o depois da hidrelétrica. Nesse sentido, no período da construção da hidrelétrica, o município de Tucuruí passou por um fluxo migratório muito grande com a vinda de pessoas de várias regiões do país em busca de trabalho. Por conta dessa miscigenação, várias foram as contribuições em diversos aspectos, para a vida das pessoas, entre elas, a incorporação vocabular, que modificou, significativamente, o modo do falar dos moradores., pois se pode sentir essa mudança em várias situações comunicativas, como nos eventos da sala de aula.

Tucuruí, portanto, é um celeiro rico de diversidade cultural, com ênfase aqui para o estudo da língua, a qual salientamos, que embora altamente organizada é variável, isto é, um sistema flexível e, desse modo, nenhuma língua viva é fixa, fechada ou sólida. Conforme Marcuschi (2003), a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e que está situado em contextos concretos, tais como o texto e o discurso. Esse caráter dinâmico encontra um campo para aumentar as fronteiras do domínio do repertório linguístico de muitas sociedades no nível lexical. É justamente nesse nível de análise da língua que pode haver a construção, a projeção e a manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo no qual vivem, bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas.

O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De fato, as variantes normativas são, como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos fatos linguísticos. A primeira questão que se coloca ao estudar as variedades linguísticas é a de fixar o próprio conceito de variedade. Para Hudson (1981), uma variedade linguística é uma manifestação de um fenômeno chamado linguagem que se define como um conjunto de elementos linguísticos de similar distribuição social. Dentro dessa definição, ficam inclusas as línguas de um falante ou de uma comunidade de fala, os dialetos e qualquer outra manifestação linguística na qual se possa observar um determinado uso ou valor social. Segundo o referido autor, as variedades linguísticas, assim definidas, revelam problemas consideráveis na hora de distinguir variedades da mesma classe (uma língua de outra, um dialeto de outro) e para a delimitação de diferentes tipos de variedades (língua de dialeto).

Metodologia

Este trabalho de pesquisa-ação está sendo desenvolvido em uma escola pública de Tucuruí, município localizado no sudeste do Pará, com alunos do 8º Ano do ensino fundamental da Escola Municipal Maria Fernandes de Medeiros Alves, que estão fazendo uma pesquisa de campo com moradores da zona urbana em alguns bairros da cidade, para investigando a variação lexical aplicando o questionário de base semântico-lexical do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), para fins de comparação entre a fala dos moradores da zona rural e da urbana desse município, utilizando os dados linguísticos obtidos da pesquisa proposta com outra já realizada pela autora deste projeto, em anos anteriores. Este projeto será desenvolvido da seguinte forma:

1ª Etapa: Aula sobre o tema variação linguística. Trabalho desenvolvido em parceria com um professor de Língua Portuguesa. Utilização na sala de aula de vários recursos (jornais, revistas, folhetos, textos de campanha comunitária, etc) exploração de sociedade, cultura e variação linguística, especialmente a lexical, por meio de músicas que apresentam nas suas letras variantes linguísticas, leitura de textos literários, de autores como Guimarães Rosa, linguagem rica de palavras e expressões regionais e os filmes "Narradores de Javé" que trata da história de uma cidade que desaparecer por conta da construção de uma hidrelétrica e a prática do registro e o filme "ai que vida" que apresenta uma vasta variedade regional.

2ª Etapa: Realização da pesquisa-ação que é uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional em que o participante é conduzido à própria produção do conhecimento e se torna o sujeito dessa produção. De acordo com Thiollent, 1985:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (Thiollent, 1985:14)

Assim, por meio da pesquisa-ação buscaremos estabelecer uma relação entre o conhecimento e a ação, entre os pesquisadores (professores e alunos e as pessoas envolvidas na situação investigada e desses com a realidade), numa ampla interação entre si, com o intuito de aumentar o conhecimento dos alunos ou nível de consciência a respeito das variedades linguísticas empregadas no município, assim como, contribuir para a discussão a respeito das questões abordadas. Além do mais, essa pesquisa compreenderá a bibliográfica sobre a Sociolinguística (que desde os anos 60, quando esse termo surgiu, se

consolidou nos meios acadêmicos), que de acordo com Calvet, (2002, p.140) “a Sociolinguística [...] esclarece as diferentes convicções e os diferentes comportamentos no que se refere à língua de grupos inteiros ou de classes inteiras da sociedade”. . Nesse sentido, opera-se a noção de que há um vínculo bastante perceptível entre linguagem e sociedade.

3ª Etapa: Abordagem da linguagem na sua natureza intrínseca com a sua relação com o social, para isso, buscar antecedentes desta relação, em Labov (1963,apud Camacho,2000), Fischman (1973,apud Alkmin,2000),Bourdieu (apud Camacho,2000) teorias que, de uma forma ou de outra, confirmam esta relação como questão central deste campo de investigação.

4ª Etapa: Projeto de intervenção na escola: preparação para a pesquisa: pedido autorização aos pais; preparação dos alunos para a coleta de dados; escolha dos informantes; entrevista com os informantes; aplicação do questionário.

5ª Etapa: Após a aplicação do questionário, transcrição dos dados coletados, quantificação e comparação.

6ª Etapa: Produção de um glossário com os itens lexicais pesquisados.

7ª Etapa: Criação, juntamente com os alunos, de um blog da escola para a divulgação da experiência de suas atividades.

8ª Etapa: Parceria com a rádio local para oportunizar aos alunos a divulgação de algumas de suas produções.

Cronograma de atividades

ATIVIDADE	DEZ 14	JAN 15	FEV 15	MAR 15	ABR 15	MAI 15	JUN 15	JUL 15	AGO 15
Aula sobre o tema variação linguística					x	x	x		
Pesquisa bibliográfica e início da elaboração do pré-projeto	x	x	x						
1º contato com				x					

o orientador e apresentação da 1ª versão do pré-projeto									
Projeto de intervenção na escola: preparação para a pesquisa.						x	x		
Aplicação do questionário semântico-lexical aos informantes.								x	
Aplicação do questionário semântico-lexical aos informantes.									x

ATIVIDADE	SET 15	OUT 15	NOV 15	DEZ 15	JAN a NOV 16
Sistematização do projeto de pesquisa com base nas orientações do orientador.	x	x	x	x	x
Produção de um glossário					x
Redação					x
Apresentação e defesa					x

Considerações Finais

Conforme o que propõe esse projeto de pesquisa, além da obtenção do grau de mestre pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, pretende contribuir para que as aulas de língua portuguesa da Escola Municipal Maria Fernandes abordem metodologias que compreendam o estudo das variedades linguísticas, bem como atendam aos objetivos propostos, entre os citados, o de conhecer o fenômeno da variação linguística a partir da variação lexical na fala dos moradores de Tucuruí,, verificando se a fala dos moradores da zona urbana, apresenta consideráveis variantes diferenciadas da zona rural do município (pesquisada em 1997, por meio da aplicação do questionário do ALiB, no aspecto semântico-lexical), dada à influência do convívio com pessoas advindas de outras regiões do país, em decorrência da construção da UHT, assim como a produção de um glossário pelos alunos, que além de enriquecer as aulas dessa turma envolvida na pesquisa, será doado um exemplar à biblioteca municipal, o qual, certamente, será um material muito importante de pesquisa. Além do mais, visar a uma aprendizagem significativa dos conteúdos mediante uma reformulação do ensino da língua, que propicie a formação dos alunos em cidadãos críticos.

Referências

- ALKMIN, T.M. *Sociolinguística- parte I*. In MUSSALIN e BENTES. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1, 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAGNO, Marcos. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAMACHO, J. *Sociolinguística parte II*. In MUSSALIN e BENTES. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1, 3ªed. São Paulo: Cortez, 2000.
- HUDSON, Richard. *La sociolingüística*. Barcelona: Anagrama, 1981.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de textualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

PRETI, Dino Fioravante, *Sociolingüística – Os Níveis da Fala*, EDUSP, SÃO PAULO, 2003.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1994.

VELASCO, Ideval. *O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó*. In: RAZKY, Abdelhak. (Org.). *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: Editora Grafia, 2003. pp. 155-172.

TERMINOLOGIA DO CUPUAÇU¹³

Davi Pereira de Souza (UFPA)
Alcides Fernandes de Lima (UFPA)

RESUMO: O presente estudo constitui um recorte de nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a terminologia da cultura do cupuaçu. Objetiva-se apresentar os principais resultados alcançados na pesquisa, com destaque para o glossário que foi produzido. Organizado alfabeticamente, o glossário contém 106 entradas, formadas por termos e variantes extraídos de um *corpus* composto por mais de 200 textos escritos relativos à cultura em foco. Ressalta-se que as entradas apresentam contexto de uso do termo, mas somente aquelas formadas pelo termo principal trazem o enunciado definatório. Os textos selecionados foram recolhidos de acervos (físico e virtual) de instituições de ensino e pesquisa situadas no estado do Pará, sendo classificados de acordo com o *ano de publicação*, o *gênero discursivo* ao qual pertencem e a *relação autor-leitor*. Para definir a microestrutura dos verbetes, fez-se uma adaptação do modelo de Faulstich (1995), adotando-se a seguinte estrutura: TERMO ENTRADA + CATEGORIA GRAMATICAL + DEFINIÇÃO + CONTEXTO (Referência) ± VARIANTE ± REMISSIVA ± NOTA ± ILUSTRAÇÃO (imagens). Para a extração dos termos e posterior confecção do glossário, utilizaram-se, respectivamente, os programas computacionais *Word Smith Tools* (2004) e *Lexique Pro*. O trabalho está fundamentado na perspectiva teórico-metodológica da Socioterminologia (FAUSLTICH, 1995, 1998, 2012; GAUDIN, 2014).

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia. Socioterminologia. Glossário do cupuaçu.

Introdução

Este artigo sintetiza a pesquisa empreendida sobre a língua especializada da cultura do cupuaçu, na qual se produziu um pequeno glossário com 106 termos representativos da área em foco. Desse modo, apresenta-se parte dessa pesquisa, abordando-se brevemente a fundamentação teórica que a embasou, a Socioterminologia (FAUSLTICH, 1995, 1998, 2012; GAUDIN, 2014), e a metodologia utilizada, com destaque para o repertório elaborado.

Na primeira parte do texto, discutem-se algumas considerações atinentes à Terminologia e à Socioterminologia, a partir de autores como Cabré (1995, 1999), Krieger (2000), Faulstich (2001, 2012), Krieger e Finatto (2004), Maciel (2007), Aragão (2010) e Gaudin (2014). Na sequência, expõem-se a metodologia utilizada e as etapas que compuseram o trabalho de investigação. E, por fim, apresenta-se o resultado da pesquisa, dando-se alguns exemplos de termos que foram inventariados no glossário.

¹³ O presente trabalho deriva da pesquisa de TCC sobre a terminologia da cultura do cupuaçu, orientada pelo prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima.

Terminologia e Socioterminologia: algumas considerações

De acordo com a literatura especializada da área (CABRÉ, 1995), a palavra *terminologia* pode assumir, pelo menos, três acepções: i) disciplina científica cujo objeto de estudo são os termos (técnicos e científicos) utilizados nos domínios de especialidade; ii) conjunto de práticas e de procedimentos que visam à elaboração de produtos terminológicos; e iii) conjunto de termos que constituem a língua especializada de um dado domínio terminológico.

Costuma-se atribuir o surgimento da Terminologia enquanto disciplina científica aos esforços do engenheiro austríaco Eugen Wüster, professor na Universidade de Viena, onde produziu, a partir da década de 1930, as principais obras consideradas fundamentais e fundadoras da chamada Teoria Geral da Terminologia (TGT), dentre as quais a sua própria tese de doutorado¹⁴ e um monumental dicionário de engenharia eletrônica – *The Machine Tool* (a máquina-ferramenta). Para Wüster, essa ciência era autônoma, mas de caráter multidisciplinar, em virtude de manter relações com diversas áreas do conhecimento, tais como: a Lógica, a Informática, a Ontologia e a Linguística, integrando, de acordo com o referido autor, o ramo da Linguística Aplicada (*apud* KRIEEGER, 2000).

Assim, no bojo das relações interdisciplinares que a Terminologia mantém com os demais campos do conhecimento, Wüster distingue aquela pela delimitação de seu objeto de estudo, a saber: o termo técnico-científico¹⁵. Entendido como unidade semiótica composta de denominação e conceito, sendo este considerado anterior àquele, o termo, na concepção do engenheiro austríaco, estaria a serviço de uma comunicação científica, padronizada e unívoca em âmbito internacional. Por essa razão, postulou-se o princípio da monosemia do termo, segundo o qual cada denominação deveria corresponder a apenas um conceito. Além disso, priorizava-se o código escrito em detrimento da fala e compreendia-se a terminologia de uma área não como parte de uma língua natural, mas de uma espécie de sistema de comunicação artificial, construído pelos próprios cientistas. Nesse modelo teórico, em virtude da idealização da comunicação científica, não se admitiam ambiguidades e variações no uso do termo. Tal abordagem, mentalista, onomasiológica e de caráter prescritivo, considerava a variação terminológica (denominativa e conceitual) como um ruído à comunicação, ou, no dizer do próprio Wüster (1998, p. 150 *apud* FAULSTICH, 2001, p. 17), a “variação linguística era toda perturbação da unidade linguística”.

¹⁴ *Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik* (A normalização internacional da terminologia técnica, com ênfase especial na eletrotécnica).

¹⁵ Além do termo em si, alguns autores consideram como objetos de estudo da Terminologia a *definição terminológica* e as *fraseologias especializadas* (cf. KRIEGER e FINATTO, 2004).

Apesar das limitações do paradigma teórico da TGT, é inegável a sua contribuição para o estabelecimento científico da Terminologia. Há, inclusive, autores que, embora se filiem a perspectivas linguísticas e textuais da Terminologia, consideram que a TGT constituiu um modelo adequado e coerente de descrição terminológica para a época em que se desenvolveu, respondendo a demandas na área circunscritas a esse contexto histórico, situado entre 1930 e mais ou menos o início da década de 1990 (cf. CABRÉ, 1999; KRIEGER, 2000; MACIEL, 2007).

Todavia, a partir de então, com a profusão de novas teorias linguísticas que buscavam resgatar o aspecto social da língua/linguagem, e também devido à crescente expansão do conhecimento científico e suas múltiplas ramificações e interfaces, mediada pela intensa interação entre os diversos campos, o quadro teórico da TGT precisou ser revisado, passando de uma abordagem extremamente normativa e mecanizada para uma perspectiva mais descritiva e social. Nesse contexto, ocorre o surgimento de teorias que passam a desenvolver críticas sistemáticas aos princípios epistemológicos da TGT, dentre as quais cita Maciel (2007): a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), a Terminologia Textual, a Terminologia Sociocognitiva e a Socioterminologia, abordagem adotada neste artigo.

Segundo Gaudin (2014), o termo *socioterminologia* data do início da década de 1980, aparecendo pontualmente em trabalhos de Jean-Claude Boulanger (1981), Pierre Lerat (1984-85) e Monique Slodzian (1986). De acordo com Gaudin (2014), em 1986, Ives Gambier também fez uso desse termo em uma comunicação no Colóquio sobre a fertilização nas línguas românicas. Nessa comunicação, tem início a construção programada do conteúdo do termo em foco. Entretanto, somente na década de 1990 que o conceito do termo socioterminologia se firmou e passou a ser utilizado com mais frequência e de modo mais consolidado nos trabalhos produzidos na Academia (GAUNDIN, op. cit.).

Assim, a Socioterminologia constitui-se numa vertente alternativa da Terminologia que busca integrar o caráter social dos termos, a partir da análise de suas condições de produção e circulação. Segundo Faulstich (2012), a Socioterminologia é uma disciplina descritiva, que estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social. É, portanto, uma das abordagens terminológicas que se encarrega de estudar os termos do ponto de vista social, em seu contexto natural de uso, ancorando-se, para isso, nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana. Nesse sentido, Maciel (2007, p. 377) afirma que a Socioterminologia quer:

[...] revisar a Terminologia wüsteriana sob o prisma da função social da língua, livrando-a do rigorismo idealizado e reducionista. Nessa direção, assume uma abordagem descritiva da linguagem especializada em uso e dá primazia ao evento comunicativo, no qual analisa as manifestações discursivas e reconhece a necessidade da polissemia e da variação.

Por conseguinte, diferentemente da TGT, que era prescritiva e normalizadora, a Socioterminologia surge com uma abordagem descritiva dos termos, levando em conta a natureza real da comunicação especializada, na qual os termos naturalmente se apresentam passíveis de variação por conta da própria dinâmica da língua, que é heterogênea e mutável, ao acompanhar as mudanças sociais, culturais, políticas e tecnológicas da sociedade. Nesse aspecto, a Socioterminologia supera a TGT, que se baseava numa visão idealizadora e universalista da comunicação científica, em que a variação terminológica, apesar de ser reconhecida por Wüster, era relegada à condição de “ruído” dessa comunicação. Por essa razão, Aragão (2010, p. 42) afirma que “a base da socioterminologia é a variação social do termo, até então visto como invariável. Está, assim, associada às variações e mudanças que ocorrem na sociedade como meio onde o termo é gerado, é usado, é modificado.”

Metodologia

De caráter descritivo, a pesquisa foi dividida em duas etapas principais: a recensão da literatura especializada e delimitação e constituição do *corpus*. Na primeira etapa, realizou-se consulta sistemática aos materiais publicados no Brasil no âmbito da Terminologia, com ênfase nos estudos que tratam das terminologias de atividades socioeconômicas, relacionadas a culturas de frutas e especiarias da Amazônia brasileira. Por sua vez, na segunda etapa, subdividida em mais de uma fase, para dar conta do tratamento do *corpus*, optou-se por trabalhar com a língua escrita¹⁶, tendo o cuidado de organizar os textos selecionados por ano de publicação, a fim de se identificarem eventuais variantes de natureza diacrônica.

A Etapa da Pesquisa do Material Escrito

Nesta fase, foi examinado o material escrito sobre a cultura do cupuaçu na região amazônica, especialmente no Pará, disponível nos acervos de instituições como a Empresa

¹⁶ Pretende-se dar continuidade à pesquisa terminológica sobre a cultura do cupuaçu. A intenção é de que, numa próxima oportunidade, integrem-se também ao *corpus* dados orais, a fim de obter-se um retrato mais amplo desse domínio terminológico, com destaque, dentre outros aspectos, para a variação que daí possa ocorrer devido à natureza da linguagem (escrita e falada).

Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA Amazônia Oriental)¹⁷, Museu Emílio Goeldi, Universidade Federal do Pará (UFPA) e o Instituto Federal do Pará (IFPA). Além dos acervos físicos dessas instituições, foram consultados também os acervos *online* daquelas que os possuem.

A partir do material escrito recolhido nas bibliotecas e na *Internet*, fez-se a seleção dos textos que compuseram o *corpus* escrito da pesquisa, levando em conta três critérios: **i) a relação autor-leitor** – com base nessa relação, é possível, por exemplo, identificar textos altamente especializados e textos pouco especializados. Esse critério revelou-se muito útil no momento de identificação dos candidatos a termos, além de servir de guia para a procura dos textos que apresentavam menor grau de especialização e, conseqüentemente, maior conteúdo definitório. Porém, como a maioria dos textos se dava numa relação de especialista para especialista, encontrou-se muita dificuldade para redigir a definição dos termos, justamente pela baixa frequência de paráfrases dos termos e de outros elementos definitório, nos textos consultados; **ii) o ano de publicação dos textos** – verificou-se, quanto a esse aspecto, que os textos selecionados foram publicados entre 1946 e 2014, tendo maior número de publicação a partir de 1996; e **iii) o gênero discursivo dos textos** – observou-se que os textos que compõem o *corpus* são provenientes de gêneros discursivos diversos, como livros, artigos científicos, revista especializada, manuais técnicos, resumos apresentados em eventos científicos, dissertações e teses.

Após a seleção dos textos escritos, eles foram digitalizados de modo a permitir sua manipulação de forma otimizada por programas computacionais como *WordSmith Tools 4.0* (SCOTT, 2004) e *Lexique-pro*. O primeiro é um *software* de extração semiautomática que realiza busca em todo o banco de dados, podendo indicar frequência, contexto linguístico e a fonte textual de onde o contexto foi extraído. Para que o *WordSmith Tools* (SCOTT, 2004) pudesse manipular os textos, foi necessário digitalizá-los e depois convertê-los para o *formato .txt*.

Assim, para extrair os termos e os contextos desse banco de dados digital, utilizando o referido programa, percorreram-se as seguintes etapas:

- a) Iniciação do *software*;
- b) Seleção da função *C Concord*;
- c) Abertura de um novo arquivo, na aba "*file*";
- d) Seleção do arquivo em *txt*;
- e) Inserção do objeto de busca (termo);

¹⁷ A maioria dos textos selecionados foi publicada pela EMBRAPA/Amazônia Oriental e encontra-se disponível para *download*, no site: <http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/busca>.

- f) Realização da busca e identificação de ocorrências;
- g) Seleção do contexto mais adequado para o termo em questão.

Em relação ao outro *software* utilizado, o *Lexique-Pro*, destaca-se que se trata de um programa computacional de distribuição livre, na internet. É utilizado para confeccionar especialmente repertórios lexicográficos e terminográficos, como dicionários e glossários (cf. LIMA e MARTINS, 2014).

A utilização desses dois programas foi fundamental na realização desta pesquisa, porque otimizou a extração dos candidatos a termos, por um lado, e o preenchimento da ficha terminológica, por outro.

Critérios para Identificação e Seleção dos Termos

A identificação e a seleção dos termos da cultura do cupuaçu basearam-se em três critérios inter-relacionados: a pertinência temática, a pertinência pragmática e a frequência de uso. Os dois primeiros, segundo Krieger e Finatto (2004), vinculam-se, respectivamente, à significação e à funcionalidade das unidades lexicais especializadas, pois, conforme indicam as próprias autoras, há termos que constituem, *stricto sensu*, unidades da área repertoriada, bem como há termos que se relacionam somente *lato sensu* a esse domínio. Já o critério da frequência, embora não tanto determinante quanto os demais, pode ser definido como a recorrência dos termos nos textos de especialidade.

Sendo assim, figuram como termos-entradas no glossário do cupuaçu palavras, sintagmas e acrônimos específicos à cultura do cupuaçu e/ou a ela relacionados pelas condições pragmáticas de uso nos textos que tratam sobre a referida cultura. Termos conexos a essa cultura, como *enxertia*, *canivete de enxertia*, *tesoura*, *plântula* etc., foram registrados no repertório porque circulam nos textos da área em foco, integrando-a e estruturando-a conceitualmente como uma cultura socioeconômica em desenvolvimento na região norte do país.

Reitera-se que, embora se tenha levado em conta o critério da frequência, deu-se, na análise linguística dos termos, maior importância ao estatuto sintático, semântico e pragmático.

Ressalta-se que, durante a seleção dos candidatos a termos, contou-se com o auxílio de um especialista sobre a cultura do cupuaçu, da Embrapa Amazônia Oriental. Após os possíveis termos serem elencados, a partir da leitura dos textos, foi enviada uma lista para o referido especialista, a fim de que ele pudesse validar as unidades terminológicas a serem

registradas no glossário. Esse processo de validação confirmou, não só os nossos candidatos a termos, como também contribuiu para a ampliação da quantidade de termos e para o delineamento dos campos semânticos explorados no trabalho.

Estrutura conceitual da cultura do cupuaçu¹⁸

De acordo com Silva e Muniz (2010, p. 514), a estrutura conceitual de um domínio especializado consiste em “uma representação da realidade no âmbito da área que se toma como objeto de estudo.” Tal representação serve para delimitar o domínio a ser investigado, além de permitir a identificação das relações conceituais entre os termos que compõem a área pesquisada.

Desse modo, no caso específico da cultura do cupuaçu, a elaboração da sua estrutura conceitual resultou da delimitação dessa cultura no âmbito de uma área maior denominada Fruticultura, especialmente a Fruticultura paraense, considerada o segmento que constitui a quarta atividade econômica mais importante do Pará.

A Fruticultura paraense, de acordo com Pará (2010), envolve cerca de nove tipos de frutas tropicais, divididas em frutas regionais e exóticas. Dentre as regionais, destacam-se, pela produção e rendimento econômico, as culturas do açaí e a do cupuaçu. Já quanto às frutas exóticas, sobressaem as culturas do abacaxi, do maracujá e da laranja (cf. PARÁ, 2010).

Delimitado o objeto de pesquisa, a cultura do cupuaçu, elaborou-se, então, a estrutura conceitual desse domínio especializado, com o auxílio de um especialista da área, da Embrapa Amazônia Oriental. Assim sendo, definiram-se os seguintes campos semânticos¹⁹ nos quais circulam os termos que compõem a nomenclatura do glossário do cupuaçu: *matéria-prima, cultivo, tratos culturais, beneficiamento, produtos e comercialização*.

Organização Microestrutural do Glossário

A organização da microestrutura dos verbetes seguiu o modelo proposto por Faulstich (1995), com algumas adaptações. Veja-se a descrição abaixo:

¹⁸ Como nos textos consultados não há uma descrição geral de toda cultura do cupuaçu, elaboramos esse esquema conceitual da área, com o auxílio de um especialista pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental. O detalhamento da estrutura completa da cultura do cupuaçu encontra-se em Souza (2015).

¹⁹ Convém ressaltar que não foi possível ainda contemplar plenamente todos os campos semânticos e subcampos. Tal tarefa poderá ser feita em outro momento.

TERMO ENTRADA + CATEGORIA GRAMATICAL + DEFINIÇÃO + CONTEXTO (Referência) ± NOTA ± ILUSTRAÇÃO (imagens) ± VARIANTE ± REMISSIVA

Os quatro primeiros elementos são obrigatórios, ao passo que os demais dependem da própria natureza de cada termo (pois nem todos os termos apresentam variantes, por exemplo).

O termo-entrada refere-se à lexia, simples ou complexa, que encabeça o verbete. No glossário do cupuaçu, tanto os termos como as suas respectivas variantes constituem entradas, as quais foram escritas com a letra inicial maiúscula e em negrito, em fonte de tamanho 12. No caso de termos compostos, além da inicial maiúscula da primeira palavra, grafaram-se com tal recurso as demais palavras que, por convenção ortográfica, o exigiram. Os termos homônimos foram organizados em entradas diferentes, sendo identificados por uma numeração crescente. Frisa-se, ainda, que adotou-se preferencialmente a forma lematizada dos termos, no registro das entradas.

A categoria gramatical, por sua vez, informa a natureza gramatical do termo, conforme já explicado. Para representar essa informação linguística e, no caso dos nomes, se são do gênero masculino ou feminino, utilizou-se a forma abreviada, em itálico: *Sm* ou *Sf*.

Com respeito à definição, etapa que consiste na verbalização do conteúdo especializado do termo, utilizou-se a *definição por compreensão*, baseando-se nas categorias de gênero próximo e diferença específica. No glossário, o enunciado definatório é escrito sem estilização textual, com a mesma fonte e tamanho da do termo-entrada, com letras minúsculas e maiúsculas, nos casos obrigatórios, seguido de ponto.

O contexto, por seu turno, é um trecho de texto, escrito ou oral, normalmente extraído do próprio banco de dados da pesquisa, apresentando a ocorrência do termo-entrada, devidamente identificado entre parênteses angulares. No glossário, o contexto está transcrito entre aspas, em itálico, com fonte menor que a da definição.

Para referenciar os textos-fontes de onde se extraiu o contexto, seguiu-se a metodologia adotada por Lima (2010), no seu Dicionário Socioterminológico da Indústria Madeireira – Dicionário SIM. Assim, indicaram-se as referências dos contextos por um número que corresponde a uma obra listada nas REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO GLOSSÁRIO DO CUPUAÇU, seguido do número da página na qual se encontra o trecho selecionado.

Quanto às variantes, quando ocorreram, aparecem no verbete com as iniciais maiúsculas, sem itálico e em negrito. No caso de mais de uma variante para um mesmo termo-entrada, a mais frequente virá antes da menos frequente.

As remissivas, por sua vez, servem, no glossário, para indicar as relações entre os termos, as quais podem ser de antonímia, hiponímia e hiperonímia. Além disso, o sistema de remissivas permite situar os termos nos seus respectivos campos semânticos.

Em se tratando das notas e das ilustrações, utilizou-se a primeira como fonte de informação de caráter enciclopédico que enriqueça o conhecimento acerca do uso do termo, bem como esclareça sua definição. As notas estão identificadas, no repertório, pela letra **N**, maiúscula e em negrito, seguida de ponto e do texto com informações gerais sobre o termo do verbete. Já as ilustrações correspondem à utilização de imagens que permitam compreender melhor o conceito do termo. Adotou-se, para referenciar a autoria das imagens utilizadas no repertório do cupuaçu, um sistema semelhante ao que foi utilizado nas referências das fontes de onde se extraíram os contextos. Abaixo de cada ilustração, há a palavra foto, seguida de um título e de um número que corresponde à autoria de uma imagem listada nas REFERÊNCIAS DAS ILUSTRAÇÕES DO GLOSSÁRIO DO CUPUAÇU.

Resultados

O glossário do cupuaçu, produzido em uma versão impressa e em outra eletrônica, contém **106** entradas constituídas de termos e variantes (conceitual e denominativa) utilizados na cultura do cupuaçu, abrangendo os campos semânticos de *matéria-prima, cultivo, tratos culturais, beneficiamento, produtos e comercialização*. Essas entradas foram organizadas por ordem alfabética e registradas preferencialmente na forma lematizada dos termos, com os nomes no masculino singular²⁰.

Em algumas entradas, foram inseridas, nas duas versões do glossário, imagens e notas explicativas para facilitar a apreensão do conceito dos termos. Essas imagens estão identificadas por um número que corresponde a uma ilustração devidamente referenciada nas REFERÊNCIAS DAS ILUSTRAÇÕES UTILIZADAS NO GLOSSÁRIO. Vejam-se, abaixo, alguns exemplos dos termos extraídos do glossário (SOUZA, 2015) – versão impressa.

Cupuaçu 1 *Sm.*

Fruto do cupuaçuzeiro formado por uma baga com formatos variáveis, diâmetro de 9 a 15 cm, comprimento de 10 a 40 cm, com peso variável entre 200 a 4.000 g, perfazendo uma média de 1.200 g. Constitui a principal matéria-prima da cultura do cupuaçu. É considerado nativo da região amazônica oriental e o maior fruto do gênero *Theobroma*.

"A importância econômica do <cupuaçu>, em nossa região, comprova-se com os dados registrados pelas principais entidades de comercialização[...]" (10, p. 14).

²⁰ Não houve caso de termos formados por verbos.



Foto 3: Cupuaçu.

N. Quando está maduro, o cupuaçu desprende-se naturalmente da árvore, exalando um cheiro característico e agradável.

Variante: **Cupu.**

Cupuaçu 2 Sm. Variante: Cupuaçuzeiro.

"A utilização de mudas enxertadas requer atenção na escolha da planta matriz, sendo recomendado enxertar diferentes matrizes, pois quando se utiliza uma única planta, haverá baixo ou nenhum vingamento de frutos, devido à ocorrência de auto-incompatibilidade nessa espécie. O porta-enxerto utilizado é o próprio <cupuaçu>." (36, p. 08).

Cupuaçu mamau Sm.

Tipo de cupuaçuzeiro cuja principal característica é o fato de seu fruto não possuir sementes. Apresenta fruto arredondado, com casca de 6 a 7 mm de espessura e peso médio de 1, 5 kg.

"O <cupuaçu mamau> se distingue dos demais por ser uma variedade que não apresenta semente, também conhecido como "cupuaçu sem caroço" ou "cupuaçu-de-massa"; possui um formato e espessura da casca semelhante ao do cupuaçu redondo e se destaca das demais variedades pela maior produção de polpa, cerca de 70%, enquanto que os com sementes tem rendimento médio de polpa em torno de 30% do peso total do fruto." (33, p. 31).

N. A matriz originária do cupuaçu mamau foi encontrada na localidade Pacajás, município de Cametá/PA.

Variante: **Cupuaçuzeiro-mama; Cupuaçu-mamaú.**

Cupuaçu mamorana Sm.

Tipo de cupuaçuzeiro cujas características principais são a extremidade alongada do fruto, dando-lhe um aspecto parecido com bico ou ponta; casca grossa com dimensão variável entre 7 e 9 mm e peso médio de 2, 5 kg, podendo chegar a 4 kg. É o tipo de cupuaçuzeiro que produz os maiores frutos.

"<Cupuaçu mamorana>[...] produz os frutos de maior tamanho e peso. Sua denominação deriva de sua semelhança com o fruto da Mamorana (Bombax aquatica Schum, Bombacácea) que vegeta espontaneamente ao longo dos rios." (10, p. 10).

Variante: **Cupuaçuzeiro-mamorana; cupuaçu-mamona.**

Cupuaçu redondo Sm.

Tipo de cupuaçuzeiro caracterizado por apresentar frutos arredondados, casca com 6 a 7 mm de espessura e peso médio de 1, 5 kg. É considerado o tipo mais comum da espécie na região.

"O <cupuaçu redondo> é a variedade mais cultivada na Amazônia." (33, p. 31).

Variante: **Cupuaçuzeiro-de-fruto-redondo.**

Cupuaçuzeiro Sm.

O cupuaçuzeiro, *Theobroma grandiflorum*, é uma planta frutífera, típica da Amazônia. Pode ser encontrado em seu estado silvestre, nas matas de terra firme e várzea alta na parte Sul e Leste do Pará, abrangendo também o Nordeste do Maranhão, assim como em áreas cultivadas.

"O cultivo do <cupuaçuzeiro>, Theobroma grandiflorum, no Estado do Pará teve início na década de 70, empregado como uma das alternativas para a substituição da pimenta do reino, que se encontrava em franco declínio em razão da fusariose (Alves et al. 2003)." (31, p. 01).



Foto 4: Árvore de cupuaçuzeiro com frutos.

N. Em estado silvestre, o cupuaçuzeiro pode alcançar mais de 20 metros de altura, e, quando cultivado, pode variar entre 6 a 8 metros.

Variante: Cupuaçu 2

Cupulate *Sm.*

Produto derivado das sementes de cupuaçu que, após fermentadas, secadas, torradas, descascadas, moídas e prensadas, produzem um chocolate rico em lipídios, proteínas e calorias, semelhante ao do cacau. Tal produto pode ser encontrado em pó ou em tablete.

"As amêndoas de cupuaçu, após as etapas de preparo, submetidas ao processo e formulação para <cupulate>, fornecem o produto em tabletes meio-amargo, ao leite e branco, organoleticamente semelhante àquele obtido a partir de amêndoas de cacau." (30, p. 24).

N. O cupulate foi desenvolvido pela Embrapa Amazônia Oriental, na década de 1980, e encontra-se patenteado pela referida empresa, no Instituto de Propriedade Intelectual - (nº. PI 9003739).

Variante: Chocolate de cupuaçu.

Broca-do-fruto *Sf.*

Principal praga que afeta o cupuaçuzeiro na Amazônia Ocidental. É causada por um besouro, cujo nome científico é *Conotrachelus humeripictus*, que, na fase de larva, fura as cascas dos frutos. Essa praga é considerada a que mais afeta as áreas de cultivo do cupuaçuzeiro.

"A <broca-do-fruto> exige uma vigilância maior, pois ataca frutos verdes. Quando forem observados no pomar frutos com pequenos orifícios, eles devem ser imediatamente retirados da planta e enterrados em covas profundas." (02, p. 39).



Foto 1: Fruto de cupuaçu com a casca furada e a polpa estragada pela ação da praga broca-do-fruto.

Ver. Vassoura-de-bruxa.

Conclusão

O presente artigo efetuou um recorte da pesquisa de TCC sobre a terminologia da cultura do cupuaçu. Abordaram-se os princípios teóricos da Terminologia e da Socioterminologia, que sustentaram a análise dos termos e a confecção do glossário, e

expôs-se brevemente a metodologia utilizada no levantamento, seleção dos textos, tratamento do *corpus* e na própria elaboração do repertório do cupuaçu.

O *corpus* foi constituído de mais de 200 textos escritos relativos à cultura em foco, provenientes dos acervos (físico e *online*) de instituições de ensino e pesquisa situadas no estado do Pará, tendo sido a maioria dos textos consultados no portal oficial da Embrapa Amazônia Oriental. Os dados foram convertidos para o formato *txt*, a fim de serem manipulados pelo *software WordSmith Tools* (SCOTT, 2004), que, por sua vez, permitiu a busca semiautomática de candidatos a termos e de contextos, na base de dados constituída.

Como resultado prático da pesquisa, elaborou-se um (mini)glossário com 106 entradas, representativas da terminologia do cupuaçu. Apesar de o estudo ter alcançado seu objetivo principal, deve-se reconhecer a necessidade de ampliação do *corpus* escrito e, principalmente, a de inserção de dados orais, resultantes de pesquisa a ser realizada *in loco*, em outro momento.

Referências

ARAGÃO, Maria do S. Silva de. A Socioterminologia e Etnoterminologia das plantas medicinais no Nordeste. **Revista Acta Semiotica et Lingvistica**, v. 15, n. 1, p. 34-49, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/download/4645/8296>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

CABRÉ, M. T. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, set./dez.1995.

_____. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA), 1999.

FAULSTICH, Enilde de J. Leite. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, set./dez. 1995.

_____. Princípios formais e funcionais de variação em terminologia. In: **Atas do RITERM**, Havana, 1998.

_____. Aspectos de Terminologia geral e Terminologia variacionista. In: **TradTerm**. São Paulo: USP, n. 7, p. 11-40, 2001.

_____. Terminologia, Socioterminologia, Dialetoлогия: afinidades e necessidades interdisciplinares. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA, 2., 2012, Belém. **Anais...** São Luís (MA): EDUFMA, 2012. p. 29-43.

GAUDIN, François. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. In: ISQUERDO, Aparecida N.; DAL CORNO, Giselle O. Mantovani (orgs.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. 7 v.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. **DELTA**, São Paulo, v.16, n.2. p. 209-228. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a01v16n2.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2013.

_____.; FINATTO, Maria J. Bocorny. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, Alcides F. de. **Socioterminologia da Indústria Madeireira**. 2010. 377 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

_____. MARTINS, Arlon F. Carvalho. Utilização do programa *Lexique pro* na elaboração de glossários e dicionários terminológicos. In: RAZKY, Abdelhak.; LIMA, Alcides F. de.; OLIVEIRA, Marilucia B. de.; COSTA, Eliane O. da (orgs.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

MACIEL, Anna M. Becker. Quais são os rumos da Terminologia no século XXI? In: ISQUERDO, A. Negri; ALVES, I. Maria (orgs.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. 3 v.

PARÁ. Secretaria de Agricultura do Estado do Pará. **A fruticultura no estado do Pará**. Belém: [s. n], 2010. Disponível em: <http://www.sagri.pa.gov.br/files/pdfs/SEB_Cartilha_Frutal_18x21cm_OUT11_FINAL.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2014.

SIL International. **Lexique Pro 2.8.6**. Software SIL IVB/Mali, West Africa, Copyright 2004 - 2008. Disponível em: www.sil.org.

SILVA, Manoel M. Alves; MUNIZ, Edvani Curti. A estrutura conceptual da nanociência e da nanotecnologia. In: ISQUERDO, A. Negri; FINATTO, Maria J. Bocorny (orgs.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. 4. Campo Grande, MS: Editora UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

SOUZA, Davi P. de. **Terminologia da cultura do cupuaçu**. 2015. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2015.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**: version 4. Oxford: Oxford University Press, 2004.

A REDUÇÃO DE /E/ E /O/ ÁTONOS PRETÔNICOS: FREQUÊNCIA DESTE FENÔMENO NOS DIFERENTES NÍVEIS ESCOLARES

Dinair Barbosa de Freitas (UEPA)

Andréia Costa Mouzinho (UEPA)

Evelim Mendes dos Santos (UEPA)

Jayna Karolyne de Souza Santos (UEPA)

RESUMO: Apresenta-se neste artigo uma investigação acerca da redução do /e/ e /o/ átonos pretônicos nos diferentes níveis escolares com a finalidade de buscar resposta à seguinte questão: em qual nível escolar é mais frequente o fenômeno da redução do /e/ e /o/ átonos pretônicos? Para respondê-la traçamos dois objetivos: Analisar com que frequência o fenômeno ocorre na fala dos informantes de níveis escolares diferentes e investigar se a escolaridade influencia para a ocorrência do fenômeno. Desenvolvemos nossa pesquisa com base nas reflexões dos estudiosos: BAGNO (2005), BECHARA (2009), AZEREDO (2009) entre outros. A metodologia foi de cunho quantitativo e o instrumento para a constituição do corpus foi uma entrevista a partir de 10 perguntas retiradas do questionário fonético-fonológico (2001). O corpus constituiu-se de 12 informantes, entre homens e mulheres com idades diferentes, sendo três para cada nível escolar: analfabeto, ensino fundamental, médio e superior, visto que o critério para a constituição era a escolaridade. Ao término da nossa pesquisa percebemos que a maior frequência do fenômeno foi na fala dos sujeitos de ensino fundamental, e a menor frequência do fenômeno foi o ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE: Fenômeno. Frequência. Redução.

Introdução

Um dos primeiros estudos que fazemos nas séries iniciais é o das vogais do português, aprendemos que elas são cinco: a, e, i, o, u. Quando presentes em palavras, essas vogais são classificadas de acordo com a tonicidade, em átonas e tônicas, isto é, conforme estiverem na sílaba mais fraca ou mais forte, respectivamente. Além da tonicidade as vogais também se classificam de acordo com a posição que ocupam numa sílaba, ou seja, elas podem ser pretônicas - caso estejam antes da sílaba tônica, ou postônicas - caso estejam depois da sílaba mais forte.

É neste contexto que nos detemos neste trabalho, um estudo do fenômeno que ocorre com as vogais átonas pretônicas /e/ e /o/, mais precisamente a redução do /e/ e do /o/ átonos pretônicos. Fenômeno que consiste na pronúncia mais fraca do /e/ e do /o/.

Segundo BAGNO (2005), é um fenômeno característico do PNP²¹ (português não padrão), mas que já está sendo encontrado na fala de pessoas cultas e escolarizadas, isto é, falantes do PP²² (português padrão).

Para isso, desenvolvemos uma pesquisa de campo, quantitativa, conforme GERHARDT e SILVEIRA (2009). O *corpus* constitui-se de 12 entrevistas com 10 (dez) perguntas retiradas do questionário fonético-fonológico (QFF) de 2001. Tais entrevistas foram constituídas de duas partes, a primeira com as dez perguntas fechadas retiradas do QFF e a segunda na qual pedimos para que os sujeitos informantes criassem frases tendo como base as respostas dadas inicialmente, ou seja, perguntas abertas. Quanto aos dados, apresentamos em tabelas e gráficos. O objetivo desta pesquisa é analisar com que frequência o fenômeno ocorre na fala de informantes de níveis escolares diferentes e investigar se a escolaridade, a faixa etária e o gênero favorecem a ocorrência do fenômeno

Este artigo está dividido em quatro seções. A primeira está destinada ao referencial teórico em que nos baseamos para nossa pesquisa: AZEREDO (2009), BAGNO (2005), BECHARA (2009), CÂMARA JÚNIOR (1988), CHAVES e SANTOS (2011), OLIVEIRA (2009), SILVA (2009). A segunda, aos procedimentos metodológicos da pesquisa, seguida da terceira que apresenta a análise e resultados da pesquisa, encerrando com as considerações finais.

As Vogais Pretônicas Segundo os Autores

Para discutir nosso fenômeno, iniciamos como BECHARA (2009, p. 80) que se refere aos átonos pretônicos como fonemas oscilantes /e/, /i/, /ẽ/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/ e /ũ/, os quais são reduzidos a pretônicos em vários vocábulos. Para o autor, essa oscilação ocorre devido aos fatores culturais ou sociais do indivíduo falante.

Na mesma direção, SILVA (2009, p.81) afirma que as vogais /i/, /e/, /o/, /u/ em qualquer variedade do português brasileiro, são pronunciadas de maneira idêntica mesmo em posições pretônicas, como nas seguintes palavras: vital, dedal, modelo, cueca. Contudo, em relação ao /e/ e /o/, a autora diz que em alguns dialetos brasileiros elas ocorrem como pretônicos, por exemplo: d[e]dal, m[o]delo, em outras elas são pronunciadas como /i/, /u/ pretônicos, assim: d[i]dal, m[u]delo. A autora aponta ainda para a ocorrência de [ɛ] e [ɔ]

²¹ São as variedades que fogem da considerada norma padrão. Tais variedades são de acordo com as diferentes regiões geográficas, classes sociais, faixas etárias e níveis de escolarização em que se encontram as pessoas que o falam (BAGNO, 2005, p. 28).

²² Norma que determina uma forma de as pessoas falarem e escreverem. É a oficial, usada na literatura, nos meios de comunicação (BAGNO, 2005, p.28).

nessas palavras, por exemplo: d[ɛ]dal, m[ɔ]delo. E diz que essa variação ocorre com as vogais [ɛ, ɔ], [e,o], [i,u] quando estão em posição pretônica.

Para Bagno (2005, p. 112), átonos são aqueles que não estão na sílaba tônica, a qual é enfatizada na fala. E pretônicos são os que estão antes da sílaba tônica. Desse modo, na língua portuguesa, quando as vogais /e/ e /o/ são postônicas sofrem uma redução e são pronunciadas de maneira mais fraca, soando como /i/ ou /u/, como na palavra ovo, a qual soa "ovu". E no caso de /e/ e /o/ pretônicas, diz que a situação é menos simples, geral e sistemática. Por causa de um fenômeno conhecido como "Harmonização Vocálica", a presença de um /i/ e /u/ na sílaba tônica faz com que as vogais átonas pretônicas escritas /e/ e /o/ se reduzam e sejam pronunciadas /i/ e /u/. O autor destaca que as vogais /i/ e /u/ são mais altas e fechadas se comparadas às outras e quando estão na sílaba tônica "puxam para cima" as vogais pretônicas /e/ e /o/, fechando essas vogais para formar um grupo harmônico, formando um som único.

O mesmo autor ressalta, ainda, que há um grupo de palavras que apresenta um átono pretônico pronunciado /u/ sem a presença de /i/ ou /u/ na sílaba tônica. Isto ocorre devido essas palavras possuírem um /b/ ou /m/ antes do /o/ que sofre redução, pois /b/ e /m/ são bilabiais e "Para não terem de passar de um fechamento muito grande para um arredondamento muito grande, os lábios 'espremem' um pouco o O, e abrem-se menos, já que produzem um u" (*idem*, p. 118).

Para (CÂMARA JÚNIOR, 1977, *apud* CHAVES e SANTOS, p. 01) existem sete vogais orais partindo da posição tônica da palavra, que se reduzem a cinco em posição pretônica (/a/, /o/, /e/, /u/, /i/), a quatro em posição postônica não-final (/a/, /e/, /i/, /u/), chegando finalmente a três em posição átona final da palavra (/a/, /i/, /u/). A redução das vogais na posição pretônica, conforme o autor, é decorrente de um processo denominado neutralização, processo em que há a perda da distinção entre um fonema e outro, ou seja, em posição pretônica, as vogais médias-baixas /é/ e /ó/ e as vogais médias altas /e/ e /o/ perdem a distinção que havia entre elas, quando na posição tônica. Por isso, as vogais médias altas /e/ e /o/ na posição pretônica são suprimidas, passando a conter o traço de uma vogal alta, sendo pronunciadas como /i/ e /u/, respectivamente.

CÂMARA JÚNIOR (1988, p. 21) explica que na fonologia brasileira /e/ e /o/ são reduzidos em /i/ e /u/ em determinadas posições átonas, embora não tenham o mesmo timbre de /i/ e /u/ tônicos. Em muitos casos há a possibilidade de se realizar um /e/ ou um /o/, respectivamente. Esse fato evidencia uma ambiguidade da norma fonológica que oscila entre duas pautas vocálicas. Em passear ou voar, como exemplos de uma posição átona em hiato com /a/ tônica, não há /e/ e /o/ reduzidos, respectivamente. Desse modo, o autor

ressalta que há uma oscilação entre duas enunciações possíveis: /i/ e /u/ no uso informal da fala ou /e/ e /o/ no uso formal, que pode ocorrer por associação com as palavras passeio e voo ou, ainda, pela recordação das imagens das letras /e/ e /o/ na grafia.

Já, OLIVEIRA (2009) delimita os grupos de falantes das vogais pretônicas, dizendo que os dialetos das regiões norte-nordeste caracterizam-se pela presença das vogais médias abertas, mais do que as fechadas na posição pretônica (/ɛ/ e /ɔ/) e os do sudeste-sul pelas vogais fechadas (/e/ e /o/). Afirma ainda que essa possibilidade não é categórica, pois:

Há uma possibilidade de variação entre as pretônicas e a alternância se dá entre as médias de segundo grau [e, o] e as altas [i, u]. Tal fenômeno é chamado de 'harmonização vocálica' e diz respeito ao processo em que as vogais pretônicas assimilam o traço de altura da vogal seguinte, tornando-se altas como a vogal tônica (OLIVEIRA, 2009, p.19).

Tendo essa discussão em vista, e considerando que OLIVERA (2009) apesar de afirmar que na região norte é predominante as vogais médias abertas na posição pretônica, nesta pesquisa analisamos o comportamento das vogais do segundo grau, isto é, as médias fechadas, com o intuito de identificarmos se houve a redução de /e/ e /o/ para /i/ e /u/, respectivamente.

Procedimentos Metodológicos

Metodologicamente, nossa pesquisa é de campo com abordagem quantitativa, visto que conforme GERHARDT e SILVEIRA (2009), neste tipo de pesquisa, os dados numéricos são analisados por meio de procedimentos estatísticos, têm suas raízes no pensamento positivista lógico, e tende a enfatizar o raciocínio dedutivo. Dessa forma, o *corpus* constituiu-se de 12 entrevistas com 10 (dez) perguntas retiradas do questionário fonético-fonológico (QFF) de 2001, aplicadas aos falantes de Belém residentes em bairros vizinhos a nós.

Os sujeitos são 12 (doze) informantes, entre homens e mulheres com idades entre 15 a 62 anos, três para cada nível escolar: analfabeto, ensino fundamental completo, médio completo e superior completo. Eles responderam – por meio de entrevistas - a 10 (dez) perguntas que retiramos do questionário fonético-fonológico (QFF) de 2001. Tais entrevistas foram feitas de maneiras distintas: na primeira parte, os informantes responderam às perguntas fechadas, e na segunda pedimos para que eles criassem frases tendo como base as respostas dadas inicialmente, isto é, perguntas abertas. Tal modo objetivava conseguir um melhor resultado sobre o fenômeno em foco, isto é, promover mais de uma

oportunidade para que o fenômeno ocorrido se confirmasse. O *lôcus* foi a residência de cada sujeito. Abaixo consta a tabela com as perguntas:

1-PRATELEIRA ...aquilo assim (<i>mímica</i>), onde se colocam objetos em casa(latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?	6-TOMATE ...aquilo vermelho que se vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
2- TESOURA ...o objeto com que se corta tecido?	7-BONITO Qual o contrário de feio?
3- TRAVESSEIRO ...aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?	8-BORBOLETA ...um bichinho que voa e tem asas bonitas e coloridas?
4-COLHER A carne se come com garfo e faca. E a sopa, com que se toma? (O que é que se usa para tomar sopa?)	9-FERIDA Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?
5-CEBOLA ...um tempero de comida que quando se está cortando se chora?	10-DORMINDO A pessoa que não está acordada está _____ (<i>mímica</i>).

Tabela 1: Perguntas retiradas do QFF

Codificamos os nomes dos sujeitos em S junto com a numeração em ordem crescente: 1, 2, 3 (...). Seguem abaixo os dados de cada informante:

ANALFABETOS		
S1	S2	S3
Sexo: Masculino Idade: 45 anos Escolaridade: Até a 2ª série Profissão: Serviços Gerais	Sexo: Feminino Idade: 62 anos Escolaridade: Até a 2ª série Profissão: Aposentada	Sexo: Masculino Idade: 26 anos Escolaridade: Até a 4ª série Profissão: Serviços Gerais
ENSINO FUNDAMENTAL		
S4	S5	S6
Sexo: Masculino Idade: 15 anos Escolaridade: 1º ano do ensino médio (cursando) Profissão: Estudante	Sexo: Feminino Idade: 26 Escolaridade: Até o 2º ano do ensino médio Profissão: Dona de casa	Sexo: Masculino Idade: 47 Escolaridade: Ensino fundamental completo Profissão: Aposentado
ENSINO MÉDIO		
S7	S8	S9
Sexo: Feminino Idade: 41 Escolaridade: Ensino médio	Sexo: Masculino Idade: 42 Escolaridade: Ensino médio completo	Sexo: Feminino Idade: 45 Escolaridade: Ensino

completo Profissão: Dona de casa	Profissão: Autônomo	médio completo Profissão: Merendeira
SUPERIOR		
S10	S11	S12
Sexo: Feminino Idade: 30 Escolaridade: Ensino superior completo. Profissão: Assistente Administrativo	Sexo: Feminino Idade: 46 Escolaridade: Pós-graduação Profissão: Bancária	Sexo: Masculino Idade: 37 Escolaridade: Ensino superior completo Profissão: Técnico em Eletrotécnica

Tabela 2: Dados dos Informantes

Análise dos Dados

Analisando a pronúncia das palavras na fala dos sujeitos analfabetos, verificamos que tanto nas respostas das perguntas abertas quanto nas fechadas ocorreu o fenômeno da redução do /e/ e /o/ átonos pretônicos. Nas tabelas que seguem, as palavras marcadas demonstram a ocorrência do fenômeno. Vejamos:

ANALFABETOS					
S1		S2		S3	
FECHADAS	ABERTAS	FECHADAS	ABERTAS	FECHADAS	ABERTAS
1	[pate'lerΛ]	[pate'lerΛ]	[pratʃe'lerΛ]	[prate'lerΛ]	[prate'lerΛ]
2	[te'zorΛ]	[te'zorΛ]	[ʃi'zorΛ]	[te'zourΛ]	[te'zourΛ]
3	[trave'sero]	[trave'sero]	[travi'seru]	[travi'seru]	[travi'seru]
4	[ku'λɛh]	[ku'λɛh]	[ko'λɛ]	[ku'λɛ]	[ko'λɛ]
5	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]
6	[tɔ'maʃI]	[tɔ'maʃI]	[tu'maʃI]	[tɔ'maʃI]	[tɔ'maʃI]
7	[bu'ɳitu]	[bu'ɳitu]	[bu'ɳitu]	[bu'ɳitu]	[bu'ɳitu]
8	[bahbu'letΛ]	[bahbu'letΛ]	[buhbo'letΛ]	[bohbu'letΛ]	[bohbu'letΛ]
9	[fi'ridΛ]	[fi'ridΛ]	[fi'ridΛ]	[fe'ridΛ]	[fe'ridΛ]
10	[dorh'mĩdu]	[dorh'mĩdu]	[duhmĩdu]	[duh'mĩdu]	[dorh'mĩdu]

Tabela 3: Transcrição Fonética da pronúncia dos Sujeitos Analfabetos

O S1 realizou o fenômeno em 04 palavras, são elas: colher, bonito, borboleta e ferida nos dois tipos de entrevistas. Já S2 realizou o fenômeno em 08 palavras, são elas: tesoura, travesseiro, colher, tomate, bonito, borboleta, ferida, dormindo. No entanto, a redução não foi realizada nos dois tipos de entrevistas, somente nas palavras [travi'seru], [bu'ɳitu], [buhbo'letΛ] e [duh'mĩdu], as demais variaram, isto é, foram pronunciadas de uma forma nas perguntas fechadas e de outra forma nas perguntas abertas, como por exemplo: [ʃi'zorΛ], [ku'λɛ], [tu'maʃI], [fi'ridΛ]. O S3 realizou o fenômeno nos dois tipos de entrevistas

em 03 palavras, são elas: traveseiro, bonito, borboleta. Já na entrevista com os sujeitos de ensino fundamental completo, percebemos que o fenômeno ocorreu em nove palavras, uma a mais se comparado ao quadro dos analfabetos. Segue abaixo o quadro com as transcrições:

ENSINO FUNDAMENTAL					
S4		S5		S6	
FECHADAS	ABERTAS	FECHADAS	ABERTAS	FECHADAS	ABERTAS
1	[prahtʃi'leyrΛ]	[prahtʃi'leyrΛ]	[prate'lerΛ]	[prahtʃi'leyrΛ]	[prahtʃi'lerΛ]
2	[tʃi'zorΛ]	[tʃi'zorΛ]	[te'zorΛ]	[tʃi'zorΛ]	[tʃi'zorΛ]
3	[travi'seyrU]	[travi'seyrU]	[travi'serU]	[trave'seyrU]	[trave'serU]
4	[ku'λɛ]	[ku'λɛ]	[ku'λɛ]	[ku'λɛ]	[ku'λɛ]
5	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]
6	[to'maʃI]	[to'maʃI]	[to'maʃI]	[tu'maʃI]	[tu'maʃI]
7	[bo'ɲitU]	[bu'ɲitU]	[bu'ɲitU]	[bu'ɲitU]	[bu'ɲitU]
8	[bohbo'letΛ]	[bohbo'letΛ]	[bohbo'letΛ]	[bohbu'letΛ]	[bohbu'letΛ]
9	[fe'ridΛ]	[fe'ridΛ]	[fi'ridΛ]	[fe'ridΛ]	[fe'ridΛ]
10	[doh'mīdu]	[doh'mīdu]	[duh'mīdU]	[duh'mīdo]	[duh'mīdU]

Tabela 4: Transcrição Fonética da pronúncia dos Sujeitos do Ensino Fundamental

O fenômeno da redução de /e/ e /o/ átonos pretônicos ocorreu na fala dos 3 sujeitos entrevistados. S4 e S5 realizaram o fenômeno em 05 palavras nos dois tipos de entrevista. Já o S6 realizou o fenômeno em uma quantidade maior de palavras, pois o fenômeno ocorreu em 07, são elas: prateleira, tesoura, colher, tomate, bonito, borboleta e dormindo, tanto nas questões abertas quanto nas fechadas, sendo que houve uma variação na palavra prateleira, que na pergunta aberta o sujeito reduziu o ditongo /ei/ pelo /e/, fato que não interferiu na redução do átono pretônico /e/. Na entrevista com sujeitos de ensino médio completo, o fenômeno ocorreu em sete palavras. Analisemos a tabela:

ENSINO MÉDIO					
S7		S8		S9	
FECHADAS	ABERTAS	FECHADAS	ABERTAS	FECHADAS	ABERTAS
1	[praʃi'lerΛ]	[praʃi'lerΛ]	[paʃi'lerΛ]	[praʃi'leyrΛ]	[praʃi'leyrΛ]
2	[te'zowrΛ]	[te'zowrΛ]	[ʃi'zorΛ]	[te'zowrΛ]	[te'zowrΛ]
3	[trave'seyro]	[trave'seyro]	[travi'serU]	[travi'seyrU]	[travi'seyrU]
4	[kɔ'λɛh]	[kɔ'λɛh]	[ku'λɛh]	[kɔ'λɛh]	[kɔ'λɛh]
5	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]
6	[tɔ'maʃI]	[tɔ'maʃI]	[to'maʃI]	[to'maʃI]	[to'maʃI]
7	[bɔ'ɲito]	[bɔ'ɲito]	[bu'ɲitU]	[bu'ɲitu]	[bu'ɲitu]
8	[bohbo'letΛ]	[bohbo'letΛ]	[bohbo'letΛ]	[bohbo'letΛ]	[bohbo'letΛ]
9	[fe'ridΛ]	[fe'ridΛ]	[fe'ridΛ]	[fi'ridΛ]	[fi'ridΛ]
10	[doh'mīdo]	[doh'mīdo]	[duh'mīdU]	[doh'mīdU]	[doh'mīdU]

Tabela 5: Transcrição Fonética da pronúncia dos Sujeitos de Ensino Médio

O fenômeno da redução do /e/ e /o/ átonos pretônicos, ocorreu com menor frequência na pronúncia do sujeito S7, visto que ele reduziu apenas a palavra prateleira [praʃi'leɾΛ]. O sujeito S9 realizou a redução em 04 palavras, são elas: prateleira, travesseiro, bonito e ferida. O sujeito S8, por sua vez, realizou o fenômeno nas palavras: prateleira, tesoura, travesseiro, colher, bonito e dormindo, portanto, 06 palavras. Em se tratando dos sujeitos de ensino superior, vejamos como eles pronunciaram as palavras:

ENSINO SUPERIOR						
S10		S11		S12		
FECHADAS	ABERTAS	FECHADAS	ABERTAS	FECHADAS	ABERTAS	
1 [prate'leyɾΛ]	[prate'leyɾΛ]	[prate'leyɾΛ]	[prate'leyɾΛ]	[praʃi'leyɾΛ]	[praʃi'leyɾΛ]	
2 [te'zowɾΛ]	[te'zowɾΛ]	[te'zowɾΛ]	[te'zowɾΛ]	[ʃi'zorΛ]	[ʃi'zorΛ]	
3 [travi'seyɾU]	[travi'seyɾU]	[trave'seyɾU]	[trave'seyɾU]	[travi'seru]	[travi'seru]	
4 [ku'λɛh]	[ku'λɛh]	[kɔ'λɛh]	[kɔ'λɛh]	[ku'λɛh]	[ku'λɛh]	
5 [se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	[se'bolΛ]	
6 [to'maʃI]	[to'maʃI]	[to'mate]	[to'mate]	[to'maʃi]	[to'maʃi]	
7 [bu'ɳitu]	[bu'ɳitu]	[bo'ɳitu]	[bo'ɳitu]	[bu'ɳitu]	[bu'ɳitu]	
8 [bohbu'letΛ]	[bohbu'letΛ]	[bohbo'letΛ]	[bohbo'letΛ]	[bohbu'letΛ]	[bohbu'letΛ]	
9 [fi'ridΛ]	[fi'ridΛ]	[fe'ridΛ]	[fe'ridΛ]	[fi'ridΛ]	[fi'ridΛ]	
10 [duh'mĩdU]	[duh'mĩdU]	[doh'mĩdU]	[doh'mĩdU]	[duh'mĩdU]	[duh'mĩdU]	

Tabela 6: Transcrição Fonética da pronúncia dos Sujeitos de Ensino Superior

No que concerne aos sujeitos do ensino médio constatamos que o sujeito S10 realizou o fenômeno nos dois tipos de perguntas, isto é, tanto nas abertas como nas fechadas, reduzindo 06 palavras, são elas: travesseiro, colher, bonito, borboleta, ferida e dormindo. E S11 não realizou o fenômeno em nenhuma das palavras, já S12 realizou o fenômeno em 08 palavras, são elas: prateleira, tesoura, travesseiro, colher, bonito, borboleta, ferida e dormindo.

Discussão dos Resultados

Em relação às análises dos sujeitos analfabetos, percebemos que o fenômeno foi mais frequente na fala do S2, pois ele o realizou em 8 palavras de 10 possíveis de ocorrer o fenômeno, seguido do S1 que realizou em 4 palavras, e S3 que realizou em 3 palavras. Na fala dos sujeitos de ensino fundamental completo o fenômeno foi mais frequente no S6, pois

ocorreu em 7 palavras. S4 e S5 realizaram o fenômeno em apenas 5 palavras. Nos sujeitos de ensino médio vimos que o fenômeno da redução do /e/ e /o/ átonos pretônicos ocorreu com maior frequência na fala do sujeito S8, visto que esse reduziu 6 palavras. S9 reduziu 4 e S7 realizou o fenômeno em apenas 1 palavra. Na fala dos sujeitos de ensino superior completo o fenômeno da redução foi mais recorrente na fala de S12 que reduziu 8 das 10 palavras possíveis, S10 realizou o fenômeno em 6 palavras e S11 não reduziu nenhuma das palavras possíveis.

Considerando que eram 10 palavras possíveis em que poderia ocorrer o fenômeno e três sujeitos de cada nível escolar, obtivemos um percentual total da frequência do fenômeno nos níveis escolares pesquisados da seguinte forma. Das 10 possibilidades para cada sujeito, resulta um total de 30 possibilidades por nível de escolaridade, equivalente a 100%. Com isto percebemos que a maior frequência do fenômeno foi na fala dos sujeitos de ensino fundamental (56,6%), seguidos dos sujeitos analfabetos (50%), depois os sujeitos de ensino superior (47%), e o nível em que foi menos frequente o fenômeno foi o ensino médio (37%). Seguem abaixo os percentuais:

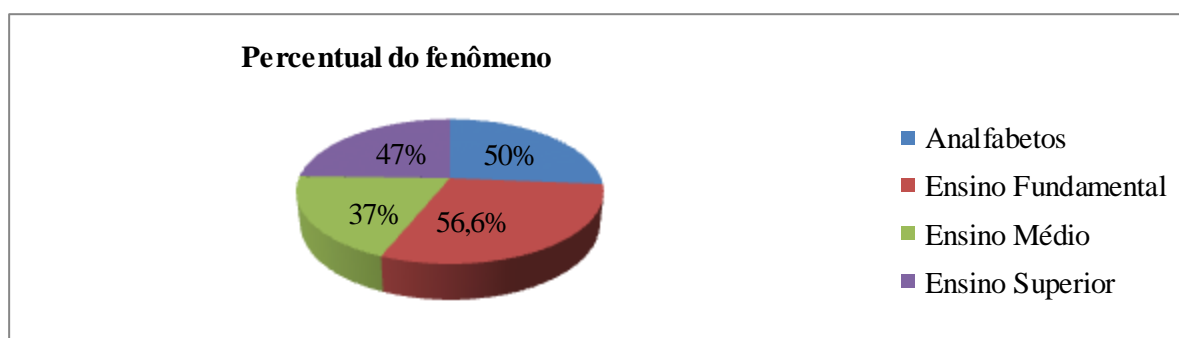


Gráfico 1: Percentual de palavras reduzidas em cada nível escolar

Dessa forma concluímos, com base em nossa pesquisa, que o fenômeno da redução é realizado em todos os níveis escolares, porém, sendo mais frequente no ensino fundamental. Acreditamos que tal resultado pode estar relacionado ao fato dos sujeitos terem ficado mais à vontade durante a entrevista.

Nossa pesquisa foi realizada com seis mulheres e seis homens divididos nos quatro níveis escolares e com faixa etária entre 15 a 62 anos. Ao todo eram 120 palavras, dez, tanto para as perguntas abertas quanto para as perguntas fechadas, equivalente a 100%, divididas para 12 sujeitos. Calculando a quantidade de palavras reduzidas pelos seis homens e pelas seis mulheres obtivemos um resultado de 33 e 25 palavras reduzidas respectivamente. Assim concluímos que o gênero pode influenciar a ocorrência do

fenômeno, visto que ele ocorreu com maior frequência na fala dos homens do que das mulheres. Tal resultado pode estar ligado ao fato das mulheres estarem mais presentes em casa, em contato com os filhos, auxiliando nas tarefas escolares, o que nos leva a inferir que elas tenham mais “cuidado” ao pronunciar determinadas palavras.

Nesta pesquisa foi observado que a faixa etária também pode ser um fator influente para a ocorrência do fenômeno, pois, somando as reduções feitas pelos 3 sujeitos com idade entre 15 a 29 anos, verificamos que houve um total de 13 palavras reduzidas e que das 10 palavras possíveis de sofrerem o fenômeno, eles reduziram até metade. Já as somas das reduções feitas pelos 4 sujeitos com idade entre 30 a 42 anos resultou em 21 palavras, e das 10 possíveis eles reduziram mais da metade, assim como os 5 sujeitos com idade maior de 42 anos. Somando a quantidade de palavras reduzidas por eles resultou em 25, e com exceção de 2 sujeitos (um reduziu 4 e o outro nenhuma), os demais reduziram mais da metade das 10 palavras possíveis. Tal fato nos leva a inferir que a idade é um fator relevante na ocorrência do fenômeno, visto que quanto maior a idade mais frequente será o fenômeno na fala. Isto pode ocorrer devido o fenômeno não ser visto como comum aos grupos, não determinado pela escolaridade.

Considerações Finais

Nessa perspectiva, compreendemos que a presença do /i/ e /u/ nas sílabas tônicas faz com que as vogais pretônicas escritas /e/ e /o/ se reduzam e sejam pronunciadas como /i/ e /u/, fato que provoca a “harmonização vocálica”, ainda que a presença de /b/ ou /m/ no início de determinadas palavras faz com que a vogal pretônica escrita /o/ se reduza e soe como /u/, fato comprovado nesse nosso estudo (BAGNO, 2005). Dessa forma, concluímos que o fenômeno da redução do /e/ e /o/ átonos pretônicos é presente em diferentes graus de escolaridade, ou seja, desde o analfabeto até ao sujeito de ensino superior. Conforme as análises realizadas a partir das entrevistas, percebemos que o fenômeno foi realizado com maior frequência no nível fundamental; o gênero pode influenciar a ocorrência do fenômeno, visto que ele ocorreu com maior frequência na fala dos homens do que das mulheres, e que a idade é um fator relevante na ocorrência do fenômeno, pois quanto maior a idade mais frequente foi o fenômeno na fala. Tal estudo permitiu uma melhor compreensão do assunto abordado e pode contribuir com o ensino, auxiliando para que se entenda que a realização do fenômeno da redução do /e/ e do /o/ átonos pretônicos na fala dos sujeitos pesquisados é uma mostra da variação que possibilita afirmar que todos têm modos particulares de falar,

e que, embora exista a norma ortográfica a qual define como devemos escrever, ela não deve ser uma forma de avaliação de como devemos pronunciar as palavras, visto que a língua muda e varia com o tempo e o espaço.

Referências

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. ed. 15. São Paulo: Contexto, 2005.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *As vogais em português*. Problemas de linguística descritiva. ed.13. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, Jaycra Andrade; Aragão, Maria do Socorro Silva de; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; AGUILERA, Vanderci de Andrade; KOCH, Walter. *Comitê nacional do projeto ALIB (Atlas Linguístico do Brasil): Questionários 2001*. Editora UEL, 2000.

CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; SANTOS, Francisca Luana da Costa. A realização das vogais médias átonas finais nas cartas fonéticas do alto Acre. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE, 5., 2011, Rio de Janeiro. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011. p. 01. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/112.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2014.

EVANILDO, Bechara. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

OLIVEIRA, Dermerval da hora. *Fonética e fonologia*. 2009. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica_e_Fonologia.pdf>. Acesso em: 28 nov.2014.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. ed. 9. São Paulo: Contexto, 2009.

O USO DA TERMINOLOGIA "HIPERTEXTO" EM SALA DE AULA: UM PRESSUPOSTO PARA INSERÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL

Eliane Miranda Machado²³

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo principal propor o uso da terminologia da informática "HIPERTEXTO" em sala de aula, como pressuposto para inserção do letramento digital. Neste sentido, a proposta é desenvolver mais um método para o ensino da leitura e da escrita dentro dos diferentes contextos comunicativos. Nesta perspectiva, o que se procura é dinamizar as aulas através dos recursos eletrônicos e da internet, de modo a instigar o aluno para o aprimoramento da língua materna. Para melhor explicitar o desenvolvimento deste trabalho, serão apresentadas definições para o termo "Hipertexto" enquanto recurso textual usado para ampliar os sentidos da leitura proposta, além de apresentar as contribuições deste elemento para a formação do leitor. O problema gerador desta pesquisa relaciona-se ao seguinte questionamento: É possível utilizar a terminologia "Hipertexto" em sala de aula para dinamizar o ensino da língua materna?. Para tal, está sendo desenvolvida uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico que busca explicitar as definições e contribuições do "Hipertexto" para o ensino da língua materna. Para discutir a temática acerca do uso da terminologia "Hipertexto" usou-se como referências os autores Lévy (1993), Villela (2008), Figueiredo (1999), Snyder (1997), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia. Hipertexto. Língua Materna.

Introdução

É possível constatar na contemporaneidade mudanças no processo de letramento em detrimento do uso cotidiano de tecnologias da informação pelas pessoas de modo geral, nesta perspectiva, o letramento digital vem inserir instrumentos tecnológicos de comunicação no ambiente escolar com o intuito de dinamizar as aulas e melhorar a qualidade de ensino – aprendizagem.

Para direcionar a pesquisa, levantamos o seguinte questionamento para direcionar o andamento da pesquisa. É possível utilizar a terminologia "Hipertexto" em sala de aula para dinamizar o ensino da língua materna?. Buscando explicitações que dão suporte ao uso do hipertexto em sala de aula. Nesta perspectiva, levantamos bibliograficamente concepções e teorias que contemplam o uso dos recursos tecnológicos em sala de aula.

Desse modo, o termo hipertexto vai surgindo no ambiente da sala de aula como consequência do desenvolvimento do letramento digital, enquanto recurso a ser explorado da internet para o desenvolvimento de atividades de leitura, em que o aluno pode expandir seus conhecimentos acerca do texto, assim como fazer inferências a partir dos links que

²³ Programa de Pós Graduação em Letras – Universidade Federal do Tocantins.

constituem os complementos textuais, podendo aparecer em formas verbais e não-verbais, como imagens, mapas, gráficos entre outros tipos de textos que vem acrescentar informações ao texto principal. Neste aspecto o hipertexto seria a representação digital de dicionários e enciclopédias de pesquisa, vistos pelo viés tradicional.

Para realização da pesquisa, optou-se pelo recurso metodológico bibliográfico, buscando em teóricos explicações acerca do uso do hipertexto no espaço da sala de aula, assim primeiramente foi levantado um aporte teórico no sentido de apresentar uma definição e conceituação para o termo hipertexto e posteriormente fazer relação deste recurso no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, visando extrair as contribuições deste recurso para a prática docente, o que caracteriza o caráter qualitativo da pesquisa, uma vez que visa analisar as melhorias, bem como as contribuições deste recurso disponível na internet.

Assim, o desenvolvimento da pesquisa, justifica-se devido ao fato de buscar metodologias que venham contribuir para o aprimoramento do ensino, principalmente no tocante ao ensino de leitura e escrita, que na contemporaneidade são grandes desafios para os professores de língua materna. Nesta perspectiva, trabalhar com o hipertexto em sala de aula, prevê condições de uso das tecnologias da comunicação e informação, proporcionando a inclusão digital dos alunos de forma igualitária, assim como dar uma nova roupagem para o ensino da língua materna em que professores e alunos redesenham sua prática no contexto educacional, haja vista que o professor passa de detentor do conhecimento para mediador do processo de ensino-aprendizagem e os alunos passam também a agentes deste processo, contribuindo com trocas de informações que acrescentam também à prática docente.

Neste contexto de mudanças, de transição de paradigmas, as tecnologias da informação e a inserção do mundo digital no processo de aprendizagem dos educandos é um elemento primordial que dá as devidas características necessárias as mudanças ocorridas na contemporaneidade, o que ratifica a justificativa de estudo desta temática, no sentido de teoricamente buscar suporte que sustente as discussões de inserção desta metodologia em sala de aula.

Da Definição ao Conceito da Terminologia “Hipertexto”

Ao falar de terminologias, é possível destacar que nos referimos a termos específicos de determinada área de saber, e que não é comum a todas as áreas do conhecimento que

não pode ainda ser definido como léxico. Neste aspecto a terminologia Hipertexto, surge no ambiente virtual no intuito de se referir aos elementos elencados aos textos que trazem possibilidades de ampliação do conhecimento sobre tal.

O termo hipertexto

“designa uma escritura não-sequencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real”, (KOCH, 2007, p.25).

Em consonância com a autora pode se observar que o hipertexto tem a sua especificidade em virtude da dinamicidade e flexibilidade encontrada nestes tipos de textos. Assim, a estrutura destes textos permite ao leitor fazer uma leitura diferenciada das leituras tradicionais, não linear, oportunizando ao leitor dando rumos ao processo da leitura, tendo em vista que terá a liberdade para acessar os links que complementam os conhecimentos a serem explorados no texto. Além dos recursos verbais no hipertexto, outros também são explorados, como imagens, ícones, gráficos, fotos, entre outros elementos que darão suporte ao texto verbal. Lévy (1996, p.38) observa a leitura na virtualidade da seguinte forma:

Enquanto dobramos o texto sobre si mesmo, produzindo assim sua relação consigo próprio, sua vida autônoma, sua aura semântica, relacionamos também o texto a outros objetos, a outros discursos, a imagens, a afetos, a toda a imensa reserva flutuante de desejos e de signos que nos constitui.

Diante disso, os recursos hipertextuais traz uma gama de elementos que vai além dos recursos disponíveis nos textos “físicos”, cujos esclarecimentos e complementações vem a partir de dicionários e outras fontes de pesquisas. Assim, o hipertexto traz as possibilidades de eliminação de dúvidas e esclarecimentos de forma direcionada, dentro do mesmo recurso digital.

Lévy (1993), ainda acrescenta que o hipertexto é entendido como um conjunto de ligações interligadas por conexões. Tais ligações são páginas, palavras e imagens que vem complementar a ideia do texto. Neste sentido, navegar pelas conexões do texto significa dar direcionamento a leitura realizada, haja vista que cada conexão explorada, traz uma gama de significados que dá complementaridade ao texto (LÉVY: 1993, p.33).

O Hipertexto no Ensino da Língua Materna

Várias alternativas têm sido buscadas no quesito metodologia, no sentido de dinamizar o ensino da língua materna bem como aprimorar a qualidade do ensino e da aprendizagem. Nesta perspectiva, o hipertexto se insere no ambiente da sala de aula a partir da implementação do letramento digital que possibilita ao aluno, o uso eficaz dos recursos tecnológicos de comunicação e informação em prol da aprendizagem de conteúdos específicos da aula.

Dentre os trabalhos realizados sobre o uso das tecnologias em sala de aula, alguns foram citados nos PCNEMs (2004, p.88-89), estão o uso de novas tecnologias, como o computador e a Internet. Esses recursos fazem a integração entre as competências e habilidades com a aplicação de tecnologias da comunicação e da informação, em situações relevantes, como, por exemplo, quando a Internet é usada para leitura não linear em hipertextos (PCNEM, 2004, p.62-64).

Dentro deste contexto, os hipertextos vem auxiliar esta metodologia, enquanto recurso a ser explorado na internet como mais um elemento que busca ampliar o conhecimento do educando.

Segundo Barreto (2004), muitas contribuições foram disponibilizadas a partir da inserção das tecnologias no ambiente educacional, dada a gama de possibilidades tanto no espaço da escola, na rotina de trabalho do professor e, até mesmo, epistemológica em virtude das mudanças provocadas a partir deste instrumento.

Os novos meios abrem outras possibilidades para a educação, implicam desafios para o trabalho docente, com sua matéria e seus instrumentos, abrangendo o redimensionamento do ensino como um todo: da sua dimensão epistemológica aos procedimentos mais específicos, passando pelos modos de objetivação dos conteúdos, pelas questões metodológicas e pelas propostas de avaliação (BARRETO, 2004, p.23).

Dessa forma, o autor apresenta as tecnologias e suas interfaces como uma gama de possibilidades, mas também, desafios complexos a serem desenvolvidos em sala de aula. Dentro das múltiplas possibilidades de uso das tecnologias no ambiente escolar Bergman & Ferro (2008, p.22) classificam os objetos de aprendizagem em informática, multimídia e telecomunicações. Entre eles destacam-se os softwares, histórias em quadrinhos em sites da web, animações em CDs multimídias e/ou Internet, hipertexto, vídeos, jogos, áudios, e-

mails, chats, redes de comunicação, entre outros que podem trabalhar os mais variados assuntos de forma lúdica e atraente para os alunos.

Todos estes recursos advêm do processo do letramento digital, que vem agregando diferentes situações comunicativas que podem ser exploradas no ambiente escolar como novas formas de interação através dos recursos digitais:

Por essa razão é que dizemos que o advento da Internet vem contribuir para o surgimento de práticas sociais e eventos de letramento inéditos, bem como deixa vir à tona gêneros textuais, até então, nunca vistos nem estudados. Os dispositivos informáticos hoje disponíveis na rede digital de comunicação possibilitam a criação de formas sociais e comunicativas inovadoras que só nascem pelo uso intenso das novas tecnologias. (XAVIER, 2005, p.135).

Nesta perspectiva, são apresentados diferentes recursos que estão imersos no campo da informática e que estão à disposição do professor para o trabalho em sala de aula. Juntamente com estes recursos surgem também diferentes gêneros textuais oriundos da tecnologia da informação, dentre eles, o hipertexto.

Para Bakhtin (2003, p.264), o estudo dos gêneros é de extrema importância porque qualquer trabalho de investigação de um material linguístico, neste aspecto os gêneros textuais emergentes das tecnologias também são arraigados de elementos linguísticos que contribuem na formação do aluno, haja vista que tais gêneros desempenham funções sociais que fazem parte da realidade do educando.

Freire (2003) faz a explanação sobre o ambiente da internet enquanto espaço de surgimento de gêneros textuais e reforça que estes "surgem ao lado de necessidades e de atividades sócio-culturais, assim como as inovações tecnológicas". Dessa forma, estes gêneros vem corroborar com a ideia do letramento digital que ocorre de forma socialmente estruturada.

O hipertexto é o elemento esclarecedor do texto digital em virtude de ser constituído por links que possibilita ao leitor transitar por outras páginas relacionadas ao assunto abordado. Segundo Antônio Xavier o hipertexto pode ser entendido como uma "forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade", (XAVIER, 2004, p.171).

Segundo a concepção do autor, o hipertexto dá ao leitor as condições de trabalhar a textualidade dentro deste recurso digital em detrimento de sua flexibilidade e de seu dinamismo. E segundo Soares (2010), aulas de língua materna podem e devem ser

trabalhadas com o auxílio dos recursos digitais, explorando conhecimentos da língua escrita através dos “gêneros textuais, teorias da leitura e diferentes estratégias exigidas por diferentes gêneros textuais” (p.10).

É possível destacar em Villela (2008) a seguinte questão acerca da forma de aplicação das novas tecnologias da comunicação em sala de aula: “Elas estão sendo utilizadas para dar aulas cada vez mais bem ilustradas com recursos da multimídia, ou para realmente mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na exploração de situações de aprendizagem?”. Dessa forma, estes recursos vem incorporar aos recursos metodológicos como forma de dinamizar as aulas e despertar o interesse dos alunos pela aula e até mesmo pelo processo de aprendizagem de leitura e escrita.

Dessa maneira, todos os instrumentos tecnológicos que vem adentrando ao ambiente escolar enquanto recurso metodológico, tende a contribuir para a melhoria da qualidade do ensino, tendo em vista que vem acrescentar ao arsenal do professor. Levando em consideração o contexto da evolução tecnológica que vem ocorrendo nas últimas décadas, é imprescindível mesclar o uso destes recursos em sala de aula, tendo em vista que a escola prepara o aluno para atuar na sociedade, que na contemporaneidade é globalizada e é interconectada. Neste contexto, as tecnologias em sala de aula, cumpre com o papel da inclusão digital, dando oportunidade de igualdade a todos os sujeitos envolvidos no processo, haja vista que, principalmente nas escolas públicas, muitos alunos não têm condições de acesso a recursos como computador, internet, o que os colocam à margem das tecnologias. Neste aspecto, se a escola, oferecer enquanto recurso metodológico o uso destes instrumentos, prevê o acesso de todos os recursos eletrônicos de comunicação.

Considerações Finais

Com base em estudos realizados, podemos concluir que já existe uma gama de estudos que vem sendo realizada no tocante ao processo do letramento digital, bem como a inserção da terminologia hipertexto em sala de aula, demonstrando sob a ótica de diferentes autores as concepções e definições para o termo e as contribuições do uso do mesmo nas aulas de língua materna, tanto no que se refere a leitura quanto a escrita no âmbito digital.

Dessa forma, apesar da resiliência no que se refere ao uso deste recurso pelo professor, no intuito de dinamização da práxis, pautado na concepções dos autores verificados, podemos concluir que é fértil o campo para uso dos recursos tecnológicos no ambiente da sala de aula, dada fluência do uso dos mesmos no meio social em todos os

segmentos, o que justifica desenvolver no aluno habilidades de uso destes instrumentos de forma responsável, crítica e proveitosa. Assim, além de instrumentalizar os alunos para o uso, é necessário também fazer com que use de forma significativa, visando atender os objetivos propostos pela aula.

Assim, conclui-se que o hipertexto é mais um recurso digital que pode ser usado para o ensino da língua materna, de forma dinâmica, flexível e não linear que permite ao aluno direcionar a leitura que pretende fazer, além de explorar os conhecimentos que julgar necessário para complementação da leitura. Desse modo, o hipertexto pode ser considerado também um dicionário digital que está diretamente relacionado ao texto, permitindo ao aluno no ato da leitura fazer as interrupções necessárias para esclarecimento das dúvidas e dinamização do ato de ler. Neste aspecto, este recurso imerso nas tecnologias da informação e comunicação tende a dinamizar as aulas e a despertar o interesse do aluno não só para a leitura, mas despertar a curiosidade para abertura de links necessários para a ampliação dos sentidos do texto.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M.. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARRETO, Raquel G., Globalização, mídia e escola: luzes no labirinto audiovisual. Revista Científica de Comunicación y Educación, Comunicar, 22, páginas 21-26, 2004.

BERGANN, Juliana Faggion; FERRO, Jefferson. Produção e Avaliação de Materiais Didáticos em Língua Materna e Estrangeira. 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 1997, 241p. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/3327790/PCNS-PCNEMlinguagens-codigos-e-suas-tecnologias>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

FREIRE, Fernanda M. P. Formas de materialidade linguística, gêneros de discurso e interfaces. In: _____; ALMEIDA, Rubens Queiroz. de; AMARAL, Sergio Ferreira do; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). A leitura nos oceanos da Internet. Capítulo 3 - Rodada final. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore V.. Hipertexto e construção de sentidos. São Paulo. Revista Alfa, 2007. Disponível em:<<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/02-Koch.pdf>>, acesso em 02 jul. 2009.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996. Tradução de Paulo Neves.

_____. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1a edição, 1999.

MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 128p.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, 2002.

_____. Simplificar sem falsificar. In: Guia da Alfabetização 1. Revista Educação. Publicação Especial em Duas Edições. Editora Segmento, São Paulo. Edição Especial no 1. 2010.

VILLELA, Ana Maria Nápoles. Considerações sobre a escrita acadêmica para a web. In: LIMAHERNANDES, Maria Célia Pereira de, MARÇALO, Maria João, MICHELETTI, Guaraciaba & MARTIN, Vima Lia de Rossi (orgs.) A língua portuguesa no mundo. 2008. Disponível no endereço www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/slp01/03.pdf (acesso em 10/11/2015).

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; _____. (Orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. Letramento Digital e Ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. (Orgs.). Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

A VARIAÇÃO LEXICAL EM BRAGANÇA E VISEU SOB A PERSPECTIVA DO ALIPA²⁴

Jaqueline de Andrade Reis (UFPA)²⁵

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever e documentar as variantes lexicais que ocorrem nas regiões Nordeste do estado do Pará, a saber: Bragança e Viseu. Para tanto, foi realizada uma comparação a fim de verificar as variantes que ocorrem com maior frequência nestes pontos de inquérito. Este estudo foi realizado com base nos dados do Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA). A pesquisa tem por base os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia moderna adotada pelo presente projeto. Portanto, analisou-se o campo semântico festas e divertimentos do Questionário Semântico-Lexical (QSL), com o intuito de identificar e registrar os usos feitos nessa região para os itens lexicais *papagaio de papel*, *esconde-esconde* e *pega pega*. Para realizar a observação da variação desses itens, levamos em consideração a dimensão espacial e social, de acordo com a metodologia da Geossociolinguística no aspecto pluridimensional atrelada a perspectiva do ALIPA.

PALAVRAS-CHAVE: Variação lexical. Dialetologia. Geossociolinguística. Sociolinguística.

1 Introdução

Os modernos estudos linguísticos a cerca dos usos que os falantes fazem da língua em diferentes contextos, suscitou reflexões e propostas metodológicas em busca de um novo olhar para as pesquisas realizadas em torno das variações, das mudanças linguísticas e dos espaços geográficos que norteiam tal instrumento responsável pelas diversas manifestações linguísticas. Dentre tais estudos podemos ressaltar os realizados pela Dialetologia, pela Geolinguística e pela Sociolinguística.

A Dialetologia no curso de sua história tinha como propósito o interesse “pelo estudo sistemático da diversidade de usos da língua” (CARDOSO, 2010, p. 27). Esse fato evidencia certa preocupação com as variedades dialetais, sobretudo, na descrição das línguas. Tal relevância contribuiu, a partir do século XIX, para o reconhecimento da dialetologia como uma área que apresenta objeto e metodologia própria. Nesse caso, podemos apontar a Geografia Linguística ou Geolinguística “como um método por excelência da dialetologia e vai

²⁴ O Projeto ALIPA foi criado em 1996, tendo por finalidade de mapear as variações linguísticas no português falado no Estado do Pará, levando em consideração a diversidade linguística nas dimensões geográfica e social. Atualmente, o projeto pesquisa passou por um reordenamento de atividades, e agora, o Atlas Geossociolinguístico do Pará. O projeto está sob a coordenação do professor Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará – UFPA.

²⁵ Discente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), em nível de mestrado, inserida na área de concentração de Estudos Linguísticos: Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais. E-mail: jrletras10@yahoo.com.br

se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados” Cardoso (2010, p. 46).

Com o advento da Sociolinguística de Labov em 1966, os estudos da Geolinguística ampliou seu campo de observação e análise indo além do registro da variação diatópica (geográfica), e passou, também, a controlar variáveis sociais, tais como a variação diastrática (classe social, escolaridade, profissão), variação diafásica (estilo), variação diagenérica (sexo), variação diageracional (faixa etária), dentre outras. Dessa forma, essas características de cunho sociocultural dos usuários das línguas, tornam-se elementos de investigação juntamente com a identificação das áreas geográficas.

Diante das contribuições dos estudos da Dialetoлогия, da Geolinguística e da Sociolinguística o presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar a variação lexical a partir dos resultados do levantamento feito por meio dos dados do projeto ALiPA, em duas localidades a saber: Viseu e Bragança, pertencentes ao Nordeste do estado do Pará.

Além disso, em tal estudo foi feito o mapeamento das variações diatópicas, diastráticas e a diagenéricas identificadas na análise dos itens lexicais *papagaio de papel*, *esconde-esconde* e *pega pega*. Tais itens lexicais compreendem o campo semântico festas e divertimentos, encontrado no Questionário Semântico-Lexical (QSL) utilizado para coleta de dados.

O artigo está organizado em cinco partes. A primeira seção situa Dialetoлогия, apresentando um breve histórico e os seus aspectos teórico-metodológicos que compreendem a Geossociolinguística. Além disso, mostraremos de forma sucinta, a interface entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística. Em seguida, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados pelo ALiPA. Por fim, passemos a descrição, análise e o resultado dos dados por representados a partir de gráficos percentuais e cartogramas lexicais.

2 Dialetoлогия, Geossociolinguística e Sociolinguística

A dialetoлогия é uma ciência que surgiu nos fins do século XIX e até os dias atuais, mostra interesse pelos dialetos regionais, rurais e sua distribuição e intercomparação (FERREIRA; CARDOSO, 1994). Tal fato, evidencia que a dialetoлогия apresenta uma preocupação em relação às variedades dialetais. Tal fato favorece o seu reconhecimento como uma área que apresenta objeto e metodologia própria, neste caso o seu método é denominado de geografia linguística, geolinguística ou geossociolinguística, comumente

utilizado para elaboração de atlas linguísticos monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais. Além disso, a geolinguística adota alguns aspectos para fins metodológicos por meio do qual reconhece as diferenças ou igualdades refletidas pela língua através de suas manifestações linguísticas. A partir desse ponto de vista, “as pesquisas geossociolinguísticas buscam descrever e retratar a realidade linguística de um determinado local” (RAZKY, 2014, p. 73).

Conforme assinala Cardoso (2010, p. 15) “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Dessa forma, o espaço geográfico caracteriza a particularidade de cada região, revelando, desta forma, a variedade linguística de cada localidade decorrente, sobretudo, da diversidade social e cultural as quais a língua assume de acordo com a região.

Por tudo isso, a Dialetologia tem como objeto de estudos os dialetos, por meio do qual procura compreender, de forma mais abrangente, os fenômenos linguísticos que ocorrem naturalmente nos falares de pessoas de uma determinada localidade, tendo em vista que o estudo da língua, considerada como instrumento das relações sociais, não pode ser concebido sem levar em consideração as manifestações socioculturais as quais se inserem os falantes. Diante disso, ao pensar em língua, conseqüentemente, tem-se que considerar o aspecto social. Partindo desse princípio, a dialetologia reconhece em seus estudos os fatores extralinguísticos, considerados inerentes ao falante, bem como suas interferências no momento da fala.

Desse modo, fatores como idade, gênero, escolaridade e outras características relacionadas aos aspectos socioculturais utilizadas pelos falantes da língua, passaram a configurar elementos de investigação. Esse fato corrobora para uma possível confluência entre a dialetologia e a sociolinguística uma vez que ambas se interessam pela variação da língua.

Diante do exposto acerca da Dialetologia, passemos as considerações sobre a Teoria da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da variação, a qual foi criada pelo linguista William Labov, nos Estados Unidos na década de 1960. Tal área possui uma metodologia bem definida, pois apresenta ferramentas que possibilitam a identificação e análise de variáveis (CEZARIO e VOTRE, 2012). Isto posto, a sociolinguística pode ser definida como “uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (CEZARIO e VOTRE, 2012, p. 142). Em vista disso, tal estudo tem como um dos objetivos procurar entender quais são os fatores que contribuem para o surgimento da variação linguística.

Labov observa, ainda, que a variação linguística pode ocorrer de acordo com diferentes fatores sociais ou extralinguísticos, entre esses estão idade, sexo, local e profissão dos sujeitos pesquisados. Diante disso, cabe ressaltar que a sociolinguística leva em conta o aspecto social das línguas. Para tanto, estuda a língua em seu uso real, levando em conta as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.

Tal fato evidencia o dinamismo inerente à língua, o qual ocorre devido elas serem heterogêneas. Partindo desse entendimento podemos dizer, também, que “A sociolinguística é uma subárea da Linguística e estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLICA e BRAGA, 2012, p. 9).

Nesse sentido, a língua é uma instituição social e, por isso, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história dos falantes que a utilizam. Dessa forma, de acordo com o contexto social e momento da interação, o locutor usa a língua de acordo com as mudanças sociais, históricas, políticas e culturais. Então, podemos dizer que as línguas sofrem mudanças ao longo do tempo, sem que sejam percebidas pelos indivíduos, ocasionadas pelos fatores linguísticos e extralinguísticos presentes no uso da língua.

Por tudo isso, entende-se que a Dialectologia e a Sociolinguística são duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas que apresentam interfaces às quais convergem e se completam. Apesar das duas conceberem o enfoque diatópico, ambas se diferem na forma do tratamento dado a tal fenômeno. Além disso, os objetivos de estudos desses dois ramos são bem definidos.

Apesar da interface entre as duas áreas, fato que ocasiona elas serem consideradas, até certo ponto, sinônimas, em virtude de estudarem a língua falada, cabe ressaltar que a dialectologia trouxe grandes contribuições à sociolinguística e à linguística geral de acordo com Corvalan (1988, p. 8 *apud* CARDOSO 2010, p. 26) ao afirmar que

“Sociolinguística e dialectologia se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialectologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística”.

Contudo, apesar das duas áreas se ocuparem da diversidade de usos da língua conferem, mesmo assim, um olhar individual no tratamento do objeto de estudo, pois distinguem-se na maneira de tratar os fenômenos linguísticos e os fatos linguísticos. Para a

dialetologia os fatores sociais são relevantes para o tratamento e coleta dos dados. Para tanto, se ocupa da descrição e localização espacial dos fatos considerados relevantes, desta forma configura-se como diatópica. No que se refere à Sociolinguística podemos constatar que, apesar de realizar uma intercomparação entre os dados em diferentes espaços, ainda assim, volta-se para a correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais presentes no uso concreto da língua a fim de descrever e explicar o fenômeno da linguagem.

Desde o surgimento da sociolinguística de Labov, a dialetologia ganha espaço como ciência, sobretudo, no aperfeiçoamento de seu método caracterizado pela geolinguística. É a partir desse novo viés, a respeito da dialetologia e da geolinguística, que surgem novas concepções, como a chamada dialetologia pluridimensional a qual focaliza, além da dimensão geográfica, também, as dimensões sociais diastráticas, diageracional, diagenérica e diafásica, dentre outras. “Ressalta-se que a designação dialetologia pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996) é também denominada de Geolinguística Pluridimensional (CARDOSO, 2010), Geossociolinguística (RAZKY, 2003) ou Sociodialetologia (GUY, 2012)” (SANCHES, 2014, p. 38).

Partindo do exposto, o presente trabalho apresenta uma cartografia piloto das variações lexicais, que ocorrem no Nordeste do Pará, baseada nas características dos atlas pluridimensional ou de terceira geração, caracterizados como “aqueles que, além da dimensão diatópica (geográfica), contemplam também mais de duas variáveis e/ou dimensões. É característica comum desses atlas o cruzamento de dados, de variáveis sociais referentes à faixa etária, sexo e escolaridade” (SANCHES, 2014, p.38). Tais fatores podem ser evidenciados na próxima sessão a qual se incube de explicar os procedimentos metodológicos para a identificação da variação lexical no corpus do projeto ALiPA.

3 Metodologia

Investiga-se no presente trabalho a variação lexical da mesorregião do Nordeste do Pará. Para tanto, foi feito um recorte nos dados utilizados do *corpus* do projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALiPA o qual permitiu a seleção de 08 (oito) informantes pertencentes a 2 (dois) pontos de inquérito: Bragança e Viseu.

Os dados foram tratados levando em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da Geossociolinguística por meio dos quais foram mapeados os aspectos das variáveis: diatópica, que se refere à disposição espacial (geográfica) dos pontos de inquérito

selecionados; diagenérica, referente ao sexo dos informantes e diageracional, relativa à faixa etária dos informantes selecionados.

Para a construção deste trabalho seguiu-se três etapas: A primeira se refere à seleção dos informantes de acordo com os critérios do projeto ALiPA: um do sexo masculino e um do sexo feminino; entre 18 e 30 anos e um do sexo masculino e um do sexo feminino entre 40 e 70 anos, para cada localidade. Para coleta dos dados os informantes foram submetidos a um Questionário Semântico-lexical (QSL) o qual é composto de 257 questões, sendo 256 perguntas e uma reservada para solicitar um relato de experiência pessoal. Na segunda, realizou-se a escuta dos dados sonoros, após isso foram feitas as transcrições (através do programa *Microsoft Word*) das gravações. Em relação à terceira etapa foram feitas as análises dos dados coletados, tendo em vista a sistematização e organização quantitativa dos mesmos (auxiliados pelo programa *Microsoft Excel*). Por fim, a organização dos dados considerando a estratificação social estabelecida pelo projeto para a elaboração de cartogramas lexicais (realizados pelo programa *Photoscape*).

Para o mapeamento e descrição dos dados para análise consideramos a questão do QSL de número 11(onze) do campo semântico “festas e divertimentos” o qual apresenta 18 itens lexicais conforme a Tabela 1 que segue:

Tabela 01: Itens lexicais

Nº	QUESTÃO	CAMPO SEMÂNTICO	ITEN LEXICAL
	208		Cambalhota
	209		Bolinha de gude
	210		Estilingue
	211		Papagaio de papel
	212		Balão
	213		Esconde-esconde
	214		Cabra-cega
11		Festas e divertimentos	Pega-pega
	215		Ferrolho/Ferrinho
	216		Chicote queimado/Ovo podre
	217		Balanço
	218		Amarelinha/Macaca
	219		Pessoa que age com desonestidade no jogo/Ladrão
	220		Pessoa que tem sorte no jogo
	221		Pessoa sem sorte no jogo/azarado
	222		Bom jogador
	223		Mau jogador
	224		Pessoa que dança muito bem/Pé de valsa
	225		

Fonte: Elaborada pela autora.

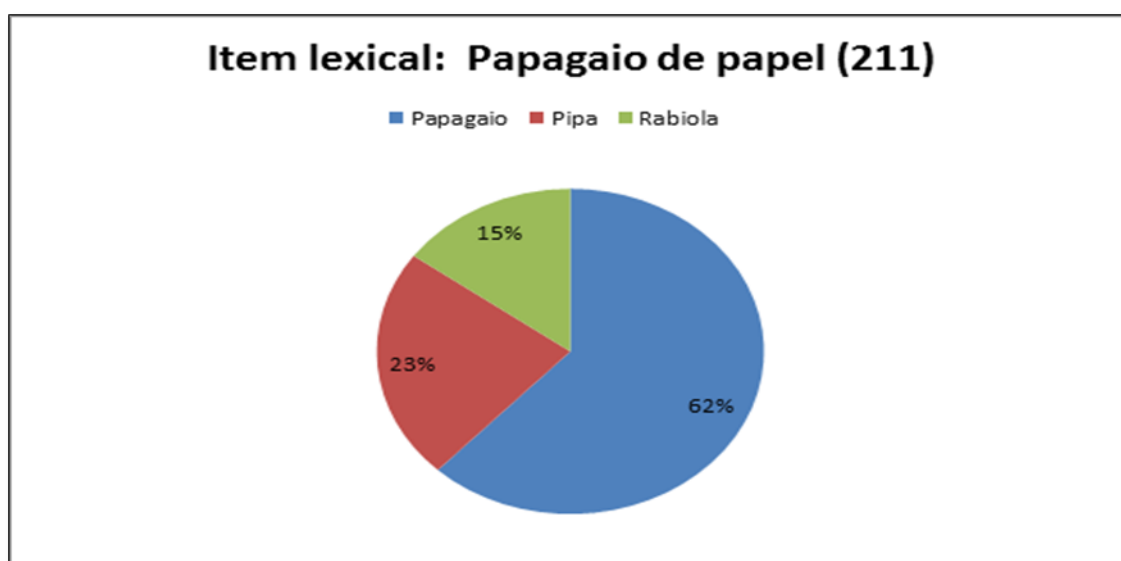
A seleção do *corpus* justifica-se pela variabilidade lexical dos itens lexicais identificadas durante a realização da pesquisa de campo os quais foram constatados nas respostas dos informantes. Em seguida, pela relevância das variáveis sociais (idade e sexo) contidas nos dados lexicais, possibilitando identificar tendências a uma variação diatópica (geográfica) diagenérica (sexo) e diageracional (faixa etária).

4 Descrição, Análise e Resultado dos Dados

Para a descrição e análise dos resultados, serão considerados os aspectos diatópicos diagenéricos e diageracionais dos itens lexicais selecionados. Assim, apresentam-se tais análises dos 25 itens lexicais, conforme a tabela 01, sendo que destes observamos que 3 (três) itens sofreram maior variação, a saber: *papagaio de papel* (211), *esconde-esconde* (213) e *pega-pega* (215) os quais serão expostas em percentuais nos gráficos e nas cartas lexicais com o número de ocorrências das variantes.

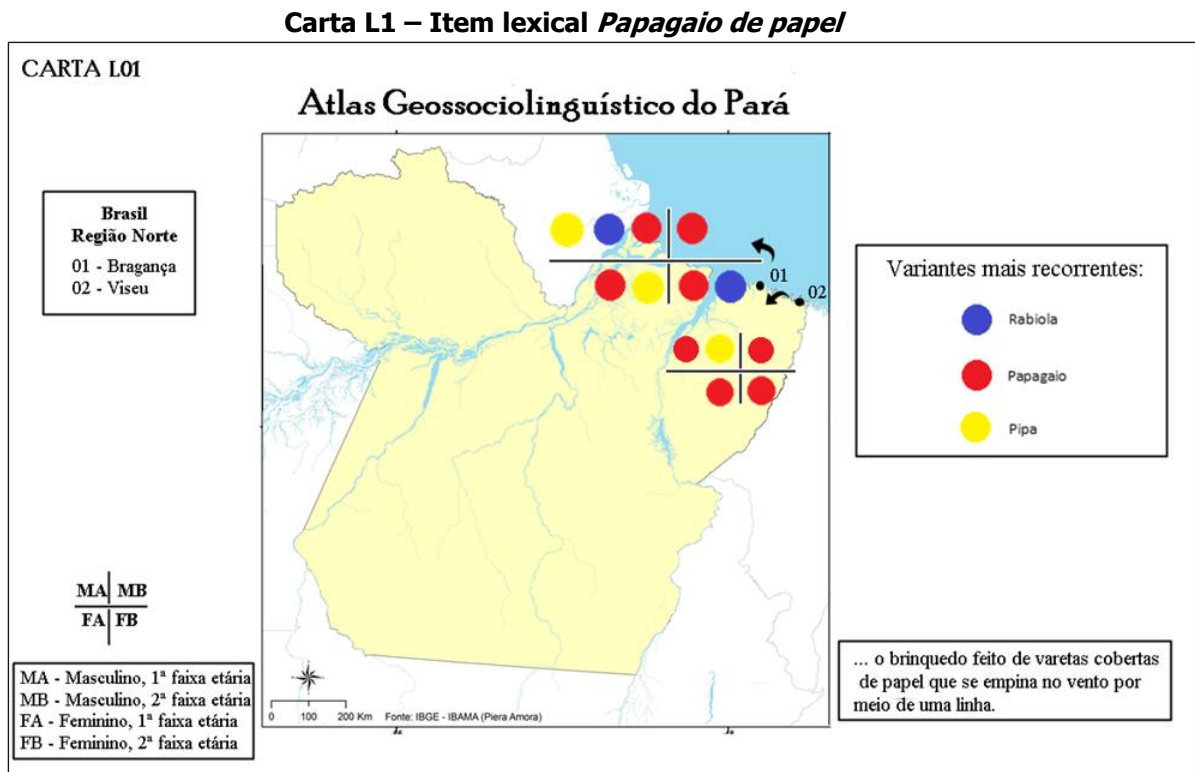
O primeiro item a ser analisado, corresponde a *Papagaio de papel*, referente à pergunta de número 211 do QSL. Perguntou-se aos informantes como eles chamam para “... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha”. A partir disso, foram registradas 3 (três) variantes lexicais: *papagaio*, *pipa* e *rabiola*. O Gráfico 1 e a carta L1 abaixo ilustram a ocorrência dessas variantes nos pontos 01 referente a Bragança e no ponto 02 referente a Viseu.

Gráfico 1 – Frequência da variante para *Papagaio de papel*



Fonte: Elaborada pela autora.

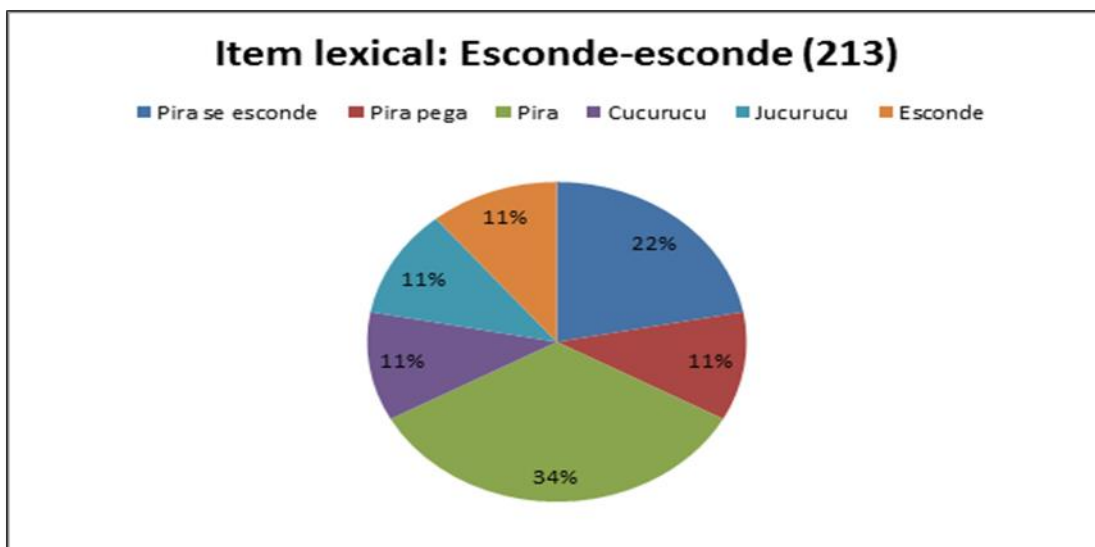
O gráfico 1 mostra que *papagaio* é a variante predominante nessas duas localidades, com 62% de ocorrência; seguida de *pipa* com 23% e *rabiola* com 15%.



Na presente carta é possível visualizar tais ocorrências das variantes em questão correspondentes à variação diatópica, diagenérica e diageracional. Tanto na localidade de 01 (Bragança) quanto na localidade 02 (Viseu) no que se refere à variação diageracional (faixa etária) podemos observar maior ocorrência da variação *papagaio* a qual ocorreu em toda primeira faixa etária das localidades analisadas, exceto o sexo feminino da localidade de Viseu de primeira faixa etária. No que se refere a variante *rabiola* esta não apresenta uma regularidade, pois identificamos que os informantes MA e FB de Bragança são os que apresentaram esta variação.

O segundo item a ser analisado, corresponde ao item lexical *Esconde-esconde*, referente à pergunta de número 213 do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Perguntou-se aos informantes como eles chamam para "... o jogo (a brincadeira) em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vai procurá-las?". A partir da pergunta, foram registradas 5 (cinco) variantes lexicais: *Pira se esconde*, *pira pega*, *pira*, *curucucu* e *jucurucu*. O gráfico 2 e a carta L2 abaixo ilustram a ocorrência dessas variantes nos pontos 01 referente a Bragança e no ponto 02 referente a Viseu.

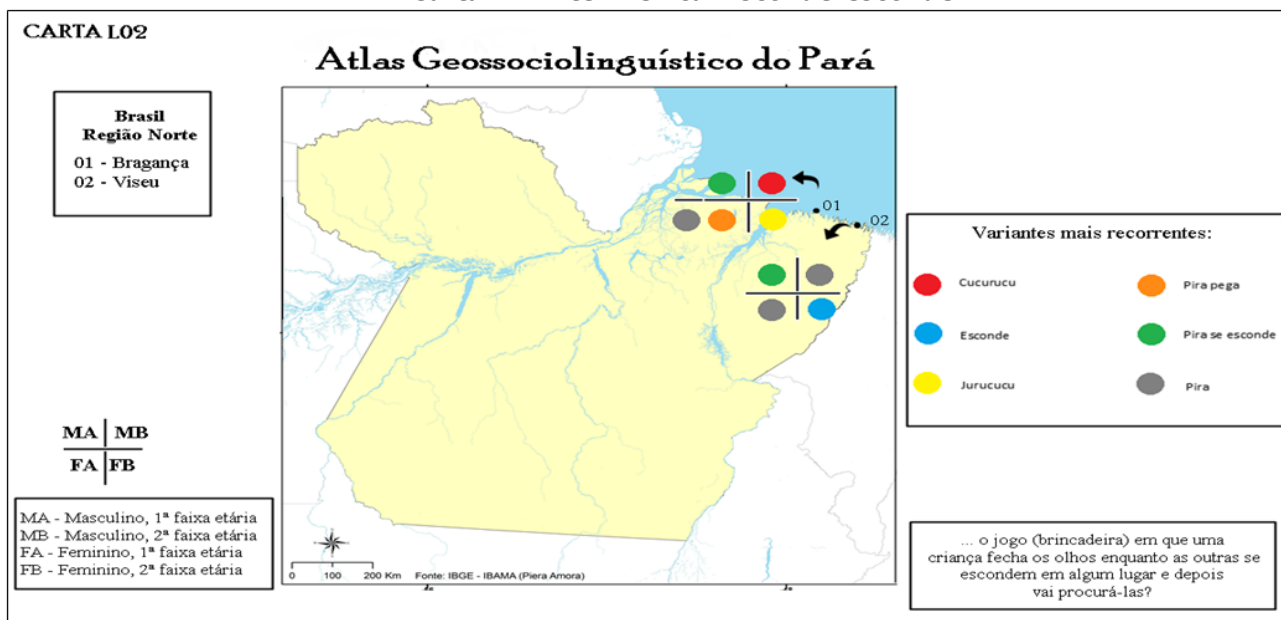
Gráfico 2 – Frequência da variante para *Esconde-esconde*



Fonte: Elaborada pela autora.

O gráfico 2 mostra que *Pira* é a variante predominante nessas duas localidades, com 38% de ocorrência; seguida de *pira se esconde* com 25%, *pira pega* com 13%, e menos ocorrência para as variantes *cucurucu* e *jucurucu* com 12% cada.

Carta L2 – Item lexical *Esconde-esconde*



Fonte: Elaborada pela autora.

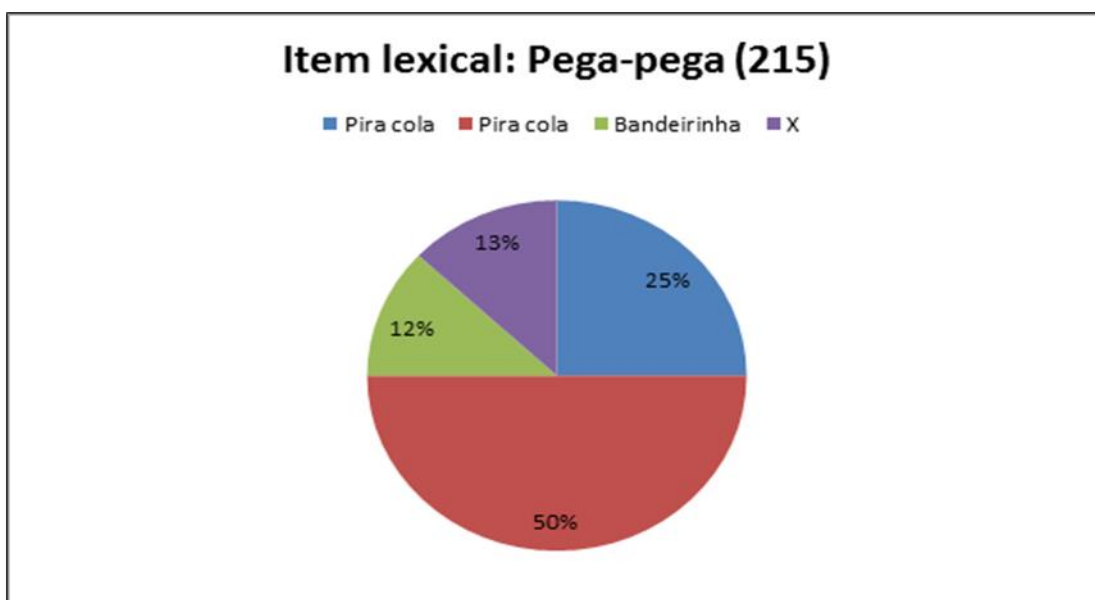
Na carta acima é possível observar as ocorrências das variantes em questão correspondentes à variação diatópica, diagenérica e diageracional. Tanto na localidade de 01 (Bragança) quanto na localidade 02 (Viseu). No que se refere à variação diageracional (faixa

etária) podemos notar maior ocorrência da variação *pira* foi a variação mais recorrente, porém assim como as outras variantes, não apresentou uma regularidade em sua ocorrência, demonstrou-se no cartograma que *pira* realizou-se em maior índice pelo sexo feminino de primeira faixa etária nas duas localidades e sua outra ocorrência no sexo masculino de segunda faixa etária em Viseu.

A segunda variação mais falada foi *pira se esconde*, realizadas somente pelos informantes de sexo masculino de primeira faixa etária de ambas as regiões. As outras menos frequentes foram: *cucurucu*, *esconde*, *esconde* e *pira pega*, que não apresentaram nenhuma equivalência em relação as suas ocorrências, demonstrando, desta forma, um comportamento inconstante destas variações.

O terceiro item a ser analisado, corresponde ao item lexical *Pega-pega*, referente à pergunta de número 215 do QSL. Nesta questão, perguntou-se aos informantes como eles chamam para "... um jogo (uma brincadeira) em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?". Por meio dessa pergunta, foram registradas 3 (três) variantes lexicais *Pira cola*, *Pira* e *Bandeirinha*. O Gráfico 3 e acarta L3 abaixo ilustram a ocorrência dessas variantes nos pontos 01 (Bragança) e no ponto 02 (Viseu). O gráfico seguinte ilustra o percentual de ocorrência das variantes.

Gráfico 03 – Frequência da variante para *Pega-pega*

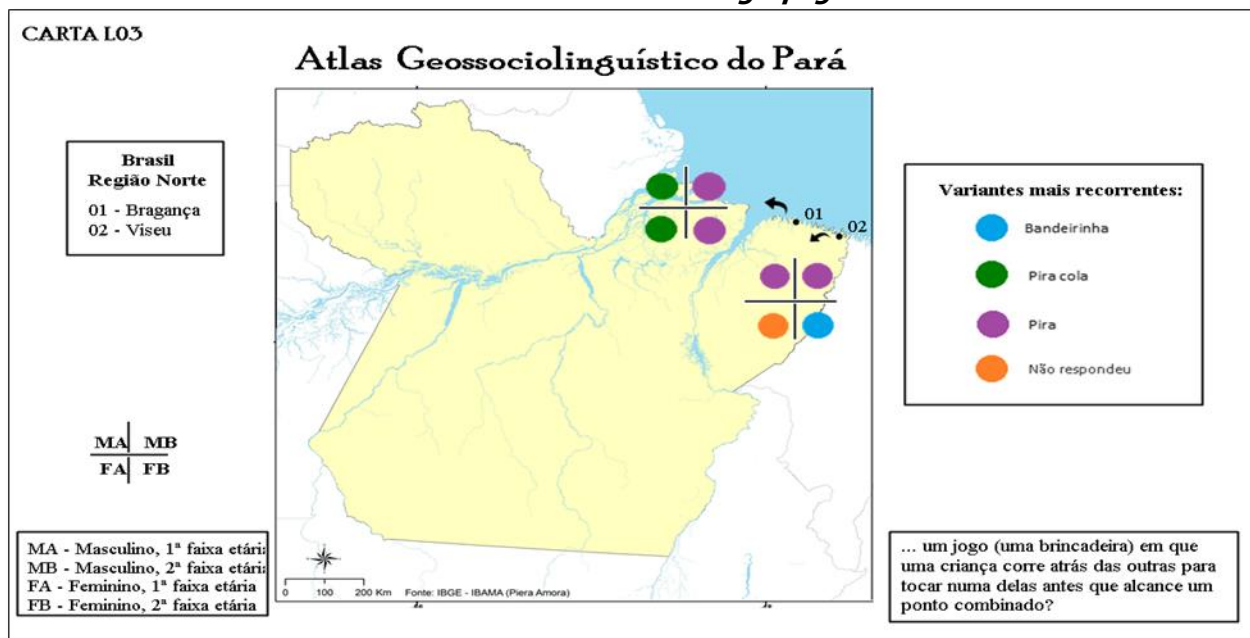


Fonte: Elaborada pela autora.

O gráfico 03 acima e a carta L03 a seguir mostram que no ponto 01 (Bragança) e no ponto 02 (Viseu) ocorre maior frequência da variante *Pira* com 50% acompanhada da

variante *Pira cola* com 25% de ocorrência nas localidades em análise. A variante *bandeirinha* apresenta uma frequência de 12%. Sendo que 13% dos informantes não responderam a pergunta referente ao item lexical em questão.

Carta L03 – Item Lexical *Pega-pega*



Fonte: Elaborada pela autora

Tratando-se das variações para o item lexical *Pega-pega* (215), nota-se que a variante mais recorrente foi *pira*, pelos informantes do sexo masculino e feminino segunda faixa etária de Bragança e dois de sexo masculino (faixa etária 1 e 2) de Viseu. *Pira cola* foi a segunda variante mais realizada (pelos sexos masculino e feminino de primeira faixa etária de Bragança). É pertinente relatar que em relação a este item lexical, os informantes não sabiam ao certo o que responder, tanto que constam brincadeiras variadas (*Bandeirinha* e *Pira cola*) ao invés de variantes concretas para *Pega-pega*, sendo que *Pira* (variante de *Pega-pega*) foi realizada em maioria por informantes de segunda faixa etária, apresentando uma leve regularidade.

5 Considerações Finais

Diante das discussões, exposições e análises dos dados coletados a partir do projeto ALiPA fica evidente a importância da identificação das variantes lexicais nas localidades de Bragança e Viseu situadas no Nordeste do estado do Pará. Através deste trabalho, pode-se identificar os itens lexicais que mais sofreram variação dentre os demais presentes no campo

semântico analisado. Tal observação auxiliou no tratamento dos dados de forma quantitativa das variações mais pertinentes, as quais possibilitaram a feitura de cartogramas lexicais que contribuíram de forma alusiva para a visualização de como tais variações se manifestaram.

Desse modo e com base nos resultados apresentados, podemos ressaltar a importância desta documentação, sobretudo sob uma abordagem geossociolinguística, a fim de registrar, descrever e localizar as variações dos usos linguísticos nos espaços geográficos e sociais, além de possibilitar a relação entre as variáveis e suas variantes que ocorrem por meio dos aspectos sociais e o espaço geográfico.

Referências

Atlas Geossociolingístico do Pará (ALiPA): **Questionário semântico-lexical (QSL)**. Universidade Federal do Pará. Belém Pará, 1997.

CARDOSO, S.A. **Geolinguística**: Tradição e modernidade. Parábola. São Paulo, 2010.

CEZARIO, M. M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA. M. E (Org). **Manual de linguística**. Contexto. São Paulo, 2015, p. 141 a 155.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GUEDES, R. J.C. Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará. Dissertação de mestrado da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém Pará, 2012.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, C. M.; BRAGA, M.L (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. Contexto. São Paulo, 2012.

RAZKY, A. Et al. Atlas linguístico do Brasil, região Norte: a variação <r> pós-vocálica medial nos estados do Amapá e do Pará. **Estudos II**: geossociolinguística no estado do Pará. EDUFMA. Belém Pará, 2014, p. 73 a 94

_____. (Org.). **Estudos Geo-Sociolinguísticos no Estado do Pará**. Pará: Ed. Gráfica e Editora Grafia, 2003.

SANCHES, R.D. **Variação lexical nos dados do projeto atlas geossociolinguístico do Amapá**. Dissertação de mestrado da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém Pará, 2015.

OS NEOLOGISMOS DAS REDES SOCIAIS CONTRIBUINDO NA COMPREENSÃO DO LÉXICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Karla Giselly Melo de Maria Pereira (UFTO)

RESUMO: O presente trabalho se propõe refletir sobre os neologismos criados e disseminados pelas redes sociais como objeto de estudo do Léxico nas aulas de língua portuguesa. Partindo do entendimento que o estudo do Léxico contribui para o ensino e a aprendizagem da língua materna, pois nos leva a compreensão da língua como ação e construção dinâmica, que está em constante mudança e gerando novas palavras, verifica-se que é pertinente lançar mão da comunicação digital, em especial as redes sociais, visto que, hoje é um dos meios de propagação e de inserção das novas palavras. Faremos uma reflexão acerca da criação e do uso que esses neologismos exercem na sociedade e como estudá-los em sala de aula abordando os aspectos semânticos, lexicais e gramaticais, na construção dessas novas palavras. Para tal, está sendo desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e de cunho qualitativa verificando as novas palavras difundidas pelas redes sociais e de como o ambiente digital pode ser um recurso para abordar sobre o léxico nas aulas de língua portuguesa. Como referências para a discussão desse tema usou-se BIDERMAN (2001), BALDINGER (1966), ANTUNES (2014), RIO-TORTO (2007), LORENTE (2004), ALVES (2001) e (2007), FERRAZ (2007), entre outros.

PALAVRAS CHAVES: Léxico. Redes Sociais. Ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Introdução

O trabalho intitulado: Os neologismos das redes sociais contribuindo na compreensão do Léxico nas aulas de língua portuguesa. Partiu da observação sobre as redes sociais como ambiente de propagação de neologismos e como podemos atrelar esse ambiente virtual ao ensino e a aprendizagem da língua portuguesa.

Ter o entendimento de que o léxico é uma construção dinâmica da sociedade e que reflete não somente o significado de palavras, mas todo sentido social, cultural, ideológico, etc. que carrega em si, pode contribuir na compreensão dos alunos sobre a língua e de como utilizá-la de forma adequada em casa situação comunicativa.

Para essa reflexão, trataremos sobre o conceito de Léxico, neologismo, e levantaremos questões de como podemos nos apropriar desses conceitos e utilizá-los na elaboração de práticas para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

O Léxico

Compreende-se que o léxico é o acervo de lexemas de uma língua e sempre está incorporando novas unidades léxicas. Essas novas unidades são frutos de uma linguagem interativa em que o falante tem a necessidade de nomear algo (seres, objetos, situações) em uma língua, e assim, registrar e interagir com a comunidade que ele está inserido.

Biderman (2001) nos afirma que o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história.

Lorente (2004) utiliza a metáfora de que o léxico é como um ponto de encontro, como uma intersecção de caminhos, pois no léxico encontramos contribuições vindas de vários caminhos, tais como, fonética, fonologia, semântica, morfologia, sintaxe e pragmática.

O Léxico está situado em uma espécie de intersecção lingüística que absorve informações provindas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso lingüístico e das situações comunicativas (pragmática). Não há unidade lexical sem que algum destes aspectos esteja presente, de modo que a variação que afeta as palavras também tem origem em algum destes componentes (cf. LORENTE, 1998:83).

Também temos a metáfora usada por Biderman (2001) de que o léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua e uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extra-lingüístico.

Dessa forma, entendemos que ensinar o léxico é trabalhar de forma concomitante a palavra na sua totalidade, observando todos os aspectos de sua composição lingüística e refletir sobre a capacidade humana de nomear, criar novas palavras.

Neologismo

Os neologismos são fenômenos lingüísticos que são criados de forma natural, contínuo e em um dado momento numa língua. E a utilização do neologismo está atrelada a uma ideologia, a uma determinada época, ao pensamento de um grupo.

Jean- Claude Boulanger apud Alves (2001) nos dá o conceito de neologismos, segundo o estudioso francês, "uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito na língua francesa"(1979, p.65-6)

Podemos considerar o neologismo como reflexo da criatividade humana em nomear, criando palavras ou ampliando o significado de palavras já existentes, para que possam expressar a ideia da necessidade linguística daquele momento.

Para Guilbert (1975) a neologia diz respeito aos fenômenos linguísticos que surgem em certos momentos numa dada língua.

Os mecanismos mais comuns do léxico incorporar novas unidades, segundo Ferraz(2007), são:

- a) neologia formal: a construção de palavras através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico.
- b) neologia semântica: a expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de unidades lexicais já existentes.
- c) neologia de empréstimos: a importação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos, as quais se podem apresentar adaptadas ou não à nova língua.

Barbosa (2001) nos descreve que nem toda a palavra "inédita" pode ser considerada neológica. Para a criação de um neologismo, existem algumas etapas:

- a) o instante mesmo de sua criação; b) o momento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como a sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo linguístico cultural; c) o momento em que começa a dar-se a sua desneologização. Na criação lexical, devem distinguir-se, então, duas fases: aquela que considera o neologismo no instante em que é produzido no quadro enunciativo e aquela em que é apreendido e registrado pelos falantes- ouvintes do grupo (BARBOSA, 2001, p. 37)

Podemos assim perceber que por meio dessas novas unidades lexicais ou a ampliação do significado das unidades já existentes, o estudo da língua deve ser com um olhar mais dinâmico, observando essas novas acepções e como elas são utilizadas no processo comunicativo.

Os neologismos no ambiente virtual e as contribuições para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa

Como vimos anteriormente, os neologismos são novas unidades léxicas que foram criadas ou que expandiram o significado de unidades já existentes. Como nos afirma Cabré (1993, p.444) "O neologismo pode-se definir como uma unidade léxica de formação recente,

uma nova acepção de um termo já existente ou um termo emprestado há pouco de um sistema lingüístico estrangeiro”.

Com a globalização e o advento da internet, a criação de novas unidades lexicais encontrou um ambiente mais propício para a propagação, o uso, pois o contato com outras culturas e a disseminação dessas novas palavras ficou mais estreita e mais rápida.

O uso da internet vem crescendo na medida em que o acesso a ela tem sido ampliado, por meio das tecnologias móveis e de políticas de acesso aos ambientes virtuais, tais como: a inclusão digital nas escolas, a acessibilidade por meio de aparelhos celulares, a diminuição do custo de computadores e as facilidades de pagamento, que proporcionam a aquisição desses aparelhos nas residências.

Com essa maior praticidade ao acesso a internet, podemos observar que a maioria dos usuários da rede, de forma bem natural, tem a oportunidade interagir e criar novas unidades lexicais e repassá-las em que posteriormente poderá fazer parte do léxico da língua portuguesa.

A maioria dos alunos, como usuários dessa rede, utiliza e repassa esses neologismos no seu dia a dia. Essa interação com a língua muitas vezes passa despercebida, mas ainda é um tabu utilizar como recurso para a prática em sala de aula o ambiente virtual.

Muitas vezes essa dificuldade se dá por vários fatores, tais como: a escola não possui uma sala de informática adequada, a maioria dos alunos, não possuem smart phones, os professores não sabem utilizar esses meios, a escola tem uma política rígida sobre o uso dos celulares e não possuem uma visão de que por meio do aparelho pode-se desenvolver atividades elaboradas que contribuem no ensino-aprendizagem, etc.

No entanto, observa-se que nesse ambiente virtual o processo de ensino-aprendizagem também pode ser um lugar em que o aluno pode fazer grandes descobertas, visto que, por meio da internet temos a acessibilidade à diversidade cultural e a diversos campos do conhecimento.

E os neologismos, são veiculados principalmente pelas redes sociais, em que expressam a fala de alguém, algum grupo e nesse discurso está presente um neologismo, ou é o “primeiro” contato que o falante tem de um neologismo, passando a utilizá-lo no seu dia a dia.

Lançar mão dessas tecnologias é aproveitar mais um ambiente que desenvolva a competência comunicativa do aluno, utilizar como exemplo expressões veiculadas nas redes sociais que são consideradas neologismos, pode aproximar o aluno no ensino da língua materna, amenizando os medos e os abismos construídos ao longo da história acerca da aprendizagem da língua portuguesa.

O docente deve ter um olhar mais sensível ao cotidiano e as experiências desse aluno e planejar aulas que propicie uma aprendizagem mais significativa.

O papel do professor é de grande importância na articulação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, pois através dos procedimentos pedagógicos praticados em sala de aula, ele pode mediar de forma mais compreensível o conhecimento linguístico, possibilitando ao aluno situações de usos desses neologismos na língua materna que o levem a uma melhor apreensão desse conhecimento linguístico tornando-o mais conhecedor desse processo de criação, e mais consciente e autônomo das escolhas linguísticas para utilizar no dia a dia.

O docente deve refletir sobre cotidiano dos alunos, o ambiente e a comunidade em que a escola está inserida, bem como, os aspectos culturais, para desenvolver práticas que contribuirão na reflexão e compreensão do uso da língua materna e consequentemente numa aprendizagem efetiva que proporcione ao aluno uma visão mais apurada sobre qual função e ou a participação que ele tem no processo social.

Como nos sugere Antunes (2005), "o professor de português precisa conquistar sua autonomia didática, assumir-se como especialista da área, comprometer-se com a causa da educação linguística de seus alunos".

Por meio do estudo sobre neologismo, pode-se refletir sobre a sua utilização e quais às necessidades sociais que esta unidade lexical expressa, "A origem dos signos e a sua função acham-se estreitamente ligadas às necessidades sociais do grupo" (BARBOSA, 2001, p.35).

Ao lançar mão sobre o estudo do neologismo nas redes sociais, o professor se aproxima do aluno, e do meio que é de domínio da maioria desses alunos. Esse estudo permitirá uma compreensão mais próxima e mais significativa sobre a língua em todos os aspectos: fonológico, fonético, morfológico, sintagmático, semântico e pragmático.

Considerações Finais

O léxico é o tesouro de uma língua, como nos afirma Biderman (2001), é o ponto da intersecção de caminhos, de acordo com a metáfora utilizada por Lorente (2004). E a criação neológica é parte da composição desse léxico, compreender esse aspecto da língua, permite que entendamos como a língua como algo dinâmico.

Também nos leva a observar e refletir sobre a capacidade humana de nomear, e recriar designações que sirvam para a comunicação, proporcionando assim a inclusão do sujeito na sociedade.

O professor como mediador do conhecimento, tem a responsabilidade de planejar e executar práticas pedagógicas que vão ao encontro do aluno, lhe proporcionando uma visão mais apaixonante sobre a língua, mostrando a sua dinâmica e como eles também fazem parte desse processo de formação do léxico.

O uso das tecnologias na sala de aula, ainda é um tabu, pois existe ainda um desconhecimento sobre como utilizar esse meio de comunicação como um aliado no ensino-aprendizagem.

E é nesse ambiente virtual que percebemos a disseminação dos neologismos que falamos ou passamos a falar a partir da visualização que fazemos desses neologismos na rede. Sendo assim, o uso dessas tecnologias em sala de aula pode contribuir na compreensão da língua e desenvolver no aluno competências lingüísticas, na escolha e uso de palavras adequadas às situações comunicativas de uso.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. Alfa (São Paulo), v.40, p.11-16, 1996.
- ALVES, Ieda Maria. Neologia e níveis de análise lingüística. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. V. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.
- ALVES, Ieda Maria. Neologia e Tecnoletos. In: DE OLIVEIRA, Aparecida Maria P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. V. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.
- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: DE OLIVEIRA, Aparecida Maria P. ISQUERDO, Aparecida Negri. As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Identidade Científica, Objeto, Métodos, Campos de Atuação. II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. ANAIS, p. 152-158. Brasília- Brasil: 10 a 14 Setembro/90.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. DE OLIVEIRA, Aparecida Maria P. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. As ciências do léxico. VI Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

LORENTE, Mercè. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. V. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

RIO-TORTO, Graça. Caminhos de renovação lexical: Fronteiras do possível. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. V. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

WHATSAPP: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO DO INTERNETÊS

Kleiton de Souza Borges (UFPA)

RESUMO: A interação e a internet ganharam espaço para pesquisas sociolinguísticas, pois permitiu o surgimento de uma nova linguagem e comunicação no meio virtual, o Internetês, que diferencia da conversação pessoal e dos textos escritos. Jovens e adultos passaram a se comunicar de uma forma despreocupada com a formalidade e apresentam uma nova variação linguística, deixando de lado as regras gramaticais normativas e trazendo uma reconfiguração no aspecto social digital, além das dinâmicas interacionais. Este trabalho aborda uma pesquisa de campo sobre as variações linguísticas encontradas através do aplicativo *WhatsApp*. Para isso, faz-se necessário buscar referenciais teóricos sobre a análise da conversação em Modesto (2011) e Marcuschi (2001), sobre língua, linguagem e variação linguística em Calvet (2002) e Maciel (2008) e sobre Internetês em Lahm, Pinho, Ribas e Ribas (2007). A metodologia abordada foi através de questionário e de entrevistas entre jovens e adultos, com o escopo de encontrar as variações linguísticas utilizadas neste aplicativo. Conclui-se que existem várias formas de expressões e palavras no âmbito do aplicativo, pois a linguagem utilizada no meio virtual está diretamente atrelada ao tempo e espaço da interação, sendo necessária a abreviação para uma interação virtual síncrona em que requer agilidade e rapidez do usuário.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação linguística. *WhatsApp*.

1 Introdução

A Sociolinguística é uma ciência que foca a língua e as perspectivas encontradas na sociedade em que se origina. As características encontradas nesta ciência podem ser elencadas como fatores geográficos, gênero, etnia, profissão, dentre outros, em que cada grupo da sociedade pode apresentar um modo de falar próprio e diverge em relação a outros grupos, apresentando a variação linguística. Nesta ciência, a interação e a internet ganharam espaço como fatores importantes e consideráveis para pesquisas e estudos da área, pois permitiu o surgimento de uma nova linguagem desenvolvida através da comunicação e interação virtual, o que diferencia da conversação tradicional face a face e dos textos escritos.

Com as tecnologias atuais, jovens e adultos passaram a se comunicarem frequentemente através de textos escritos, como exemplo os dispositivos móveis, se expressando de uma forma despreocupada com a formalidade e apresentando uma nova variação linguística em particular, deixando de lado as regras gramaticais normativas, trazendo uma reconfiguração nos aspectos técnicos e sociais digitais, além das dinâmicas interacionais na contemporaneidade.

Sendo assim, este trabalho se baseia sobre análise da conversação e seu uso no contexto virtual, pela qual Marcuschi (2001, p. 15) elabora uma breve definição sobre

conversação, mencionando que é “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”. Também se comenta sobre variação linguística, que, segundo Calvet (2002), a língua representa formas variadas, com um conjunto de variedades próprias de uma determinada região ou grupo de falantes. A interação entre eles é sua realidade e isso implica, no caso da língua portuguesa, formas diferentes de se falar, sendo que não existem as formas corretas e as formas erradas, mas sim, são apenas diferentes e se fazem entender dessa diferença.

Aborda-se também o Internetês, um neologismo e uma adaptação linguística no contexto da comunicação ou diálogo virtual e tem por objetivo encurtar o tempo gasto em escrever certas palavras e sem perder o foco das informações que se passa no ambiente, sendo que este curto espaço de tempo requer também do usuário a apropriada abreviação gramatical na produção escrita, dispensando diretamente as formalidades (HORA, 2011).

O aplicativo (app) *WhatsApp*, sendo o objeto de estudo deste trabalho, é um mensageiro gratuito conhecido e popular em vários países. Ele tem a capacidade de criar conversas particulares com uma pessoa presente na lista de contatos do celular ou *smartphone*, de criar grupos de usuários (de trabalho, de família, de escola, de amigos e etc.) e compartilhar fotos, áudios e vídeos com esses usuários (FERREIRA, 2013, p. 5; POLLARD, 2015, p. 25).

Portanto, este trabalho aborda a análise da conversação, a variação linguística e o Internetês, tendo como objetivo uma pesquisa de campo com entrevistas para identificar quais são as variações linguísticas do português encontradas no âmbito do aplicativo *WhatsApp*.

2 Análise da Conversação e Variação Linguística

Conforme o tempo e espaço tendem a avançar e modificar, a língua e o desenvolvimento de novas formas de comunicação vão se transformando, se inovando e continuarão presentes ao homem e isso faz com que ela seja o diferencial dentre outros seres vivos. Segundo Modesto (2011, p. 19), “a conversação é uma prática social de que prescinde todas as outras práticas na vida social”, pois o ser humano é dotado da habilidade da fala e de se comunicar e tem a oportunidade de se relacionar com seus semelhantes com propósitos e objetivos próprios, desenvolvendo trabalhos cooperativos e fazendo jus ao seu

papel social. Sendo assim, a conversação, sendo um fenômeno social, tem por escopo “unir as pessoas em torno de um objetivo, que é comunicar”.

Para Hilgert (apud MODESTO, 2011, p. 20), a conversação se baseia na comunicação prática e cotidiana, sendo que os interlocutores desenvolvem este processo de emissor e receptor e sempre há uma regra de comportamentos inerentes aos participantes da comunicação. Este processo da conversação compreende alguns fatores como normas sociais, conduta, norma gramatical e a sua correta utilização em determinado contexto situacional. Marcuschi (2001, p. 15) elabora uma breve definição sobre conversação, mencionando que é “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”.

Sendo assim, os estudos da análise da conversação se voltam para a organização estrutural institucionalizada existente na interação social, analisando, também, processos cooperativos no ato real dos diálogos, e isso se explica o porquê dela dá importância aos fatores que a fazem ser interessante, como as trocas de turnos, o momento dos silêncios, a fala feita ao mesmo tempo entre emissor e receptor e suas coerências conversacionais. Portanto, não se pode separar os estudos da análise da conversação e a sociolinguística, justamente porque se trabalha a língua como objeto e suas diferentes variações lexicais, em diferentes contextos sociais e espaciais em que está inserida.

Para Calvet (2002, p. 89), as línguas mudam a cada dia que se passa, com possibilidade de evoluírem, apresentando aspecto diacrônico (que mudam conforme o tempo ou história) e, também, aspecto sincrônico (ao mesmo tempo). Um mesmo léxico pode ser pronunciado de várias maneiras em territórios diferentes, chamando de “variáveis geográficas” em que, como exemplo do Brasil, a palavra “osga” pode ser chamada no Norte de “briba”, já no Nordeste a mesma palavra pode ser chamada de “víbora” e a mesma palavra em “lagartixa” no Centro-Sul. Calvet também menciona o que seriam “variáveis sociais”, pela qual cada palavra pode representar uma hierarquia social em determinado país, e isso inclui a educação, profissão, grupos em que se convive e etc., podendo interferir e modelar a identidade pessoal de cada indivíduo de acordo com essas diferenças linguísticas.

Portanto, a variação linguística é representada pelas variações da língua que ocorrem através do espaço e tempo, pela qual a diversidade de uso da língua e seu uso é seu objeto de estudo, e isso pode ser influenciada a idade, sexo, escolaridade e localização geográfica de um indivíduo.

Segundo Hora (2011), a definição de língua seria um conjunto de signos linguísticos usados por membros de uma mesma comunidade, apresentando sua linguagem própria, atrelando valores uns aos outros, um produto social com o objetivo de se comunicarem. Já linguagem é um processo de interlocução em que diferentes sociedades ou grupos realizam práticas sociais e são distintas conforme o tempo e espaço.

Nesse contexto, a língua representa formas variadas, com um conjunto de variedades próprias de uma determinada região ou grupo de falantes. A interação entre eles é sua realidade e isso implica, no caso da língua portuguesa, formas diferentes de se falar, sendo que não existem as formas corretas e as formas erradas, mas sim, são apenas diferentes e se fazem entender dessa diferença. Isso explica o fato dos jovens se comunicarem no meio virtual através de uma linguagem diferente, rápida, ágil e de urgência de informações, adaptando-se o falar para a escrita.

A conversa tem uma estreita relação com a escrita através da utilização da linguagem em meios virtuais, pois se usam estratégias conversacionais próprias e particulares e dependendo dos tipos de recursos e ferramentas que seus usuários possuem nesse ambiente, a interação pode acontecer de maneira diferente, com práticas e significados diferentes. O exemplo do *WhatsApp*, que é o objeto de estudo deste trabalho, nos direciona para um ambiente de mensagens instantâneas e conversação em tempo real, em que o usuário pode interagir com outros de maneira síncrona (semelhante a face-a-face) e assíncrona (podendo ocorrer em mais de um espaço temporal), com a possibilidade de um dos usuários estarem desconectados da internet (AYRES, 2014).

Portanto, a variação linguística pode existir e se manifestar entre falantes de uma língua em determinado ambiente social, seja ele face-a-face ou virtual.

3 Internetês

O Internetês pode ser definido como uma adaptação linguística no contexto da comunicação ou diálogo virtual e tem por objetivo encurtar o tempo gasto em escrever certas palavras e sem perder o foco das informações que se passa no ambiente, sendo que este curto espaço de tempo requer também do usuário a apropriada abreviação gramatical na produção escrita, dispensando diretamente as formalidades (HORA, 2011).

Segundo Maciel (2008, p. 5), Internetês é um neologismo criado para definir a linguagem encontrada no meio virtual, pela qual existem vocabulários abreviados em uma, duas ou três letras, ignorando a norma gramatical de construção das palavras e dando a

entender o significado desses vocabulários a partir dessas poucas letras. Isso se deu pelo fato da rápida comunicação e informação entre os jovens no âmbito das redes sociais, *chats, blogs, vídeos* e etc., tornando-os mais interativos, mais dinâmicos, ágeis e facilitadores da escrita virtual, emprestando desta essa liberdade de expressão da fala por meio de textos escritos e construção de vocabulários e expressões próprios.

Segundo Reis (2013, p. 36), ela nos mostra alguns exemplos do Internetês e seu uso em conversas criadas no contexto do aplicativo *WhatsApp*, que podem ser iniciadas a partir de hábitos culturais, expressões que indicam risadas, gírias, palavrões, como mostram os exemplos a seguir:

8h10 6 de ago - Jenilson*: Bday
 9h36 6 de ago - Marcos*: Bday
 11h35 6 de ago - Jenilson*: O sushi e bom ?
 11h38 6 de ago - Marcos*: Po é sim
 11h38 6 de ago - Marcos*: Mas debu é melhor
 11h38 6 de ago - Marcos*: O melhor de lá é o hot pqp mt bom
 11h44 6 de ago - Jenilson*: Carai
 11h44 6 de ago - Jenilson*: To desejando

Figura 1: Diálogos do *WhatsApp* 1
 Fonte: *print screen* em REIS, B. S. S. Brasília, 2013, p. 36.

Neste exemplo acima, se percebe o uso de algumas abreviações da língua portuguesa e podem ser identificadas como "Bday" (bom dia), "Po é" (pois é), pqp (puta que pariu), "mt" (muito), "Carai" (caralho).

15h45 6 de ago - Marcos*: To aq na facil
 15h45 6 de ago - Marcos*: Q vida fudida
 15h46 6 de ago - Jenilson*: Kkkkkkkkkkkk
 15h46 6 de ago - Jenilson*: Novidade
 15h47 6 de ago - Jenilson*: Larguei essa vida em 2009
 15h51 6 de ago - Marcos*: 50' na fila
 15h51 6 de ago - Marcos*: E nem to na escadinha ainda

Figura 2: Diálogos do *WhatsApp* 2
 Fonte: *print screen* em REIS, B. S. S. Brasília, 2013, p. 37.

Neste outro exemplo acima, podemos perceber mais alguns uso de abreviações de palavras do português, entre elas "To" (Estou), "aq" (aqui), "Q" (Que) e "kkkkkkkkkk" (expressão do sentimento de risada). Portanto, os dois exemplos dos diálogos no contexto

do *WhatsApp* acima nos revelam dados que podem ser analisados e discutidos variações da língua portuguesa e isso nos mostra claramente que sim, existem termos que podem ser abreviados e que podem ser usados no meio virtual entre interações com pessoas, pela qual quase todos os participantes fazem uso delas e sabem o significado de cada uma delas.

Nesse sentido, o Internetês se mostra como um facilitador no uso dessa nova linguagem em meio ao avanço tecnológico e a rápida informação entre usuários, fazendo com que haja uma grande motivação, uma grande necessidade de se expressar e conversar de forma rápida e dinâmica, pois se precisa acompanhar a ideia de uma conversa virtual sem perder o foco, mas para isso, é preciso certa habilidade de como trabalhar as palavras adequadamente e isso requer o conhecimento de uso de abreviações adequadas, do uso correto de certos vocabulários, o que chamamos aqui de Internetês, o que muitos ainda não conhecem e ainda não sabem que estão utilizando.

4 Metodologia

Sendo uma proposta de pesquisa de campo, este trabalho teve o cunho qualitativo e quantitativo, com o objetivo do uso do método de entrevista para identificar quais eram as variações linguísticas encontradas no âmbito virtual e nas suas interações de comunicação, especificamente mediante a utilização do aplicativo *WhatsApp* e usuários desta plataforma, e para isso, buscou-se referenciais teóricos sobre análise da conversação, variação linguística, Internetês e o aplicativo *WhatsApp*.

O público-alvo desta pesquisa foram jovens e adultos escolhidos aleatoriamente, pela qual usavam ativamente o aplicativo em seus celulares ou *smartphones*, fazendo parte de um contexto virtual de interação e conversas online com todos os tipos de pessoas, gêneros e idades, além de fazerem parte de grupos de conversas particulares ou restritos como de amigos, da família, da faculdade e etc..

A primeira fase da pesquisa se deu através de entrevistas com conversas particulares dentro do aplicativo, pela qual o autor deste trabalho participou como entrevistador juntamente com usuários do *WhatsApp* e submeteu um questionário contendo 6 perguntas relativas ao objetivo desta pesquisa, sendo que os usuários foram 6 jovens e 5 adultos, com idades diferentes e escolhidos aleatoriamente. A segunda fase da pesquisa se deu através da coleta de dados e a análise desses dados juntamente com os referenciais teóricos, juntamente com a conclusão do tema.

Em consonância com os materiais utilizados nesta pesquisa, foram necessários a utilização de papel A4, caneta, lápis, borracha, caderno, computador, internet e impressora, conforme a necessidade que a pesquisa demandou durante seu processo de elaboração e execução. O custeio dos materiais necessários para esta pesquisa se deu pelo próprio pesquisador.

5 Análise e Discussão dos Dados

Nesta sessão, mostram-se os resultados das entrevistas feitas no contexto do aplicativo *WhatsApp*. As entrevistas foram mediadas a partir de um questionário contendo 6 perguntas para cada participante, do tipo estruturadas (perguntas fechadas) e semi-estruturadas (perguntas fechadas e abertas para opiniões).

A primeira pergunta da entrevista foi "A conversa ou comunicação entre as pessoas acontece tanto no modo face-a-face quanto no modo virtual. Na sua opinião, quais dos dois modos você prefere ou mais utiliza para uma conversa ou comunicação com outras pessoas?". 1 participante respondeu que prefere ou mais utiliza a conversa face-a-face, 2 participantes responderam que preferem ou utilizam mais a conversa virtual e 9 participantes responderam que preferem ou utilizam mais ambos para uma conversa com as pessoas. Desta forma, percebemos que a conversação se faz presente de um modo recíproco e inevitável para as pessoas, pois como Hilgert (apud MODESTO, 2011, p. 20) menciona, a conversação se baseia na comunicação prática e cotidiana, sendo que os interlocutores desenvolvem um processo de vai e vem de mensagens e sempre há uma regra de comportamentos entre os participantes da conversa.

A segunda pergunta da entrevista foi "Dentre a(s) sua(s) resposta(s) da questão anterior, quais fatores estão inseridos na sua opinião?". As respostas poderiam ser escolhidas com mais de uma alternativa, como são apresentadas na tabela a seguir:

Resposta	Quantidade
importância da conversa	7
liberdade de expressão	3
facilidade de uso da língua	2
divertimento da conversa	3
outros	2

TABELA 1: Respostas da pergunta nº 2

De acordo com a tabela 1, se nota que os maiores fatores para a utilização da conversa ou comunicação com outras pessoas tanto face-a-face quanto virtual é o grau de

importância da conversa, sendo que a liberdade de expressão e o divertimento da conversa vêm acompanhados como fatores que também fazem parte de suas escolhas. Nesse sentido, Marcuschi (2001, p. 15) menciona que os participantes da conversa levam em conta fatores inerentes a eles como a cognição, o grau de importância da conversa, o valor visual e os tipos de tarefas comuns que ambos procuram desenvolver e solucionar e talvez por isso que a importância da conversa seja um dos maiores fatores para ocorrer a comunicação face-a-face e a comunicação virtual.

A terceira pergunta da entrevista foi "Na sua opinião, você sabe o que é Internetês?". 7 participantes responderam que "sim", conhecem o termo Internetês e 4 participantes responderam "não". Portanto, se percebe que a maioria dos participantes sabe do que se trata este termo no contexto virtual e fazem uso dela dentro das conversas mediadas pelo aplicativo *WhatsApp*, porém, não se soube realmente se eles sabiam a sua definição ou se disseram "sim" pela semelhança da palavra "Internet", relacionando com algo pertencente à ela. Por outro lado, os outros participantes desconheciam o termo, mesmo que, talvez, estivessem utilizando-a de forma inconsciente no contexto do aplicativo.

A quarta pergunta da entrevista foi "O Internetês é uma adaptação da língua encontrada no meio virtual para vocabulários abreviados em uma, duas ou três letras, dando a entender o significado desses vocabulários a partir dessas poucas letras. Na sua opinião, a utilização dessas palavras abreviadas (como pq, vc, tb, etc.) é importante para suas conversas via o aplicativo *WhatsApp*? Por que?". 9 participantes responderam que "sim" e 2 responderam que "não". Dentre os 9 participantes que responderam "sim", mencionaram que é importante o uso de abreviações de palavras do português nesse contexto por ser mais rápido e por tomar menos tempo de quem está conversando, além de apresentar uma forma dinâmica e a necessidade da praticidade do uso da língua.

Isso confirma o que Maciel (2008, p. 5) diz a respeito do Internetês, que se deu pelo fato da rápida comunicação e informação entre os jovens da atualidade diante dos computadores com conexão da internet, tornando-os mais interativos e fazendo-os mais dinâmicos, ágeis e facilitadores da escrita virtual, emprestando desta essa liberdade de expressão da fala por meio de textos escritos e construção de vocabulários e expressões próprios.

Já dentre os 2 participantes que responderam "não", eles argumentaram que não acham viável utilizar abreviações da língua portuguesa, mesmo sendo no contexto do aplicativo *WhatsApp*, pois alegaram que valorizam a escrita e que esse costume acaba fazendo com que a maioria das pessoas esqueça como se escreve realmente a língua portuguesa e a pessoa consegue atrair um costume ruim por esta causa.

A quinta pergunta da entrevista foi aberta e os participantes puderam opinar a respeito das abreviações de palavras do português, pela qual foi “Dentre as palavras do português abreviadas utilizadas no aplicativo *WhatsApp* e na sua opinião, quais são as que você mais utiliza?”. O resultado desta pergunta pode ser visto no gráfico abaixo:

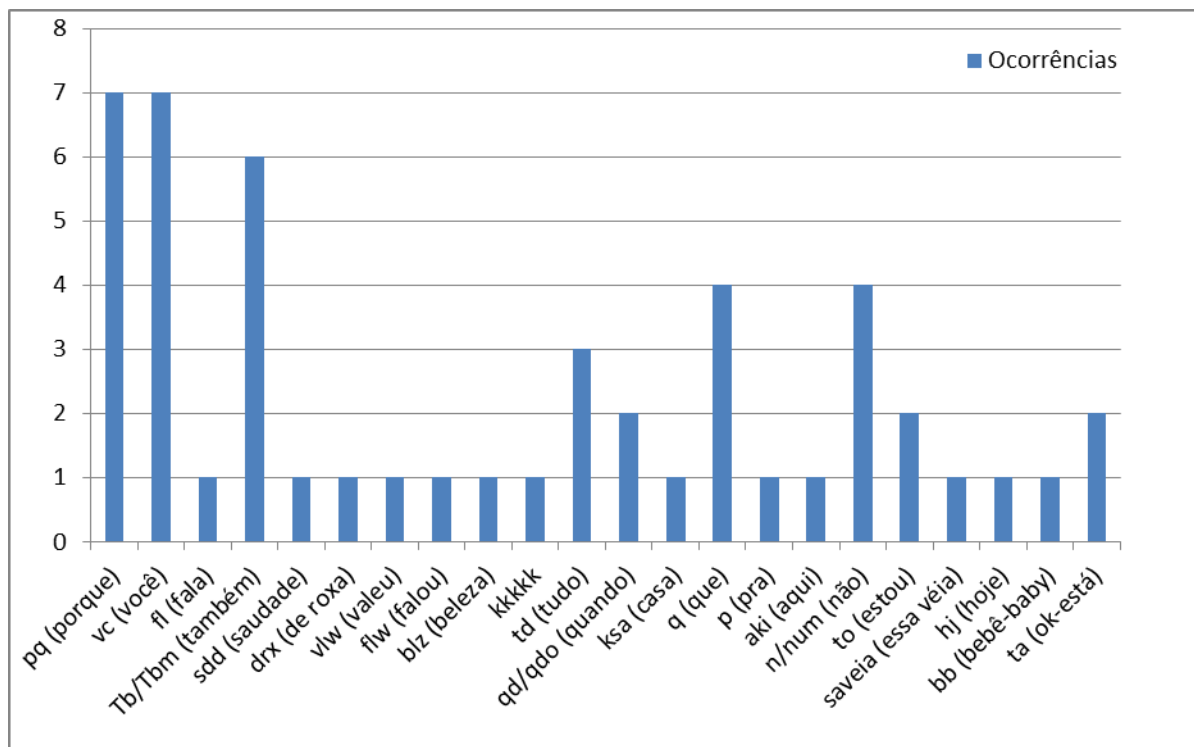


Gráfico 1: Ocorrências de palavras abreviadas mais utilizadas no aplicativo *WhatsApp*

O gráfico 1 representa todas as palavras abreviadas que os participantes da entrevista mais utilizavam nas conversas do aplicativo *WhatsApp*, separados e postos por graus de ocorrências em que cada um é mencionado. Nele, se percebe que as ocorrências maiores são do “pq” e do “vc” (7 ocorrências), enquanto que “tb/tbm” com menos ocorrências (6 ocorrências). Os termos “q” e “n/num” ficam com 4 ocorrências, enquanto que os outros termos são utilizados poucas vezes. Nesse contexto, reafirmamos o que Reis (2013, p. 36) diz sobre as interações e o uso de abreviações em certas conversas via *WhatsApp*, mostrando uma necessidade de ganhar tempo e escrever da forma mais rápida possível, justamente para acompanhar o ritmo do assunto dentro dessas conversas, especialmente se a participação estiver ocorrendo através de um determinado assunto em um grupo do aplicativo, levando em conta os fatores culturais, gírias, palavrões e etc..

A sexta pergunta da entrevista foi “Com relação a essas palavras abreviadas, com quem e em que contextos você mais as utiliza no aplicativo WhatsApp? Por que?”. As

respostas poderiam ser escolhidas com mais de uma alternativa, como são apresentadas na tabela a seguir:

Resposta	Quantidade
amigos	10
conhecidos	4
família	7
grupos	6
outros	0

TABELA 2: Respostas da pergunta nº 6

De acordo com a tabela 2, a maioria dos participantes escolheu a opção "amigos" e em segundo lugar escolherem a opção "família". Em terceiro lugar ficou a opção "grupos" e por última opção ficou "conhecidos". A opção "outros" não foi selecionada. Nesta mesma parte, se perguntou o porquê dos participantes usarem as palavras abreviadas do português mais com as suas opções, e comentaram que nesse contexto de conversa eles podem ter mais liberdade de conversa, de se expressar melhor, pela rapidez que podem conversar, pela facilidade da comunicação à distância com um conhecido, pelo dinamismo que grupos podem apresentar e pela redução de tempo gasto em escrever certas palavras.

6 Conclusão

Nesta presente pesquisa, se identificou as variações da língua portuguesa mais comuns no contexto de conversas do aplicativo *WhatsApp* e notou-se que existem diversas formas e termos de expressão para a língua portuguesa, que pode facilitar a interação da comunicação, seja ela pelos fatores de rapidez, de facilidade, de preferências, seja ela pela comodidade, pelo dinamismo e pela praticidade do uso da língua. O ser humano se relaciona com seus semelhantes através da comunicação, da interação entre pessoas, sempre com propósitos e objetivos, seja ele no contexto real ou no contexto virtual da internet.

Entre os dados mencionados, se nota que há, além da variação da língua, variedades de vocabulários no contexto virtual, como as palavras "n" e "num", que ambas significam "não", e também entre as palavras "tb" e "tbn", ambas significando "também". Nesse sentido, concorda-se com Calvet (2002) que diz que as línguas mudam a cada dia que se passa, com possibilidade de evoluírem e que um mesmo léxico pode ser pronunciado de várias maneiras em territórios diferentes.

Concorda-se com o que os autores Scaramal e Kraemer (2011, p. 2) mencionam sobre a interação no meio virtual, pois as universidades, como espaço de conhecimento, construção e contextualização da realidade social, não podem deixar de lado a questão da influência em que as comunicações e informações, presentes no meio virtual, são recorrentes e fazem parte dessa realidade social, pois esta tendência é importante para os estudos da linguagem e podem ser consideradas importantes para pesquisas nessas instituições, podendo conscientizar seus alunos para o seu uso adequado na interação real e na interação virtual.

Assim, a linguagem utilizada no meio virtual está diretamente atrelada ao tempo e espaço da interação existente, sendo necessária a abreviação de palavras para uma interação virtual síncrona em que requer agilidade e rapidez do usuário. Neste meio, esquecem-se as regras gramaticais e normas imposta pela sociedade e valendo-se da informalidade, em que, para muitos, é a forma simples de expressar seus sentimentos diversos.

A variação linguística deve ser enxergada de um modo respeitado pela sociedade, não importando se for dentro ou fora da sala de aula, de casa, de estado, de país, pois se acredita que é impossível a manutenção de um paradigma da língua falada em se tratando das diversas regiões do nosso país. Para tanto, a variação é importante entre a população e não menospreza e nem tão pouco engrandece uma determinada língua, ela dá a oportunidade de compreensão de mundo, sua relação e característica na sociedade com seu grau de conhecimento.

Referências

AYRES, M. **A conversação em tempos de WhatsApp**. Grupo de pesquisa em interação, tecnologias digitais e sociedade. Set. 2014. Disponível em: <<http://gitsufba.net/a-conversacao-em-tempos-de-whatsapp/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Parábola. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FERREIRA, L. C. R. **Whatsapp Messenger: a tool to motivate students in English language writing**. 2013. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Línguas Inglesa) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém.

HORA, M. S. **A variação linguística na internet: as aventuras e desventuras da linguagem virtual no cotidiano escolar**. Artigonal, 2011. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/a-variacao-linguistica-na-internet-as->

aventuras-e-desventuras-da-linguagem-virtual-no-cotidiano-escolar-5363461.html>. Acesso em: 17 ago. 2015.

KRAEMER, A.; SCARAMAL, J. **A influência da internet nas variações linguísticas**. Encontro Nacional de Informática e Educação, 2011. Disponível em: <http://www.inf.unioeste.br/enined/anais/artigos_enined/A42.pdf>. Acesso em: 16 set. 2015.

LAHM, R.; PINHO, D.; RIBAS, Â.; RIBAS, E. A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes. **Revista Renote: novas tecnologias na educação**. Rio Grande do Sul, v. 5, n. 1, jul. 2007. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2015.

MACIEL, J. W. G. **Internetês: variação linguística ou modismo computacional?** Grupo de estudo sobre hipertexto, arquivos eletrônicos e tecnologia educacional, Ago. 2008. Disponível em: <<http://gehaete.uepb.edu.br/trabalhos/2008/ago/1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MODESTO, A. T. T. **Processos interacionais na Internet: análise da conversação digital**. 2011. p. 191. Tese do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

OLIVEIRA, C. M. **Caracterização do gênero chat através do aplicativo WhatsApp**. In: 5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. 2013. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2013/CARACTERIZA%C3%87%C3%83O%20DO%20G%C3%8ANERO%20CHAT%20ATRAV%C3%89S%20DO%20APLICATIVO%20WHATSAPP.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2015.

POLLARD, A. Increasing awareness and talk time through free messaging apps. **English Teaching Forum**. United States, v. 53, n. 1, p. 25-32. 2015.

REIS, B. S. S. **"Você tem WhatsApp?" Um estudo sobre a apropriação do aplicativo de celular por jovens universitários de Brasília**. 2013. 79 f. Monografia (Comunicação social) - Faculdade de Comunicação da universidade de Brasília. Brasília.

DA CORTE PORTUGUESA À TERRA DO AÇAÍ: O "S" CHIADO NA FALA PARAENSE

Márcia Cristina Almeida Van Samson (UEPA)
Priscila Ferreira Bentes (UEPA)

RESUMO: Este trabalho discute o fenômeno da variação fonética, pautado no seguinte questionamento: quais contextos fonológicos condicionam a realização do som chiado na fala do belenense? Objetiva-se identificar e descrever os contextos fonológicos e analisá-los com base nas variáveis externas origem geográfica, contexto linguístico. A pesquisa fundamenta-se na teoria sociolinguística variacionista laboviana, de abordagem quantitativa, porque permite analisar a variação na língua falada condicionada a fatores, tanto linguísticos quanto extralinguísticos, refletidos nas características sociais e linguísticas dos falantes de uma língua. Desse modo, a pesquisa é orientada pela relação existente entre língua e sociedade, busca entender melhor os padrões do comportamento linguístico dos belenenses, procura analisá-los como um sistema heterogêneo, desenvolve uma investigação que envolve os aspectos linguísticos, mas também, os aspectos sociais. Para dar conta disso, selecionou-se Bagno (2007), Cezario e Votre (2011) e Tarallo (2004). E, na constituição do *corpus*, foram gravadas e transcritas quatro entrevistas do programa "Sem Censura Pará" e a fala das personagens "Mariana", "Guto", "Patty" e "João Ricardo" da *websérie* "A Solteirona".

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Variáveis. Sociolinguística.

Introdução

A Linguística não é uma ciência previsível, e eu prefiro deixar o futuro acontecer em seu devido tempo. O que irá determinar o futuro serão os resultados dos estudos em variação linguística, se eles provarem ser uma rota positiva e cumulativa para responder nossas questões fundamentais sobre a natureza da linguagem e das pessoas que a utilizam.
(LABOV, 2007, p. 3).

Segundo o filósofo Heráclito de Éfeso, um homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois tanto o rio quanto o homem são passíveis de constantes transformações e nunca poderão permanecer exatamente como estavam antes (CHAUÍ, 2004). Ora, se na espécie humana existe essencialmente a condição de mudança e transformação, por que seria diferente com a língua? Uma vez que ela foi criada pelo homem com o objetivo de ser um instrumento de comunicação e interação com seus semelhantes?

A língua está essencialmente ligada às classes sociais e por este motivo existem avaliações diferenciadas das suas mais variadas modalidades como: Variações Diatópicas - variantes regionais, Variações Diastráticas - diferenças sócio culturais, e as Variações Diafásicas - língua falada, língua escrita. É relevante fazer a distinção dos seguintes termos: variedade, variante e variável (BAGNO, 2007).

A variedade se refere às diferentes maneiras de manifestação da fala na língua, formas de variação. A variante é um termo usado para determinar o item que é alvo de mudança e a variável representa o traço ou forma linguística das quais apresentam algumas variantes provenientes da observação do investigador (TARALLO, 2004).

Refletindo sobre o estudo sociolinguístico, este trabalho é pautado no estudo da variante fonética fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] e desvozeada [ʃ], variações fonético-fonológicas conhecidas como chiado (BAGNO, 2007). O trabalho se desenvolve a partir da seguinte questão problema: “quais contextos fonológicos condicionam a realização do som chiado na fala do belenense?”. Este artigo tem como objetivo detectar e relatar os contextos que foram utilizados para a análise, com base nos critérios origem, sexo e contexto linguístico. A adequação é um tipo de variação linguística que consiste em adaptar a língua às diferentes situações comunicacionais, no caso do artigo, contextos formais e informais.

É de suma importância investigar e observar as variantes linguísticas de determinadas comunidades, uma vez que não vivemos em um país monolíngue, pois, na perspectiva de Bagno (2015), sempre existiu no Brasil o mito do português como sendo uma unidade surpreendente, essa ideia é perigosa, pois a escola tenta estabelecer um “padrão” da língua falada que se baseia na gramática e se esquece das variações próprias da língua.

Se as diversidades do português falado no Brasil não forem reconhecidas, o preconceito linguístico aumentará, o qual poderia ser evitado com a devida instrução. Este preconceito linguístico é um tipo de violência, uma vez que desestrutura socialmente quem é agredido; na escola, a zombaria do “erro” de algum aluno, tende a prejudicá-lo no seu desenvolvimento escolar (BAGNO, 2015).

O português do Brasil é produto de uma pluralidade de línguas como a língua indígena, línguas estrangeiras como línguas europeias e africanas e também da Língua Brasileira de Sinais - Libras, entre outras. A língua é viva, e é evidente a sua heterogeneidade. Se a língua é heterogênea, há variação. A influência da língua é muito evidente na vida do falante, podendo denunciar sua escolaridade, região, classe social entre outros (BAGNO 2015).

Um Novo Tempo, uma Nova Ciência: a Sociolinguística

A língua é um instrumento de comunicação e expressão da espécie humana, ou seja, da interação com o outro sujeito, e é passível de constantes transformações (CUNHA; CINTRA, 1985). Todos os linguistas que aderem essa concepção são também chamados de

sociolinguistas. Ferdinand de Saussure juntamente com Antoine Meillet conceberam a língua como fato social. Tal ciência não aceita a ideia de uma linguagem que não tenha essa relação. Dessa maneira, percebe-se que este termo técnico adota um sentido mais redundante (TARALLO, 2004).

A sociolinguística é o campo da linguística que estuda as relações da língua com a sociedade e o meio cultural, pesquisando de que forma esses objetos de estudo se influenciam. Willian Labov foi o sociolinguista que mais insistiu nessa conexão da língua e sociedade, analisando a possibilidade de se sistematizar a variação presente na língua falada. Labov afirma inclusive ser impossível compreender uma mudança linguística fora da vida social. Sabe-se que existe uma covariação entre a estrutura linguística e a estrutura social, em cada contexto de fala existe uma grande diversidade de variação (CEZARIO; VOTRE, 2011).

É válido ressaltar que mesmo com a constante tentativa de padronizar a língua, é preciso respeitar a diversidade. A única coisa que as línguas têm em comum, é justamente a presença da variação. A variação é algo que está intrínseco no sistema da língua e sua ocorrência acontece em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico-pragmático e outros. Essas mudanças constantes em nada prejudicam na funcionalidade da língua (CUNHA; CINTRA, 1985).

Leis Fonéticas e Variação

Variação é o termo fundamental da Sociolinguística, pois exprime a heterogeneidade da língua, mas, não se deve pensar que a existência de variação torna a língua caótica ou desordenada, pelo contrário, a variação acontece mas segue um sistema, uma ordem (BAGNO, 2007). Pensa-se por exemplo em duas palavras: "raspa" e "rasga", o "s" ortográfico é o mesmo, no entanto, manifesta-se de modos diferentes, no primeiro, tem-se ra[s]pa, sendo [s] um fonema surdo, e no segundo, tem-se ra[z]ga, em que [z] é um fonema sonoro (SILVA, 2010).

Isto acontece porque o /s/ quando antecede uma consoante surda, /p/, ou seja, uma consoante que é pronunciada sem movimentação das cordas vocais, assimila esta ausência de sonoridade, já quando antecede uma vogal sonora, /g/, ou seja, uma consoante que ao ser pronunciada provoca movimentação nas cordas vocais, assimila a sonorização (BAGNO, 2007).

Neste caso, observa-se que há influência fonética de um termo sobre o outro, de um fonema sobre outro (BAGNO, 2007), no caso de ra[s]pa e de ra[z]ga há uma assimilação parcial, pois o /s/ é pronunciado como uma consoante surda no primeiro caso e como uma consoante sonora no segundo caso e não ficaram sons idênticos (CRYSTAL, 2000). Neste caso, a variação é condicionada apenas pelo fator linguístico, o fator fonético-fonológico, qualquer falante do português brasileiro de norte ao sul do país possui esta alternância entre [s] e [z], uma ocorrência tão comum que não soa estranho, só se percebe a diferença quando é realizada a transcrição fonética (BAGNO, 2007).

A análise toma outro rumo quando se percebe a diferença pronúncia deste fonema em diferentes dialetos, como na fala de um paulista que pronuncia ra[s]pa estranha quando um paraense fala ra[ʃ]ga, o ouvido percebe uma diferença, o segundo /s/ é chiado, o som diferenciado permite com que o paulista identifique o paraense como um ser de outra região (BAGNO, 2007),

Aqui estamos diante de um tipo de variação que não é condicionada apenas linguisticamente, mas também extralinguisticamente, isto é, condicionada por algum fator de ordem social – neste caso, a origem geográfica do falante. No português brasileiro, diversas áreas geográficas apresentam o “s chiado”, como o Rio de Janeiro, o Pará, o Nordeste em geral, zonas do Mato Grosso, algumas comunidades da ilha de Santa Catarina (onde fica Florianópolis), entre outras (BAGNO, 2007, p. 41).

Tem-se a presença da fricativa alveopalatal desvozeada, o [ʃ], a diferença entre [s] e o [ʃ] é uma marca de variação dialetal em final de sílaba, já que em alguns dialetos pronuncia-se ra[s]ga e ra[ʃ]ga. Esta variação também ocorre no fonema surdo, no lugar de [z], alguns falantes podem pronunciar o [ʒ], fricativa alveopalatal vozeada, que também é uma variação que ilustra a diferença dialetal em final de sílaba, a exemplo de ra[z]ga e ra[ʒ]ga (SILVA, 2010).

O s ortográfico pode manifestar-se de duas formas. A primeira alternativa é a ocorrência de uma das fricativas desvozeadas [s, ʃ] quando a consoante seguinte for desvozeada e a ocorrência de uma das fricativas vozeadas [z, ʒ] quando a consoante seguinte é vozeada. Esta alternativa é selecionada por exemplo pelo dialeto de Belo Horizonte. Entre falantes do dialeto do Rio de Janeiro temos a ocorrência da fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] quando a consoante seguinte é for desvozeada e a ocorrência da fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] quando a consoante seguinte for vozeada. Falantes do dialeto de Belo Horizonte selecionam [s] quando a consoante seguinte for desvozeada e selecionam [z] quando a consoante seguinte é vozeada (SILVA, 2010, p. 53).

Entre [s] e [ʃ], [z] e [ʒ] presencia-se a condição extralinguística, como a origem geográfica, a língua varia de uma região para outra, daí percebe-se os dialetos ou as diferentes formas de falar o português brasileiro. A variação que se distingue por meio da região é denominada variação diatópica, esta variação é analisada por meio de comparação entre as diversas formas de se falar o português, a variação reafirma que não há uma homogeneidade na fala do brasileiro, e sim, uma heterogeneidade, mas, ordenada pelo sistema linguístico (BAGNO, 2007).

Contextualização Histórica

Uma perspectiva interessante para se compreender o “s” chiado na fala paraense é por meio da história. Sabe-se que o descobrimento do Brasil foi no século XV por Pedro Álvares Cabral que chegou a estas terras acompanhado de três caravelas as quais transportaram muito mais do que desbravadores, aventureiros ou missionários, a bordo estava a língua portuguesa (HISTÓRIA DO BRASIL, 2015). O som chiado “desembarcou” na metrópole no século XIX com a Corte portuguesa, este som era uma marca de um falar de prestígio, rebuscamento linguístico que foi copiado do sotaque francês o qual era admirado pelos portugueses (FIORAVANTI, 2015, p. 5).

A capital paraense não ficou de fora do mapa de conquistas territoriais dos portugueses, Santa Maria de Belém do Grão Pará foi descoberta por Camilo Castelo Branco no dia 12 de janeiro de 1616 como contam os livros de história do Pará. O navegador tinha como intuito a expansão territorial da Coroa portuguesa para que outros estrangeiros como espanhóis, franceses e até mesmo holandeses não conquistassem a floresta dos trópicos (ROCQUE, 2001), “A expansão militar portuguesa e a necessidade de controle da navegação da Bacia Amazônica foram responsáveis pela origem e localização estratégica da cidade” (ROCQUE, 2001, p. 9).

Além do Forte do Presépio, da igreja de Nossa Senhora das Graças, da Casas das Onze Janelas, casarões antigos do bairro da Cidade Velha e da Campina e até mesmo do seu nome, a cidade de Belém era um polo importantíssimo para a expansão territorial e cultural da metrópole portuguesa (ROCQUE, 2001). Um destes marcos culturais e históricos que resiste até os dias de hoje é esse “chiado” típico do belenense. Sobre a ocorrência desse chiado, constata-se que

No português europeu, o /s/, antes de consoantes surdas, bem como no final de palavras, realiza-se como a pré-palatal [S] (*visto* [viStu], *dois* [doS])

e, antes de consoantes sonoras, pronuncia-se como [Z] (*mesmo* [meZmu], *os bois* [uboS]). Denomina-se essa pronúncia *chiado* ou *chiamento*. Em comparação com o português brasileiro, o chimento do português europeu chama a atenção sobretudo em final de palavra. No sintagma, o /s/ antes de vogal no português europeu e no português brasileiro é pronunciado como [z] alveolar (*os amigos*, PE [uzmiuS], PB [uzamigus]) (NOLL, 2006 *apud* NOLL, 2009).

Na pronúncia do português brasileiro, percebe-se “uma distribuição alofônica entre [s] e [z]” (NOLL, 2009, p. 307), desse modo o [s] é recorrente quando posicionado anterior a uma consoante surda e no final do vocábulo, já o [z] ocorre quando posicionado antes de uma consoante sonora e em sintagma antecedido de vogal, este fonema corresponde à posição do [Z] do português europeu, já o fonema o modo de falar o fonema /s/ não é idêntica no Brasil, herdou do português uma pronúncia chiada como a que se encontra na pronúncia de alguns falantes de Belém (NOLL, 2009).

Observa-se um fato surpreendente no Norte do Brasil. Lá se encontra um chimento generalizado na cidade de Belém, capital do Estado do Pará (com 1,25 milhões de habitantes), comparável ao do Rio de Janeiro, que, até há pouco tempo, não era documentado, pelo menos na literatura especializada (NOLL, 1996 *apud* NOLL, 2009, p. 314).

A partir destas informações, é possível afirmar que, em um mapa linguístico, Belém está entre as capitais que realizam o som chiante, que mescla entre o frequente e o predominante,

Do sul da Bahia, passando por Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, até o Norte se documenta uma situação linguística diferenciada, na qual [s] e [S] ocorrem preponderantemente como variantes livres na posição pré-consonantal. Dessa forma, há uma tendência para [S] ([Z]) diante de consoantes surdas (plosivas surdas, sobretudo [t], mas também [d], [l], [n]) (NOLL, 2006, p. 313).

Apesar da capital paraense possuir esse chiado entre 82% de seus falantes, não é correto supor que esta pronúncia tenha se propagado a partir do português falado na capital carioca - considerada a cidade com mais falantes que realizam o som chiado - e sim que este som chiado foi somado a fatores linguísticos e extralinguísticos que o moldaram desta forma até chegar ao tempo atual. Historicamente, sabe-se que este som chiado tem seus primeiros registros no falar europeu, mas não é a única causa que contribuiu para que o chiado se tornasse tão popular na fala paraense (NOLL, 2009).

Metodologia

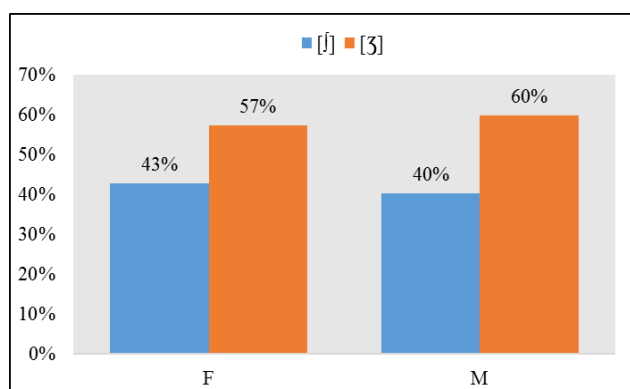
Segundo os do mapa linguístico do ano de 2014, constatou-se que 82% dos belenenses apresentam o som chiado principalmente quando a letra "S" está no meio da frase, realizando as variações fonéticas fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] e fricativa alveopalatal vozeada [ʒ].

Partindo deste pressuposto, foram selecionados dois formatos audiovisuais: o programa "Sem Censura Pará" da "Tv Cultura" e a *webserie* "A Solteirona" do qual foram escolhidos quatro falantes de cada formato como informantes da pesquisa, são eles: os professores: Romero Ximenes, Socorro Simões, Angélica Nunes e Adailton Lima que concederam entrevistas ao programa "Sem Censura Pará" e as personagens "Mariana", "Patty", "Guto" e "João Ricardo" da *webserie* "A Solteirona". Os informantes estão divididos considerando os seguintes critérios: fonético-fonológico – alternância entre o som surdo e sonoro; contexto – considerando o programa de entrevistas um contexto formal e a série um contexto informal e sexo – Masculino e Feminino, sendo os informantes originários da cidade de Belém. Os vídeos foram assistidos, gravados e transcritos para compor o *corpus* desta pesquisa, os dados estão organizados em tabelas com valores percentuais para uma melhor compreensão e análise.

Dados: Análises e Resultados

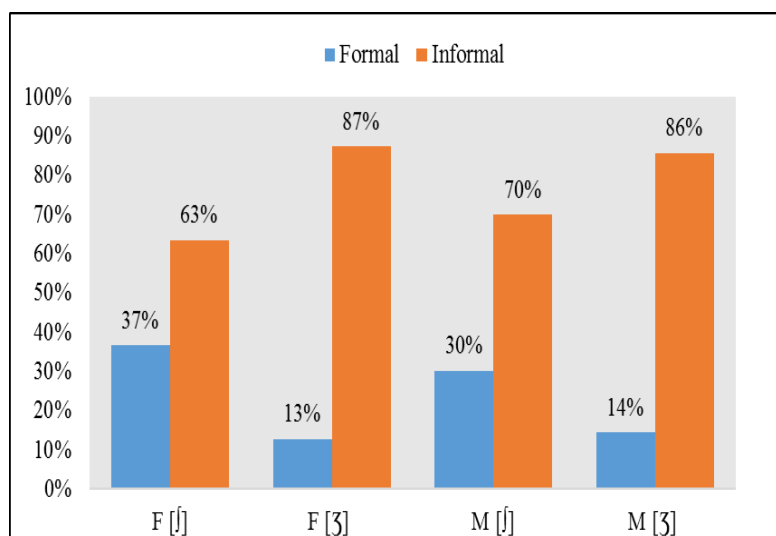
Para este trabalho, foram selecionados e analisados como critérios o fator linguístico a variação fonético-fonológica – condicionada pela lei fonética da realização do som surdo e do som sonoro, e os fatores extralinguísticos como sexo – feminino e masculino e contexto – formal e informal. Descritos os critérios, atenta-se para os resultados:

Gráfico 01 – Uso das variações entre homens e mulheres



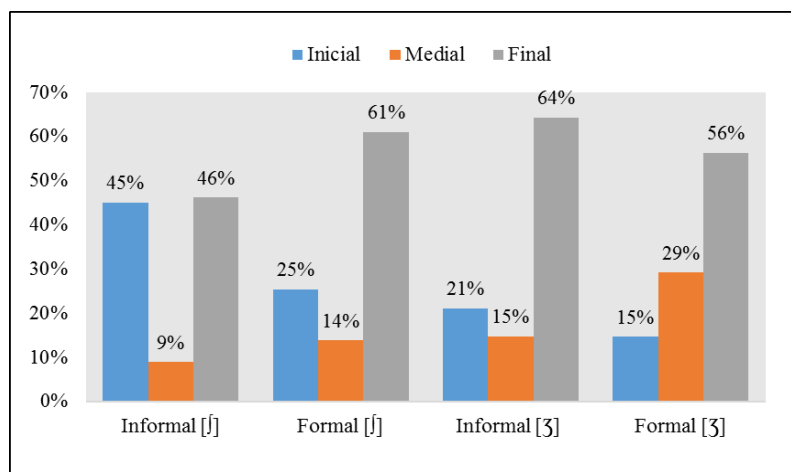
No Gráfico 01, percebe-se que tanto homens quanto mulheres possuem uma correspondência de uso das duas variações e que a emissão do fonema fricativo alveopalatal vozeado [ʒ] é mais frequente do que o fonema fricativo alveopalatal desvozeado [ʃ]. Na fala dos homens, o fonema sonoro teve uma frequência 14% maior na fala das mulheres e 20% a mais na fala dos homens.

Gráfico 02 – Uso das variações entre homens e mulheres em ambos contextos



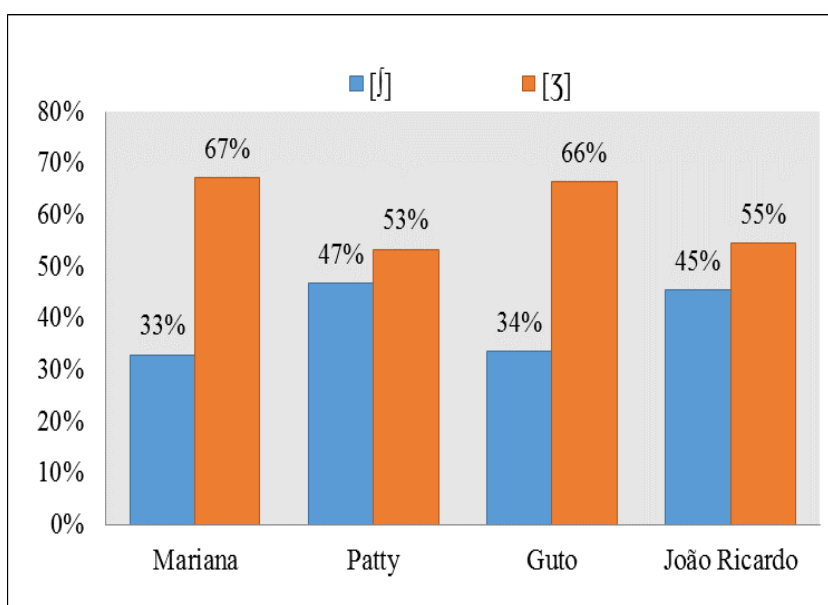
Realizando um comparativo entre as mulheres do contexto formal e do contexto informal, percebe-se na tabela 02 que as mulheres do contexto formal realizam 32% a mais o fonema [ʃ], ou seja, a fricativa vozeada, do que as mulheres do contexto informal, e os homens do contexto formal produziram o som surdo 16% a mais do que homens do contexto informal. Nota-se que em ambos os contextos, homens e mulheres reproduziram o som sonoro, o [ʒ], em maior número do que a friativa desvozeada [ʃ].

Gráfico 03 – Uso das variações em posições diferentes e contexto



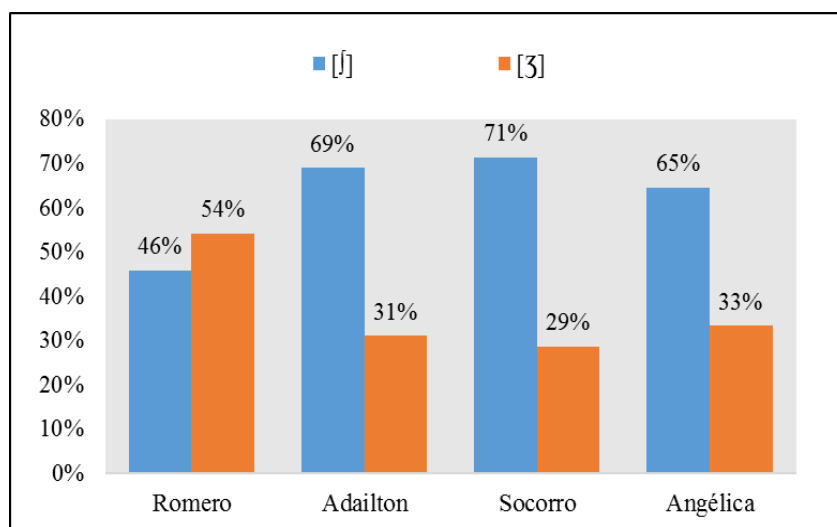
Atentando-se para o Gráfico 03, percebe-se que o fonema surdo ocorreu 20% a mais no contexto informal em sílabas iniciais, a exemplo nos termos “esquece” [iʃkesi], “descobriu” [diʃkubriw] e festa [feʃtΛ], já no contexto formal em sílabas em posição medial e final, o [ʒ] ocorreu em maior número, como nas palavras “somos” [somuʒ], “depois” [depoyʒ], “recursos” [rekursuʒ], “juntos” [jũtuʒ], “diversidade” [diversidΛdi] e “redimensionou” [redimẽsyonow]. O fonema sonoro foi realizado 6% a mais no contexto formal quando localizado em sílabas iniciais como em “estivemos” [eʃtivemuʃ], “escolas” [iʃkolΛʃ] e “espaço” [iʃpasu] e 14% a mais posicionado em sílabas mediais como em “mesmo” [meʃmu], “costume” [kuʃtumi] e “mais” [mayʃ], em sílaba final, uma ocorrência de 8% a mais no contexto informal como em “anos” [anuʒ], “mais” [mΛyʒ] e “homens” [omẽʒ].

Gráfico 04 – Fonemas [ʃ] e [ʒ] na fala das personagens “A Solteirona”



Ao comparar os falantes do contexto informal, observa-se que “Mariana” foi quem mais emitiu o som sonoro e “Patty” que mais emitiu o som surdo, mas todos os falantes realizaram um percentual maior da variação sonora em relação à variação surda.

Gráfico 05 – Fonemas [ʃ] e [ʒ] na fala dos entrevistados do “Sem Censura Pará”



Ao comparar os falantes do contexto formal, nota-se que Romero foi quem mais realizou o som sonoro e Socorro que mais emitiu o som surdo, no entanto, percebe-se que três falantes realizaram um percentual maior da variação surda em relação à variação sonora com exceção de Romero.

Conclusão

Este trabalho sobre a realização do /s/ chiado revelou dados interessantes que podem levar a pesquisas maiores com a finalidade de contribuir para um mapeamento desta variação fonético-fonológica na fala dos habitantes da cidade de Belém. Considerando fatores linguísticos – fonético-fonológico – e extralinguísticos – como origem, sexo e contexto – percebeu-se a presença do som chiado em 100% dos casos analisados, tanto na forma vozeada quanto na forma desvozeada.

Ao que tange o fator linguístico, percebe-se que a variável fonético-fonológica é um fator determinante para a assimilação de propriedade fonética da consoante posterior pelo /s/, promovendo sua sonorização ou não, uma regra que vale para a sonoridade, mas não propriamente para a realização do som chiado que é uma variação regional.

Em relação aos fatores extralinguísticos como origem, sexo e contexto, percebe-se que a origem é fator determinante para a realização do som chiado, mas que revelou dados inesperados como uma maior frequência da variação sonora sobre a variação surda; o sexo não é determinante, pois a ocorrência desta variação é igualmente distribuída em ambos os sexo, mulheres e homens pronunciam mais o fonema desvozeado do que o fonema vozeado;

em relação ao contexto, é interessante ressaltar que a variação surda é menor e maior, talvez porque a *webserie* é gravada e parece ter um policiamento por parte dos personagens, algo que é recomendável para profissionais dos meios de comunicação, já o programa de entrevistas apresentou maior incidência da variação surda, talvez pelo seu formato “ao vivo”.

Mesmo com a realização da pesquisa e análise quantitativa dos dados, pesquisas sobre variação, variante, estudo fonético-fonológico, histórico e cultural, não se encontrou uma razão para a presença do som chiado na fala do belenense, acredita-se que a viagem desta variação foi longa e atravessou o mar, forma de falar da Corte portuguesa que imitava o falar francês que é hoje marca da fala dos habitantes da cidade de Belém. Esta ideia precisa ser confirmada com estudos mais amplos, com mais informantes, mais células sociais para uma análise profunda.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico.** 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. P. 141 – 155.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2004

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

FIORAVANTI, Carlos. **Ora pois, uma língua bem brasileira.** Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/>>. [2015]. Acesso em: 28 out. 2015.

DESCOBRIMENTO DO BRASIL. **História do Brasil.** Disponível em: <<http://www.historiadobrasil.net/descobrimto>>. [2015]. Acesso em: 07 nov. 2015.

LABOV, William. **Sociolinguística:** uma entrevista com William Labov. Trad. Gabriel Othero. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

NOLL, Volker. O mito da origem do chiamento carioca. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras:** nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: UFBA, 2009. P. 305 – 319.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém do Grão Pará.** Belém: Distribel, 2001.

SILVA, Thaís Cristófano. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

TENDÊNCIAS DO PENSAMENTO LINGUÍSTICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES À CIÊNCIA DA LINGUAGEM

Romário Duarte Sanches (UFPA)
Carlene Ferreira Nunes Salvador (UFPA)

RESUMO: A comunicação humana é um dos recursos que caracterizam o homem racional, pois o mesmo consegue organizar suas ideias (paradigmas) e estruturá-las (sintagmas) de forma que seja capaz de manter uma comunicação eficaz, trocar diálogo ou conversar por meio da língua escrita ou oral. De fato, a linguagem é eminentemente humana, e o processo de elaboração da comunicação carrega inúmeros aspectos linguísticos e extralinguísticos que precisam ser explicados. Os estudos linguísticos são proeminentes porque têm como objeto de estudo, a linguagem humana. Historicamente, a ciência da linguagem avançou e vem avançando, dado pelas diversas abordagens com que cada pesquisador ou teórico vem trabalhando, seja pelo viés do historicismo, do estruturalismo, do funcionalismo ou do gerativismo. Por meio dessas abordagens constata-se que as primeiras formulações de teorias e metodologias de pesquisas tentam responder as dúvidas que cercam o processo da linguagem. Desta forma, este artigo objetiva revisar e refletir as principais tendências do pensamento linguístico e suas contribuições à ciência da linguagem. A discussão teórica está circunstanciada em Coseriu (1980), Lyons (1987) e Weedwood (2002). Como procedimentos metodológicos, adotou-se o estudo bibliográfico e a sistematização das principais características de cada abordagem linguística explorada. Infere-se que a interdisciplinaridade ou a interface da linguística e outros campos científicos como as ciências humanas, biológicas, e entre outras, torna-se o ponto crucial para que as pesquisas possam avançar de forma satisfatória e sem deixar lacunas em seu aparato teórico-metodológico.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência da linguagem. Tendências Linguísticas. Interdisciplinaridade.

1 Preliminares

Todas as línguas evoluem, a diferença é tão grande que é impossível compreender, sem estudo aprofundado. Pode-se afirmar que apenas permanecem estáticas as línguas mortas como o sânscrito, o grego clássico, o latim e outras, ensinadas como objetos intocáveis ou inalteráveis e às vezes transformadas na língua de textos sagrados, como o hebraico bíblico ou o árabe clássico do Corão. Enquanto uma língua permanecer viva, ela não deixará de se transformar, de se adaptar às necessidades de uma comunidade que também evolui, e de refletir uma visão das coisas que se renova continuamente. E para esses estudos da língua tem-se a Linguística que é conceituada como o estudo científico da linguagem, ou como melhor afirma Moulton (1972) dizendo que a Linguística é o ramo do conhecimento que estuda (ou pelo menos tenta estudar) todas as línguas, e assim concebida como uma ciência também por apresentar diferentes abordagens, métodos, teorias e um percurso histórico para tentar explicar esses fenômenos da língua.

O trabalho em questão mostrará um panorama histórico do desenvolvimento da linguística e como os linguistas tratam os fenômenos referentes à linguagem, partindo de estudos comparativos (históricos), estruturais, funcionalistas e gerativistas.

Desta forma, se tentará mostrar os motivos pelo qual a linguística vem causando influência sobre muitas disciplinas, especialmente sobre a antropologia, a psicologia, a teoria literária, e além de desenvolver interfaces com outras ciências sociais, tais como a história, sociologia, filosofia, a psicanálise e outras.

Tratar-se-á também o percurso histórico e as tendências do pensamento linguístico que serão apresentados aqui por meio de estudos bibliográficos de importantes linguistas, bem como Bárbara Weedwood (2002), Lyons (1987), Coseriu (1980), e entre outros de base introdutória do pensamento linguístico. Por fim, se traçará as principais contribuições da linguística nos estudos atuais desenvolvidos no Brasil e já estão sendo evidenciadas pouco a pouco, mas já ganham notoriedade e espaço nos estudos em linguística.

2 Principais Tendências Linguísticas

2. 1 Tendência Historicista

De acordo com Faraco (2007), os manuais de história da linguística costumam apresentar Saussure como o pai da linguística moderna e que até a segunda guerra mundial a linguística continuou a ser, no espaço, universitário, uma disciplina fundamentalmente histórica. Nesse sentido, a primeira abordagem será precisamente a linguística comparativa e histórica, na qual, segundo o autor, desenvolveu um método de manipulação de dados linguísticos em que se tratará da linguagem em si e por si mesma.

O que caracterizou esse tipo de linguística foi a sustentação empírica sistemática voltada à velha intuição de que as línguas eram realidades históricas (ou realidades com história), intuição que emergia tanto da tese monogênica, sustentada numa certa leitura do texto bíblico, de que todas as línguas derivavam do hebraico, quanto, por exemplo, da percepção já em Dante de que as línguas latinas tinham uma origem comum, ou ainda, das diferentes tentativas pós-medievais de estabelecer, com base em comparações, correlações entre línguas diversas. Sem esquecer que a própria criação do trabalho filológico entre os alexandrinos passava precisamente pela percepção da mudança da língua no tempo. Assim, a novidade da linguística do século XIX está em dar um caráter sistemático para o trabalho de comparação gramatical e estabelecer, depois, a tese de que correlações sistemáticas apontam para uma origem comum.

Lyons (1987) destaca que os estudiosos desse movimento linguístico acreditavam que a única maneira de explicar a língua é o tempo, ou seja, as línguas são como são porque, no decorrer do tempo, elas tiveram submissas a interferências internas e externas.

Ainda nessa perspectiva de linguística, tem-se no último quarto do século XIX caracterizado como a época dos neogramáticos, uma nova geração de linguistas relacionados com a Universidade de Leipzig, à qual Saussure esteve diretamente vinculado. A característica desse grupo foi o questionamento dos pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa e o estabelecimento de uma orientação metodológica diferente e de um conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança linguística.

2. 2 Tendência Estruturalista

A não aceitação de que as línguas só são explicadas por meio do tempo e pelo método comparativo com outras línguas fez com que o historicismo fosse alvo de discussões do movimento estruturalismo. Este termo, conforme Weedwood (2002) é empregado comumente como um rótulo para qualificar certo número de diferentes escolas de pensamento linguístico e é necessário fazer ver que ele tem implicações um tanto diferentes segundo o contexto em que é empregado.

O estruturalismo surgiu a partir da publicação do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure em 1916. Essa vertente linguística se apresenta mostrando algumas divergências às análises linguísticas do historicismo. Como já foram suscitados, os pensadores da corrente histórica sustentavam a tese de que a linguística, na medida em que é científica e explicativa, tem que ser necessariamente histórica. Já Saussure ([1916] 2006) contrapõe tal tese afirmando que se pode explicar a língua, não apenas de forma diacrônica, mas também no âmbito sincrônico da língua. Assim, o estruturalismo compreende que a língua funciona a partir de um conjunto de regras que constitui uma organização, um sistema e uma estrutura.

A abordagem estruturalista defende que a língua é a forma (estrutura), e não substância (a matéria a partir da qual ela se manifesta). Essa visão da linguagem tem como consequência outros aspectos do estruturalismo, o de que a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma. Neste caso, Faraco (2007) chama de estudo imanente da língua, o que significa dizer que toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas.

A partir dessa perspectiva, ficam excluídas qualquer outra forma de relação da língua com outros segmentos científicos, sociais, culturais ou qualquer outra relação que não

esteja relacionada com a organização interna dos elementos que constituem o sistema linguístico.

No entanto, o estruturalismo tem sido uma força poderosa no desenvolvimento de uma abordagem caracteristicamente francesa da semiótica (ou semiologia) e na sua aplicação à crítica literária, por um lado, e à análise da sociedade e da cultura, por outro. Vale ressaltar que não se pode esquecer o estruturalismo americano, já que somente foi mencionado o estruturalismo europeu de Saussure.

O estruturalismo americano e o europeu compartilham um bom número de características. Ao insistir na necessidade de tratar cada língua como um sistema mais ou menos coerente e integrado, os linguistas europeus e americanos daquele período tenderam a enfatizar, senão a exagerar, a incomparabilidade estrutural das línguas individuais. (WEEDWOOD, 2002, p. 129)

Em suma, Coseriu (1980), afirma que o estruturalismo veio com a finalidade de examinar e analisar a língua nos seus elementos funcionais e estabelecer os paradigmas das unidades da língua, depois de tê-las reduzido aos elementos mínimos, com um procedimento de identificação e de análise das mesmas unidades, tornando-se assim, puramente analítica.

Sobre as considerações de Saussure em relação à língua, Benveniste (1966) diz que:

Existem certas propriedades que não são encontradas em qualquer lugar. Com o que quer que se compare, a língua aparece sempre como algo diferente. Mas no que ela é diferente? Considerando esta atividade, a linguagem, em que tantos fatores são associados, biológicos, físicos e psíquicos, individuais e sociais, históricos, estéticos, pragmáticos, ele se pergunta: onde está o próprio da língua? (BEVENISTE, 1966, p. 33.)

Segundo Pêcheux (1999), Saussure pôs-se a pensar contra seu tempo, rompendo com uma série de interrogações pré-linguísticas sobre a origem da linguagem e suas determinações biológicas, lógicas, sócio-históricas ou filosóficas.

2. 3 Tendência Funcionalista

Em meio aos estudos estruturais da língua surge uma importante corrente linguística denominada de funcionalismo. Esta é visto como um movimento particular dentro do estruturalismo. Porém, há quem afirme como Pezatti (2007), que o funcionalismo moderno é um retorno à concepção de linguistas anteriores a Saussure.

Conforme Cunha (2010) o funcionalismo é uma corrente linguística que se preocupa estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Assim, esta abordagem apresenta distintas concepções no que diz respeito aos objetivos da análise linguística, aos métodos nela utilizadas e ao tipo dos dados utilizados como evidência empírica.

Pezatti (2007) define o funcionalismo numa abordagem que concebe a linguagem como um instrumento de interação social, empregado por seres humanos com o objetivo primário de transmitir informação entre interlocutores reais. Essa concepção vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa a motivação para os fatos da língua. Também se caracteriza por acreditar que a estrutura fonológica, gramatical e semântica das línguas é determinada pelas funções que têm que exercer nas sociedades em que operam, ou seja, a estrutura dos enunciados é determinada pelo uso que é dado e pelo contexto comunicativo em que ocorrem.

Essa visão funcionalista também pode ser encontrada correlacionadas à outras áreas de conhecimento:

Encontra-se também a visão funcionalista na tradição antropológica americana com o trabalho de Sapir e seus seguidores; na teoria tagmêmica de Pike; no trabalho etnograficamente orientado de Hymes (que introduziu a noção de "competência comunicativa"); na tradição britânica de Firth e Halliday; e em um sentido diferente também na tradição filosófica que, a partir de Austin e por meio de Searle, conduziu à teoria dos Atos de fala. (PEZATTI, 2007, p. 167).

Lyons (1987) argumenta que o funcionalismo tendeu a enfatizar o caráter instrumental da linguagem o que cria certa afinidade entre o ponto de vista funcionalista, a dos sociolinguistas ou dos filósofos da linguagem que tomam a noção mais ampla de interação social.

2. 4 Tendência Gerativista

Outro importante movimento e bastante influente nas pesquisas em linguística é o gerativismo, considerado uma teoria da linguagem que foi desenvolvida por Noam Chomsky e seus seguidores. Chomsky é um dos pensadores mais renomados da história contemporânea. Estatísticas mundiais revelam que ele se encontra entre os dez autores mais citados em todas as ciências humanas. A tendência gerativista teve uma grande influência,

não só no campo linguístico, mas também na filosofia, psicologia e outras disciplinas preocupadas com a linguagem.

Conforme Lyons (1987), o gerativismo carrega em si um compromisso com a utilidade e a viabilidade de descrever as línguas humanas por meio de gramáticas gerativas. A priori, essa corrente foi formulada como uma resposta ao modelo behaviorista, que então vigorava, de descrição dos fatos da linguagem, pois, os behavioristas defende a ideia de que tudo o que é comumente descrito como sendo produto da mente humana, inclusive a linguagem, pode ser satisfatoriamente explicado em termos do reforço e do condicionamento de reflexos. Desta forma, a teoria de Chomsky surge defendendo a ideia de que a linguagem é independentemente de estímulo, ou seja, a criança não aprende a sua língua nativa reproduzindo, completa ou parcialmente, os enunciados dos falantes adultos, como resposta a estímulos do ambiente.

Segundo Coseriu (1980), mostra que os estudos da teoria gerativista impulsionaram a criação de uma gramática transformacional e gerativa, como se pode deduzir claramente de tudo o que foi dito até aqui, se distingue de todas as outras tendências de cunho estrutural, já que o estruturalismo é um método analítico, que procura estabelecer e descobrir, mediante análise, as unidades mínimas das línguas, as quais se combinam na expressão. A gramática gerativa não oferece, entretanto, procedimentos de descoberta, muito pelo contrário, em certo sentido, nega ou põe em dúvida a possibilidade de estabelecer com plena coerência procedimentos de descoberta e propõe, antes, um modo de apresentar as estruturas já conhecidas pelos sujeitos falantes. Trata-se, assim, de um procedimento de representação e, em certo sentido, a gramática gerativa supõe que análises e descobertas já têm sido feitas ou, pelo menos, que o falante já conhece as funções e as unidades combinadas e possui delas, segundo um termo técnico desta corrente, uma competência que atua na concretização do desempenho.

Coseriu (1980) ainda acrescenta afirmando que a gramática gerativa transformacional de novo traz às noções tradicionais do estruturalismo é, sem dúvida, o conceito de transformação, que, embora em si não seja original, se pode considerar como um dado novo porque o próprio fato de acentuar a importância do fenômeno representa uma notável inovação metodológica.

Observa-se que, no gerativismo, se coloca em questão a criatividade como uma qualidade intrínseca do homem. No entanto, essa criatividade é regida por regras de boa formação identificáveis e na medida em que conseguimos especificar essas regras de boa formação teremos fornecido dados cientificamente satisfatórios daquela propriedade da linguagem que torna possível o exercício da criatividade.

Contudo, Chomsky e seus seguidores ainda buscam dados que sustentem a tese de que a faculdade humana da linguagem é inata e específica da espécie, já que não é certo que existem de fato tais propriedades universais na linguagem. Mas a busca de tais propriedades e a tentativa de construir uma teoria geral da linguagem têm sido responsáveis por parte dos trabalhos mais interessantes dos últimos anos.

3 Contribuições das Tendências Linguísticas

Através desse panorama histórico dos principais movimentos linguísticos observaram-se os estágios e aprimoramentos da linguística, enquanto estabelecimento de uma ciência da linguagem. A linguística demonstra rápidas e sucessivas mudanças na sua maneira de fazer pesquisas. Os embates surgidos através das discussões teóricas e metodológicas dos estudos historicistas, estruturalistas, funcionalistas e gerativistas foram preponderantes para o surgimento de novas tendências ou subáreas de estudos linguísticos. Como exemplos têm-se a Sociolinguística, Etnolinguística, Linguística cognitiva, Linguística Textual, Análise da conversação, Análise do discurso, Psicolinguística, Neurolinguística, Biolinguística e tantas outras que estão a surgir.

Todos esses campos de estudos advêm de uma sustentação teórico-metodológica de abordagem linguística. Por exemplo, a Sociolinguística e a Etnolinguística possuem em suas abordagens, em partes, o modelo funcionalista e pragmático:

A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística, ou seja, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio do contexto. (CEZARIO, Maria; VOTRE, Sebastião, 2010).

No que concerne da Linguística cognitiva, Psicologia da linguagem, Psicolinguística, Neurolinguística e entre outras, têm suas bases, à priori, na abordagem chomskiana, principalmente, no que diz respeito à linguagem/mente e para compreender a aquisição da linguagem, porém, com avanços nas pesquisas essas novas áreas passam a procurar influências e subsídios em outros campos de conhecimento que deem suporte adequado e que consigam explicar com eficiência a produção da linguagem humana.

No caso da psicologia da linguagem, Carroll (1972), observa que uma das principais tarefas é explicar como uma criança aprende o sistema linguístico como sua língua materna. Alguns linguistas teóricos opinam que, até agora, nenhuma teoria da aprendizagem tem

argumentos suficientemente capazes de explicar esse fenômeno, mas há psicólogos eminentes que afirmam poder elucidar o problema através de suas teorias da aprendizagem, que embora o sistema linguístico seja complexo, sua aprendizagem pela criança pode ser explicada com recursos que eles consideram princípios de aprendizagem relativamente bem estabelecidos, aplicados em várias combinações.

A psicolinguística também tem se preocupado com processo pelo qual as pessoas aprendem línguas, principalmente as estrangeiras. Essa disciplina argumenta que a aprendizagem de uma língua estrangeira pelo adulto é qualitativamente diferente da aquisição da língua materna pela criança. Uma explicação científica completa de como as pessoas uma a linguagem está atualmente longe de ser alcançada.

Contudo, nessa breve abordagem do percurso histórico da linguística e suas tendências, percebeu-se que os estudos anteriores em linguística, que percorrem desde os estudos pré-saussurianos mencionados por Faraco (2007) à abordagem gerativista de Chomsky, avançou bastante com as contribuições de outras ciências e isso foi um dos motivos para determinar o surgimento de novas disciplinas linguísticas para somarem nessa grande empreitada com a linguística que é de explicar o funcionamento da língua e seus processos e variações, até então sustentadas por hipóteses.

Considerações Finais

A comunicação humana é um dos recursos, senão a mais importante deles, que caracterizam o homem racional. O ser que consegue organizar suas ideias (paradigmas) e estruturá-las (sintagmas) de forma que seja capaz de manter uma comunicação eficaz, trocar diálogo ou conversar com o outro por meio da língua escrita ou oral. Essa tal capacidade da linguagem, sem dúvida, eminentemente humana, no entanto, esse processo de elaboração da comunicação e seus fenômenos carregam em si inúmeros aspectos linguísticos e extralinguísticos que precisam ser explicados.

Os estudos linguísticos, dentro dessa perspectiva, são proeminentes porque tem como objeto de estudo a linguagem humana. E é por meio da linguística que percebemos as primeiras formulações de teorias e metodologias de pesquisas que tentam responder as dúvidas que cercam o processo da linguagem.

Como já ressaltado acima, esse processo de comunicação possui muitos fenômenos a serem estudados, compreendidos e explicados de forma satisfatória. Estudos esses que há muito tempo vêm sendo desenvolvido, mas ganhou maior notoriedade a partir do

estruturalismo de Ferdinand de Saussure que postulou e formulou teorias e metodologias que tentam explicar as implicações para tais fenômenos linguísticos. Diante dos estudos Saussurianos percebemos uma florescer acadêmico em outros movimentos em linguística, como o funcionalismo e gerativismo. Os estudos apresentados acima mostram de forma sucinta, mas compreensível, que inúmeros linguistas se esforçaram a tal tarefa de compreender a língua. Deste modo, percebeu-se que as contribuições desses principais movimentos detêm fortes influências em diversas áreas do campo da linguagem e que visualizamos um cenário, nos estudos da linguagem, com pesquisadores que deram continuidade as pesquisas já elaboradas.

Vale considerar também, a interdisciplinaridade da linguística com outras ciências, como um elemento essencial para tal avanço, visto que a linguística sempre procurou por sua autonomia científica, no entanto, a necessidade de trazer contribuições de outras ciências para as pesquisas linguísticas prevaleceram, como a filosofia, sociologia, psicologia, história, matemática, biologia e etc. Contudo, pode-se afirmar que os estudos em linguística ainda nos surpreendem com resultados satisfatórios dessa busca incessante em desvendar todo o processo de comunicação humana, tendo em vista, que as universidades não param suas discussões e formulações de novas formas de fazer pesquisa em linguística.

Com isso, infere-se que com os estudos já realizados, nós professores de língua podemos aplicá-los, como mostram os trabalhos em linguística aplicada, em sala de aula, principalmente no que tange ao ensino e aprendizagem de língua materna e estrangeira, como também na compreensão da aquisição da linguagem, da própria produção de textos e interpretação dos alunos, nas análises literárias, no tratamento da diversidade linguística na escola, e entre outras contribuições.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral 1**. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1966.

COSERIU, Eugenio. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1980.

COSTA, Marcos Antônio. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MOULTON, William Gamwell. **Natureza e História da linguística**. In: HILL, Archibald. Aspectos da linguística moderna. São Paulo: Cultrix, 1972.

PEZATTI, Erotilde Goreti. **O funcionalismo em linguística**. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2007.

VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura. **Sociolinguística**. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Sobre a (des)construção das Teorias Linguísticas**. *In*: DRLAV, nº 27, 1982, p. 1-24. Tradução brasileira de Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. Campinas: Pontes, 1999.

A LINGUAGEM REGIONAL-POPULAR NA CANÇÃO "INFÂNCIA FELIZ"

Sandro Luis de Sousa²⁶
Wellington Lopes dos Santos²⁷

RESUMO: As obras musicais configuram-se como importantes instrumentos para os estudos de natureza linguística. Este trabalho investigou as ocorrências de lexias simples e compostas que foram identificadas como tradutoras do universo sociocultural nordestino na canção *Infância Feliz*, da compositora Veneranda Julião e interpretada pelo cantor Elinó Julião. O suporte teórico segue os postulados da Dialetoлогия, disciplina que "tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica" (CARDOSO, 2010, p. 15). A Dialetoлогия trata, pois, das diferenças dialetais ou regionais de uma determinada língua (ARAGÃO, 1983, p. 13). Para dar conta de uma descrição mais apurada dos fenômenos linguísticos envolvidos na análise do *corpus*, os seguintes campos relacionais foram também utilizados: sociolinguística, lexicologia, lexicografia e semântica. Na canção referenciada, há rico material sobre o léxico utilizado no Nordeste, resultante da vivência sociocultural tanto da compositora quanto do intérprete, ambos potiguares. Como produto final, foi proposto um glossário da canção *Infância Feliz* que mostra toda a riqueza da linguagem regional/popular empregada em Timbaúba dos Batistas, município localizado na região Seridó, no Estado do Rio Grande do Norte.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem regional/popular. Dialetoлогия. Glossário.

Introdução

Canções podem configurar-se como importantes instrumentos para os estudos de natureza linguística. Nesta linha de raciocínio, este estudo investiga as ocorrências de lexias simples e compostas²⁸ que foram identificadas como tradutoras do universo sociocultural nordestino na canção *Infância Feliz*, da compositora Veneranda Julião e interpretada pelo cantor Elinó Julião. Na canção referenciada, há rico material sobre o léxico regional-popular utilizado no Nordeste, resultante da vivência sociocultural tanto da compositora quanto do intérprete, ambos potiguares, no desenvolvimento de atividades agropastoris, no uso de utensílios, no preparo e consumo de alimentos, na apreciação de festividades, bem como na observação de elementos típicos da fauna e da flora.

Para dar conta da proposta, o suporte teórico do trabalho segue os postulados da Dialetoлогия e, para fornecer uma descrição mais apurada dos fenômenos linguísticos envolvidos na análise do *corpus*, contribuições dos seguintes campos relacionais foram também utilizadas: sociolinguística, lexicologia, lexicografia e semântica.

²⁶ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte / Universidade Federal da Paraíba (sandro.sousa@ifrn.edu.br).

²⁷ Universidade Federal da Paraíba (jornalista_rn@hotmail.com).

²⁸ Por restrição de espaço, apresentamos apenas uma amostra com 22 itens do glossário. Entretanto, a análise detalha os achados do trabalho com todos os 64 itens lexicais coletados.

No próximo item, segue-se uma exposição do ambiente geossociocultural onde nasceram e cresceram o intérprete e a compositora do texto.

1 O Ambiente Geossociocultural onde Viveu Elino Julião

Elino Julião nasceu em 1936 em Timbaúba dos Batistas, na região do Seridó, no Rio Grande do Norte. O município está localizado na microrregião Seridó Ocidental, distante 282 km da capital, Natal. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Timbaúba tinha uma população estimada de 2.408 habitantes no ano de 2014. É um dos municípios menos povoados da terra potiguar e consta com uma população residente alfabetizada de 1.672 pessoas. O bioma²⁹ predominante é a caatinga, composto por plantas de porte baixo e espalhadas. Desse modo, grande parte do patrimônio biológico dessa região não é encontrada em nenhum outro lugar do mundo além do Nordeste do Brasil. O clima em Timbaúba é classificado como tropical semiárido. Trata-se, portanto, de uma típica cidade do sertão nordestino.

Em 1998, Elino Julião grava o CD "Vamos Fazer Run-Run". A obra traz uma apresentação da escritora Raquel de Queiroz, destacando a tarefa do cantor potiguar como divulgador da autêntica música nordestina. É nesse CD que encontra-se a canção "infância feliz" de autoria da companheira Veneranda Julião, - timbaubense assim como Elino - e que teve também uma infância de menina sertaneja, trabalhando desde cedo, mas sem deixar de experienciar uma vivência e percepção de mundo a partir do olhar infantil nas terras tórridas do Seridó potiguar.

2 A Dialetoлогия e os Seus Campos Relacionais

O presente estudo investigou as ocorrências de lexias³⁰ simples e compostas presentes na canção "infância feliz", tradutoras do universo sociocultural nordestino, tendo como suporte teórico os postulados da Dialetoлогия, disciplina que "tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica" (CARDOSO, 2010, p. 15). No mesmo conduto interpretativo, Aragão (1983, p. 19), afirma que a dialetoлогия trata das diferenças

²⁹ Conjunto de fauna e flora de uma região mais ou menos homogêneo e sob condições climáticas semelhantes (BORBA, 2004; p. 182).

³⁰ Unidade lexical memorizada para o estudo do léxico. Para ele, as lexias distinguem entre simples (árvore, saiu, entre, agora), composta (primeiro-ministro, guarda-chuva), complexa estável (ponte levadiça, estado de sítio, estação espacial) e textual (quem tudo quer, tudo perde).

dialetais ou regionais de uma determinada língua. As lexias identificadas e examinadas são predominantemente de origem popular, visto que revelam traços ou sistemas linguísticos que não fazem parte do uso das camadas cultas e aristocráticas e que, sem ser grosseiro ou trivial, dizem respeito às particularidades da fala usada nas camadas modestas da população (DUBOIS; GIACOMO; GUESPIN; MARCELLESI; MARCELLESI; MEVEL, 2006, p. 476). Ainda segundo o autor, a utilização de um falar ou variedade de uma língua popular ou revela a origem modesta do falante ou a vontade de parecer franco, espontâneo e sem afetação.

Para dar conta de uma descrição mais apurada dos fenômenos linguísticos envolvidos na análise do *corpus*, contribuições dos seguintes campos relacionais foram também utilizados: sociolinguística, lexicologia, lexicografia e semântica.

2.1 Sociolinguística

A Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda as relações entre a língua e a sociedade (TRASK, 2011, p. 276). Entretanto, Labov (2008, p. 216) já defendia que o vocábulo sociolinguística é redundante, pois não se concebe as questões linguísticas apartadas do seu contexto social. Portanto, a linguagem varia também por causa das relações com a estrutura social das comunidades de falantes historicamente situadas. Sendo assim, vê-se que é desejável a interseção entre Dialetologia e Sociolinguística para a descrição de fenômenos variacionistas da língua humana como fenômeno social. É por isso que Dinah Callou (2010, p. 35) defende que Dialetologia e Sociolinguística são duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem; pelo contrário, elas se encontram e se complementam.

2.2 Lexicologia e Lexicografia

O trabalho envolveu o estudo de identificação e descrição de itens lexicais. Portanto, por óbvio, dois outros domínios da linguística foram acionados: a lexicologia e a lexicografia.

A lexicologia é conceituada por Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1982, p. 93) como uma "*descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo.*"³¹. Assim, a lexicologia tem por tarefa fazer o estudo científico do léxico - sistema aberto do qual se utiliza o falante para registrar as experiências do universo, materializadas em um acervo vocabular.

³¹ Descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo (tradução nossa).

Por fim, resta salientar que a lexicografia, como campo relacional da dialetologia, vai se ocupar do trabalho prático, técnico e metódico para elaboração de dicionários, que podem assumir as formas impressas ou eletrônicas.

2.3 Repositório Lexicográfico: o glossário

Sem adentrar a discussão teórica entre os estudiosos sobre a classificação das obras lexicográficas em dicionários, vocabulários e glossários³², adota-se, para o propósito deste estudo, o conceito de glossário utilizado por Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1982, p. 106) que propõem a seguinte conceituação desse repositório linguístico: “*repertorio de voces destinado a explicar un texto medieval o clásico, la obra de um autor, um texto dialectal, etc.*”

Impende registrar que consideramos tais variedades coletadas no *corpus* não como exemplo de dialeto, mas do “falar” nordestino, em especial do falar potiguar, já que para Castilho (1972) os falares correspondem à variação de uma língua que importa pequenas alterações no foneticismo e no material léxico, sem prejuízo de uma fácil compreensão, enquanto os dialetos são variações da língua cuja diferenciação mais profunda atinge também a morfologia, chegando, inclusive, a acarretar dificuldades à comunicação.

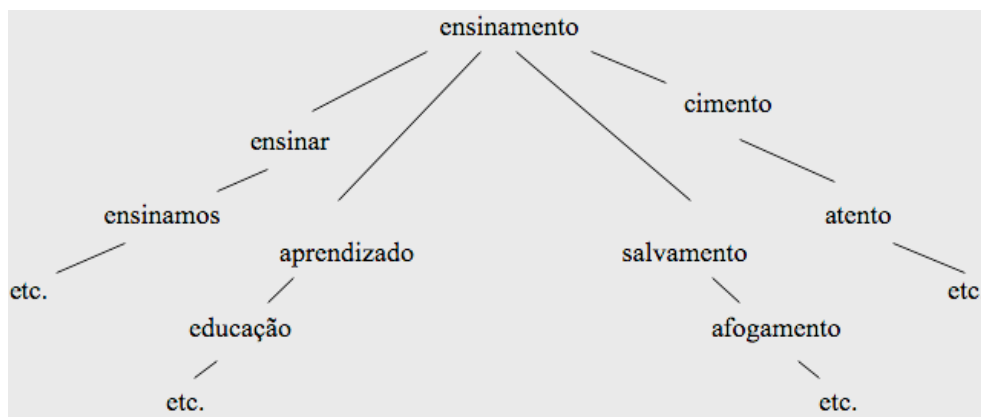
2.4. Contribuições da Semântica

Para Ferrarezi Jr. (2010, p. 63-64), a semântica é a ciência que estuda as manifestações linguísticas do significado. Já Biderman (1978, p. 116) destaca que a palavra na sua face semântica inclusive é o objeto principal de duas disciplinas linguísticas já referidas anteriormente: a lexicologia e a lexicografia. Logo, o estudo em foco tem estreita relação com a semântica, pois a delimitação e a definição de suas unidades léxicas que compõem o *corpus* precisam do critério semântico para sua especificação.

Uma das manifestações linguísticas de significado são as relações associativas. Essas associações estabelecem ligações de sentido em que um item lexical dado é considerado como o centro de uma constelação, ou seja, um ponto para onde convergem outros termos coordenados (SAUSSURE, 1972, p. 146). Essas relações podem ser representadas pela figura a seguir:

³² Para uma discussão sobre dicionário, vocabulários e glossários, ver: BARBOSA, Maria Aparecida. **Dicionário, Vocabulário, Glossário: Concepções**. Caderno de Terminologia, N. 1, 2001.

Figura 01: relações associativas



(Fonte: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/campo-semântico>)

A figura 01 traz duas representações principais: a da Teoria dos Campos Conceituais a qual defende que as palavras que se agrupam ideologicamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentidos (aprendizado, educação), bem como a da Teoria dos Campos Semânticos, em que as palavras que se agrupam linguisticamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentidos (HENRIQUES, 2011; p. 78). No exemplo dado da figura 01, a constelação de *ensinamento* mostra quatro linhas de relação: *a*) associação semântica; *b*) morfossemântica interna: ensinar, ensinamos; *c*) associação morfossemântica externa: salvamento, afogamento; e *d*) associação fonológica: cimento, atento.

Este trabalho utiliza a expressão Campo Semântico para referir-se, de forma genérica, a palavras que se agrupam ideológica e linguisticamente, por meio dessa rede de associações e interligações de sentidos.

3. Aspectos Metodológicos

Os principais instrumentos utilizados para a realização do presente trabalho foram: ficha lexicográfica, áudio da música *infância feliz*, gravador, caneta, papel, computador e *pen drive*.

Já a metodologia aplicada obedeceu as seguintes etapas:

a) seleção do *corpus*: música *infância feliz*, interpretada por Elino Julião, de autoria de Maria Veneranda de Araújo; *b*) levantamento e estudo das referências bibliográficas; *c*) pesquisa sobre a vida artística de Elino Julião; *d*) registro dos dados coletados em fichas lexicográficas, estas elaboradas a partir do modelo proposto pelo Centro de Estudos Lexicais

e Terminológicos - Centro Lexterm-, da Universidade de Brasília (FAULSTICH, 2010) e e) entrevista *in loco* com Veneranda Julião;

No que se refere à macroestrutura, o glossário ficou organizado da seguinte forma: a) 64 verbetes; b) apresentação das entradas em ordem alfabética, em caixa alta, negrito, fonte *Times New Roman* (tamanho 12); c) informação gramatical (adj. = adjetivo, sint. nom. = sintagma nominal, sint. v. = sintagma verbal, s.f. = substantivo feminino, s.m. = substantivo masculino, v. = verbo) - os substantivos vêm no singular, já os verbos aparecem no infinitivo, com exceção para o verbo "espiar" que aparece flexionado no glossário, tal como registrado no texto da canção; d) indicação das lexias simples dicionarizadas com sentido equivalente (LSDSE), lexias simples dicionarizadas com sentido diferente (LSDSD), lexias simples não dicionarizadas (LSND), lexias compostas dicionarizadas com sentido equivalente (LCDSE), lexias compostas dicionarizadas com sentido diferente (LCDSD) e lexias compostas não dicionarizadas (LCND); e) entre parênteses, em caixa alta, constam os nomes dos repertórios linguísticos pesquisados: Dicionário Caldas Aulete Online (A.O.), Calepino Potiguar - Gíria Riograndense, de Raimundo Nonato (C.P.) e Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares, de Tomé Cabral (T.C.); f) as abonações são fornecidas entre aspas, consoante o contexto de uso no *corpus* analisado; g) por fim, o registro de variação encontrado nas obras consultadas aparece em *itálico*, seguido da abreviatura da obra – tal qual indicado no item anterior -, precedido da indicação VAR.

Já o arranjo microestrutural ficou organizado na seguinte ordem:

Entrada + informação gramatical + dicionarização + definição + abonação +/- variação.

Cabe ressaltar que a definição dos itens lexicais seguiu um percurso de caráter semasiológico, partindo-se do conceito para o significante correspondente.

Enfim, segundo já advertimos, será apresentada apenas uma amostra do glossário com 22 itens lexicais (de um total de 64). Contudo, os dados da análise consideram o número total de unidades lexicais identificados no texto da música *Infância Feliz*.

4 Glossário da Linguagem Regional/Popular da Canção "Infância Feliz"

BEZERRO APOJADO sint. nom. LCND (A.O.; C.P.; T.C.) Cria que é separada da vaca quando está mamando para o vaqueiro retirar o leite. "[...] e os bezerros apoiados, cajarana e umbuzeiro [...]".

CAÇULA DE PILÃO sint. nom. LCND (A.O.; T.C.) LCDSD (C.P.)

Competição entre duas pessoas para socar e moer manualmente o milho ou qualquer outro cereal no pilão. “[...] e as caçulas de pilão, as moagens do engenho [...]”.

CAMBITO s.m. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.)

Gancho de madeira duplo em forma de V que se prende no lombo dos animais de carga para por a cangalha. “[...] os cambitos e as cangalhas, as festas de apartação [...]”.

CANGALHA s.f. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.)

Acolchoado preso ao cambito que serve para colocar no dorso do animal de carga. “[...] os cambitos e as cangalhas, as festas de apartação [...]”.

CANTAREIRA s.f. LSDSE (A.O.; T.C.) LSND (C.P.)

Pequeno móvel de madeira ou de pedra com abertura no centro usado na cozinha para sustentar os cântaros de água para não umedecer o chão. “[...] os potes, as cantareiras, arapuca e o tetéu [...]”.

CIGARRO DE VELAME sint. nom. LCND (A.O.; C.P.; T.C.)

Cigarro feito da folha desidratada do velame com palha de milho ou papel. “[...] meus cigarros de velame e os beijus da vovó [...]”.

CORRUPIO s.m. LSDSD (A.O.) LSND (C.P.) LSDSE (T.C.)

Brinquedo em forma de uma roda pequena feito da casca da cabaça com dois furos no centro para introduzir um barbante comprido com as duas pontas ligadas. Ao puxar o barbante torcido a roda gira. “[...] petecas e corrupio, contar estrela no céu [...]”. VAR. *Corrupio* (T.C.)

ESCALDADO s.m. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.)

Pirão feito de caldo de carne ou peixe com farinha de mandioca. “[...] cajarana e umbuzeiro e os pratos de escaldados [...]”.

FESTA DE APARTAÇÃO sint. nom. LCND (A.O.; C.P.; T.C.)

Separação dos gados e das ovelhas por posse ou para vacinar ou ferrar. “[...] as festas de apartação, os forrós, as cantorias [...]”.

FORRÓ s.m. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.) Estilo musical no qual a sanfona é o instrumento principal e que se dança em pares, muito apreciado no nordeste brasileiro. “[...] as festas de apartação, os forrós, as cantorias [...]”.

GARAJAU s.m. LSND (A.O.; C.P.) LSDSE (T.C.)

Cesto de madeira ou palha cheio de rapadura. “[...] garajau de rapadura e do leite no curral [...]”. VAR. *Grajau* (T.C.)

JOÃO GALAMARTE sint. nom. LCND (A.O.) LCDSE (C.P.; T.C.)

Brinquedo feito com um toco de madeira enfiado no chão e uma tábua comprida com um furo no centro ajustada ao toco. Duas crianças sentam nas pontas da tábua e começam a girar. “[...] João galamarte e as bilocas e as cacimbas de beber [...]”. VAR. *Jangalamarte* (T.C.)

MUTUCA s.f. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.)

Espécie de inseto muito parecida com uma mosca, da família dos tabanídeos, sugadoras de sangue e podem picar homens e animais causando-lhes dor local e vermelhidão na pele. “[...] dos gravetos e passadiços, das mutucas e dos besouros”.

PASSADIÇO s.m. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.) Lugar onde se passa; passarela; corredor de acesso. “[...] dos gravetos e passadiços, das mutucas e dos besouros”.

PEITADA s.f. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.) Esbarro da carga do jumento com a porteira. “[...] o jumento e a carga d’água, olha, olha, olha a peitada [...]”.

PIA v. LSDSD (A.O.; C.P.) LSND (T.C.) Forma aferética de espiar, observar. “[...] pia o calango verdinho na sombra do juazeiro [...]”.

RAPADURA s.m. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.) Açúcar puro em forma de tablete feito do mel da cana-de-açúcar. “[...] garajau de rapadura e do leite no curral [...]”.

SERROTE s.m. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.) Serra ou monte baixo. “[...] o serrote da raposa e das cobras de cipó [...]”. VAR. *Serrota* (T.C.).

SERTÃO s.m. LSDSE (A.O.) LSND (C.P.) LSDSD (T.C.) Região rural e árida, de temperatura alta, longe dos centros urbanos. “[...] no sertão do meu lugar, são coisas da minha infância [...]”.

SORO s.m. LSDSE (A.O.) LSND (C.P.) LSDSD (T.C.) Líquido de cor amarela que se extrai do leite coalhado. “[...] a coalhada e o soro, dos gravetos e passadiços [...]”.

TETÉU s.m. LSDSE (A.O.; C.P.) LSND (T.C.) Pássaro da família dos caradriídeos, também conhecido por quero-quero. “[...] arapuca e o tetéu, petecas e corrupio [...]”.

UMBUZEIRO s.m. LSDSE (A.O.; C.P.; T.C.). Árvore cujo fruto é o umbu. “[...] cajarana e umbuzeiro e os pratos de escaldados [...]”. VAR. *Imbuzeiro* (T.C.).

5 Análise dos Dados

A partir dos dados coletados e listados no glossário retrotranscrito, foi possível fazer também uma análise baseada nos seguintes aspectos: *a)* levantamento do número e tipos de lexias encontradas no *corpus* e *b)* proposta de classificação dessas lexias em relações associativas. Passemos a essa descrição analítica.

Inicialmente, convém salientar que, concordando com Evandro Silva Martins (2002, p. 03), neste artigo, não diferenciamos os vocábulos lexia composta e lexia complexa, considerando ambos como lexia composta. Ademais, utilizamos as expressões “item lexical” ou “unidade lexical” como formas *lato sensu* para referirem-se às lexias coletadas para a confecção do glossário, sejam elas simples ou compostas.

No que tange ao levantamento do número de lexias encontradas no *corpus*, a tabela 01 abaixo apresenta o número total encontrado na canção: 64 ao todo. No que concerne aos tipos de lexias, o *corpus* revela 45 ocorrências de lexias simples no glossário, equivalente a 70% de todas as lexias identificadas. Já as lexias compostas integram o número de 19 ocorrências, correspondente a 30% do total de lexias registradas no glossário da canção *infância feliz*.

Tipos de lexia	Números de lexias	%
Lexias simples	45	70
Lexias compostas	19	30
Total	64	100

Tabela 01: número de lexias simples e compostas encontradas na canção *infância feliz*

Como já mencionado anteriormente (2.4. *retro*), a expressão Campo Semântico diz respeito, neste estudo, a palavras que se agrupam ideológica e linguisticamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentidos. Sendo assim, com base na análise do número e correlações de sentido das lexias então identificadas, foi possível determinar 07 campos semânticos no texto da canção, conforme mostrado no quadro 01 abaixo.

Fauna: jumento, pequeno, calango, preá, bezerros apoiados, raposa, cobra de cipó, tetéu, mutuca, besouro.
Flora: caatinga, raspa do marmeleiro, raiz da milona, fedegoso, pereiro, juazeiro, fulô do cardeiro, jurema, gravetos, mufumbo, mussambê, umbuzeiro.
Alimentação e Culinária: chá, cajarana, escaldado, beijus, leite no curral, coalhada, soro, rapadura.
Diversão e entretenimento: forró, cantorias, João Galamarte, bilocas, cigarros de velame, festas de apartação, bonecas de sabugo, cavalo de pau, petecas, corruptos, contar estrelas, espiar, banhos.
Atividades rurais: caçulas de pilão, moagens do engenho, debulhas de feijão, almoços do roçado, apanhas de algodão, pescarias.
Artefatos e utensílios: ranchos, cacimba, carga d'água, ramada, cambitos, porteira, cangalhas, potes, garajau, cantareiras, passadiço, arapuça.
Localização geográfica: serrote, sertão.

Quadro 01: campos semânticos da canção *infância feliz*

A partir da identificação e classificação das lexias em seus respectivos campos associativos foi possível propor uma tabela, correlacionando o número de lexias por campo semântico. Vejamos abaixo o que a tabela 02 revelou.

Campos semânticos	Lexias por campo	%
Fauna	10	16
Flora	12	19
Alimentação e Culinária	08	13
Diversão e entretenimento	13	21
Atividades rurais	06	9
Artefatos e Utensílios	12	19
Localização geográfica	02	3
Total	63	100

Tabela 02: número de lexias por campo semântico

Analisando os dados, percebemos que o campo *diversão e entretenimento* teve 13 lexias a ele relacionadas, representando 21% de todas as lexias inseridas nos campos semânticos identificados. Esse é o campo mais produtivo em itens lexicais na canção, possivelmente em decorrência das influências geossocioculturais no léxico do autor para a descrição de uma *infância feliz*, título da canção.

Logo em seguida, temos os campos *flora* e *artefatos e utensílios*, cada um com 12 lexias, o que equivale a 19%, respectivamente. Já o campo *fauna* possui 10 lexias, o equivalente a 16% do total. As associações com o centro da “constelação” *culinária* permitiram o agrupamento de 08 lexias, ou seja, 13% do total coletado. O campo semântico de *atividades rurais* reuniu 06 lexias, representando 9% das lexias coletadas. No que se refere à localização geográfica, apenas 02 lexias integraram esse campo, o que equivale a 3% do total das 63 lexias elencadas.

Enfim, a lexia *peitada*, não obstante ter uma significação regional e constar no glossário, não foi incluída dentro dos campos semânticos sugeridos, pois, ao nosso ver, não se enquadrava dentro dos critérios ideológicos/associativos dos respectivos campos. É justamente por isso que o total de lexias da tabela 01 possui uma lexia a mais do que o da tabela 02, ou seja, 64 e 63 lexias, respectivamente.

6 Considerações Finais

A análise da canção aqui proposta permitiu uma série de considerações conclusivas. Passemos a expô-las.

Conclui-se que o texto da canção *infância feliz* é bastante rico em lexias simples e compostas que são identificadoras de uma linguagem relacionada a um ambiente geográfico típico de caatinga, no semiárido nordestino e, em especial, na região do Seridó potiguar (variação diatópica). Essa riqueza léxica revela um conteúdo semântico regional-popular peculiar, o que proporcionou a identificação de 07 dos campos semânticos estudados. Defendemos que ao relacionar o número de lexias com cada campo semântico, foi possível identificar que o campo mais produtivo foi *diversão e entretenimento*, representando 21% de todas as lexias usadas nos campos identificados.

Por fim, apesar de as crianças do sertão, participarem ativamente, e desde cedo, na realização de atividades típicas dos adultos (os campos de *atividades rurais* e *artefatos e utensílios*, juntos, representam 28% das lexias usadas), o estudo permite concluir que as escolhas dos itens lexicais com maior rendimento para o centro da constelação do campo semântico *diversão e entretenimento*, na canção, indica que tanto intérprete quanto autora tiveram, realmente, uma infância feliz, retratada nos significados lexicais a partir de influências geossocioculturais de sua história.

Referências

- AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital. Base de Dados. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e>. Acesso em: 22. jun. 2015.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva do *et al.* **Glossário Aumentado e Comentado da Bagaceira**. João Pessoa: União, 1983.
- _____. **Glossário**. João Pessoa, 16, junho, 2014, 11 p. Notas de aulas da disciplina Lexicologia, Lexicografia e Terminografia. Curso de Doutorado em Letras/UFPB.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Dicionário, Vocabulário, Glossário: Concepções**. Caderno de Terminologia, N. 1, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Lingüística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário UNESP de Português Contemporâneo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Rio Grande do Norte: Timbaúba dos** **Batista**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=241430>>. Acesso em: 22 ju. 2015.
- CABRAL, Tomé. **Dicionário de Termos e Expressões Populares**. Fortaleza/CE: Edições UFC, 1982.
- CALLOU, Dinah. **Quando Dialetoлогия e Sociolinguística se Encontram**. In: Estudos Linguísticos e Literários. N. 41. Salvador. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA, janeiro-junho, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de Castilho. **Rumos da Dialetoлогия Portuguesa**. ALFA 18/19 (1972-1973). [s.l.], 1972.
- DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**. Direção e coordenação geral da tradução por Izidro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas (org.). **Pelos caminhos da Dialetoлогия e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão**. São Luís: EDUFMA, 2010.
- FERRAREZI, JR. Celso. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários**. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2010.
- HAENSCH *et al.* **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: ed. Gredos, 1982.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Evandro Silva. O tratamento das lexias compostas e complexas. Revista do GELNE. Vol. 4. nº. 2. 2002. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_15.pdf>. Acesso em: 9. ago. 2015.

NONATO, Raimundo. **Calepino Potiguar: gíria rio-grandense**. Coleção Mossoroense. Vol. CXIX. [s.l.], 1980.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Trad. Rodolfo Ilari. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS TEXTOS ORAIS E ESCRITOS DE ALUNOS CAMPEPINOS

Valdirene Nascimento Campos³³

RESUMO: Esse artigo tratará do tema da minha dissertação de mestrado do curso do PROFLETRAS que estou desenvolvendo e tem como público alunos da Escola Família Agrícola, uma escola da zona rural do município de Marabá, que atende filhos de agricultores de diversos assentamentos deste município. O objetivo é identificar e analisar alguns fenômenos, que oportunizará aos alunos, através de suas práticas sociais, refletir sobre as variantes linguísticas que fazem parte do contexto linguístico das comunidades do campo a que eles estão inseridos. Contribuirá para levantar elementos linguísticos das comunidades pesquisadas e mostrar que é possível promover atividades que possam valorizar a língua que eles já possuem como também conhecer as demais variantes sem o choque de que existe uma melhor, mais correta. A proposta será voltada para experiências com o uso de textos orais e escritos, utilizando gênero entrevista como instrumento de estudo desta proposta sobre a variação linguística, considerando-a uma importante aliada para a pesquisa dos elementos linguísticos que fazem parte da realidade do aluno do campo. Para tanto, utilizaremos a sociolinguística para embasar esta pesquisa considerando que a mesma trata da variação tendo como pressuposto de que a língua é influenciada também por fatores estruturais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Sociolinguística. Texto oral e escrito.

Introdução

O ensino da língua portuguesa no Brasil é um tema que é debatido em todos os espaços pedagógicos das unidades de ensino. Neste projeto será pesquisado sobre um assunto que vem sendo debatido cada vez mais na área da Sociolinguística, muitas vezes decorrente da prática e concepção que é a variação linguística nas aulas de língua portuguesa. Ou seja, de como a variação linguística é abordada e trabalhada nas salas de aula.

O Brasil tem uma grande diversidade regional e sociocultural. E a língua não poderia ser diferente. E segundo Aragão (2011: p. 300), “a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico”.

Era de se esperar que no Brasil o ensino sobre variação linguística não fosse tão problemático, haja vista haver um plurilinguismo na língua portuguesa falada no Brasil. No entanto, a concepção que se tem de língua ainda é de forma homogênea. O ensino da língua

³³ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

portuguesa nas escolas acaba concentrando-se na norma culta e apenas citando as outras variantes.

O que não queremos é que o aluno se aproprie apenas da norma culta, como se esta fosse a melhor, pois isto pode ser desastroso no sentido de reproduzir um modelo dominante que reforça as desigualdades sociais e faz com que os outros usos sejam vistos como deturpações da norma culta. Esta abordagem nega as diferenças, não tratando de forma adequada as demais variantes que são as mais recorrentes no uso da linguagem dos falantes da língua.

Então qual seria a forma mais adequada para ensinar a língua portuguesa nas escolas? Sabe-se que a concepção de ensino, atualmente, necessita de uma nova miragem, de um novo rumo para que haja mudanças. Mudanças de paradigmas, de práxis, e principalmente no processo de ensino aprendizagem.

A presente pesquisa investigará a temática "O estudo da variação linguística" que tratará sobre a discriminação do uso da linguagem que ainda persiste em pleno século XXI em todos os ambientes onde ocorrem as práticas da oralidade, da leitura e da escrita. Nosso foco será uma escola onde o tratamento não é diferente dos demais espaços. Na verdade, dentro das escolas é que se acaba reforçando ainda mais a crença dos próprios falantes dessas variantes, que a sua forma de falar não é a correta. Iremos nos reportar nessa pesquisa aos aspectos léxicos dos falares de algumas comunidades, utilizando principalmente o aspecto diatópico para direcionar a pesquisa.

Essa problemática contribui para que o ensino de língua portuguesa seja rejeitado por muitos alunos por vê-la como algo distante da realidade dos mesmos, ou seja, como algo que dificilmente terão condições de aprender. Não se leva em conta que no ambiente escolar, como em qualquer outro espaço social pode se encontrar diversas variações no uso da linguagem. E que não se imponha ao aluno que ele desaprenda a "sua língua" e passe a falar e a escrever a língua dita privilegiada, a padrão.

A problemática sobre a desvalorização da língua materna dos falantes oriundos de comunidades do campo nas aulas de língua portuguesa não é um tema novo que se discute nas formações e nos planejamentos nas escolas, no entanto continua sendo a causadora do insucesso dos alunos perante a aprendizagem da leitura e da escrita durante sua escolarização, negando muitas vezes sua identidade.

Nas escolas do campo este problema se agrava ainda mais por vários motivos além dos que já foram citados acima. A maior parte dos professores é urbanocêntrico, moram na cidade e vai para o campo apenas para lecionar, ficando lá durante o turno que trabalham

ou só durante a semana; não consideram a língua dos falantes das comunidades, onde muitas das vezes é motivo de risadas.

Outro ponto importante é que ainda não há uma proposta pedagógica voltada para as especificidades do campo no município de Marabá. Vale ressaltar que a Secretaria Municipal de Educação, através da Diretoria de Ensino do Campo e das comunidades escolares, está elaborando uma proposta que tem o objetivo de assegurar que as necessidades dos sujeitos do campo sejam priorizadas nessa proposta pedagógica. Até o momento há apenas uma proposta na rede que é generalista e não atende as especificidades das escolas do campo.

Para Santos et al (2010) A política de educação do campo (educação rural) teve e ainda tem uma visão preconceituosa, marginalizada no painel educacional brasileiro. Não é por acaso que as políticas públicas demorem tanto a chegar às comunidades do campo. Para este autor, a ineficácia ou inexistência destas políticas à classe trabalhadora do campo contribuem para a existência de práticas pedagógicas fora do contexto da realidade das comunidades camponesas, influenciando na formação do homem, educação e sociedade de forma alienante. E nisso está inclusa a educação, objeto principal alienante da classe dominante que se retrata através: do analfabetismo, de taxas altíssimas de evasão, de escolas precárias e, tímida política de formação de professores voltadas para um currículo da educação do campo.

Sobre este assunto Arroyo, Caldart e Molina ressaltam que

Há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades, de considerar a maioria da população que vive no campo como parte atrasada e fora de lugar no almejado projeto de modernidade. No modelo de desenvolvimento, que vê o Brasil apenas como mais um mercado emergente, predominantemente urbano, camponeses e indígenas são vistos como espécies em extinção. Nesta lógica, não haveria necessidade de políticas públicas específicas para estas pessoas, a não ser do tipo compensatório à sua própria condição de inferioridade, e/ou diante de pressões sociais (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004, p. 21).

Nessa perspectiva o estudo sobre a variação linguística é pertinente, no sentido de contribuir também para o processo de repensar um currículo com conteúdos e metodologias diferenciadas para as escolas do campo que possibilite a reflexão crítica dos processos históricos, sociais, econômicos, políticos, culturais e educacionais das comunidades inseridas neste contexto. E que a partir daí se analisem e definam o currículo mais adequado para os sujeitos do campo.

Esta explanação é necessária para que se percebam as problemáticas e a necessidade deste estudo e, que a proposta de intervenção que se pretende, possa contribuir para a implementação de práticas voltadas à leitura e à escrita que fazem parte do contexto linguístico das comunidades desses leitores, bem como valorizar a variedade linguística dessas comunidades do campo.

Locus da Pesquisa

A escola do campo que estou realizando esta pesquisa é a escola Família Agrícola que fica situada a 23 quilômetros do município de Marabá e que atende, em regime de alternância, filhos de agricultores de diversos assentamentos deste município. Esta escola reiniciou no ano de 2014, após reivindicações dos agricultores que almejavam uma escola que seus filhos estudassem com o objetivo de formar seus filhos, principalmente, para o mundo do trabalho.

Essa escola prima em formar cidadãos conscientes de sua realidade, possibilitando que os alunos façam suas escolhas, seja profissional ou acadêmica, independente do lugar onde vivem. A valorização do trabalho, bem como da cultura dentre outros, são temas pertinentes durante todo o período em que os alunos permanecem na escola.

A Variação Linguística: um Olhar Sociolinguístico

O processo de ensino e aprendizagem da língua materna vem sendo colocado em discussão. O que estaria errado? Vários estudiosos da área de linguística, e mais especificamente da sociolinguística, analisam e propõem o que poderia ser feito para minimizar as problemáticas do ensino da variação linguística em sala de aula. As mais recorrentes são: a metodologia adotada, privilegiar a norma culta, desvalorização do repertório linguístico dos alunos, desvalorização dos textos oriundos do saber popular, dentre outros.

Sabe-se que algo tem que ser feito para mudar esta problemática. E um dos principais pontos que deve ser repensado é a forma de abordagem, a estratégia que é usada para trabalhar a língua materna em sala de aula e da postura dos educadores em saber lidar com o conhecimento do universo dos educandos sem discriminações. Pois dependendo da concepção que os educadores têm da língua, a sua prática será difundida em sala de aula.

Barroso apresenta em um de seus textos algumas experiências sobre variação linguística que foram realizadas em salas de aula do ensino fundamental. Neste trabalho a autora relata que é possível se construir uma pedagogia da variação linguística centrada na sociolinguística educacional. Que é possível formar cidadãos com autonomia suficiente para fazer escolhas e se expressar com eficiência, superando dificuldades e limites. A autora enfatiza que

O trabalho com a Sociolinguística Educacional na escola tem apontado, como se vê, para a possibilidade de se ampliar consideravelmente as ações didáticas do professor de português, dando novo sentido ao trabalho escolar com a linguagem, isto é, levando o aluno a tornar-se competente, inclusive nos usos das variedades cultas. (BARROSO, 2014: p. 20).

Sendo a Sociolinguística a área de estudos linguísticos que tem como objeto de estudo as relações entre língua e sociedade, que considera a língua como um sistema de vários níveis integrados num todo historicamente estruturado, Mollica compreende que ela proporciona um estudo da língua viva usada nas comunidades numa relação linguístico-social.

[...] A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. [...] (MOLLICA, 2004, p.10).

As variedades linguísticas podem ser consideradas de dois tipos conforme Travaglia:

Basicamente podemos ter dois tipos de variedades linguísticas: os **dialetos** e os **registros** (estes também chamados de **estilos**, por muitos estudiosos). Os **dialetos** são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, ou como preferem alguns, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores. Já os **registros** são as variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, ou como preferem alguns, dependem do receptor, da mensagem ou da situação. (TRAVAGLIA, 2000, p. 42).

De acordo com Bortoni-Ricardo, a variedade linguística sofre influência conforme a variedade social, ou seja, de acordo com a divisão de classes sociais de uma sociedade a variação linguística vai também sofrer influência. Ele define essa divisão de classes como domínios sociais, ou seja,

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando

os papéis sociais próprios de cada domínio. [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p.23).

Essa diversidade na língua é tratada de forma preconceituosa dentro das escolas, reforçando ainda mais a distancia entre o dominante e o dominado. Segundo Bagno:

A escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo assim, sua lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau de escolarização. (BAGNO, 1999, p. 15).

Essas diferenças regionais, de acordo com o autor, não são criadas pelo tamanho do país, mas sim, pelo distanciamento entre as classes sociais que afastam cada vez mais os falantes das variedades não padrão e dos falantes da variedade culta do português brasileiro.

Bagno fala ainda que isto se reproduz, infelizmente, dentro das escolas. No entanto, ele acredita que esta situação pode ser mudada com o comprometimento dos educadores no que diz respeito a sua concepção de educação para que mude também sua prática em sala de aula. Neste ponto ele menciona sobre a reeducação lingüística.

A reeducação sociolingüística é uma proposta de pedagogia da variação lingüística que leva em conta as conquistas das ciências da linguagem, mas, também, as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida. Não é possível desprezar, em nome da ciência "pura", as necessidades e os desejos (legítimos) dos falantes da língua. Mas também não é possível, em nome dessas necessidades e desejos, deixar as coisas como estão, dominadas por ideologia lingüística autoritária e excludente. (BAGNO, 2007, p.86)

Esse processo vai proporcionar uma transformação na vida profissional do professor, e conseqüentemente, uma mudança da sua prática em sala de aula e na aprendizagem dos alunos, de forma significativa para esses falantes da língua materna.

Segundo Antunes,

"optar por tal dimensão (funcional da linguagem), a escola irá se concentrar em atividades de compreensão e análise de textos orais e escritos; de reflexão e debate em torno de temas que põem em relação as variedades lingüísticas e a realidade social e política do país; de elaboração de textos orais e escritos, de diferentes gêneros, de diferentes registros e finalidades, com ênfase nos procedimentos de planejamento e de revisão." (ANTUNES, 2007: p.146).

Esta abordagem pode contribuir de forma significativa para os estudos da análise lingüística em sala de aula. Pois abrange todos os aspectos necessários para o

aprofundamento da produção e compreensão de textos orais e escritos, além, de possibilitar aos alunos serem sujeitos críticos sobre a própria língua.

Os PCNs sugerem quanto ao ensino que

“a escola deve oferecer condições para que o aluno desenvolva seus conhecimentos, sabendo: a) ler escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; b) expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; c) refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua (BRASIL, 1998b, p. 59).

No entanto, não é isto que se percebe dentro das salas de aula. Até que o tema sobre variação linguística é tratado dentro das escolas, mas não da forma como se deveria. No máximo se trabalha apenas os conceitos sobre as variantes, mas não se faz uma análise linguística a partir das práticas sociais, ou seja, das situações reais de interação dos alunos. Os próprios livros didáticos trazem os mesmos exemplos, independente do segmento, e na maioria das vezes, de regiões distantes tanto geográfica como sociocultural. Muitos dos professores não conseguem refletir teoricamente sobre língua e linguagem, desta forma fica bem longe colocar em prática o que os PCNs propõem.

Uma das formas de mudança no tratamento com a variedade linguística é saber trabalhar com gêneros textuais que fazem parte da vida cotidiana dos alunos. Marcuschi orienta que *“(...) o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais”*. (MARCUSCHI, 2008, p.256).

Desta forma dentre os principais objetivos deste projeto estão:

- Mostrar que é possível promover atividades que possam valorizar a língua que eles já possuem como também conhecer as demais variantes sem o choque de que existe uma melhor, mais correta;
- Pesquisar como atividades pedagógicas desenvolvidas a partir de uma nova proposta de ensino tendo como base o uso de palavras do contexto linguístico dos sujeitos do campo podem provocar mudanças na aprendizagem dos alunos, bem como contribuir na valorização do uso da língua das comunidades camponesas;
- Reconhecer e valorizar as variedades linguísticas regionais elaborando um dicionário pertencente aos falares das comunidades pesquisadas.

Colocando em Prática

De acordo com *Sampieri*, a definição do tipo de investigação pode se realizar sob quatro tipos: exploratória, descritiva, correlacional ou explicativa. No entanto ele frisa que não se pode considerar uma melhor ou pior pois,

Cada uno tiene sus objetivos y razón de ser (...). En este sentido, un estudiante no debe preocuparse si su estudio va a ser o iniciarse como exploratorio, descriptivo, correlacional o explicativo; debe preocuparse por hacerlo bien y contribuir al conocimiento de un fenómeno. (SAMPIERI, 1991, p. 77).

De acordo com Ludke e André (1986, p. 11), a pesquisa com abordagem qualitativa "(...) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. (...)", que são os mais relevantes princípios da pesquisa-ação. Esses princípios orientam-se pelo estudo das situações reais e pela intervenção na situação de pesquisa, com estreita relação entre pesquisador e pesquisado.

Complementando Ludke e André, Thiollent afirma que:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2002, p. 14).

Assim não se tratará apenas de um levantamento de dados, mas de uma pesquisa na qual as pessoas implicadas tenham algo a dizer e a fazer - o papel ativo de quem fará a pesquisa será muito importante para apontar os dados e equacionar os problemas encontrados.

Fiorentini e Lorenzato definem a pesquisa-ação como um tipo especial de pesquisa participante em que

"[...] o pesquisador se introduz no ambiente estudado não só para observá-lo e compreendê-lo, mas, sobretudo, para mudá-lo em direções que permitam a melhoria das práticas e maior liberdade de ação e de aprendizagem dos participantes". (FIORENTINI E LORENZATO, 2006, p. 112).

Trata-se de um processo investigativo de intervenção em que prática investigativa, prática reflexiva e prática educacional andam juntas, ou seja, ao ser investigada, a prática educativa produz compreensões e orientações que são utilizadas em sua própria transformação, gerando novas situações de investigação.

Vale ressaltar que o planejamento de uma pesquisa-ação, ao contrário de outros tipos de pesquisa, é bastante flexível. Desta forma, apesar de tentarmos definir as etapas da pesquisa podem surgir outras necessidades e termos que criar novas metodologias. É o que Thiollent aborda quando diz que

Há um constante vaivém entre as preocupações de organizar um seminário, escolher um tema, colocar um problema, coletar dados, colocar outro problema, cotejar o saber formal dos especialistas com o saber informal dos "usuários", colocar outro problema, mudar de tema, elaborar um plano de ação, divulgar resultados, etc. (THIOLLENT, 2002, p. 47).

A proposta da pesquisa-ação é para ser desenvolvida num prazo de quatro meses, através de registros das atividades com produções escritas, áudios, filmagens e fotografias tanto do planejamento coletivo, das aulas, como também das entrevistas que serão realizadas com os moradores de algumas comunidades com o objetivo de ter os registros da elaboração e do replanejamento de algumas ações.

Para tanto, é necessário reunir com os professores e equipes gestora e pedagógica para apresentar a proposta de intervenção e identificarmos as práticas pedagógicas do cotidiano escolar no ensino de língua portuguesa que a escola já trabalha. E assim propor estratégias pedagógicas visando a ampliação dos conhecimentos e a exploração das variações linguísticas, levantando questões de discussão sobre o "como" e o "porquê" a variação linguística na escola deve ser ressignificada.

Algumas ações serão desenvolvidas pelos alunos nos tempos-comunidade. E essas atividades serão previamente planejadas haja vista que os sujeitos das comunidades onde os alunos moram serão também incluídos na pesquisa. Para tanto será importante a construção de um mapa falado ou cartografia das referidas comunidades para identificarmos aspectos sociais, culturais e religiosos, que serão importantes para as próximas atividades do tempo-escola. Durante o tempo comunidade elaboraremos e organizaremos as aulas a partir do contexto dos alunos.

Para a realização da entrevista, utilizaremos como subsidio alguns elementos dos campos do questionário semântico-lexical da ALIB. O roteiro abaixo mostra algumas das ações que serão colocadas em prática:

- Discussão teórica sobre o fenômeno da variação (diferenças entre fala e escrita);
- Fazer uma abordagem sobre o repertório que os alunos usam em suas práticas sociais para analisarmos o que eles acham da linguagem que eles fazem uso;
- Orientação da pesquisa de campo aos alunos que farão com moradores das comunidades;
- Entrevista léxico-semântico do Alib (Dez questões por campo);
- Transcrição dos dados coletados;
- Apresentação através de painéis;
- Trabalho com correção ortográfica – sala de aula reescrita com consulta a dicionário e elaboração do glossário pelos alunos;
- Culminância com comunidade escolar apresentando o resultado da pesquisa;
- Análise do processo.

Ao final da pesquisa buscaremos elaborar um dicionário com palavras pertinentes às comunidades que participarão do projeto.

As mudanças nos processos de ensino e aprendizagem, a autoestima dos alunos e da comunidade serão analisadas após a conclusão da pesquisa.

Considerações Finais

Essa pesquisa tem o objetivo de mostrar que existem outras formas de abordar o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente sobre a variação linguística. Que a variante regional ou diatópica deve ser vista como uma forma de se expressar de uma determinada comunidade em suas práticas sociais, colaborando para a expressividade dos sujeitos que a usam.

Desta forma, fazer com que esses sujeitos valorizem a linguagem que usam como também, possibilitar com que os professores reavaliem suas concepções sobre língua e linguagem. Assim, quando a escola começar a estimular cognitivamente e linguisticamente o aluno através das modalidades oral e escrita, quando ela tomar consciência de que existem diferentes variedades da língua, quando ela conseguir se posicionar com uma nova postura linguística do ensino de língua materna, os falantes da Língua portuguesa serão respeitados independentemente da variante que usarem.

Referências

ANDRÉ, M. E. D.; Ludke, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 19-52.

ARAGÃO, Maria do Socorro de. **Os regionalismos e os dicionários da língua portuguesa**. In: CARDODO, Suzana Alice Marcelino et al (org). Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias. Salvador: Vento Leste, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARROSO, Bruna Loures de Araújo, et al. **Variação linguística na escola: desafios e possibilidades**. In Revista Interdisciplinar. Itabaiana/SE, Ano IX, v. 20, jan/jun. 2014, p. 73-94.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FIORENTINI, D.; Lorenzato, S. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas: Autores associados, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. – **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Cláudio Eduardo Félix et. Al. **Concepção de Educação do Campo**. IN: TAFFAREL, Celi Nelza Zülke, JÚNIOR, Cláudio de Lira Santos, ESCOBAR, Micheli Ortega (Orgs). *Cadernos didáticos sobre educação no campo*. Salvador: EDITORA, 2010.

SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodología de la Investigación**. 1ª ed. México: MCGRAW HILL, 1991.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A variação linguística e o ensino de língua materna.** In: *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º Graus.* 5º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

O PORTUGUÊS EM CONTATO COM LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ EM ÁREAS INDÍGENAS DO ESTADO DO PARÁ³⁴

Regis José da Cunha Guedes (UFPA)
Abdelhak Razky (UFPA/CNPq)

RESUMO: O presente estudo consiste num mapeamento do perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní, em áreas indígenas do estado do Pará, com o propósito de trazer contribuições sobre a variação fonética do português em contato com as línguas Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembé e Guaraní Mbyá. Nortearam a realização deste estudo os pressupostos teórico-metodológicos da moderna Dialetologia e da Geossociolinguística (RAZKY, 1998; CARDOSO, 1999; AGUILERA, 2008), e da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996). O aporte metodológico adotado foi inspirado nos instrumentos desenvolvidos pelo Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. A análise dos resultados demonstrou que, de modo geral, a realização dos fones estudados parece compor parte de um contínuo de fala em relação às comunidades não indígenas da região (comparando-os aos dados do Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA).

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia Pluridimensional. Geossociolinguística. Contato português/línguas Tupí-Guaraní.

Introdução

Este estudo integra o projeto *Mapeamento Geossociolinguístico do Português Falado em Áreas Indígenas nos Estados do Pará e Maranhão (MaGePAI³⁵)*, este que, por sua vez, é um projeto agregado ao *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLiB)*, e que vislumbra a elaboração do *Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI)*.

O *ALiPAI* é um projeto pioneiro, uma vez que mapeia o português falado em áreas indígenas no território brasileiro, tema que não foi objeto de estudo da Geografia Linguística no Brasil até o presente momento. Os atlas linguísticos estaduais, regionais e de pequenos domínios já elaborados, assim como o Atlas Linguístico do Brasil, não incluíram o mapeamento do português falado em áreas indígenas em seu escopo, seja por opções e/ou restrições metodológicas dos projetos, ou pelas dificuldades de acesso a essas áreas.

Ao estudar a variação fonética do português falado em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão, nos encontramos diante da oportunidade de observar se fenômenos constatados nos *corpora* dos Atlas Léxico Sonoro do Pará – ALiSPA: agrupamentos lexicais diatópicos (GUEDES, 2012), e do Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA (p.ex. a predominância da variante alveolar [s] na pronúncia da palavra “giz”, em oposição à palatal

³⁴ Estudo realizado a partir de uma parcela do *corpus* coletado para minha tese de doutoramento, a ser defendida em 2017, pelo PPGL/UFPA.

³⁵ Projeto financiado pelo CNPq/CAPES.

[ʃ]), estão refletidos nos falares dos povos indígenas habitantes da região, tanto os do Pará, quanto os do estado limítrofe, o Maranhão.

Estabelecemos como objetivo deste estudo mapear o perfil geossociolinguístico do português em contato com quatro línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní faladas no estado do Pará, com o propósito de trazer novas contribuições ao conhecimento da variação fonética do português em contato com as línguas: Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembé, Anambé e Guaraní Mbyá. Para isso, objetivou-se especificamente: i. mapear a diversidade fonética do português nos níveis diatópico (geográfico) e diageracional (faixa etária), que ocorre na fala dos informantes indígenas selecionados; ii. confeccionar cartas fonéticas referentes ao português falado pelas etnias investigadas; iii. comparar os dados de fala das comunidades indígenas investigadas aos dos não indígenas da região, tomando-se por base o ALiSPA (2004).

Neste artigo, apresentamos o mapeamento da variação da vogal média anterior em posição pretônica (realizações de [e] e [ɛ]) no *corpus* coletado, comparando-se esses resultados aos dados do ALiSPA (2004), registrados na carta sobre o item *perfume*.

Princípios Teórico-Metodológicos

Esta pesquisa é norteadada pelos princípios teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional de Radtke e Thun (1996) e da abordagem Geossociolinguística de Razky (1998). Essas abordagens de investigação linguística resultam da confluência entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística.

A Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional defende uma visão em que todas as dimensões da variação linguística são consideradas, quais sejam: a que se dá em função do espaço (dimensão diatópica), a que se manifesta por meio do sexo (dimensão diagenérica), a que se realiza em decorrência de diferentes faixas etárias (dimensão diageracional), a que ocorre devido ao uso de uma ou mais línguas (dimensão dialingual), a que provém de classes sociais distintas (dimensão diastrática), a que se dá em decorrência da situação de fala (dimensão diafásica), a que se realiza em decorrência da competência linguística do falante (diarreferencial) e outras. Todas elas são perfeitamente analisáveis e comparáveis entre um ponto e outro.

Concomitantemente à difusão das ideias de Radtke e Thun (1996) que advogaram a consideração dos fatores sociais (como sexo, idade, escolaridade etc) no mapeamento da variação linguística pelos estudos dialetológicos, no Brasil, a herança do advento da

Sociolinguística Laboviana também inspirava novas abordagens que ampliaram o campo de estudo da Geolinguística, de modo a considerar outros fatores além do geográfico.

Essa nova abordagem adotada nos estudos geolinguísticos na década de 90 do século passado, Razky (1998) nomeou como Geossociolinguística. Essa convergência entre os estudos dialetológicos e sociolinguísticos recebeu ainda outra nomenclatura recentemente. Guy (2012) cunhou a denominação *Sociodialetal*, que, para o autor, consiste da união entre essas duas tendências da ciência e da pesquisa linguística, a Dialetologia e a Sociolinguística, essas que, para ele, são as disciplinas da linguística que se dedicam ao estudo das variedades da linguagem, isto é, as maneiras de falar que encontramos na língua falada. Em nossa avaliação, essa concepção é análoga à da Geossociolinguística de Razky (1998), sendo possível referir-se das duas maneiras ao mesmo referente.

A entrada da língua portuguesa nas comunidades indígenas é uma realidade inevitável. Leite e Franchetto (2006, p. 21), ao falarem dos Tapirapé (Tupí-Guaraní), citam alguns fatores que corroboraram essa invasão linguística, dentre os quais destacamos: a luta pela reconquista da terra com suas idas constantes a Brasília, para reivindicarem seus direitos; as viagens aos grandes centros urbanos para a venda mais proveitosa de artesanato; as idas constantes a reuniões intertribais, para tratarem de interesses comuns, de assuntos educacionais e de saúde. Além disso, as autoras explicam que “a entrada na escola e a necessidade do domínio do português reorganizam as relações político-econômicas do grupo e o aproximam do mundo da sociedade envolvente”. Essa realidade, certamente, aplica-se aos demais povos indígenas que, igualmente, lutam pelos seus direitos, tendo como língua veicular o português.

Essa inevitável entrada da língua portuguesa nas aldeias, infelizmente, tem acarretado historicamente uma tendência ao abandono das línguas indígenas. Os estudos no âmbito do contato linguístico em situações de colonização têm demonstrado essa tendência. Calvet (1993, p. 61) afirma que “qualquer situação colonial, tendo posto em presença uma língua europeia e uma língua africana, implica diglossia³⁶”. No caso das línguas indígenas brasileiras, a situação não foi e não é diferente.

A falta de vontade política em manter vivas as línguas e culturas tradicionais dos povos indígenas, tanto nos primórdios do contato, na época colonial, passando pela imposição legal do Marquês de Pombal no século XVIII, pelas políticas de “ocupação” do território amazônico no século XX, até o atual contexto de contato linguístico nas comunidades indígenas, salvos os casos dos grupos remanescentes de isolados, é a causa do

³⁶ Situação linguística em que há diferença de *status* sociopolítico entre as línguas ou dialetos.

caótico quadro de mortandade das línguas indígenas brasileiras, e da difusão voraz da língua portuguesa nas áreas indígenas brasileiras.

O mapeamento se deu de acordo com o Método Geolinguístico, abrangendo as seguintes variáveis: i. Diatópica, que se refere à disposição espacial dos pontos de inquérito; ii. Diagenérica, referente ao sexo dos informantes; iii. Diageracional, relativa à faixa etária dos informantes; iv. Diastrática, referente ao nível de escolaridade dos informantes; v. Dialingual, que trata do contato entre línguas no território; e vi. Diarreferencial, que mapeia comentários metalinguísticos/epilinguísticos e atitudes linguísticas dos informantes em relação às línguas faladas nas comunidades-alvo da pesquisa.

Foram selecionados quatro pontos de inquérito (pontos 1, 3, 4 e 5) dentro do território que corresponde aos limites político-administrativos do Estado do Pará. A distribuição geográfica desses pontos está disposta na figura 1.

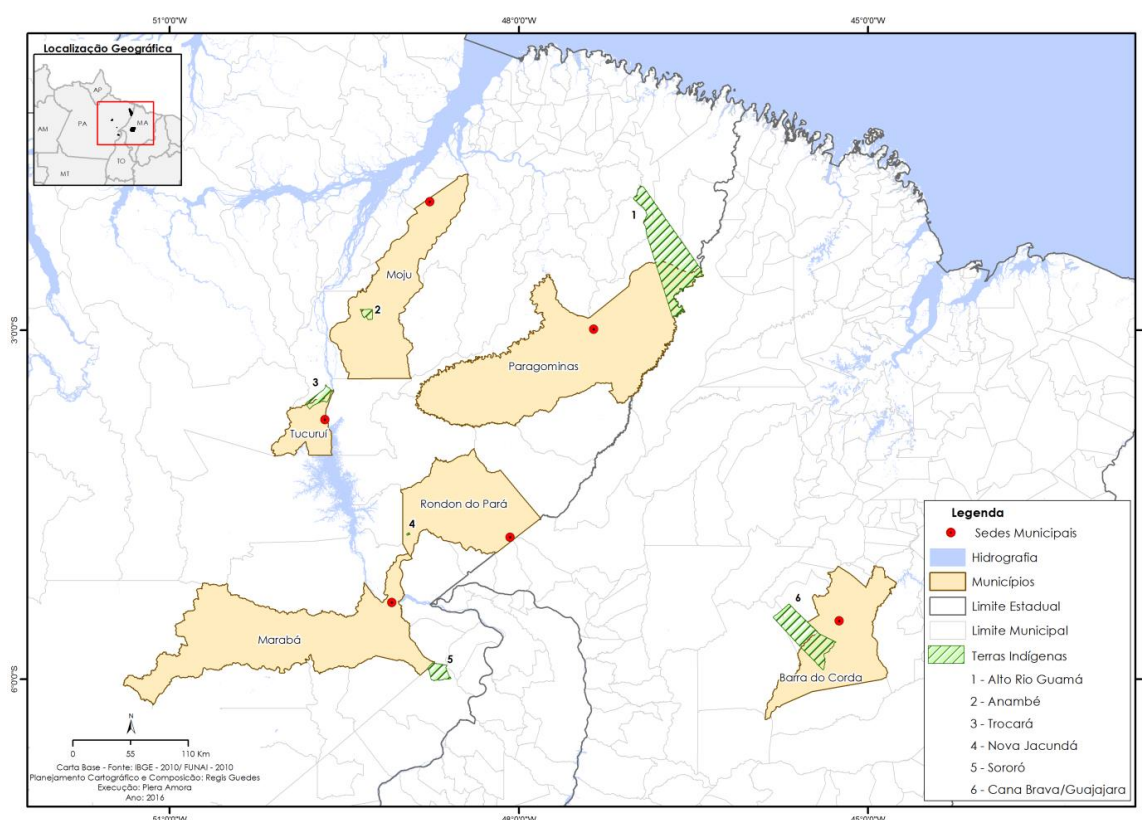


Figura 1: Localização dos Pontos de Inquérito

O perfil dos informantes foi sistematizado no quadro sinóptico a seguir.

INFORMANTES	ESCOLARIDADE
1 Homem, 18-37 anos	não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
1 Homem, 47-75 anos	não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)

1 Mulher, 18-37 anos	não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
1 Mulher, 47-75 anos	não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
1 Homem, 18-37 anos	escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio
1 Homem, 47-75 anos	escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio
1 Mulher, 18-37 anos	escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio
1 Mulher, 47-75 anos	escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio
1 Menino, 05-10 anos	-
1 Menina, 05-10 anos	-

Quadro 1: Perfil dos Informantes

A coleta de dados para este estudo foi realizada por meio da aplicação de três questionários: **i. Questionário Sociolinguístico (QS)**, que tem por finalidade identificar a situação sociolinguística da comunidade em relação ao grau de bilinguismo e às atitudes linguísticas dos falantes em relação às línguas faladas na comunidade (português e línguas indígenas); **ii. Questionário Fonético-Fonológico (QFF)**, que é orientado principalmente, mas não exclusivamente, no sentido de identificar as áreas em que ocorrem fatos fônicos já documentados para o português em pesquisas anteriores; **iii. Questionário Fonético-Fonológico Complementar (QFFC)**, elaborado a partir de fenômenos de influência fonético-fonológica, descritos por Silva (2010) com vistas a registrar as possíveis influências do substrato de origem Tupí-Guaraní no português falado pelos indígenas das etnias em questão.

A coleta de dados foi efetuada *in loco* nas terras indígenas Sororó (Povo Suruí Aikewára), Trocará (Povo Asuriní do Tocantins), Teko-haw (Povo Tembé) e Nova Jacundá (Povo Guaraní Mbyá), por meio de entrevistas³⁷ gravadas com gravadores digitais profissionais das marcas Sony, Tascam e Zoom, no intuito de registrar com alta qualidade os arquivos sonoros para compor o banco de dados dos projetos ALIPAI e ASLIB.

Discussão dos Dados

Nascentes (1963), ao propor sua famosa divisão do Brasil em áreas dialetais, indicou o estudo das vogais pretônicas como essencial para a compreensão de sua proposição. Nela,

³⁷ Paralelamente à coleta dos dados a serem analisados neste estudo, foram coletados também dados para compor o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil, realizado a partir da aplicação de questionários próprios para cada língua e família linguística.

os falares do Norte seriam caracterizados pelo uso das vogais pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ], enquanto que o Sul seria caracterizado pelas fechadas [e] e [o].

O mapeamento da variação da vogal média anterior em posição pretônica (realizações de [e] e [ɛ]), nas carta F01 (figura 2) e F01.1 (figura 3), demonstrou que o português em áreas indígenas não segue estritamente a divisão de Nascentes (1963), da mesma forma como ocorre entre os não indígenas da região, como demonstrou o ALiSPA (2004).

Na carta F01 (figura 2), observamos que, nos pontos de inquérito 1 (Tembé) e 2 (Asurini), predomina a realização da média fechada [e], com percentuais de 66% entre os Tembé e de 73% entre os Asurini. Já entre os Guarani Mbyá (ponto 3) houve certo equilíbrio, com registros de 49% para a média aberta [ɛ] e de 51% para a média fechada [e]. Enquanto que no ponto mais ao sul do território (ponto 4 – Suruí), a predominância foi da vogal média aberta [ɛ], contrariamente ao que ocorre nos demais pontos de inquérito.

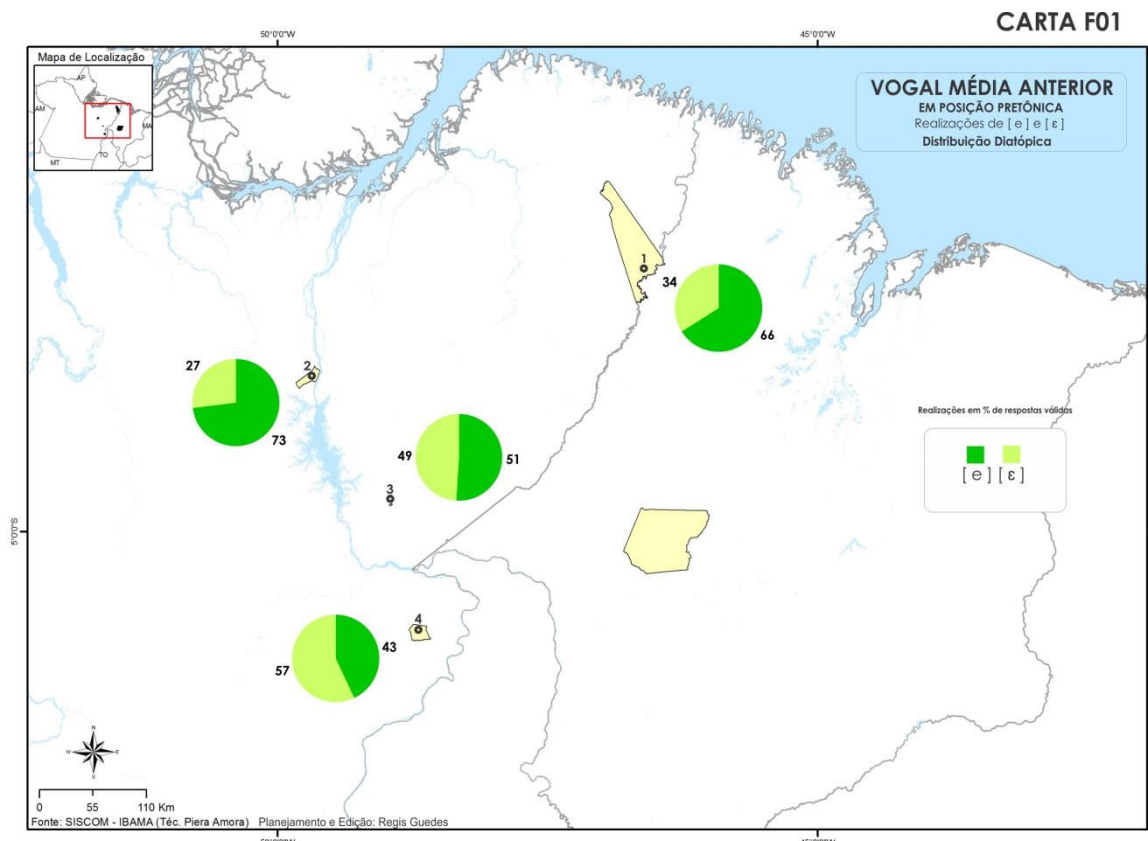


Figura 2: Carta F01 – Vogal Média Anterior Pretônica [e] e [ɛ]

Assim, os dados demonstram uma gradação de ordem geográfica entre os pontos de inquérito, que parece privilegiar as vogais médias abertas [ɛ] no ponto mais ao sul do estado (ponto 4). No interfluxo dessa gradação, o ponto 3 (Guarani Mbyá)

apresenta percentuais praticamente equivalentes (49% para a média aberta e 51% para a fechada), no outro extremo desse contínuo, nos pontos mais ao norte (1 e 2) se têm maiores índices para a vogal média fechada [e].

Na carta F01.1 (figura 3), sobre a variação diageracional da vogal média pretônica em [e] e [ɛ], verifica-se nos pontos de inquérito 1 (Tembé), 2 (Asurini) e 3 (Guarani Mbyá) o que parece ser uma tendência da primeira faixa etária, em relação das demais faixas, em privilegiar o uso da vogal média fechada [e], uma vez que os percentuais registrados entre as crianças são maiores que os percentuais das outras duas faixas etárias de cada um desses pontos de inquérito, o que poderia indicar uma mudança em curso. Pois, como se observou na carta F01 (figura 2), nesses mesmos pontos de inquérito (1, 2 e 3), os percentuais gerais por ponto demonstram predomínio da média fechada [e], contudo, observando-se os dados sobre outra perspectiva, a diageracional, verifica-se que esse predomínio parece estar em declínio na primeira faixa etária.

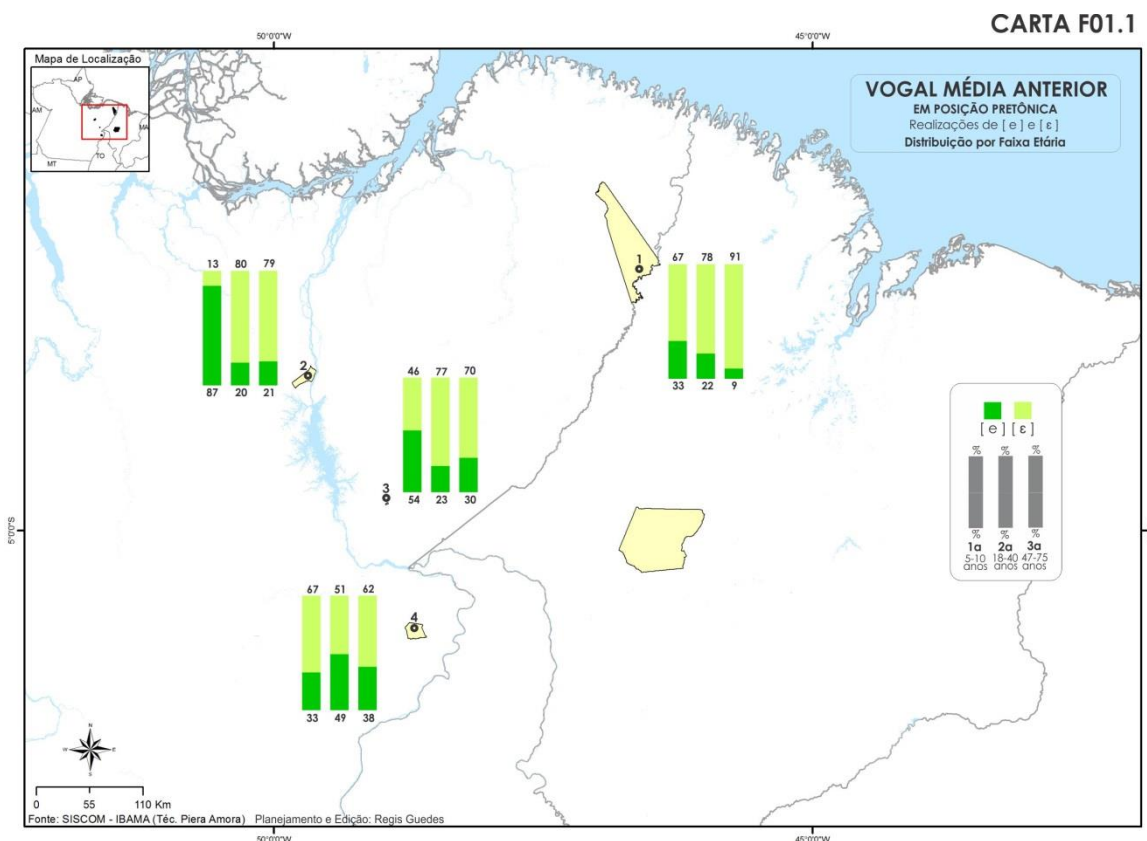


Figura 3: Carta F01.1 – Vogal Média Anterior Pretônica [e] e [ɛ]

Essa possibilidade de leitura das cartas linguísticas demonstra a importância da abordagem pluridimensional nos estudos geolinguísticos, uma vez que esses podem ser interpretados de forma mais ampla levando-se em consideração simultaneamente mais de

uma variável. Isto é, se levada em consideração apenas a variante diatópica, apenas poder-se-ia constatar que há predominância nos pontos 1, 2 e 3 da média fechada [e], todavia, observando-se os mesmos dados a partir de outra perspectiva, a diageracional, verificam-se indícios de que mesmo nessa predominância pode haver um processo de declínio em função da difusão da média aberta [ɛ] no português falado entre os informantes da geração mais nova nessas três comunidades indígenas.

Comparando-se a carta F01 (figura 2) e a figura 4, sobre o item *perfume* do ALiSPA (2004), verifica-se que os dados mapeados entre os indígenas seguem a tendência dos não indígenas da região. Na figura 4, verifica-se, no espaço destacado pela linha amarela, a predominância da vogal média anterior fechada [e], assim como ocorre nos pontos 1 (Tembé) e 3 (Asurini), que estão localizados nesta área. Da mesma forma, a figura 4 demonstra que nas cidades de Marabá e Conceição do Araguaia (circunscritas pela linha azul), ambas situadas na mesorregião sudeste do Pará, predomina a realização da vogal média aberta [ɛ], da mesma forma que acontece nos pontos 4 (Guaraní – Rondon do Pará/PA) e 5 (Suruí – Marabá/PA).

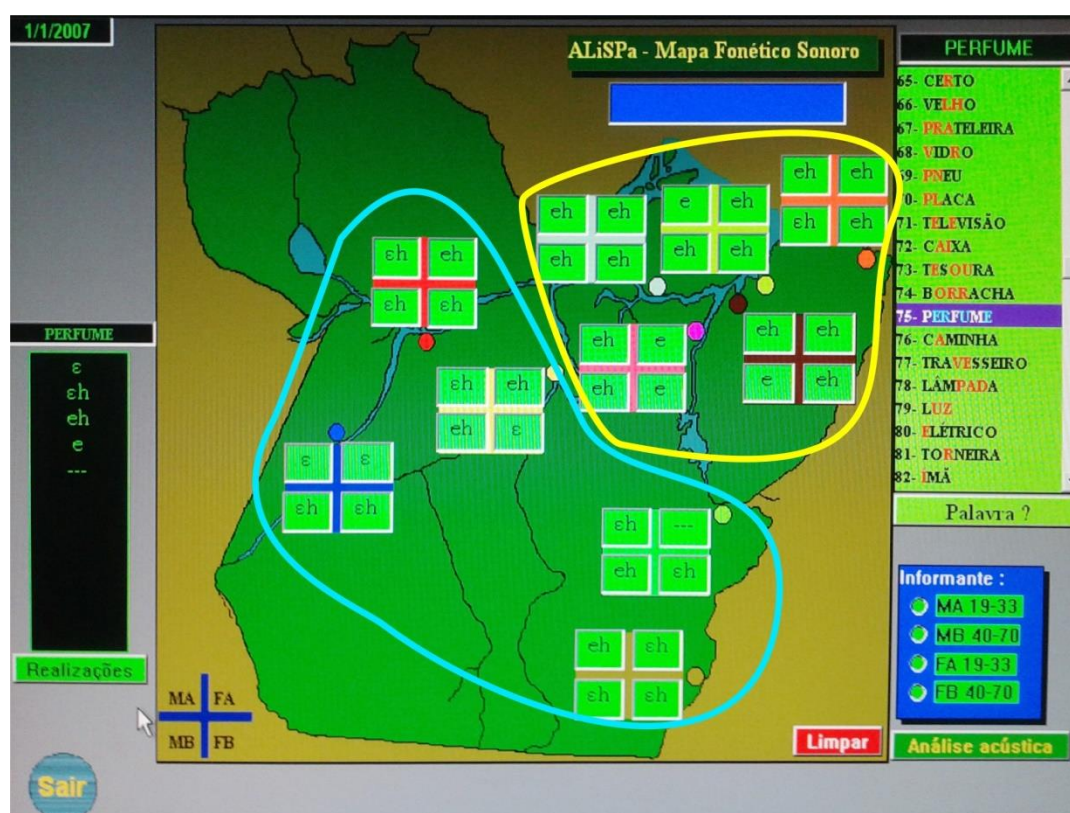


Figura 4: Carta *perfume* ALiSPA (2004) – CD ROM

Assim, poder-se-ia propor que o falar regional do português dos informantes não indígenas, habitantes das áreas circunvizinhas às comunidades-alvo, propaga-se pelo

território das comunidades indígenas, formando um “contínuo de fala” com marcas regionais.

Todavia, não se podem desconsiderar as influências do substrato linguístico de matriz Tupí-Guaraní no português falado por indígenas dessas comunidades. Há indícios desse processo em nossas análises sobre a variação da vogal média anterior em posição pretônica. O quadro fonético das vogais da língua Asuriní, segundo Nicholson (1978), não possui a vogal média aberta [ɛ], somente a fechada [e], isso poderia colaborar com o alto índice registrado da fechada [e] em detrimento da aberta [ɛ] no português falado pelos Asuriní. De outro lado, o quadro das vogais da língua Suruí Aikewára, organizado por Lopes (2014), verificaremos que ela não possui a média fechada [e], somente a aberta [ɛ], o que, por sua vez, ampararia a predominância da aberta [ɛ] no português falado nessa comunidade.

Dessa forma, poderíamos indicar que os dois fatores constroem a configuração da variação das vogais médias anteriores na área mapeada. Por um lado, o fator geográfico demonstra que a variação das vogais médias fechada [e] e aberta [ɛ] constitui um contínuo de fala entre dois polos (norte e sul) do território pesquisado, apresentando, do ponto de vista diageracional, um movimento de difusão da fechada [e] em direção ao sul, onde ainda predomina a aberta [ɛ]. De outro lado, levantando-se a hipótese da influência do substrato fonético das línguas Asuriní e Suruí no português falado nas respectivas comunidades, consideramos relevante registrar a ausência da aberta [ɛ] na língua Asuriní e da fechada [e] na língua Suruí, visto que os percentuais registrados no português falado nessas etnias indiciam a existência de rastros do substrato fonético das duas línguas indígenas em questão.

Considerações Finais

Tomando-se, de modo geral, os dados sobre a variação fonética do português nas áreas indígenas estudadas, consideramos que a constituição histórico-linguística dessas comunidades tem papel preponderante na variação fonética do português falado nelas, sendo essenciais para se traçar os seus perfis geossociolinguísticos.

De outro lado, o contato constante com os não indígenas parece exercer grande influência na constituição do português falado nessas comunidades, uma vez que os dados de fala tenderam a refletir o português usado nas circunvizinhanças, como demonstramos neste estudo sobre a variação da vogal média anterior em posição pretônica.

Referências

AGUILERA, V. de A.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. In: **Signum: estudos linguísticos**. Londrina: UEL, n. 11/2, dez. 2008.

CALVET, Louis-Jean. **La sociolinguistique**. Paris: PUF, 1993.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: perspectivas. **Delta**. vol. 15, n.º especial, 1999. p.233-255.

GUEDES, Regis José da Cunha Guedes. **Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará. 2012**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2012.

LEITE, Yonne; FRANCHETTO, Bruna. 500 anos de línguas indígenas no Brasil In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; SILVA, R. V. M. (Orgs.) **Quinhentos anos de história linguística no Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, 2006.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz. In: RADTKE; Edgar; THUN, Harald (eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: WestenseeVerl., 1996. p. 1-24.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). **A geolingüística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.

_____. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFENO, Giovanni. **International Congress of Romance Linguistics and Philology**. Tübingen: Niemeyer, 1998.